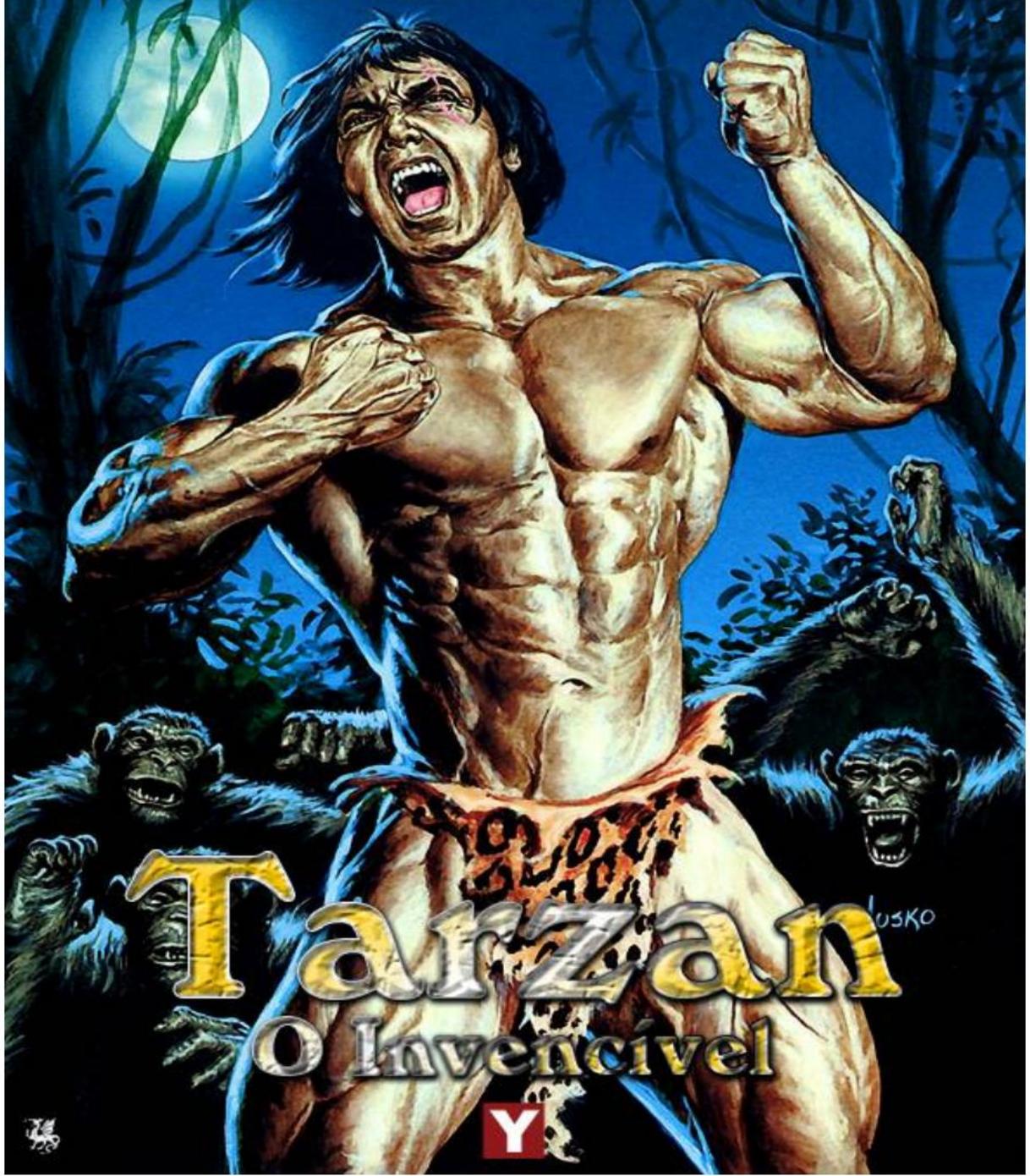


Edgar Rice Burroughs



Tarzan
O Invencível

Y

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Edgar Rice Burroughs

Tarzan
O Invencível

Tradução de Paulo de Freitas
Digitalização de Digital Source
Formatação de LeYtor

Tradução de
PAULO DE FREITAS

"CODIL" COMPANHIA DISTRIBUIDORA DE LIVROS
SAO PAULO

Do original norte-americano:
TARZAN THE INVINCIBLE

1959

Direitos para a língua portuguesa adquiridos pela
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo

que se reserva a propriedade desta tradução,
cedidos especialmente para a

"CODIL"

COMPANHIA DISTRIBUIDORA DE LIVROS.

Impresso nos Estados Unidos do Brasil Printed in the United
States of Brazil

CAPÍTULO 1

O pequeno Nkima

Não sou historiador, nem cronista de fatos. Além disso, estou plenamente convencido de que há certos temas que os romancistas devem deixar de parte. Entre eles, os assuntos políticos e religiosos. Contudo, não me parece contrário à ética de quando em quando a gente lançar mão de uma ou outra idéia de qualquer desses temas, contanto que ao desenvolvê-lo ressalte inconfundível impressão de novela.

Se a história que vou contar aparecesse nos jornais de duas certas potências européias, era bem possível que se desencadeasse uma outra e ainda mais terrível guerra mundial. Nesse ponto não estou particularmente interessado. O assunto interessa-me por tratar-se de uma boa novela que de perto se adapta às minhas exigências, uma vez que Tarzan dos Macacos intimamente se acha ligado a muitos dos seus mais emocionantes episódios.

Não vou enfiá-lo, leitor, com a insípida história política, de sorte que não é inutilmente que lhe vou impor, ao espírito, a tentativa de decifrar os nomes fantásticos de que me utilizarei para descrever certos povos e certos lugares, uns e outros, a meu ver, para maior garantia da paz e do desarmamento, devem permanecer incógnitos.

Acolha a novela simplesmente, como já acolheu outras histórias de Tarzan, onde, é de esperar-se, encontrará entretenimento e repouso. E se achar alimento para reflexões, tanto melhor.

Sem dúvida, poucos dos meus leitores viram, e muito menos ainda se lembram de ter visto um despacho noticioso, há algum tempo inconspicuamente impresso nos jornais, registrando o boato de que as tropas coloniais francesas, estacionadas em Somaliland, na costa nordeste da África, haviam invadido a colônia italiana na África. Atrás dessa reportagem acha-se a história de conspiração, intriga, aventura e amor, uma história cheia de patifes e de loucos,

de homens valentes e de lindas mulheres, uma história de animais da floresta e da jângal.

Se uns poucos dos meus leitores leram a notícia dos jornais, sobre a invasão da Somaliland italiana, na costa nordeste da África, igualmente é fato que ninguém assistiu ao terrível incidente que se verificou no interior africano, pouco antes daquela ocorrência. Que este fato possivelmente não pudesse ter nenhuma ligação, no que quer que fosse, com a intriga européia internacional, ou com o destino das nações, é coisa que nem mesmo parece remotamente possível. Isto porque se trata simplesmente de um macaquinho, fugindo através das frondes de árvores e gritando de terror. Era o pequeno Nkima, perseguido por um enorme macaco selvagem, muitíssimo maior que ele.

Felizmente para a paz da Europa e do mundo, a velocidade do perseguidor de forma alguma era proporcional à sua desagradável disposição de ânimo, de sorte que Nkima logrou escapar. Não obstante, embora já há tempo que o enorme macaco havia abandonado a perseguição, o macaquinho continuou a fugir pelas frondes das árvores, gritando com sua vozita sibilante, pois o terror e a fuga eram as duas maiores atividades do pequeno Nkima.

Talvez fosse o cansaço, mas muito provavelmente uma lagarta ou ninho de passarinho que eventualmente puseram termo à fuga de Nkima e o tornaram resmungão e palrador, num oscilante ramo, muito acima do solo da jângal.

O mundo em que o pequeno Nkima nascera, parecia-lhe verdadeiramente um mundo terrível, e ele passava grande parte de seu tempo resmungando contra isso. O pequeno Nkima tinha a impressão de que o mundo era povoado de criaturas ferozes e colossais, que gostavam de carne de macaco. Havia Numa, o leão, Sheeta, a pantera, e Histah, a serpente — um triunvirato que lhe tornava inteiramente inseguro seu mundo, desde a mais elevada copa de árvore até ao solo. E ainda havia os grandes macacos, os macacos de menor porte, os *baboons* e inumeráveis espécies de

outros macacos, que Deus fizera maiores do que o pequeno Nkima e do que quantos pareciam alimentar má vontade contra ele.

Tome-se, por exemplo, a selvagem criatura que inda há pouco o perseguia. Que lhe fizera, o pequeno Nkima? Simplesmente lhe atirara um pedaço de pau quando ela estava dormindo numa forquilha de árvore, e precisamente por esse motivo perseguiu o pequeno Nkima, sem sombra de dúvida com intenções homicidas. A expressão é por mim usada sem o propósito de emprestar qualquer reflexão a Nkima. Jamais ocorreu ao macaquinho, como parece nunca ter ocorrido a certo povo, que, tal qual a beleza, o sentimento de humor por vezes pode ser fatal.

Meditando sobre as injustiças da vida, o pequeno Nkima estava muito triste. Mas uma outra e mais pungente causa havia para confranger-lhe o coraçãozinho. Há muitas, muitas luas passadas o seu amo desaparecera e deixara-o. Verdade é que o deixara numa linda e confortável casa onde era alimentado por gente bondosa, mas o pequeno Nkima extraviou-se do grande Tarmangani, cujo ombro nu era o único e protetor refúgio de onde podia, com perfeita impunidade, atirar insultos ao mundo. Desde então, por muito tempo o pequeno Nkima desafiava os perigos da floresta e da jângal, em procura de seu bem-amado Tarzan.

Medidos, como são, os corações pelo que contém de amor e lealdade, e não por diâmetros em polegadas, o coraçãozinho do pequeno Nkima era muito grande. Tão grande que o ser humano comum podia nele esconder o seu próprio coração, bem como a própria pessoa, e por muito tempo o macaquinho sentiria uma grande dor em seu diminuto peito. Contudo, para felicidade do pequeno Nkima, o seu espírito estava de tal modo disposto, que facilmente se distraía, mesmo de uma grande tristeza. Uma borboleta ou saborosa larva podiam subitamente prender-lhe a atenção, imersa em profundas reflexões, o que era um bem. Caso contrário, seria capaz de morrer de tristeza.

Agora, como lhe voltassem os melancólicos pensamentos ao contemplar a sua perda, a direção destes subitamente se desviou

ao perpassar de uma brisa da jângal, que lhe trouxe aos afinados ouvidos um som, o qual não era próprio da jângal, pois que os sons da jângal constituíam parte de seus instintos hereditários. Era uma discordância. E o que seria aquilo que trazia discordância dentro da jângal, bem como no quer que fosse em que se intrometesse? O homem. Vozes de homens é que Nkima ouvira.

Silenciosamente o macaquinho deslizou através das árvores, em direção ao lugar de onde vinham os sons. Presentemente, como os sons se tornassem mais fortes, evidenciou-se também a definida e final prova de identidade dos seus autores naquilo em que Nkima ou outro qualquer habitante da jângal estivesse interessado — o faro da presa.

O leitor já viu um cão, talvez o seu próprio cão, reconhecer o amo pela vista. Entretanto, acaso esse animal se sentia plenamente satisfeito enquanto a evidência de seus olhos não fosse posta à prova e o fato provado pelas sensitivas narinas?

Foi o que sucedeu com Nkima. Os ouvidos lhe sugeriram a presença de homens, e agora as narinas definitivamente lhe asseguravam que os homens estavam perto. Em sua mente, Nkima não os tinha como homens, mas como grandes macacos: entre eles havia Gomangani, grandes macacos pretos e homens negros. Foi isso que lhe disse o nariz. E havia também Tarmangani. Estes, que para Nkima eram grandes macacos brancos, eram homens brancos.

Avidamente suas narinas farejaram o familiar cheiro do seu querido Tarzan, mas ali não o encontrou, mesmo antes de ter sob as vistas os estrangeiros.

O acampamento para onde, no momento, Nkima olhava do cimo de uma árvore vizinha, estava admiravelmente disposto. Evidentemente ali já se achava armado há dias, e possivelmente ali continuaria por mais tempo. Não era fruto de trabalho à noite. Havia as tendas dos homens brancos e as tendas dos árabes, primorosamente levantadas quase que com precisão militar, e atrás as cabanas dos negros, levemente construídas de materiais de que a natureza dotara o lugar.

Na parte fronteira e aberta de uma tenda achavam-se sentados vários *bournoosed* beduínos, bebendo seu indefectível café; à sombra de uma grande árvore, defronte uma outra tenda, quatro homens brancos empenhavam-se em jogo de cartas; entre as cabanas nativas um grupo de valentes guerreiros de Galla divertia-se com a *minkala*. Havia, também, negros de outras tribos, homens do este africano e da África Central, com um quê dos negros da costa oeste.

Causaria pasmo, ao experimentado viajante da África ou ao caçador, catalogar esta variada reunião de raças e cores. Excessivamente grande o número de pretos para justificar a crença de que todos eram carregadores, porquanto arrumadas todas as bagagens do acampamento, pronto para ser removido, caberia uma pequena fração de carga para cada um deles. Isto sem falar dos *askaris*, que não carregavam nenhum peso além do seu rifle e munição.

Além disso, havia mais carabinas do que o necessário para proteger, mesmo um grande bando. Mas esses eram detalhes menores que não causaram a mínima impressão em Nkima. O que sobremodo o impressionava era o fato de ali, nos domínios de seu amo, se acharem muitos estranhos Tarmangani e Gomangani. E, estrangeiros todos, todos inimigos. Nkima estava perturbado. Agora, mais do que nunca, desejava encontrar Tarzan.

Um indiano do este, trigueiro e com turbante, sentou-se com as pernas cruzadas no chão, defronte de uma tenda aparentemente imerso em meditação. Pudesse alguém ver-lhe os olhos escuros e sensuais, e descobriria que a luz que os alumia, estava longe de ser introspectiva, pois constantemente se voltavam para uma outra tenda, situada um bocadinho separada das demais. Quando uma rapariga surgiu dessa tenda, Raghunath Jafar levantou-se e dela se aproximou. Ele sorria um sorriso oleoso enquanto lhe falava, mas a rapariga não sorria ao responder-lhe. Cortesmente ela lhe atendeu às perguntas, mas não parou um instante: continuou o seu caminho na direção dos quatro homens que jogavam baralho.

Ao aproximar-se da mesa em que jogavam, os quatro ergueram os olhos. No semblante de cada um se refletia certa agradável emoção. Mas se fosse idêntica, as máscaras que nós chamamos de rosto, treinadas para ocultar os nossos verdadeiros pensamentos, não denunciavam a identidade. O que sim e não padecia dúvida, era que a moça gozava de popularidade.

— *Hello, Zora!* exclamou um rapaz de rosto largo e franco. Com que então, esteve tirando um cortinho de sono?

— Sim, camarada, respondeu a moça. Mas estou cansada de tanto dormir. Esta inatividade está-me atacando os nervos.

— A mim também, concordou o homem.

— Por quanto tempo mais você inda esperará o americano, camarada Zveri? indagou Raghunath Jafar.

O colossal homem encolheu os ombros.

— E' que preciso dele, respondeu-lhe. Facilmente podemos levar a cabo a nossa empresa sem o seu auxílio, mas para o efeito moral sobre o mundo, tendo-se um americano rico bem nascido ativamente integrado no negócio, vale a pena esperar.

— Você está absolutamente certo desse "gringo", Zveri? perguntou um moço trigueiro, mexicano, que se achava sentado perto do colossal e simpático homem, evidentemente o chefe da expedição.

— Encontrei-o em Nova York e de novo em São Francisco. Foram tomadas cuidadosas informações a seu respeito e ele foi favoravelmente recomendado.

— Estou sempre desconfiado desses camaradas que devem tudo o que possuem ao capitalismo, declarou Romero. Está em seu sangue: de coração eles odeiam o proletariado, justamente como nós os odiamos.

— Esse rapaz é diferente, Miguel, insistiu Zveri. Ele foi conquistado tão inteiramente que seria capaz de enganar o próprio pai pelo bem da causa. Aliás, já está traindo a sua pátria.

Leve e involuntário desprezo, que passou despercebido aos outros, franziu os lábios de Zora Drinov ao ouvir a descrição do remanescente membro do bando, que ainda não comparecera ao "rendez-vous".

Miguel Romero, o mexicano, ainda não se dera por convencido.

— Não tenho necessidade de "gringos" de qualquer espécie.

Zveri sacudiu os fortes ombros.

— Nossas animosidades pessoais não têm o mínimo valor, comparadas aos interesses dos trabalhadores do mundo. Quando Colt chegar, devemos acolhê-lo como um dos nossos. Nem devemos esquecer-nos de que, por muito que detestemos a América e os americanos, hoje em dia nada neste mundo se faz sem eles e sem a sua imunda riqueza.

— A riqueza conquista-se fora do sangue e do suor das classes proletárias, resmungou Romero.

— Exatamente, concordou Raghunath Jafar. Mas como tornar-se próprio que essa mesma riqueza possa servir para minar e derrotar a América capitalista e fazer com que os operários eventualmente reivindiquem a sua?

— Precisamente é esse o meio de que me estou utilizando, respondeu Zveri. Prefiro antes usar o ouro americano para levar a efeito a causa, do que outro qualquer. Depois dele, o ouro inglês.

— Mas de que nos servem os insignificantes recursos desse americano? indagou Zora. Uma ninharia comparados ao que a América já está extravasando na Rússia Soviética. Que é a sua traição comparada à traição daqueles outros, que estão fazendo mais para precipitar o dia do comunismo mundial do que a própria Terceira Internacional? Nada; uma gota no oceano.

— Que quer dizer com isso, Zora? perguntou Miguel.

— Refiro-me aos banqueiros, industriais e engenheiros americanos, que estão vendendo a própria pátria e o mundo para nós, na esperança de conseguirem mais ouro aos seus

recheadíssimos cofres. Um dos seus mais piedosos e louvados cidadãos está construindo, para nós, na Rússia, grandes fábricas, onde teremos os nossos tratores e os nossos *tanks*; seus industriais estão apostando, uns com os outros, para fornecer-nos motores a milhares e milhares de aeroplanos; seus engenheiros estão-nos vendendo a inteligência e habilidade na construção de uma grande cidade industrial, destinada a produzir munições e engenhos de guerra. Esses os traidores, esses os homens que estão apressando o dia em que Moscou ditará a política do mundo.

— Você fala como se lamentasse tudo isso, observou-lhe uma voz seca, a seu lado.

A rapariga voltou-se incontinenti.

— Ah, é o senhor, xeque Abu Batn? disse ela, ao reconhecer o trigueiro árabe que se afastara do lugar onde preparava o seu café. A nossa boa fortuna não se faz cega à perfídia do inimigo, nem me leva a admirar a traição de quem quer que seja, muito embora dela eu tire proveito.

— Acaso me inclui nesse número? indagou Romero, suspeito.

Zora riu-se.

— Bem sabe que não, Miguel. Você pertence à classe dos que trabalham e é leal para os operários de seu país. Mas aqueles fazem parte da classe capitalista: o seu governo é um governo capitalista, de tal modo oposto às nossas crenças, que jamais reconheceu o nosso governo. Além disso, em sua avidez, esses porcos estão vendendo a própria raça e, mesmo, a própria pátria por mais alguns miseráveis dólares. Eu os odeio.

Zveri riu-se.

— Você é uma esplêndida vermelha, Zora. Odeia o inimigo não só quando ele nos auxilia, como quando nos embaraça.

— Mas odiar e falar pouco adianta, retorquiu a rapariga. Eu gostaria que pudéssemos fazer alguma coisa. Permanecermos aqui sentados em ociosidade, parece-me tão fútil!...

— E que desejaria que fizéssemos? indagou Zveri, de bom humor.

— Pelo menos poderíamos tentar o ouro de Opar. Se Kitembo disse a verdade, lá deve existir o bastante para financiar uma dúzia de expedições como a que estão planejando, e não necessitamos desse americano — como é que os chamam, comedores de bolo, não? — para auxiliar-nos na empresa.

— Já estive pensando muito nisso tudo, adiantou Raghunath Jafar.

Zveri franziu o sobrecenho.

— Talvez alguns mais de vocês gostariam de apressar esta expedição, disse ele impertinentemente. Eu sei o que estou fazendo e não discuto os meus planos com quem quer que seja.

Quando tenho ordens para dar, dou-as. Kitembo já recebeu a que lhe transmiti, e ativam-se os preparativos para a expedição a Opar.

— Todos nós estamos tão interessados e arriscamos tanto quanto você, Zveri, retorqui Romero. Aqui nos achamos para trabalhar juntos e não como senhor e escravos.

Zveri levantou-se de um salto e sacou do revólver. No instante em que apontava contra Romero, a rapariga segurou-lhe o braço e se interpôs entre ambos.

— Está louco, Miguel? Gritou-lhe ela.

— Não interfira, Zora; este negócio me diz particular respeito, e bem posso resolvê-lo agora e não mais tarde. Aqui sou o chefe, e não admito traidores em meu acampamento. Ponha-se de lado.

— Não! Contraveio a rapariga com firmeza. Miguel não tem razão, nem você. Mas derramar sangue, o nosso próprio sangue importaria em arruinar por completo qualquer possibilidade que tenhamos de êxito. Seria espalhar a semente do temor e da suspeita, e isso nos custaria o respeito dos negros, os quais ficariam sabendo da existência de dissensões entre nós. Além disso Miguel

não está armado; atirá-lo seria um covarde assassinio, que lhe acarretaria a perda de respeito de cada homem decente da expedição.

Tais palavras foram rapidamente pronunciadas em russo, língua que somente ela e Zveri entendiam, entre os presentes. Depois, voltando-se para Miguel, falou-lhe em inglês:

— Você está errado, Miguel. É preciso que haja um chefe responsável, e o camarada Zveri foi escolhido pela sua responsabilidade. Ele sente ter procedido tão precipitadamente. Diga-lhe que você lamenta pelo que aconteceu, e apertem-se as mãos, de sorte que todos nós nos esqueçamos deste incidente.

Romero hesitou por um instante. Depois estendeu a mão a Zveri.

— Sinto bastante, disse-lhe ele.

O russo apertou a mão que lhe era estendida e inclinou-se rigidamente.

— Esqueçamo-nos do que houve, camarada, disse-lhe o mexicano.

Entretanto, Zveri continuava de semblante carregado, embora não mais do que o de Miguel.

O pequeno Nkima bocejou e balançou-se, preso pelo rabo a um galho muito alto. Satisfeita lhe estava a curiosidade a respeito desses inimigos. Eles não mais lhe ofereciam qualquer entretenimento, mas sabia que seu senhor precisava ficar a par da sua presença. Esse pensamento, entrando-lhe na cabecinha, reavivou-lhe a tristeza e sua grande ansiedade por Tarzan, reforçando-lhe a inflexível resolução de continuar sua busca à procura do homem-macaco. Talvez em meia hora alguma ocorrência trivial de novo lhe distraísse a atenção, mas no momento esse era o trabalho em que se achava empenhado. Balouçando-se através da floresta, o pequeno Nkima levava o destino da Europa em sua rosada palma, coisa a que estava absolutamente alheio.

A tarde declinava. Longe, bramia um leão. Instintivo tremor percorreu a espinha de Nkirha, embora, na realidade ele não tivesse muito medo, pois estava certo de que nenhum leão poderia alcançá-lo na copa das árvores.

Um moço, que caminhava próximo do cume de um *safari*, ergueu a cabeça e escutou.

— Não muito distante, Tony, observou ele.

— Não, "sir"; muito perto, respondeu o filipino.

— Você precisa acabar com esse sisudo "sir", Tony, antes de nos reunirmos aos outros, admoestou-o o primeiro

O filipino arreganhou os dentes.

— Pois não, camarada, assentiu ele. Depois que me acostumo a chamar alguém de "sir", custa-me mudar de tratamento.

— Nesse caso, receio que você não seja bom vermelho.

— Oh, sim, eu o sou, insistiu o filipino enfaticamente. Por que então me acharia aqui? Acaso pensa que é por gosto que venho a este país esquecido de Deus, cheio de leões, formigas, cobras, moscas, mosquitos, unicamente a passeio? Não, aqui vim para dar a minha vida pela independência das Filipinas.

— Isso é nobre de sua parte, Tony, observou o outro, gravemente. Mas como conseguirá você a independência das Filipinas?

Antônio Mori, na intimidade Tony, cocou a cabeça.

— Não sei, confesso. Mas isso há de causar perturbação à América.

Lá no alto, em meio das frondes das árvores, um macaquinho cruzou-lhes o caminho. Entreprou, por alguns instantes observou-os, e depois prosseguiu, em direção oposta.

Meia hora mais tarde de novo o leão bramiu. De tão desconcertantemente perto e inesperada se elevou aquela voz de trovão, da jângal, debaixo do pequeno Nkima, que por pouco que

este não despencou lá de cima, da árvore por onde passava. Com um grito de terror, alcançou a maior altura que pôde e lá no alto, sentado, pôs-se a resmungar enraivecido.

O leão, magnífico macho em sua esplêndida juba, penetrou no clarão da floresta e em baixo da árvore, em que se achava pendurado o trêmulo Nkima. Mais uma vez elevou a poderosa voz, até que o próprio solo tremeu ao formidável e retumbante volume de seu desafio. Nkima olhou para baixo e repentinamente cessou de resmungar. Ao invés, saltou excitadamente, cheio de gritinhos e de caretas. Numa, o leão, levantou o olhar; nesse instante, verificou-se fato estranho. O macaquinho cessou os seus gritos e emitiu um som baixo e peculiar. Os olhos do leão, que estavam brilhando funestamente, refletiram uma nova e quase gentil expressão. Arqueando o dorso, esfregou-se luxuriosamente de encontro ao tronco da árvore, e daquelas selvagens mandíbulas saiu uma rosnadura suave. Então, o pequeno Nkima depressa escorregou através da folhagem da árvore, deu um último e ligeiro salto e acomodou-se na espessa juba do rei dos animais.

CAPÍTULO 2

O hindu

AO AMANHECER do dia seguinte, nova atividade reinava no acampamento dos conspiradores. Agora, os árabes não mais bebiam o seu café; o baralho, com que os brancos jogavam, foi guardado, e os guerreiros de Galla puseram de parte a sua diversão.

Zveri, sentado atrás de sua tenda já dobrada, dirigia os seus auxiliares e, ajudado de Zora e Raghunath Jafar, distribuía munição à fila de homens armados que marchavam à sua frente. Miguel Romero e mais dois homens brancos fiscalizavam a distribuição de cargas aos carregadores. O selvagem negro Kitembo constantemente se movia entre os seus homens, apressando os retardatários que ainda se encontravam ao redor de fogueiras, comendo o seu *breakfast*, e pondo em ordem de marcha os que já haviam recebido munição. Abu Batn, o xeque, achava-se acorocado à distância, com os seus guerreiros crestados pelos raios solares. Estes, sempre prontos, contemplavam com desdém os desordenados preparativos dos outros companheiros.

— Quantos aqui ficarão, para guardar o acampamento? indagou Zora.

— Você e o camarada Jafar aqui ficarão de guarda. Os seus homens e dez *askaris* também aqui permanecerão para tomar conta do acampamento, respondeu Zveri.

— E' muita gente, retorquiu a rapariga. Não há perigo.

— Da fato, não há, concordou o chefe. Agora não há, mas se Tarzan aqui estivesse, seria diferente. Dei-me ao trabalho de eu mesmo verificar-lhe a ausência, antes de escolher esta região para o nosso acampamento-base, e soube que há muito tempo ele se acha fora daqui, como chefe de uma louca expedição de que ninguém soube notícias. E' quase certo que tenha perecido.

Quando o derradeiro negro recebeu sua parte de munição, Kitembo reuniu os seus homens a pequena distância dos demais e falou-lhes em voz baixa. Eles eram Basembos, e Kitembo, seu chefe, falou-lhes no dialeto natal.

Kitembo odiava todos os brancos. A Inglaterra havia ocupado a terra que fora moradia de sua gente, desde tempos imemoriais, e como Kitembo, chefe hereditário, não se acurvasse ao domínio dos invasores, depuseram-no e substituíram-no por um bonifrates.

Para Kitembo, o chefe, selvagem, cruel e traiçoeiro, todos os brancos eram uns excomungados, mas ele via, em sua ligação com Zveri, excelente oportunidade para vingar-se dos britânicos. Esse o motivo por que reuniu em torno de si muitos dos seus guerreiros e alistou-se na expedição de Zveri, que lhe prometeu expulsar para sempre os ingleses e oferecer a Kitembo maiores poderes e glórias do que outrora cabiam aos chefes Basembos.

Não obstante, nem sempre era fácil a Kitembo conservar a sua gente interessada nessa empresa. Os ingleses haviam diminuído sobremaneira o seu poder e influência, de modo que os guerreiros, outrora subservientes ao seu desejo como escravos, agora ousavam abertamente questionar-lhe a autoridade. Até então os guerreiros negros não levantaram dúvidas, mesmo porque a expedição não lhes acarretara trabalhos fatigantes, uma vez que curtas lhe foram as marchas, através de agradáveis regiões, com alimentação farta, por entre as negras costas do oeste, e membros de outras tribos, menos guerreiros do que os Basembos, eram incumbidos das cargas, levavam pesos e faziam toda sorte de trabalhos pesados. Mas agora, com a perspectiva de combates, alguns dos seus homens queriam saber ao certo qual o propósito em vista. Aparentemente, não estavam lá com grande vontade de arriscar a pele, para a satisfação das ambições ou ódios do branco Zveri ou do preto Kitembo.

Com o propósito de conquistar tais descontentes é que Kitembo arengava aos seus guerreiros, prometendo-lhes de um lado as pilhagens e de outro severos castigos, à escolha, para os que lhe

obedecessem ou se amotinassem. Algumas das recompensas, que lhes foram acenadas à imaginação, teriam causado a Zveri e a outros membros do bando consideráveis perturbações, se pudessem entender o dialeto de Basembo. Todavia, talvez o maior argumento para que os seus comandados lhe obedecessem, fosse o genuíno temor que a maioria dos seus sequazes ainda tinham ao desumano chefe.

Entre os outros negros da expedição, havia membros de outras tribos, fora da lei, e considerável número de carregadores assalariados do modo comum, como quando destinados a acompanhar uma expedição científica.

Abu Batn e seus guerreiros estavam animados a momentaneamente prestar obediência a Zveri, por dois motivos — a perspectiva de pilhagem e o entranhado ódio a todos os Nasrâny, em virtude da influência britânica no Egito e no deserto, considerado seu hereditário domínio.

Os representantes de outras raças que acompanhavam Zveri, eram levados por motivos nobres, aspirações humanitárias. Verdade é que o seu chefe por várias vezes falara mais na aquisição de riquezas pessoais e poder, do que no aumento da fraternidade ou nos direitos do proletariado.

Essa era a expedição que, fracamente unida, mas formidável, levantava acampamento nesta linda manhã, em demanda dos sacos de ouro que se encontravam nas cavernas da misteriosa Opar.

Enquanto Zora Drinov contemplava a partilha, os seus formosos e. imperscrutáveis olhos permaneciam fixos na pessoa de Pedro Zveri, até que ele desapareceu de vista ao longo da cauda de um rio, que se entranhava pela sombria floresta.

Acaso tratava-se de uma rapariga, emocionada no instante em que seu amor partia para missão cheia de perigos, ou...

— Talvez ele não mais regresse, sussurrou-lhe oleosa voz, a seu lado.

A moça voltou a cabeça para olhar nos semicerrados olhos de Raghunath Jafar.

— Ele regressará, companheiro. Pedro Zveri voltará para mim.

— Você está muito confiada nele, disse o homem, olhando-a de soslaio.

— Está escrito, retorquiu a rapariga dispondo-se a voltar para a sua tenda.

— Espere, disse-lhe Jafar. Zora parou e voltou-se.

— Que deseja?

— Você, respondeu Jafar. O que você vê naquele grosseiro porco, Zora? Que sabe ele a respeito do amor ou da beleza? Eu posso apreciá-la, linda flor da manhã. Comigo, você poderá atingir a transcendente felicidade do perfeito amor, pois sou um adepto desse culto. Uma besta, como Zveri, somente a degradará.

O profundo desgosto que a moça sentira, ela o escondeu dos olhos do homem, pois lembrou-se de que a expedição poderia durar dias e dias e durante esse tempo os dois praticamente se achariam a sós, a não ser a companhia de um punhado de guerreiros negros e selvagens, cuja atitude a respeito de assunto dessa natureza, entre mulheres estrangeiras e um homem estrangeiro, não lhe era dado prever. Não obstante, Zora não estava menos resolvida a pôr fim às arremetidas do audacioso.

— Você está brincando com a morte, Jafar, disse-lhe ela tranqüilamente. Não estou aqui em missão de amor. e se Zveri souber o que você me disse, ele o matará. Não me fale mais em tais coisas.

- Não será necessário, respondeu-lhe o hindu, enigmaticamente.

Os seus semicerrados olhos estavam firmemente fixos nos da rapariga. Por talvez menos de meio minuto ambos assim permaneceram, enquanto pelo organismo de Zora Drinov perpassava um sentimento de crescente fraqueza, a certeza de próxima capitulação. Ela combateu esse sentimento, antepondo o

seu ao desejo do homem. De repente, desviou os olhos do hindu. Saía vencedora, mas a vitória deixara-a fraca e trêmula, como acontece com alguém que justamente acaba de sujeitar-se, obstinadamente, a contestada disputa física. Voltando-se rapidamente, depressa se encaminhou para a sua tenda, sem que ousasse olhar atrás, com receio de encontrar de novo aqueles dois tanques gêmeos, cheios de vícios e de poder maligno que eram os olhos de Raghunath Jafar. Por isso não pôde ver o oleoso sorriso de satisfação que retorcia os lábios sensuais do hindu, nem o ouviu repetir em voz baixa:

— Não será necessário.

* * *

De passo que a expedição se entranhava ao longo do caminho que conduzia ao pé do estéril despenhadeiro, o qual cerca a parte fronteira do árido planalto, além do qual se elevam as antigas ruínas de Opar, Wayne Colt no distante oeste, se apressava em direção do acampamento-base dos conspiradores. Para o sul um macaquinho caminhava encarapitado no dorso de enorme leão, atirando sibilantes insultos, com perfeita impunidade, a cada criatura da jângal que cruzava em seu caminho, enquanto que, com igual desprezo para todos os menores seres, o poderoso carnívoro andava altivamente a favor do vento, absolutamente seguro de seu inquestionável poder. Um rebanho de antílopes pastando em seu caminho, sentiu o irritante cheiro do animal e nervosamente se pôs em debandada. Mas quando ^ leão ficou ao alcance de vista, os antílopes se limitaram a afastar-se a uma curta distância, de lado, e abreviaram sua pastagem, pois Numa, o leão, estava bem alimentado, coisa que os herbívoros sabiam, que foge à estúpida sensibilidade do homem, e os antílopes mostraram não mais recear a Numa de barriga cheia.

Para outras criaturas, ainda mais distanciadas, chegou o faro do leão. Também estas nervosamente se movimentaram, embora o

seu medo fosse menor do que o que a princípio sentiram os antílopes. Tais criaturas eram os grandes macacos da tribo de To-yat, cujos poderosos machos tinham pouco de que temer mesmo do próprio Numa, embora as fêmeas e os filhotes ficassem trêmulos.

À medida que o leão se aproximava, o Mangani tornou-se mais inquieto e irritado. To-yat, o rei dos macacos, bateu em seu peito e ostentou as grandes e combatentes garras. Ga-yat, com o poderoso dorso abaixado, encaminhou-se para o lado em que se achava o rebanho, aproximando-se do perigo iminente. Zu-tho bateu, com os calosos pés, ameaçadora advertência. As fêmeas chamaram os filhotes ao seu redor, e muitas treparam nos mais altos galhos de enormes árvores ou buscaram proteção numa arborizada avenida de fuga.

Justamente nesse instante um homem branco, quase nu, emergiu de densa folhagem de uma árvore, em meio do grupo. Nervos tensos e paciências esvaíram-se. Rugindo e rosnando, o bando atirou-se sobre o intrépido e odiado homem. O macaco-rei ia à frente.

— To-yat tem a memória curta, disse o homem na linguagem do Mangani.

Por um instante o macaco entreparou, talvez surpreso de ouvir a língua de sua raça falada pelos lábios de um ser humano.

— Eu sou To-yat! grunhiu ele. E eu mato.

— Eu sou Tarzan, retorqui o homem, poderoso caçador, poderoso combatente. Venho em paz.

— Matar! matar! Rugia To-yat, e os outros grandes machos avançavam, ostentando as garras, ameaçadoramente.

— Zu-tho! Ga-yat! Interrompeu-os o homem. Sou eu, Tarzan dos Macacos.

Por um instante o macaco entreparou, talvez surpreso de ouvir a língua de sua raça falada pelos lábios de um ser humano.

Entretanto, os macacos estavam nervosos e agora apavorados, porque o cheiro de Numa lhes penetrava fortemente nas narinas, e o repentino aparecimento de Tarzan lhes provocara pânico.

— Matar! Matar! Berravam eles, embora até então não atacassem. Adiantando-se vagarosamente, cada vez mais lhes aumentava a fúria e tanto que aquilo havia de terminar em repentina e enfurecida explosão que nenhuma criatura vivente poderia enfrentar, a qual não deixaria mais do que pedaços e ensangüentados fragmentos do objeto de sua fúria.

Foi quando sibilante grito escapou dos lábios de uma grande e encanecida fêmea, que trazia nas costas um filhotinho. "Numa!" gritou ela e, voltando-se, em rápida fuga alcançou a folhagem de vizinha árvore.

Imediatamente, as fêmeas e filhotes que permaneciam no chão saltaram nas árvores. Os machos por um instante voltaram a sua atenção do homem para a nova ameaça. O que lhes foi dado ver transtornou o pouco de serenidade que ainda lhes restava. Avançando diretamente ao seu encontro, com os olhos redondos e amarelos abrasados de ferocidade, vinha um



poderoso leão amarelado. Sobre o dorso, trazia encarapitado um macaquinho, guinchando insultos ao bando de macacos. Estes deram-se por satisfeitos com a simples vista de Numa, e To-yat, o macaco-rei, foi o primeiro a fugir. Com um rugido, cuja ferocidade poderia salvar sua própria consideração, ele galgou a primeira árvore. Incontinenti, os outros lhe seguiram o exemplo, deixando o gigante branco enfrentar sozinho a fúria do leão.

Com olhos chispantes o rei dos animais encaminhou-se para o lado do homem, com a cabeça baixa e achatada, a cauda estendida e a juba oscilante. O homem pronunciou uma simples palavra, em voz baixa, ouvida apenas a algumas jardas. Instantaneamente o leão levantou a cabeça, o horrível chispar dos seus olhos amortecido e, no mesmo instante, o macaquinho, soltando sibilante grito de reconhecimento e prazer, saltou por sobre a cauda de Numa e, em três prodigiosos saltos, acomodou-se no ombro do homem, com os bracinhos envolvendo-lhe o bronzeado pescoço.

— Pequeno Nkima! murmurou Tarzan, com o delicado queixo do macaquinho apertado de encontro ao seu.

O leão adiantou-se majestosamente. Fungando nas pernas nuas do homem, esfregou a cabeça no corpo de Tarzan e deitou-se aos seus pés.

— Jad-bal-ja! saudou-o o homem-macaco.

Os grandes macacos da tribo de To-yat espiavam de seu refúgio nas árvores. O pânico e a raiva que deles se apossaram haviam desaparecido.

— É Tarzan, disse Zu-tho.

— Sim, é Tarzan, concordou Ga-yat.

To-yat resmungou. Ele não simpatizava com Tarzan, mas temia-o. E agora, com esta nova evidência do poder do grande Tarmangani, mais do que nunca To-yat o temia.

Por algum tempo Tarzan escutou a loquacidade do pequeno Nkima. Soube do aparecimento do estranho Tarmangani e de muitos. Gomangani guerreiros, que haviam invadido o domínio do rei da jângal.

Os grandes macacos mexiam-se, desassossegados, nas árvores desejosos de descer. Entretanto, receavam a Numa, e os grandes machos eram demasiado pesados para caminhar com segurança através das altas e oscilantes folhas, por onde os leves macacos andavam descuidadamente. De sorte que não podiam partir enquanto Numa não tivesse ido embora.

— Vão embora! gritou To-yat, o rei. Vão embora, e deixe em paz o Mangani.

— Vamos embora, replicou o homem-macaco, mas você não precisa ter medo a Tarzan ou ao 'Leão de Ouro. Nós somos seus amigos. Eu disse a Jad-bal-ja para nunca fazer-lhe mal. Você pode descer.

— Ficamos nas árvores até que ele se vá, disse To-yat. Numa pode esquecer.

— Você está com medo, observou Tarzan com desdém. Zu-tho ou Ga-yat por certo não terão medo.

— Zu-tho não tem medo de nada, vangloriou-se o grande macho.

Sem uma palavra, Ga-yat resolutamente se dependurou na árvore em que se escondera e, se não com evidente entusiasmo, pelo menos com leve hesitação, adiantou-se na direção de Tarzan e de Jad-bal-ja, o Leão de Ouro. Os companheiros observavam-no atentamente, a cada momento esperando vê-lo atacado e despedaçado pelos destruidores olhos amarelos que estavam aos pés de Tarzan, seguindo cada movimento do peludo macaco. O rei da jângal por sua vez observava o grande Numa pois ninguém mais do que ele sabia que um leão, a despeito de acostumado a obedecer seu senhor, sempre é um leão. Os anos que assinalavam a amizade dos dois, a partir do tempo em que Jad-bal-ja não passava de um animalzinho redondo, manchado e coberto de penugens, jamais lhe deram motivo para duvidar da lealdade do carnívoro, embora ocasiões houvesse em que ele achara não só difícil, como perigoso, contrariar alguns dos mais ferozes instintos da fera.

Ga-yat aproximava-se, enquanto o pequeno Nkima resmungava e pairava do alto do ombro protetor de seu amo. O leão, negligentemente piscando os olhos, por fim desviou algures. O perigo, se tivesse havido algum, estava passado, porquanto o olhar fixo e intencional do leão não é evidência de maldade.

Tarzan adiantou-se e amistosamente deitou a mão no ombro do macaco.

— Este é Ga-yat, amigo de Tarzan, disse ele, dirigindo-se a Jadb-al-ja. Não lhe cause nenhum mal.

Tarzan não lhe falou em qualquer linguagem humana. Talvez o meio comunicado de que se utilizava, propriamente não se possa chamar de língua. Entretanto, o leão, o grande macaco e o pequeno Manu compreenderam-no perfeitamente.

— Diga ao Mangani que Tarzan é amigo do pequeno Nkima, chilrou o macaquinho. Ele não deve fazer mal ao pequeno Nkima.

— Estou de acordo com o que Nkima disse, aquiesceu o homem-macaco, voltando-se para Ga-yat.

— Os amigos de Tarzan são amigos de Ga-yat, retorquiu o grande macaco.

— Muito bem, rematou Tarzan. Agora, vou-me indo. Conte a Toyat e aos outros o que nós dissemos e diga-lhes também, que uns homens estranhos se acham nesta região que pertence a Tarzan. Que vigiem tais homens, mas não se deixem ver, porque talvez esses homens sejam maus. Eles carregam paus que trovejam e causam a morte através da fumaça, do fogo e de um grande barulho. Tarzan agora vai ver porque esses homens aqui estão, em seus domínios.

* * *

Zora Drinov evitara Jafar, desde a partida da expedição para Opar. Poucas vezes deixara a sua tenda, fingindo dor de cabeça como desculpa; de seu lado, o hindu não fez nenhuma tentativa de invadir-lhe a tenda. Assim passou o primeiro dia. Na manhã do segundo, Jafar chamou o chefe dos *askaris*, incumbido de guardá-los e procurar-lhes alimentação.

— Hoje, disse-lhe Raghunath Jafar, o dia está excelente para a caça. Os sinais são propícios. Vá, com todos os seus homens, entre na floresta, e não volte enquanto o sol não estiver baixo, no ocidente. Se você for, dar-lhe-ei muitos presentes, além de toda a carne que poderá comer das carcaças de sua caça. Compreende?

— Sim, *bwana*, respondeu o negro.

— Leve também o criadinho da mulher. Não necessito dele aqui. Meu rapazinho cozinhará para nós.

— Talvez ele não vá, duvidou o negro.

— Vocês são muitos, e ele é um só. Mas não deixe a mulher perceber que vocês o levaram à força.

— Quais são os presentes? indagou o chefe dos *askaris*.

— Dois pedaços de pano e cartuchos.

— E a recurvada espada que o senhor trazia quando para aqui viemos?

— Não, respondeu Jafar.

— O dia não está bom para a caça, desconversou o negro, voltando-se.

— Dois pedaços de pano e cinqüenta cartuchos, ofereceu Jafar.

— E a recurvada espada, acrescentou o negro. Depois de muita discussão, concluíram o ajuste.

O chefe reuniu os *askaris* e ordenou-lhes que se preparassem para a caçada, dizendo-lhes que o trigueiro *bwana* assim ordenara, mas silenciando a respeito dos presentes. Quando estavam prontos para partir, o chefe em pessoa foi buscar o criadinho da rapariga.

— Você vai acompanhar-nos à caça, disse-lhe Kahiya, o chefe dos *askaris*.

— Quem ordenou isso? perguntou Wamala.

— O trigueiro *bwana*. Wamala riu-se.

— Recebo ordens somente de minha patroa e não do trigueiro *bwana*.

Kahiya saltou sobre Wamala e tapou-lhe a boca com sua grosseira palma, enquanto dois de seus homens o seguravam por ambos os lados.

— Você cumpre as ordens de Kahiya, disse-lhe o negro, de passo que algumas pontas de lanças, usadas na caça, comprimiam o corpo trêmulo do rapazinho.

— Vai ou não vai caçar conosco? insistiu Kahiya.

— Vou. Eu estava simplesmente brincando. Enquanto Zveri conduzia a sua expedição a Opar,

Wayne Colt, impaciente para reunir-se aos conspiradores, ordenava a seus homens que se dessem pressa em achá-los no acampamento. Os principais conspiradores haviam entrado na África por diferentes pontos, a fim de que não chamassem muita atenção por uma quantidade. De acordo com este plano, Colt desembarcara na costa ocidental e viajara por trem num pequeno percurso até alcançar a etapa inicial de onde seguira a pé em longa e penosa jornada. De sorte que agora, com seu destino quase à vista, estava ansioso por conseguir uma pausa a esta parte de sua aventura. Além disso, sentia-se curioso de encontrar-se com outros elementos principais da arriscada empresa. Pedro Zveri era o único a quem conhecia.

O jovem americano não estava alheio aos grandes riscos que corria, filiando-se a uma expedição que visava a paz da Europa e o fundamental controle de uma vasta região do nordeste da África, arrostando a desafeição, pela propaganda, de numerosas e nativas tribos guerreiras, especialmente, porque muitas de suas operações deveriam ser realizadas dentro do território britânico, onde o poder da Inglaterra era muito mais considerável do que um simples gesto. Contudo, moço novo e entusiasta, embora desmiolado, tais contingências não lhe pesavam demasiado no espírito, o qual, longe de sentir-se desanimado, ao contrário achava-se ansioso e inquieto para agir.

O tédio da jornada, quando Colt deixou a costa, não se desfez pela prazerosa ou adequada companhia, desde que a infantil mentalidade de Tony não ia além de uma estúpida concepção da independência da Filipina e da consideração das finas roupas que iria comprar quando, mercê de um vago e sonhado processo econômico, conseguisse seu quinhão nas fortunas de Ford e Rockefeller.

Entretanto, a despeito das curtas idéias de Tony, Colt gostava imenso- do rapaz. Entre a companhia do filipino e de Zveri ele teria escolhido a do primeiro. Durante o seu breve contacto com o russo, em Nova York e em São Francisco, convencera-se de que, como camarada, Zveri deixava muito a desejar, e não tinha motivos para antecipar que, em meio dos conspiradores, não iria encontrar associados da mesma índole.

Continuando laboriosa e rudemente em seu caminho, Colt vagamente se inteirava do cenário e dos sons da jângal, agora familiares, os quais por esse tempo, por certo, consideravelmente o desanimavam. Mesmo que tivesse prestado particular atenção a esses sons, era fora de dúvida que seus destreinados ouvidos não podiam apanhar o persistente chiado de um macaquinho que os seguia por cima das árvores, nem mesmo tal fato particularmente o impressionaria a menos que lhe fosse possível saber que esse macaquinho caminhava no ombro de um bronzeado Apoio da floresta, silenciosamente avançando em sua estrada aérea.

Tarzan suspeitara que talvez este homem branco, cuja pista alcançara inesperadamente, dirigia os seus passos para o acampamento principal dos invasores, em cuja procura se achava o rei da jângal. Assim, com a persistência e paciência das selvagens sombras da jângal, ele seguia Wayne Colt, enquanto o pequeno Nkima, encarapitado em seu ombro, suplicava ao amo que não destruísse imediatamente o Tarmangani e seus companheiros, pois o pequeno Nkima era uma sanguinária alma quando estava prestes a verificar-se grande derramamento de sangue provocado por alguém.

De passo que Colt impacientemente ordenava a seus homens para se apressarem, seguido por Tarzan e injuriado por Nkima, Raghunath Jafar se aproxima da tenda de Zora Drinov. No instante em que a sua figura obscurecia a entrada, projetando uma sombra sobre o livro que a moça lia, esta levantou o olhar de sobre a tarimba em que se achava deitada.

O hindu sorriu aquele seu sorriso oleoso e conquistador.

— Aqui vim para saber se melhorou a dor de cabeça.

— Obrigada, ainda não, respondeu-lhe friamente a moça. Talvez com este sossegado descanso logo eu melhore.

Ignorando a sugestão, Jafar entrou na tenda e sentou-se numa cadeira de acampamento.

— Estou sentindo tudo solitário, disse ele, depois que os outros partiram. Não acha, também?

— Não, respondeu Zora. Sinto-me contente, por estar sozinha e descansando.

— A sua dor de cabeça aumentou muito depressa. Há pouco tempo, parecia sentir-se tão bem e animada.

A moça não respondeu. Estava dando tratos à imaginação para saber o que era feito do rapazinho, Wamala, e por que desrespeitara suas explícitas instruções de não permitir, a quem quer que fosse, incomodá-la. Talvez Raghunath Jafar lhe lesse os pensamentos, pois aos índios do este muitas vezes são atribuídos misteriosos poderes embora pouca gente nisso acredite. Pudessem ou não tal fato acontecer, as seguintes palavras do hindu evidenciavam tal possibilidade.

— Wamala foi caçar com os *askaris*.

— Não lhe dei permissão, disse Zora.

— Tomei a liberdade de dar-lhe, contraveio-lhe Tafari.

— O senhor não tinha direito para fazer isso, replicou raivosamente a moça, sentando-se à beira da tarimba. O senhor está-se excedendo, camarada Jafar.

— Espere um instante, minha querida, murmurou o hindu docemente. Não discutamos. Como sabe, eu a amo e o amor não encontra confirmação em multidões. Talvez eu me tenha excedido, mas isso foi tão somente para dar-me a oportunidade de pleitear a minha causa sem ser incomodado. Nessas condições, como bem sabe, tudo é lindo no amor e na guerra.

— Nesse caso, podemos considerar isto como guerra, retorquiui Zora, porque certamente não há amor, quer de seu lado, quer do meu. Há uma outra palavra para descrever isso que o anima, camarada Jafar, e o que me anima é o ódio. Eu não o suportaria se o senhor fosse o derradeiro homem na terra, e quando Zveri voltar, prometo-lhe que serão ajustadas as contas.

— Muito antes de Zveri voltar eu a terei ensinado a amar-me, disse-lhe o hindu passionalmente.

E, levantando-se, encaminhou-se na direção da moça. Esta se pôs de pé, incontinenti, circunvagando o olhar em busca de uma arma de defesa. O seu revólver e cartucheira estavam pendurados na cadeira onde Jafar se sentara, e o rifle no lado oposto da tenda.

— A senhorita está completamente desarmada, observou-lhe o hindu. Prestei bem atenção nisso quando entrei na tenda. Ademais, de nada lhe adiantaria gritar por socorro, pois não há mais ninguém no acampamento, a não ser a senhorita, eu e o meu rapazinho. Este bem sabe, se é que tem amor à vida, que aqui não deve vir, a menos que eu o chame.

— O senhor é um animal, disse-lhe a rapariga.

— Por que não é razoável, Zora? Não lhe causará nenhum mal tornar-se gentil comigo, e isso lhe tornará as coisas bem mais fáceis. Zveri de nada precisa ficar sabendo, e logo que retornarmos à civilização, se achar que não deve permanecer em minha companhia, não mais tentarei conservá-la comigo. Entretanto, estou certo de que a ensinarei a amar-me e que juntos seremos felizes.

— Saia daqui! ordenou a moça.

Em sua voz não se notava o menor receio. Era muito calma, natural e controlada. A um homem, não totalmente cego pela paixão, talvez desse algum resultado, talvez significasse a inflexível determinação de lutar até à morte. Mas Raghunath Jafar somente via a mulher de seus desejos, e, adiantando-se rapidamente, segurou-a.

Zora Drinov era jovem, esbelta e forte, mas não estava em condições de medir-se com o corpulento hindu, cujas oleosas banhas do corpo escondiam grande força física. Não obstante, tentou libertar-se de seus braços e fugir da tenda, mas Jafar dominou-a e atirou-a na tarimba. Voltando-se contra o sedutor, em fúria, bateu-lhe repetidas vezes na cara, e isso serviu para que ele a abraçasse mais apertadamente e de novo a atirasse na tarimba.

CAPÍTULO 3

Fora do túmulo

O GUIA de Wayne Colt, que estava poucos passos à sua frente, parou subitamente e voltou-se com um largo sorriso.

— O acampamento, *bwana!* exclamou ele triunfalmente, apontando-o.

— Graças a Deus! Disse o americano, num suspiro de alívio.

— Está deserto, reparou o guia.

— Pelos menos assim parece naquele lugar, não? concordou Colt. Vamos dar uma vista d'olhos em redor, acrescentou.

E, seguido de seus homens, meteu-se por entre as tendas ali levantadas. Os cansados carregadores desceram as cargas e, juntamente com os *askaris*, espicharam-se em toda a sua extensão à sombra das árvores, enquanto Colt, acompanhado de Tony, se pôs a investigar o acampamento.

Quase imediatamente a atenção do jovem americano foi atraída pelo sacudir violento de uma das tendas.

— Há alguém ou alguma coisa ali dentro, murmurou ele a Tony, enquanto rapidamente se encaminhava para a sua entrada.

O espetáculo que lhe foi dado contemplar arrancou-lhe violenta exclamação dos lábios — um homem e uma mulher rolavam pelo chão, lutando, ele apertando o pescoço da vítima, e a mulher batendo-lhe fracamente no rosto com os punhos fechados.

Tão absorto estava Jafar em sua malograda tentativa de subjugar a moça, que não deu pela presença de Colt, até que pesada mão lhe caiu sobre os ombros e ele foi violentamente atirado de lado.

Obcecado pela sua fúria maníaca, o hindu pôs-se de pé e atirou-se de encontro ao americano, unicamente para receber poderoso soco, que o fez cambalear para trás. De novo atacou e novamente

foi castigado na cara. Desta feita, caiu redondamente no chão e, como vacilasse sobre seus pés, _Colt segurou-o, fê-lo girar e atirou-o através da porta da tenda, precipitando-lhe a partida com um oportuno pontapé.

— Se ele tentar voltar, Tony, atire-o, disse Colt ao filipino, e voltou para ajudar a moça a levantar-se. Meio carregando-a, colocou-a na tarimba e depois encontrando água num balde, banhou-lhe a frente, o pescoço e os pulsos.

Fora da tenda, Raghunath Jafar viu os carregadores e *askaris* deitados à sombra de uma árvore. Viu, também, a Antônio Mori resolutamente carrancudo e com um revólver na mão e, numa enraivecida praga, voltou-se e dirigiu-se para a sua própria tenda, com as faces lívidas de raiva e o coração cheio de propósitos homicidas.

Pouco depois_ Zora Drinov abriu os olhos e ergueu o olhar para o solícito rosto de Wayne Colt, inclinado sobre ela.

De enfolhado retiro de uma árvore, acima do acampamento, Tarzan dos Macacos observava a cena que se desenrolava embaixo. Uma simples e segredada sílaba pusera termo à tagarelice de Nkima. Tarzan havia notado o violento tremer da tenda, o qual atraíra a atenção de Colt, e vira a precipitada saída do hindu, do seu interior, e a ameaçadora atitude do filipino, prevenindo a volta de Jafar.

Tais ocorrências eram de pouco interesse ao homem-macaco. As brigas e fugas dessa gente não lhe despertavam nem mesmo a curiosidade. O que ele desejava saber era a razão de se acharem ali, e com o propósito de obter esta informação, formulara dois planos. Um o de conservá-los sob constante vigilância, até que seus atos divulgassem o que ele desejava saber. O outro consistia em fixar definitivamente o chefe da expedição e então entrar no acampamento e pedir a informação que queria. Entretanto, isto não lhe era dado fazer enquanto não estivesse suficientemente informado, para lograr algumas vantagens. Quanto ao que se

estava passando na tenda, achava-se completamente alheio, nem cuidava de saber.

Durante segundos, depois de ter aberto os olhos, Zora Drinov fixou-os intencionalmente nos do homem, inclinado sobre ela.

— O senhor deve ser o americano, disse a rapariga por fim.

— Eu sou Wayne Colt, respondeu ele, e pelo que vejo, uma vez que a senhorita adivinhou a minha identidade, este é o acampamento do camarada Zveri.

Zora disse que sim, com a cabeça.

— O senhor chegou justamente a tempo, camarada Colt.

— Graças a Deus por isso, respondeu ele.

— Não há Deus, lembrou-lhe a rapariga. Colt corou.

— Nós somos criaturas de hereditariedade e hábitos, explicou o americano.

Zora Drinov sorriu.

— Isto é verdade. Mas é de nosso dever quebrar muitos hábitos maus, não somente para nós mesmos, e sim para o mundo inteiro.

Desde que a deitara na tarimba, tranqüilamente Colt estivera apreciando a moça. Ignorava que houvesse uma mulher branca no acampamento de Zveri, mas se suspeitasse disso, jamais poderia conceber ali encontrasse uma rapariga como esta. Seria capaz de imaginar uma agitadora matrona, pronta para acompanhar um bando de homens ao coração da África, tal qual uma grosseira e desgrenhada camponesa da Idade Média. Mas esta moça, desde a cabeça, coberta de ondulantes e esplêndidos cabelos, até os bem talhados pezinhos, sugeria a antítese de origem campônia e, longe de ser desgrenhada, era asseada e elegante como era possível a uma mulher em tais circunstâncias e, além disso, jovem e bonita.

— O camarada Zveri está ausente do acampamento? indagou ele.

— Sim, está algures, numa breve expedição.

— E não há ninguém para apresentar-nos um ao outro? acrescentou Colt, num sorriso.

— Oh, perdoe-me. Eu sou Zora Drinov.

— Jamais me passou pela idéia tão agradável surpresa, continuou Colt. Confesso que esperava não encontrar aqui senão homens desinteressantes, como eu mesmo. Quem era aquele rapaz que aqui se achava?

— Raghunath Jafar, um hindu.

— É dos nossos? indagou Colt.

— Sim, mas não por muito tempo... não depois do regresso de Pedro Zveri.

— Quer dizer...?

— Quero dizer que Pedro o matará. Colt sacudiu os ombros.

— É o que ele merece. Talvez a mim me cumprisse fazer isso.

— Não. Deixe-o a Pedro.

— A senhorita aqui foi deixada sozinha, neste acampamento, sem nenhuma proteção? perguntou Colt.

— Não. Pedro deixou meu criadinho e dez *askaris*, mas Jafar conseguiu afastá-los do acampamento.

— Agora, estará em segurança. Cuidarei de protegê-la, até que o camarada Zveri volte. Vou tratar de erguer minha tenda, e mandarei dois dos meus *askaris* para montar guarda defronte à sua.

— Muito obrigada, camarada Colt, mas acho isso desnecessário, uma vez que o senhor está aqui.

— Como quer que seja, eu os mandarei. Só assim fico tranqüilo.

— E depois de erguer a sua tenda, virá cear comigo? Mas... oh, esquecia-me que Jafar mandou à caça o meu criado também. De sorte que não tenho quem cozinhe para mim.

— Nesse caso, a senhorita é que virá jantar comigo. Meu rapazinho é um magnífico cozinheiro.

— Terei muito prazer, camarada Colt, respondeu-lhe Zora.

Enquanto o americano deixava a sua tenda, Zora Drinov deitou-se de costas na tarimba, com os olhos semi-cerrados. Como era diferente do que esperava o homem americano. Recordando as suas feições e especialmente os seus olhos, achava difícil acreditar que tal homem pudesse ser um traidor ao seu pai ou ao seu país. Lembrou-se, então, que muitos homens se voltavam contra a própria pátria, por um princípio. Com o seu povo, a coisa era diferente. Até então, nunca lhe foi dada uma oportunidade. Sempre a sua gente estava no chão, sob os calcanhares de um ou outro tirano. O que eles estavam fazendo acreditavam implicitamente ser em benefício próprio e no de sua pátria. Entre os que ali se achavam, impulsionados por honesta convicção, não se poderia suspeitar de qualquer traidor, e, embora russa como ela era para todos os do bando, não se continha que não olhasse com desprezo para os cidadãos de outros países, que se voltavam contra os seus governos para auxiliar as ambições de um poder estrangeiro. Podemos estar dispostos a tirar proveito dos atos de mercenários estrangeiros, mas nunca admirá-los.

No instante em que Colt deixava a tenda de Zora, em demanda do lugar onde se achavam os seus homens, a fim de dar-lhes as necessárias instruções para armar o seu acampamento, Raghunath Jafar observava-o do interior de sua própria tenda. Maligna sombra cobria a fisionomia do hindu, e odiosa chama crepitou-lhe nos olhos.

Tarzan, que via tudo lá de cima, notou o jovem americano dando instruções a seus homens. A pessoa deste jovem estrangeiro havia impressionado favoravelmente a Tarzan. Apreciava-o tanto quanto poderia apreciar um estrangeiro, pois profundamente arraigada na fibra do homem-macaco estava a selvagem suspeita de todos os estrangeiros, especialmente de todos os estrangeiros brancos. Enquanto o observava, nada poderia escapar-lhe dentro do seu campo visual. Assim foi que viu Raghunath Jafar emergir de sua tenda, armado de um rifle. Somente Tarzan e o pequeno Nkima

viram isso, e somente Tarzan vislumbrou sinistra intenção em seu gesto.

Raghunath encaminhou-se diretamente para a jângal, onde entrou. Balançando-se silenciosamente através das árvores, Tarzan dos Macacos seguia-o. Jafar fez um meio círculo do acampamento, até alcançar um esconderijo de verdura da jângal, onde parou. Do lugar onde se achava, todo o campo lhe estava inteiramente visível, mas a sua pessoa escondida pela folhagem.

Colt estava estudando o arranjo de suas cargas e a inclinação da própria tenda. Os homens que o acompanharam estavam ocupados com as diversas obrigações distribuídas entre eles, pelo chefe de todos. Sentiam-se cansados e conversavam pouco. A maior parte trabalhava em silêncio e desusada tranqüilidade invadira a cena. Essa tranqüilidade foi súbita e inesperadamente quebrada por um grito angustioso e o estampido de um rifle, ouvidos tão perto um de outro, que não se poderia dizer qual o que tivera precedência. Uma bala passou assobiando pela cabeça de Colt e picou o lóbulo da orelha de um dos seus homens, que se achava atrás dele. Instantaneamente, as atividades pacíficas do acampamento se transformaram num pandemônio. Por alguns instantes, discutiu-se quanto à direção de onde saíram o tiro e o grito, e então Colt notou pequena fita de fumaça levantando-se da jângal, precisamente além das bordas do acampamento.

— Foi dali, disse ele, dirigindo-se àquele ponto. O chefe dos *askaris* fê-lo parar.

— Não vá, *bwana*. Talvez seja um inimigo. Espere que primeiro façamos fogo contra a jângal.

— Não, respondeu Colt. Precisamos primeiro investigar. Leve alguns dos seus homens para a direita, que eu levarei o resto para a esquerda. Inspecionaremos devagar em redor da jângal, até que nos encontremos.

— Sim, *bwana*, concordou o chefe. E, chamando os seus homens, deu-lhes as necessárias instruções.

Nenhum ruído de fuga ou qualquer sugestão de presença vivente aguardou os dois bandos, no instante em que entravam na jângal, nem eles descobriram quaisquer sinais de algum saqueador quando, momentos depois, entraram em contacto uns com os outros. Estavam agora formados em semicírculo; assim se entranharam pela jângal e, a uma ordem de Colt, avançaram de volta ao acampamento.

Foi Colt quem encontrou Raghunath Jafar morto à beira do acampamento. A sua mão direita apertava um rifle. Projetando-se de seu coração, achava-se uma seta de poderoso arco.

Os negros reuniram-se em torno do cadáver, olhando uns aos outros em forma interrogativa, depois olhando para trás e às árvores. Um deles examinou a seta.

— Não é igual a qualquer seta que até hoje vi, disse ele. E não foi feita por mão de homem.

Imediatamente os negros ficaram presos de supersticioso temor.

— O tiro foi destinado ao *bwana*, disse um deles. Portanto, o demônio que atirou a seta é amigo do *bwana*. Não precisamos ter medo.

Esta explicação satisfez os negros, mas não contentou a Wayne Colt. Estava perplexo ante o que sucedera, quando de volta ao acampamento e ao depois de ter ordenado que enterrassem o hindu.

Zora Drinov achava-se à entrada de sua tenda. Assim que viu o americano, foi ao seu encontro.

— Que aconteceu? Que aconteceu?

— O camarada Zveri não matará Raghunath, respondeu-lhe Colt.

— Por quê?

— Porque Raghunath Jafar já está morto.

— Quem teria atirado a seta? indagou ela, depois que soube do modo por que o hindu fora morto.

— Não tenho a mais remota idéia. É um absoluto mistério, mas significa que o acampamento está vigiado e que devemos ter cuidado e não andar sozinhos pela jângal. Os homens acreditam que a seta foi disparada para salvar-me de uma bala assassina. Como é bem possível que Jafar tenha tido a tenção de matar-me, acredito que se eu tivesse entrado sozinho na jângal, em seu lugar eu é que estaria morto. Acaso, desde que aqui ergueram o seu acampamento, não foram aborrecidos pelos nativos, ou já tiveram alguma desagradável experiência com eles?

— Ainda não vimos um nativo desde que aqui acampamos. Muitas vezes comentamos o fato de que a região parece inteiramente deserta e desabitada, malgrado cheia de caça.

— Isso vem provar que, de fato, está desabitada ou talvez aparentemente desabitada, concordou Colt. Não foi, talvez, sem intenção que invadimos as terras de alguma tribo feroz, que recebeu os estrangeiros como *persona* ingrata.

— O senhor disse que um dos nossos homens está ferido, não? indagou Zora.

— O ferimento é leve. Perfurou-lhe um bocadinho a orelha.

— Esse homem estava perto do senhor?

— Estava justamente a meu lado direito, respondeu Colt.

— Creio que não há dúvida que Jafar quis matá-lo!

— Talvez, concordou Colt, mas não o conseguiu. Nem mesmo logrou matar o meu apetite. E, se eu puder acalmar a excitação de meu rapaz, precisamos cuidar já de nossa ceia.



A uma certa distância Tarzan e Nkima assistiam ao enterro de Raghunath Jafar. Minutos depois, notaram o regresso de Kahiya e seus *askaris*, bem como de Wamala, o criadinho de Zora, também mandado à caça por Jafar.

— Onde estão todos aqueles Tarmangani e Gomangani que você me disse que estavam no acampamento? perguntou Tarzan a Nkima.

— Eles pegaram nos paus trovejantes e saíram, respondeu o pequeno Manu. Foram caçar para Nkima.

Tarzan dos Macacos sorriu um dos seus raros sorrisos.

— Precisamos alcançá-los e saber o que estão fazendo, Nkima.

— Mas logo a escuridão cairá na jângal, suplicou Nkima, e então Sabor, Sheeta, Numa e Histat estarão passeando e procurarão, também, o pequeno Nkima.

Caíram as trevas antes que o rapazinho de Colt anunciasse a ceia. Entretanto, Tarzan, mudando seus planos, voltou para as árvores, acima do acampamento. Estava convencido de que havia algo de anormal nos fins da expedição, cuja base descobrira. Sabia que, pelo tamanho do acampamento, deveria conter muitos homens. Para onde eles foram e qual o seu propósito, eram coisas que lhe cumpria averiguar. Imaginando que esta expedição, qualquer que fosse o seu intento, naturalmente trataria do principal assunto no acampamento, procurou um ponto vantajoso na árvore de onde poderia ouvir as conversas que se travassem entre dois ou três membros do bando, em baixo. E assim foi que Zora Drinov e Wayne Colt se sentaram à mesa, para cear, de modo que Tarzan dos Macacos se acomodou em meio da folhagem de uma grande árvore, precisamente em cima deles.

— A senhorita hoje passou por terrível prova, disse-lhe Colt, mas não parecia merecê-la. Tenho a impressão de que os seus nervos estão relaxados.

— Tenho passado por inúmeras provas em minha vida, camarada Colt, para que ainda possua nervos capazes de relaxamento.

— De fato, concordou Colt. Deve ter sofrido durante a revolução russa.

— Por esse tempo eu era menina, mas lembro-me perfeitamente de tudo.,

Colt olhou-a de cheio, intencionalmente.

— Pela sua aparência, quero crer que não tenha nascido na classe proletária.

— Meu pai era trabalhador. Morreu no exílio sob o regime czarista. Essa a razão por que aprendi a odiar todo monarquista e capitalista. Quando me surgiu esta oportunidade de reunir-me ao camarada Zveri, vi outro campo onde encerrar a minha vingança, ao mesmo tempo que propugnava pelos interesses de minha classe através do mundo.

— Quando pela última vez me encontrei com Zveri, nos Estados Unidos, disse Colt, evidentemente ele não havia formulado os planos que agora está pondo em execução porquanto nunca mencionou qualquer expedição desta espécie. Ao receber ordens para a ele reunir-me, aqui, nenhum detalhe me foi dado. De sorte que estou completamente às escuras quanto ao seu propósito.

— Cumpre aos bons soldados obedecerem, lembrou a rapariga.

— Sim, bem sei, mas mesmo em se tratando de um pobre soldado, às vezes poderá agir mais inteligentemente, se conhecer o objetivo em vista.

— O plano geral não constitui segredo para qualquer de nós, aqui, informou Zora, e não o denuncio expondo-lhe. Refere-se a um largo plano de enredar os poderes capitalistas em guerra e revoluções, de tal alcance que jamais eles poderão unir-se de novo contra nós.

Os nossos emissários por longo tempo trabalharam a fim de que culminasse a revolução da Índia, de modo a distrair a atenção e as forças armadas da Grã-Bretanha. Não logramos muito êxito no México, como planejamos, mas ainda alimentamos esperanças, ao passo que os nossos negócios nas Filipinas caminham maravilhosamente. As condições da China, o senhor as conhece bem. Ela está completamente desamparada, e esperamos que, com o nosso auxílio, eventualmente constituirá real ameaça ao Japão. A Itália é um perigosíssimo inimigo, e com o propósito de atirá-la em guerra com a França é que aqui nos achamos.

—Mas como pode isso acontecer aqui, na África? indagou Colt.

— O camarada Zveri acredita que isso seja simples. A suspeita e os ciúmes que existem entre a França e a Itália são bastante conhecidos. A sua luta pela supremacia naval quase que chega a ser um escândalo. Ao primeiro entre-choque entre uma e outra, facilmente resultará a guerra, e uma guerra entre a Itália e a França arrastará toda a Europa.

— Mas como Zveri, operando nas selvas africanas, conseguirá provocar uma guerra entre a Itália e a França? Insistiu o americano.

— Encontra-se agora, em Roma, uma delegação de franceses e italianos vermelhos, ocupados nesse assunto. Os pobres homens apenas conhecem uma parte do plano e, desgraçadamente para eles, será necessário sacrificá-los para a consumação do nosso plano mundial. Foram-lhes fornecidos documentos onde está traçado o plano da invasão da Itália Somaliland por tropas francesas. Na ocasião oportuna, um dos agentes secretos do camarada Zveri, em Roma, revelará o "complot" ao governo fascista, e quase simultaneamente um considerável número dos nossos negros, disfarçados com uniformes das tropas francesas, constituídas de nativos, conduzidos pelos homens brancos de nossa expedição, uniformizados como oficiais franceses, invadirão a Itália Somaliland. Entretempo, os nossos agentes agirão no Egito e na Abissínia e entre as tribos nativas do norte africano, e temos certeza absoluta, distraída a atenção da França e da Itália na guerra entre ambas, e a da Grã-Bretanha embaraçada por uma revolução na Índia, os nativos da África-Norte se levantarão numa quase que sagrada guerra, para aniquilar o jugo do domínio estrangeiro. E o estabelecimento de estados soviéticos autônomos se fará em toda a sua extensão.

— Ousada e estupenda empresa, exclamou Colt, mas dessas que requerem enormes recursos de dinheiro e de homens.

— Esse é o acariciado plano de Zveri, rematou Zora. Por certo que não conheço detalhes da organização e execução. Mas sei, que as operações iniciais estão bem financiadas, e que o resto depende

de uma considerável expansão neste país, para fornecer a maior quantidade de ouro necessário para prosseguir nas formidáveis operações, imprescindíveis para assegurar o êxito final.

— Nesse caso, receio que a empresa esteja destinada a fracasso, pois seguramente Zveri não achará a necessária riqueza, neste país selvagem, para levar a cabo o seu estupendo plano.

— O camarada Zveri acredita no contrário, explicou-lhe Zora. De fato, a expedição em que ele partiu tem por fim obter os tesouros que procura.

Acima deles, na escuridão, a silenciosa figura do homem-macaco, estendida, comodamente num grande galho, não perdia palavra do que diziam, enquanto todo encolhido e dormindo em seu bronzeado ombro, estava o pequeno Nkima. absolutamente alheio ao fato de que poderia ter ouvido o plano esboçado, para abalar os alicerces dos governos constituídos em todo o mundo.

— Se não for segredo, como é que o camarada Zveri espera conseguir tamanha quantidade de ouro? indagou Colt.

— Nos famosos tesouros ocultos nas cavernas de Opar, respondeu a moça. Com toda a certeza, o senhor já ouviu falar nisso.

— Sim, mas sempre imaginei que esses tesouros não passassem de uma lenda. O *folklore* do mundo inteiro está repleto dessas cavernas com tesouros.

— Mas Opar não é um mito, replicou Zora.

Se a assustadora informação que lhe foi divulgada, emocionou Tarzan, ele não externou qualquer espanto. Ouvindo num silêncio imperturbável, treinado ao mais alto grau de controle próprio, o homem-macaco podia ter sido parte e porção do enorme galho em que se acomodara, ou da sombria folhagem que o escondia de vista.

Por alguns momentos, Colt, permaneceu silencioso, imaginando as estupendas possibilidades do plano cujo desenvolvimento ouvira. Parecia-lhe uma espécie de sonho de um homem louco, e ele não

acreditava na menor possibilidade de êxito. Concluiu que enorme era o risco que corriam os membros da expedição, pois acreditava não escapar nenhum desde que a Grã-Bretanha, a França e a Itália ficassem a par de sua atividade. E, em inconsciente volição, seus temores pareciam centralizar-se no tocante à segurança daquela moça. Bem que conhecia o tipo de gente com quem estava trabalhando e, assim, sabia ser perigoso levantar uma dúvida quanto à praticabilidade do plano, pois, quase que sem exceção, os agitadores com que se encontrara naturalmente se dividiriam em duas distintas categorias — a dos visionários teóricos, que acreditavam em tudo em que ele precisava acreditar, e a dos astutos escravos, impulsionados por motivos de cobiças, que esperavam tirar proveito, quer em glória» quer em riquezas, mercê de qualquer mudança que se estabelecesse na ordem das coisas. Parecia horrível que uma jovem e linda moça se sentisse atraída por situação tão desesperada. Ela aparentava ser bastante inteligente para não ser tida como um simples tigre, e os poucos instantes em que com ela privava, tornavam-lhe difícil acreditar que fosse um escrava.

— A empresa certamente está cheia de inomináveis perigos, disse Colt por fim, e como se tratava em princípio de trabalho para homens, não posso compreender porque permitiram à senhorita enfrentar perigos e penosos trabalhos, que necessariamente serão arrostados em tão arriscada campanha.

— A vida de uma mulher não vale mais do que a de um homem. Além disso, precisavam de mim. Sempre há uma grande quantidade de importantes e confidenciais trabalhos de secretaria a fazer, os quais o camarada Zveri somente pode confiar em quem deposita implícita confiança. Disso ele me encarrega e, ademais, sou treinada datilógrafa e estenógrafa. Essas razões por si sós bastam para explicar porque me acho aqui. Mas existe uma outra e mais importante: é que desse estar sempre ao lado do camarada Zveri.

Nas palavras da rapariga, Colt imaginou um romance. Entretanto, para a sua mente americana, esta era a maior razão para que a moça não estivesse naquele meio, porquanto não podia

conceber que um homem expusesse, a mulher a quem amava, a tais riscos.

Em cima deles, Tarzan dos Macacos movia-se silenciosamente. Primeiro, sentou-se e levantou o pequeno Nkima de seus ombros. Nkima queria objetar contra a mudança, mas imperceptível murmúrio calou-o. O homem-macaco tinha vários métodos para tratar com o inimigo, métodos que aprendera e pusera em prática muito antes de saber que de fato não era um macaco. Muito antes de encontrar-se com outro homem branco, ele aterrorizara os Gomangani, os homens negros da floresta e da jângal, e aprendera que o maior passo dado para derrotar um inimigo consistia em abater-lhe o moral. Agora sabia que aqueles homens, não só eram invasores dos seus domínios e, portanto, seus inimigos pessoais, como também ameaçavam a paz da Grã-Bretanha, que lhe era cara, e a do resto do mundo civilizado, com o qual pelo menos Tarzan não tinha pendências. Verdade era que ele encarava, geralmente, a civilização com grande desprezo, mas inda maior era o que votava àqueles que interferiam nos direitos de outrem ou na ordem estabelecida da jângal ou dos países.

Enquanto Tarzan deixava a árvore em que se achava escondido, os dois, em baixo, se achavam tão alheios à sua partida, como estiveram quanto à sua presença. Colt estava imerso em perscrutar, o mistério do amor. Conhecia Zveri, e parecia-lhe inconcebível que uma moça do tipo de Zora Drinov sentisse alguma atração por um homem do tipo de Zveri. Por certo que nada tinha que ver com isso, mas sentia-se incomodado porque a moça descia em sua estima. Estava desapontado com o seu recente conhecimento e não gostava de ficar desapontado com gente a quem se sentia atraído.

— O senhor conheceu o camarada Zveri na América, não? perguntou-lhe Zora.

— Sim.

— Que pensa dele?

— Acho-o um verdadeiro caráter forte, respondeu-lhe Colt. Acredito que seja um homem capaz de levar a termo qualquer coisa

que tente. Ninguém melhor do que ele para esta missão.

Se a moça esperava surpreender Colt com expressões de respeito pessoal ou desagrado por Zveri, falhara-lhe o propósito, mas se esse fosse o caso, ela se portara com demasiada prudência para não prosseguir no assunto. Zora deduziu que estava tratando com um homem de quem conseguiria poucas informações que ele não desejasse comunicar-lhe, mas, de outro lado, com um homem que facilmente poderia arrancar informações de outrem, pois era desses tipos que parecem convidar a confidências, sugerindo na atitude, palavras e maneiras um caráter de aço, incapaz, absolutamente incapaz de abusos de confiança. Ela talvez gostasse deste reto moço americano, e tanto mais o olhava, quanto menos achava difícil acreditar que ele se tornara traidor a sua família, a seus amigos e ao seu país. Contudo, sabia que muitos homens honrados haviam sacrificado tudo por uma convicção e, talvez, este fosse um deles. Zora esperava que essa fosse a explicação.

A palestra de ambos recaiu em vários assuntos — sobre a vida de ambos e experiências em seus torrões natais, até que eles penetraram na África e, finalmente, nas experiências do dia. Enquanto palestravam, Tarzan dos Macacos voltou à árvore em cima deles, mas desta vez não vinha sozinho.

— Admira-me se algum dia soubermos quem matou Jafar, disse Zora.

— É um mistério que não degrada, porquanto nenhum dos *askaris* pôde reconhecer o tipo de flecha que o matou, embora isso se justifique pelo fato de que eles não são destes lados.

— Essa morte enervou bastante os homens, e sinceramente espero que fato idêntico não mais aconteça. Tenho observado que não é preciso muita coisa para transtornar estes nativos, e ao passo que muitos deles são bravos diante de perigos conhecidos estão prontos a ficar inteiramente desmoralizados ante o que quer seja que raie pelo sobrenatural.

— Creio que se sentirão melhor quando tiverem enterrado o hindu, observou Colt, embora alguns deles não estejam

absolutamente certos de que Jafar não possa voltar ao mundo, de qualquer maneira.

— A possibilidade disso não é lá muito grande, contraveio a rapariga rindo-se.

Mal acabava de pronunciar tais palavras, quando os ramos em cima se moveram estrepitosamente e pesado corpo caiu no meio da mesa, entre eles, fazendo em pedaços o frágil móvel.

Os dois saltaram. Colt sacou do revólver e a moça soltou um grito, enquanto se afastava. O americano sentiu que os seus cabelos ficavam em pé e um fantasma o apertava, pois entre ele e Zora estava o cadáver de Raghunath Jafar, de costas, com os olhos mortos e abertos, olhando dentro da noite.

CAPÍTULO 4

Na caverna do leão

NKIMA estava com fome. Acabava de acordar de profundo sono, cheio de pesadelos, e agora que seu senhor tão estupidamente se pusera a caminhar através da escuridão da noite, o pequeno Nkima resmungava e choramingava de medo, pois em cada sombra ele via Sheeta, a pantera, e enrolada em cada tronco das árvores a figura de Histah, a serpente. Enquanto Tarzan permanecera nas vizinhanças do acampamento, o macaquinho não se sentira particularmente perturbado, e quando ele voltou à árvore, com sua carga, o pequeno Manu estava certo de que ali permaneceriam o resto da noite. Ao invés, o amo partira imediatamente e agora se balançava de ramo em ramo, através da negra floresta, resolvido à prática de qualquer ato de mau presságio para os demais, ou segurança para o pobrezinho Nkima, durante o resto da noite.

De passo que Zveri e seu bando vagorosamente caminhavam ao longo das sinuosas trilhas da jângal, Tarzan seguia quase que pelo mesmo caminho, mas aéreo, rumo ao seu destino, que era o mesmo de Zveri. Disso resultou que antes que Zveri alcançasse o quase perpendicular despenhadeiro que dá origem à última e maior barreira natural ao proibido vale de Opar, Tarzan e Nkima haviam desaparecido além do topo do despenhadeiro e atravessavam o desolado vaie, sobre o longínquo lado do qual apareciam os grandes muros e elevadas espirais e torres da antiga Opar. À brilhante luz do sol africano, domos e minaretes refulgiam em vermelho e ouro acima da cidade. Mais uma vez o homem-macaco experimentou o mesmo sentimento que o impressionara, há anos passados, quando seus olhos pela primeira vez contemplaram o esplêndido panorama de mistério que se lhes ostentava.

Àquela grande distância, não se notava a menor aparência de ruína. Mais uma vez, em imaginação, Tarzan contemplava uma cidade de magnificente beleza, com suas ruas e templos cheios de

gente. E mais uma vez sua mente se entretinha com o mistério da origem da cidade, quando há muitos anos atrás, na obscura perspectiva da antigüidade, uma raça de gente rica e poderosa havia concebido e construído este duradouro monumento a uma civilização desaparecida. Era possível conceber-se que Opar podia ter existido quando gloriosa civilização florescera sobre o grande continente de Atlantis, o qual, afundando-se sob as águas do oceano, deixou esta perdida colônia à morte e decadência.

Que seus poucos habitantes fossem descendentes diretos dos primitivos e poderosos construtores, não parecia despropositado, à vista dos ritos e cerimônias da antiga religião que eles praticavam. Aliás outra hipótese plausível não havia para justificar a existência desse povo, de pele branca, nesta remota e inacessível profundidade da África.

As leis peculiares da hereditariedade, pelo jeito eficazes em Opar como em nenhuma outra parte do mundo sugeriam uma origem diferindo materialmente da de outros homens, porquanto se notava esta peculiaridade: os homens de Opar pareciam muito pouco ou nada com as mulheres de sua raça. Eles eram pequenos, entrançados, peludos. na sua aparência e conformação parecidos com macacos, de passo que as mulheres eram finas de corpo, de pele delicada e quase sempre bonitas. Certos atributos físicos e mentais desses homens sugeriam a Tarzan a possibilidade de que, em eras passadas, os primitivos habitantes se haviam misturado com os macacos da região, fosse por escolha ou necessidade, e que, devido à escassez de vítimas para o sacrifício humano, exigidas pela sua religião, era prática comum entre eles para este fim utilizar-se de homens ou mulheres, os quais consideravelmente se desviavam do tipo normal estabelecido para ambos os sexos, com o resultado de que através das leis de natural seleção, preponderante maioria dos homens nasciam grotescos e as mulheres normais e bonitas.

Tais divagações é que enchiam a mente do homem-macaco, enquanto cruzava o desolado vale de Opar, resplandecente à brilhante luz do sol, e apenas oculto pela sombra da ocasional

árvore frondosa e majestosa. À sua frente e à direita se achava a pequenina colina rochosa, em cujo cume estava situada a entrada exterior para as cavernas de Opar. Interessava-o, agora, essa colina, pois o seu intento era avisar La da vinda dos invasores, a fim de que pudesse preparar sua defesa.

Fazia muito tempo que Tarzan visitara Opar. Mas desde a última ocasião, quando restituíra La ao seu leal povo e lhe restabelecera a supremacia, mercê da derrota infligida às forças de Cadj, o grão-sacerdote, e a morte do último, sob as mandíbulas e garras de Jadbaj, pela primeira vez dali partira com a convicção da amizade de todo o povo de Opar. Já há muitos anos que sabia que La secretamente era uma amiga, mas os seus selvagens e grosseiros sequazes muito antes já o temiam e o odiavam. Essa a razão por que agora se aproximava de Opar, como alguém que se aproximava da cidadela de um amigo, sem reservas e absolutamente convicto de que seria recebido com amizade.

Contudo, Nkima não estava bem certo disso. As sombrias ruínas aterrorizavam-no. Ele resmungou e suplicou, mas em vão. Por fim, o terror suplantou-lhe a amizade e a lealdade ao amo, à medida que se aproximavam dos muros externos, os quais apareciam muito acima deles, e o macaquinho saltou do ombro de Tarzan e fugiu das ruínas que ora enfrentavam, pois grande em seu coraçãozinho era o medo que tinha aos lugares estranhos e não familiares, e tanto que não pôde confessá-lo a Tarzan.

Os espertos olhos de Nkima haviam notado a colina rochosa, por onde há pouco tempo passaram, e para o cume dessa colina ele fugiu, como uma espécie de proteção celeste, onde esperaria a volta do amo, de Opar.

Enquanto Tarzan se aproximava da estreita abertura, a única estrada através dos muros maciços de Opar, ele estava certo, como anos atrás, na ocasião em que pela primeira vez entrara na cidade, que invisíveis olhos o seguiam. e que a todo o momento esperava ouvir expressões de regozijo, quando fosse reconhecido.

Sem hesitação e nem um pouco apreensivo, Tarzan penetrou na estreita abertura e desceu uma série de degraus de pedra, que levavam para sinuosa passagem através do espesso muro exterior. O estreito pátio, além do qual aparecia o muro interior, estava silencioso e deserto. O silêncio não foi quebrado quando ele cruzava uma outra estreita passagem, que dava para o seu interior. No fim dessa passagem, chegou a uma larga avenida, em cujo lado oposto se erguiam as fragmentadas ruínas do grande templo de Upar.

Silenciosa e solitariamente, o homem-macaco entrou no vetusto portal, franqueado por uma porção de majestosos pilares, de cujos capitéis grotescos pássaros o fitavam como sempre fitaram através de incontáveis idades, desde que esquecidas mãos os esculpiram na sólida rocha dos monólitos. Através do templo e em direção do pátio interno, onde sabia se exercitarem as atividades da cidade, Tarzan caminhou em silêncio. Talvez um outro homem fizesse alarde de sua chegada, externando uma saudação para avisá-lo da própria presença. Entretanto, Tarzan dos Macacos em muitos respeitos era menos homem do que animal. Continuou em silêncio, como fazem muitos animais, sem desperdiçar respiração. Não imaginava aproximar-se de Opar furtivamente, e tinha a certeza de que fora notada a sua presença. Mas não sabia porque não o saudavam, a não ser que, depois de terem comunicado a La a sua chegada, estivessem esperando instruções.

Pelo corredor principal Tarzan se encaminhou, de novo notando as placas de ouro com seus antigos e longos hieróglifos indecifráveis. Passou pela câmara dos sete pilares dourados e atravessou o soalho de ouro do aposento pegado, ainda em silêncio e solitude, embora com vagas sugestões de figuras movendo-se nas galerias que davam para o apartamento, através do qual ele passava. Por fim, chegou à pesada porta, além da qual tinha certeza de encontrar sacerdotes ou sacerdotisas deste grande templo do Flamejante Deus. Intrepidamente empurrou-a e abriu-a, e encaminhou-se para a sua soleira. Nesse instante, pesada clava descia violentamente sobre sua cabeça e prostrava-o sem sentidos.

Incontinentemente rodeou-o uma dúzia de homenzinhos atarracados e nodosos, cuja barba forte lhes caía sobre o peito cabeludo, enquanto se movimentavam sobre as curtas pernas de bodoque. Trocavam palavras em voz baixa, com rosnaduras guturais, à medida que amarravam os pulsos e tornozelos de sua vítima com seguras cordas. Depois, levantaram-no e conduziram-no através de outros corredores e fracionadas glórias de magníficos apartamentos, para um grande aposento coberto de telhas, no fim do qual uma jovem mulher sentava em maciço trono, que descansava sobre um estrado alguns pés acima do soalho.

De pé atrás do trono achava-se um outro homenzinho nodoso e feroz. Nos braços e nas pernas ele trazia pulseiras de ouro e inúmeros colares ao redor do pescoço. No soalho, abaixo do trono, estavam reunidos alguns homens e mulheres — os sacerdotes e sacerdotisas do Flamejante Deus de Opar.

Os que aprisionaram Tarzan conduziram-no até o pé do trono e atiraram-lhe o corpo sobre o chão de terra. Quase que simultaneamente o homem-macaco voltou a si e, abrindo, os olhos, olhou em seu redor.

— É esse? Perguntou a moça, no trono.

Um dos captores de Tarzan notou-o voltando a si e, com o auxílio de outros, rudemente o pôs de pé.

— É esse, Oah, exclamou o homem a seu lado. Expressão de venenoso ódio convulsionou o semblante da mulher.

— Deus foi bondoso para sua grã-sacerdotisa, disse ela. Orei bastante para que chegasse este dia, como orei pela chegada do outro, e como o outro chegou, assim também veio este.

Tarzan rapidamente olhou para a mulher e para o homem a seu lado.

— Que vem a ser tudo isso. Dooth? Indagou ele. Onde está La? Onde está sua grã-sacerdotisa?

A moça ergueu-se furiosa, do trono.

— Saiba, homem do mundo exterior, que sou a grã-sacerdotisa. Eu, Oah, sou a grã-sacerdotisa do Flamejante Deus.

Tarzan não a conhecia.

— Onde está La? Perguntou ele de novo a Dooth. Oah ficou presa de grande raiva.

— La morreu! Rugiu a moça, adiantando-se até alcançar a beira do estrado, como se quisesse saltar sobre Tarzan, com o cabo de sua faca de sacrifícios recoberto de pedras preciosas e rebrilhante à luz do sol, que penetrava através de grande abertura desprovida do antigo teto do trono, há muito desabado. Ela está morta! Repetiu a mulher. Morta como o senhor estará brevemente, quando venerarmos o Flamejante Deus com o sangue fresco de um homem: La era fraca. Ela o amava, e assim traíra seu deus, que o escolhera para ser sacrificado. Mas Oah é forte. É forte como o ódio que alimenta em seu peito desde que Tarzan e La roubaram o trono de Opar que lhe pertencia. Levem-no! sibilou ela aos captores do homem-macaco, e não me deixem vê-lo de novo até que eu o contemple amarrado no altar do pátio de sacrifício.

Foram cortadas as ataduras que prendiam os tornozelos de Tarzan, de sorte que ele podia andar. Entretanto, embora os pulsos ainda estivessem amarrados em suas costas, era evidente que os tais lhe tinham grande receio, pois lhe colocaram uma corda no pescoço e lhe amarraram as mãos, conduzindo-o como um homem conduz um leão. Para baixo e em meio da familiar escuridão dos subterrâneos de Opar eles o levavam, alumando o caminho com tochas. Quando, finalmente, alcançaram o cárcere onde Tarzan ficaria preso, custou-lhes algum tempo adquirirem a suficiente coragem para cortar as amarras que lhe envolviam os pulsos. Mesmo assim, só as cortaram depois que de novo lhe ligaram os tornozelos, a fim de que pudessem escapar do aposento e trancar a porta antes que o homem-macaco lograsse desvencilhar os pés e persegui-los. É que grandemente as proezas de Tarzan impressionaram aqueles pernas de bodoque de Opar.

Tarzan já havia estado no cárcere de Opar e dali conseguira fugir. De modo que imediatamente se pôs a trabalhar, procurando um meio de escapar de sua atual prisão, pois sabia que Oah não adiaría o momento por que tanto ansiava, o momento em que mergulharia a refulgente faca de sacrifício em seu peito. Depressa removendo as ligaduras dos tornozelos, Tarzan mediu cuidadosamente a cela ao lado das paredes, até que fez completo circuito em seu redor. Depois, igualmente examinou o soalho. Descobriu que era um aposento retangular, com mais ou menos dez pés de comprimento e oito de largura, e que, pondo-se na ponta dos pés, alcançaria o teto. A única passagem era a porta por onde entrara, na qual uma abertura protegida por barras de ferro, servia apenas para ventilar o cárcere. Como se abrisse para um corredor escuro, nenhuma luz ali penetrava. Tarzan examinou os ferrolhos e gonzos, mas eles eram, como bem conjecturara, demasiado fortes para serem forçados. Nesse instante é que notou que um sacerdote estava sentado de guarda, no corredor, pondo assim definitivo fim a qualquer pensamento de subreptícia fuga.

Aconteceu que na ocasião em que Tarzan foi preso, sua faca de mato estava oculta pela cauda da pele de leopardo, que constituía a única roupa que lhe envolvia os quadris. E, no seu excitação, os ignorantes e semi-humanos sacerdotes de Opar não repararam naquilo, quando lhe tomaram outras armas. Sem dúvida Tarzan se sentia agradecido por sua boa fortuna, uma vez que, por razões sentimentais, ele tinha em grande estima a faca de mato de seu pai há muito morto, a faca que lhe garantira a ascendência sobre as feras da jângal, isso há muito tempo, quando mais por acidente, do que propósito, mergulhara a sua lâmina no coração de Bolgani, o gorila. Mas por inda mais prática razão ela era, na verdade, uma dádiva dos deuses, porquanto não lhe oferecia somente uma arma de defesa, e sim um instrumento com o qual poderia conseguir a fuga.

Anos atrás Tarzan dos Macacos conseguira escapar das cavernas de Opar, de sorte que conhecia bem suas maciças paredes. Blocos de granito de vários tamanhos, talhados com grande perfeição,

foram superpostos sem almofariz, de modo que a parede por onde ele passara tinha quinze pés de espessura. A fortuna favorecera-o naquela ocasião, pois encarceraram-no numa cela a qual, desconhecida para os habitantes de Opar, tinha uma entrada secreta, cuja abertura estava simplesmente tapada por uma simples camada de pedras soltas, que o homem-macaco pôde remover sem grandes esforços.

Naturalmente procurou condições idênticas na prisão em que agora se encontrava, mas suas pesquisas não foram coroadas de êxito. Nenhuma simples pedra podia ser removida de seu lugar, firmes como estavam pelo tremendo peso das paredes do templo que suportavam. Destarte, sem dúvida ele voltou sua atenção para a porta.

Bem sabia serem poucas as fechaduras em Opar, porquanto os degenerados habitantes da cidade não haviam desenvolvido suficiente inteligência, quer para reparar as velhas, quer para construir novas. Aquelas fechaduras que ele vira, demandavam muito trabalho para serem abertas por enormes chaves e, segundo lhe foi dado ver, eram de uma antigüidade que quase alcançava os dias de Atlantis. Entretanto, na sua maior parte, pesados ferrolhos e barras protegiam tais portas, hermêticamente fechadas, e ele se confessou que uma toska invenção é que lhe obstaculava o caminho à liberdade.

Tateando até alcançar a porta, examinou a pequena abertura por onde penetrava o ar. Estava mais ou menos na altura do ombro, com talvez dez polegadas quadradas; guarneciam-na quatro barras de ferro verticais, de meia polegada quadrada, colocadas uma polegada e meia de lado, bastante juntas para permitir-lhe enfiar as mãos por entre elas. Mas este fato não desencorajou inteiramente o homem-macaco. Talvez houvesse outro meio.

Seus musculosos dedos de aço firmaram-se no centro de uma das barras. Com a mão esquerda segurou em outra e, apoiando um dos joelhos de encontro à porta, vagarosamente dobrou o cotovelo direito. Ondulando como aço plástico, os músculos do seu antebraço

e os bíceps cresceram, até que gradualmente a barra arqueou na sua direção. O homem-macaco sorriu, enquanto agarrava de novo na barra de ferro. Então, recuando com todo o seu peso e toda a força de seu poderoso braço, a barra de ferro dobrou-se e tomou a forma de um grande U, no instante em que foi retirada do respectivo encaixe. Tarzan experimentou enfiar o braço através da nova abertura, mas ainda era demasiado pequena. Minutos depois a outra barra era retirada. Agora, o braço entrou pela abertura em todo o seu comprimento, e procurou a barra ou ferrolho que o conservava prisioneiro.

Na maior extensão que ele pôde enfiar a ponta dos dedos para baixo e de encontro à porta, conseguiu tocar a extremidade da barra, que era um pedaço de madeira de mais ou menos três polegadas de espessura. As outras dimensões não lhe foi possível perceber nem mesmo se podia levantar uma das extremidades ou se se desprendiam retirando-se os ferrolhos. Aquilo era simplesmente tantalizante! Estar com a liberdade garantida mercê de um simples empurrão, e vê-la negada era de enlouquecer.

Retirando o braço da abertura, Tarzan tirou a faca da bainha e de novo tentou, da parte de fora, mover a barra que prendia a porta. Enfiando a ponta da faca na madeira, a princípio conseguiu levantá-la, mas a faca somente tirou um pedaço de madeira. Depois, tentou mover a barra em plano horizontal, e nisso logrou êxito. Embora pequena fosse a distância movida num esforço, o homem-macaco estava satisfeito, pois bem sabia que a paciência lhe garantiria resultado. Não mais do que um quarto de polegada ele conseguia remover, por vezes a sexta parte de uma polegada, mas Tarzan trabalhava de vagar para retirar a barra. Metódica e cuidadosamente ele persistia, sem precipitação, não se deixando dominar por ansiedade nervosa, embora não soubesse em que momento algum selvagem sacerdote guerreiro de Opar ali viesse dar a sua ronda. Por fim, seus esforços foram recompensados, e a porta girou sobre os seus gonzos.

Alcançando rapidamente a saída, Tarzan atirou a barra atrás de si e, não conhecendo outro caminho para fugir, tomou pelo longo

corredor ao longo do qual os seus captosres o conduziram para a célula. Fracamente discerniu, à distância, que a escuridão diminuía, e para ali se dirigiu em silenciosos passos. Como a luz aumentasse aos poucos, notou que o corredor media mais ou menos dei pés de largura e que a intervalos irregulares havia portas, todas hermèticamente fechadas e seguras por ferrolhos ou barras.

A umas cem jardas da célula em que fora encarcerado, atravessou um corredor transversal. Aqui fez ligeira pausa, para investigar com palpitantes narinas e acurados olhos e ouvidos. Em nenhuma direção pôde ele discernir qualquer luz, mas fracos sons lhe chegaram aos ouvidos indicando que algures havia seres viventes, atrás das portas e ao longo do corredor. Suas narinas foram impressionadas por uma mistura de perfumes — o doce aroma de incenso, o cheiro de corpos humanos e o acre odor de carnívoros. Entretanto, nada ali havia para atrair-lhe posteriores investigações, de sorte que prosseguiu em seu caminho ao longo do corredor, em direção da luz, à sua frente, que rapidamente aumentava.

Caminhara uma pequena distância, quando seus acurados ouvidos apanharam o som de passos que se aproximavam. Esse não era lugar adequado para arriscar-se a ser descoberto. Silenciosamente ele desandou o caminho na direção do corredor transversal, procurando onde esconder-se até que se afastasse o perigo. Mas o perigo estava mais perto do que Tarzan imaginava, e instantes depois meia dúzia de sacerdotes de Opar apareciam no corredor, justamente à frente. Imediatamente os sacerdotes o viram e pararam, investigando através da escuridão.

— Ê o homem-macaco, disse um deles. Conseguiu fugir. E, com seus nodosos cassetetes e perversas facas, avançaram ao seu encontro.

O fato de avançarem vagarosamente evidenciava o respeito em que tinham o prisioneiro, mas avançavam. Tarzan recuou pois além de armado somente com uma faca, não estava em condições de lutar com seis desses selvagens meio-homens, providos de pesados

cassetetes. Enquanto recuava, depressa um plano se formou em sua mente ativa, e quando alcançou o corredor transversal, vagarosamente nele penetrou. Sabendo agora que, uma vez oculto aos sacerdotes, estes inda mais de vagar viriam ao seu encontro, receosos de que ele estivesse abaixo à espera dos tais, Tarzan se voltou e correu velozmente ao longo do corredor. Passou por diversas portas, não porque estivesse procurando alguma delas, mas porque sabia que a maior dificuldade para os seus perseguidores era encontrá-lo e isso lhe aumentava a possibilidade de enganá-los. Por fim, parou defronte a uma, protegida por poderosa barra de madeira. Depressa Tarzan a levantou, abriu-a e por ela penetrou, justamente na ocasião em que o guia dos sacerdotes aparecia à vista, na intersecção do corredor.

No instante em que Tarzan penetrou na escuridão e no tenebroso aposento, verificou logo ter cometido fatal erro. Forte em suas narinas lhe chegava o fardo de Numa, o leão; o silêncio do subterrâneo era quebrado pelo selvagem bramido, e na escuridão do aposento ele viu dois olhos amarelos flamejantes de ódio. Nesse instante, o leão o atacou.

CAPÍTULO 5

Nos muros de Opar

PEDRO ZVERI estabeleceu o seu acampamento à beira da floresta, ao pé do estéril despenhadeiro que guarda o desolado vale de Opar. Deixando, ali, os carregadores e alguns *askaris* como guardas, seguido de seus guerreiros e guiados por Kitembo, começou Zveri a penosa subida ao cimo da colina.

Nenhum deles já havia antes palmilhado esse caminho, nem mesmo Kitembo, embora este conhecesse exatamente a localização de Opar, graças à descrição que conseguira de pessoa que já ali estivera. De sorte que, quando o distante panorama da cidade se lhes descortinou aos olhos, todos eles ficaram um tanto apreensivos e vagas indagações povoaram a primitiva mente dos negros.

Silenciosamente o bando caminhava em meio da poeirenta planície, em direção de Opar. Não só os negros, que faziam parte da expedição, foram assaltados pela dúvida: também os árabes, que em suas tendas escuras nos desertos da Arábia beberam, com o leite materno, o pavor ao jân e ao ghrôl, e ouviram falar, também, da fabulosa cidade de

Nimmr, de que nenhum homem deveria aproximar-se. Com tais pensamentos e pressentimentos estavam cheias as mentes dos homens, enquanto se aproximavam das elevadas ruínas da cidade de Atlantis.

Do cimo de enorme bloco de pedra, que guardava a entrada externa das cavernas com os tesouros de Opar, um macaquinho observava a marcha da expedição através do vale. O macaquinho estava bastante perturbado, pois em seu coração sabia que seu amo deveria ficar a par da vinda de tantos Gomanganis e Tarmanganis com seu paus trovejantes. Mas o medo às proibidas ruínas fê-lo hesitar, de modo que se pôs a dançar no cimo da rocha, tagarelando e resmungando. Os guerreiros de Pedro Zveri passaram pelo Manu e não lhe prestaram atenção. Entretanto, enquanto

marchavam, outros olhos caíram sobre eles, espreitando-os da folhagem das árvores que se erguiam, em fileiras, por entre as ruínas.

Se qualquer membro da expedição notasse o macaquinho fugir precipitadamente à sua direita, ou trepar no muro externo e em ruínas de Opar, sem dúvida isso lhe daria motivo que pensar, pois a sua mente, como a de todos os seus companheiros, estava cheia de interrogações quanto ao que poderia existir dentro daquela sombria edificação.

Kitembo não conhecia a localização das cavernas com os tesouros de Opar. Aquiescera simplesmente em guiar Zveri à cidade, mas, como o próprio Zveri, não via dificuldades em descobrir as cavernas se conseguisse arrancar, de qualquer habitante da cidade, a informação do ponto exato em que se achavam. Contudo, eles ficariam surpresos se soubessem que nenhum opariano conhecia o lugar das cavernas com os tesouros, nem mesmo a existência destes, e que, entre os seres viventes, Tarzan e alguns dos seus guerreiros *waziris* eram os únicos que sabiam onde se achavam tais tesouros e como chegar até eles.

— O lugar não passa de uma deserta ruína, disse Zveri a um dos seus companheiros brancos.

— O aspecto é um lugar horrível, retorquiou um outro, e já impressionou os homens.

Zveri sacudiu os ombros.

— Isto pode apavorá-los à noite, mas não em plena luz do dia. Certamente trata-se daqueles amarelos.

Estavam agora próximos do muro externo em ruínas, soturno e ameaçador. Aí chegados, fizeram alto, enquanto vários homens se puseram à procura de uma passagem. Abu Batn foi o primeiro a achá-la. Era aquela abertura estreita com degraus de pedra, que levavam para cima.

— Aqui está uma passagem, camaradas, disse ele a Zveri.

— Leve alguns homens com você e faça um reconhecimento, ordenou o chefe russo.

Abu Batn reuniu meia dúzia de seus negros, que avançavam com evidente relutância.

Segurando a barra de seu thôb, o xeque penetrou na abertura. No mesmo instante um grito penetrante se elevou do interior da cidade em ruínas — todo um grito demorado, seguido de penoso arfar que findou numa série de gemidos baixos. O bedauwy parou. Os negros gelaram de pavor.

— Sigam! Ordenou Zveri. Um grito não pode matá-los!

— Walluh! Exclamou um dos árabes. Mas jân pode matar-nos.

— Saíam daí, então! Gritou Zveri, enfurecido. Se vocês, seus grandíssimos covardes, estão com medo de seguir, eu mesmo irei.

Não houve resposta. Os árabes puseram-se de lado. Nesse instante, um macaquinho, gritando de terror, apareceu no alto no muro externo da cidade. O seu aparecimento súbito e ruidoso chamou a atenção de todos, que nele concentraram os olhos. Viram-no voltar-se apavorado, olhar para trás e por sobre o ombro e, depois num grito mais forte, dar um pulo no chão. Parecia difícil que pudesse sobreviver àquele pulo, embora só servisse para interromper-lhe a fuga, pois tão logo alcançou o solo, com prodigiosos saltos e cambalhotas, gritando fugiu pela planície.

Era o derradeiro argumento. Os nervos tensos dos supersticiosos negros subitamente relaxaram. E quase que de comum acordo, eles viraram nos pés e fugiram da funesta cidade, enquanto rentes aos seus calcanhares vinham Abu Batn e seus guerreiros do deserto, em veloz e pouco recomendável retirada.

Pedro Zveri e os três companheiros brancos, vendo-se rapidamente desertados, olharam uns aos outros, interrogativamente.

— Os imundos covardes! exclamou Zveri raivosamente. V7á procurá-los Mike, e veja se pode trazê-los de novo. Agora que estamos aqui, vamos entrar nas ruínas.

Miguel Dorsky, bastante contente por ter encontrado um motivo para afastar-se de Opar, partiu correndo no encalço dos fugitivos guerreiros, ao passo que Zveri de novo se dirigiu à abertura no muro externo, seguido de Miguel Romero e Paulo Ivitch.

Os três homens franquearam o muro externo e penetraram no pátio, de onde viram o elevado muro interno erguendo-se à sua frente. Romero foi o primeiro a encontrar a passagem que conduzia propriamente à cidade e, chamando os companheiros, arrojadamente se enfiou pela estreita abertura. Nesse momento, de novo se fez ouvir aquele funesto grito, quebrando o horroroso silêncio do antigo templo.

Os três homens pararam. Zveri enxugou o suor que lhe escorria da testa.

— Parece-me que nos adiantamos muito, sozinhos como estamos, disse ele. Talvez seja melhor voltarmos e reunirmos os homens. É um contra-senso fazermos qualquer coisa temerariamente.

Miguel Romero voltou-lhe um riso de desprezo, mas Ivitch assegurou a Zveri que a sua proposta lhe merecia inteira aprovação.

Os dois homens depressa cruzaram o pátio, de volta, sem que se dessem ao trabalho de ver se o mexicano os seguia ou não, e logo estavam na parte de fora da cidade.

— Onde está Miguel? Perguntou Ivitch. Zveri olhou em seu redor.

— Romero! Exclamou ele com voz alta, mas ninguém lhe respondeu.

— A perda não é grande, resmungou Zveri. Contudo, qualquer que fosse o receio de Ivitch, nada acontecera ao jovem mexicano, o qual, ao depois de notar a precipitada fuga dos companheiros, continuou o seu caminho através da passagem do muro interno, resolvido a pelo menos dar uma olhada no interior da antiga cidade de Opar, pois para ver as fabulosas riquezas que encerrava, motivo de tantos sonhos, durante semanas, é que viera de tão longe.

Diante de seus olhos se descortinou todo o magnífico panorama das majestosas ruínas, e o jovem e impressionável latino-americano ficou mudo. De novo, o pavoroso grito se elevou do interior do grande edifício à sua frente. Romero, se ficou apavorado com o grito, não deu mostras disso. Talvez apertasse um bocadinho mais o seu rifle; talvez soltasse o revólver da sua capa, mas não fugiu. Estava assoberbado pela majestosa grandeza da cena, à sua frente, em que os anos e as ruínas pareciam somente realçar-lhe a primitiva magnificência.

Um movimento no interior do templo chamou-lhe a atenção. Notou uma figura emergir de algures, a figura de um homem nodoso e encurvado, que caminhava sobre pernas de bode. Após este, outro e mais outro, até que toda uma centena de criaturas selvagens vagarosamente vieram em sua direção. Viu, também, os seus pesados cassetetes e facas, e deduziu que essa, sim era ameaça mais efetiva do que um grito sobrenatural.

Com um sacudir de ombros, Romero voltou pela passagem que transpusera.

— Sozinho, não posso combater um exército, murmurou o mexicano.

Vagarosamente ele cruzou o pátio externo, transpôs de novo o primeiro e grande muro e alcançou a planície, fora da cidade. À distância, notou a poeira da fugitiva expedição e, com um sorriso de desprezo, partiu ao seu encalço, caminhando livremente, enquanto soltava baforadas de fumaça de seu cigarro. Do alto de uma rocha, à sua esquerda, um macaquinho viu-o passar, um macaquinho que, ainda trêmulo de pavor, substituíra os aterrorizados gritos por gemidos baixos e lastimosos. Que dia penoso, aquele, para o pequeno Nkima!

De tão rápida a retirada da expedição, que Zveri, com Dorsky e Ivitch não lograram alcançá-la enquanto não chegaram ao ponto em que se erguiam as barreiras formadas por colinas. Ameaças ou promessas de nada valeram para detê-los em sua retirada, que somente findou quando alcançaram o acampamento.

Imediatamente Zveri chamou Abu Batn, Dorsky e Ivitch, e reuniu-os em conselho. Depois do que sucedeu, o primeiro pensamento de Zveri foi para o negócio, que lhe constituía coisa importante, desde que confiara bastante na inexaurível quantidade de ouro que encontrariam nas cavernas de Opar. Começou por lançar a Abu Batn, Kitembo, a seus antecessores e companheiros a pecha de covardes. Mas o que conseguiu foi provocar a raiva e ressentimento dos dois.

— Reunimo-nos a vocês para combater homens brancos, e não demônios e fantasmas, disse-lhe Kitembo. Eu não estou com medo. Estou disposto a entrar na cidade, mas os meus homens não me acompanharão e, sozinho, não posso lutar com o inimigo.

— Nem eu, observou Abu Batn, com ar taciturno e encolerizado, mais sombrio do que sua trigueira fisionomia.

— Bem sei, chasqueou Zveri, que vocês ambos são homens valentes, mas melhores corredores do que guerreiros. Repare em nós. Não tivemos medo. Entramos e saímos, sem que nada nos acontecesse.

— Onde está o camarada Romero? indagou Abu Batn.

— Romero? Talvez esteja perdido, respondeu Zveri. Que querem vocês? Vencer uma batalha sem perder nenhum homem?

— Não houve batalha, retorquiou Kitembo, e o homem que avançou demasiado na maldita cidade, não voltou.

Dorsky ergueu a cabeça repentinamente e exclamou:

— Ei-lo que aí vem!

Todos os olhos se voltaram para o caminho que conduzia a Opar, por onde vinha, num andar ligeiro, o mexicano.

— Salve, meus bravos camaradas! Gritou-lhes Romero. Estou satisfeito por encontrá-los todos vivos. Recreei que pudessem sucumbir com um colapso.

Taciturno silêncio lhe acolheu a chacota, e ninguém disse palavra enquanto ele não aproximasse e tomasse assento perto dos

demais conspiradores.

— Que é que o deteve? Perguntou-lhe pouco depois Zveri.

— Eu quis ver o que estava além do pátio interno, respondeu o mexicano.

— E conseguiu ver? Indagou Abu Batn.

— Vi magníficos edifícios em esplêndida ruína; uma cidade morta e desmoronada de um passado morto.

— O que mais? Perguntou Kitembo.

— Vi uma chusma de estranhos guerreiros, homens de estatura baixa, pesadões e com pernas de bodoque, providos de longos e poderosos braços e de corpo cabeludo. Saíram de um grande edifício, que deve ser um templo. Sozinho, não pude combatê-los, de sorte que deixei a cidade.

— Tinham armas? Perguntou Zveri.

— Cassetetes e facas.

— Escutem, exclamou Zveri. Eles não passam de um bando de selvagens armados com cassetetes. Podemos tomar a cidade sem a perda de um só homem.

— Como se pareciam eles? Indagou Kitembo. Descreva-os para mim.

Romero pôs-se a descrevê-los, cuidando bastante dos detalhes, e quando findou a sua descrição, Kitembo sacudiu a cabeça e disse:

— É como eu esperava. Eles não são homens: são demônios.

— Homens ou demônios, vamos voltar e tomar-lhes a cidade, disse Zveri com raiva. Precisamos apoderar-nos do ouro de Opar.

— Você pode ir, homem branco, replicou Kitembo. Mas irá sozinho. Conheço os meus homens, e digo-lhe que eles não o acompanharão. Leve-nos para combater homens brancos, monos ou negros, e nós o seguiremos. Mas não o acompanharemos contra demônios e fantasmas.

— E você, Abu Batn? Indagou Zveri.

— Conversei com os meus homens quando de volta da cidade, e eles me disseram que não voltarão aqui. Não combaterão o fân e o ghról. Ouviram a voz do Jin mandando-os sair, e estão com medo.

Zveri explodiu e ameaçou-os e lisonjeou-os, mas em pura perda. Nem o xeque árabe, nem o chefe africano mudaram de opinião.

— Ainda há um meio, aventou Romero.

— Que meio? Indagou Zveri.

— Quando o gringo e o filipino chegarem, seremos em seis, e nenhum árabe ou africano entre nós. Nós seis podemos tomar Opar.

Paulo Ivitch fez uma careta e Zveri tossiu, para limpar a garganta.

— Se morrermos, disse o último, todo o nosso plano fracassa? Não restará ninguém para levá-lo a termo.

Romero encolheu os ombros.

— O que eu disse não passa de uma sugestão. Entretanto, se você estiverem com medo...

— Não estou com medo, trovejou Zveri, mas não sou um louco.

Um sorriso de desdém assomou aos lábios de Romero.

— Agora, vou comer alguma coisa, disse ele. E, levantando-se, deixou-os.

* * *

No dia seguinte ao de sua chegada ao acampamento dos conspiradores, Wayne Tjolt escreveu uma longa mensagem cifrada e despachou-a para a costa, por um dos seus rapazes. De sua tenda Zora Drinov notou-o entregar a mensagem ao rapaz. Ela o viu colocá-la na extremidade de uma forquilha e partir para a longa jornada. Pouco depois Colt se reuniu à moça sob a sombra de enorme árvore ao lado de sua tenda.

— Esta manhã, o senhor mandou uma mensagem, camarada Colt, disse-lhe Zora.

O americano olhou-a rapidamente.

— É verdade, respondeu-lhe.

— Talvez o senhor saiba que somente o camarada Zveri pode enviar mensagens da expedição.

— Não sabia, respondeu Colt. Mas tratava-se simplesmente de algum dinheiro que deveria estar à minha espera, quando alcancei a costa. Lá não o encontrei. Mandei que o rapaz fosse buscá-lo.

— Oh, exclamou Zora, e a palestra entre ambos mudou para outro assunto.

Naquela tarde, Colt tomou o seu rifle e saiu à procura de alguma caça. Zora acompanhou-o. À noite, cearam juntos, mas desta vez ela que o convidou. Assim os dias passaram, até que um excitado nativo apareceu, um dia, no acampamento, comunicando que a expedição estava de volta. Não foram necessárias palavras para que, os que ficaram no acampamento, verificassem que a vitória não osculara a bandeira de seu pequeno exército. O fracasso estava claramente escrito no rosto dos chefes. Zveri cumprimentou Zora e Colt, apresentando o último aos seus companheiros, e quando Tony por sua vez foi apresentado, os guerreiros que estavam de volta deitaram-se em suas tarimbas ou no chão, para descansar.

Naquela noite, quando se reuniram à mesa, para ceiar, cada bando narrou as aventuras por que tinham passado desde quando a expedição deixara o acampamento. Colt e Zora ficaram emocionados pelas histórias da misteriosa Opar, mas não menos misteriosa era a narrativa sobre a morte de Raghunath Jafar, seu enterramento e a inacreditável ressurreição.

— Nenhum dos rapazes tocou no corpo depois disso, acrescentou Zora. Tony e o camarada Colt pessoalmente o enterraram.

— Espero que tenham feito um bom negócio dele, disse-lhe Miguel.

— Qual! Não voltou de novo, retorquiu Colt com um sorriso.

— Quem o desenterrou? Perguntou Zveri.

— Certamente que nenhum dos rapazes, respondeu Zora. Todos eles estavam demasiado apavorados pelo medo, todo particular, por que se verificou a morte do hindu.

— Com toda a certeza, foi a mesma criatura que o matou, aventou Colt. E, quem quer ou o que quer que seja, deve possuir quase que sobre-humana força para carregar o pesado cadáver na árvore e de atirá-lo sobre nós.

— O que mais me intriga, observou Zora, é que tudo isso foi feito debaixo de absoluto silêncio. Sou capaz de furar que nem mesmo uma folha se mexia, até que o corpo foi atirado sobre a mesa.

— Deve ter sido obra de um só homem, ponderou Zveri.

— Sem dúvida nenhuma, concordou Colt. E que homem!

Mais tarde quando todos se separaram, dirigindo-se para as várias tendas, Zveri deteve Zora, com um gesto.

— Quero falar-lhe por um minuto, Zora,

A moça de novo se sentou na cadeira que acabava justamente de deixar.

— O que você pensa desse americano? Teve tempo de sobra para examiná-lo.

— Parece-me ser um homem às direitas. E bem apessoado, respondeu a rapariga.

— Acaso ele disse ou fez alguma coisa que pudesse levantar qualquer suspeita?

— Não, Zveri. Nada, absolutamente.

— Vocês dois estiveram a sós durante vários dias, continuou o russo. Tratou-a ele sempre com o devido respeito?

— Certamente foi mais respeitoso do que o seu amigo Raghunath Jafar.

— Não me fale desse cão, Zora. Bem que desejava eu mesmo tê-lo morto.

— Justamente isso é que eu disse que você lhe faria, quando estivesse de volta. Mas alguém o matou em seu lugar.

Durante alguns minutos reinou silêncio entre ambos, era evidente que Zveri estivesse tentando traduzir em palavras algo que lhe preocupava a mente. Por fim, ele lhe falou:

— Colt é um rapaz verdadeiramente bem apessoado. Cuidado, não vá apaixonar-se por ele, Zora.

— E por que não? indagou a moça. Eu dei o meu espírito, a minha força e a minha inteligência à causa, talvez a maior parte do meu coração. Mas nele inda há um cantinho, de que possa dispor à vontade.

— Quer isso dizer que está apaixonada por Colt? Perguntou Zveri.

— Certamente não. Nada disso. Tal idéia não me entrou na cabeça. Mas quero que saiba, Pedro, que em assuntos dessa natureza, você não pode ditar-me o procedimento.

— Escute, Zora. Você sabe perfeitamente que eu a amo, e, o que é mais, vai ser minha esposa. Sempre consigo o que pretendo.

— Não me aborreça, Pedro. Não tenho tempo para cuidar de coisa tola, agora, como o amor. Quando tivermos levado a termo esta empresa, talvez me sobre algum tempo para pensar um bocadinho nisso.

— Quero que agora você pense bastante nisso, Zora, insistiu Zveri. Há alguns detalhes a respeito desta expedição que ainda não lhe contei. Não os divulguei a ninguém, mas vou confiar-lhos, porque eu a amo e vou torná-la minha esposa. Interesses nossos estão mais em jogo do que você pensa. Depois de todos os planos, todos os riscos e todos os trabalho penosos, não tenciono renunciar, em favor de ninguém, todo o poder e toda a fortuna que conseguir.

— Quer dizer que nem mesmo à causa?

— Nem mesmo à causa, mas farei uso de ambas as coisas, poder e fortuna, para a causa.

— Nesse caso, então o que pretende? Não o compreendo, estranhou Zora.

— Pretendo tornar-me imperador da África, e fazê-la minha imperatriz.

— Pedro! Exclamou a moça. Você está louco?

— Sim, estou louco pelo poderio, pela fortuna e por você.

— Jamais conseguirá fazer isso, Pedro. Você bem sabe o quanto podem os tentáculos do poder a que servimos. Se você falhar, se tornar-se um traidor, esses tentáculos o apanharão e o destruirão.

— Quando eu conseguir o meu alvo, o meu poder será tão grande como o deles. Então, poderei desafiá-los.

— Mas com relação aos outros, que lealmente estão servindo a causa, que juízo farão do seu procedimento? Eles o farão em pedaços, Pedro.

Zveri riu-se.

— Você não os conhece, Zora. Todos eles são como os outros. Todos os homens e todas as mulheres são iguais. Se eu me propuser a fazê-los grão-duques e oferecer-lhes um palácio e um harém, são capazes de cortar o pescoço das próprias mães para obter tal recompensa.

A moça levantou-se.

— Estou aterrada, Pedro. Pensei que pelo menos você fosse sincero.

Rapidamente também ele se ergueu e segurou-a pelo braço.

— Escute, Zora, murmurou-lhe Zveri aos ouvidos. Eu a amo, e porque a amo coloquei minha vida em suas mãos. Mas compreenda isto: se atraindo-me, pouco importa que a ame, eu a matarei. Não se esqueça, Zora.

— Você não precisa dizer-me isso, Pedro. Eu estava perfeitamente ciente.

— E não me atraiçoará? Indagou Zveri.

— Nunca atração um amigo, Pedro.

Na manhã seguinte, Zveri estava ocupado em traçar os pormenores de uma segunda expedição a Opar, baseada na idéia de Romero. Ficou decidido que desta feita eles engajariam voluntários. Como os europeus, os dois americanos e o filipino já tivessem mostrado desejos de tomar parte nessa aventura, restava somente conseguirem a adesão de alguns pretos e árabes. Nesse sentido, Zveri reuniu o bando todo em conferência, e explicou-lhe o propósito em vista. Insistiu em que o camarada Romero avistara os habitantes da cidade, e quais não passavam de uma raça de selvagens não desenvolvidos, armados somente de cassetetes. Eloqüentemente explicou-lhes como facilmente poderiam vencê-los com seu rifles.

Praticamente, o bando todo estava ansioso para ir até os muros de Opar. Contudo, somente dez guerreiros aquiesceram em penetrar na cidade com os homens brancos e estes eram os que ficaram no acampamento para guardá-lo e os que acompanharam Colt, da costa. Nenhum dos que já haviam experimentado os terrores de Opar, nem qualquer dos que escutaram os terríveis gritos provindos das ruínas, se propuseram a entrar na cidade. Entre os guerreiros brancos, era crença que não era de todo impossível que os seus dez voluntários subitamente pudessem mudar de intenções quando alcançassem os ameaçadores portais de Opar e ouvissem o terrível e admoestador grito dos seus defensores.

Vários dias foram despendidos em cuidadosos preparativos para a nova expedição, e finalmente o derradeiro detalhe foi satisfeito. Em certo dia, de madrugada, Zveri e seus companheiros mais uma vez partiram rumo a Opar.

Zora Drinov manifestara o desejo de acompanhá-lo, mas como Zveri esperasse mensagens de numerosos agentes espalhados pelo

nordeste africano, foi necessário deixá-la no acampamento. Abu Batn e seus guerreiros também ficaram, para vigiá-lo, e estes, com uns poucos de criados negros, eram todos quantos não haviam acompanhado a expedição.

Desde o malogro da primeira e o fiasco diante das portas de Opar, as relações entre Abu Batn e Zveri ficaram estremecidas. O xeque e seus guerreiros, esmagados pela pecha de covardes, cuidavam mais de si de que anteriormente. Embora não se apresentassem como voluntários para entrar na cidade de Opar, ainda se ressentiam da afronta de sua escolha para ficar atrás, como guardas do acampamento. E assim foi que, após a partida dos outros, os árabes se sentaram à porta de suas tendas, murmurando sobre seu café forte, com a carrancuda fisionomia meio oculta pelos *thorribs*.

Eles não se dignaram nem mesmo seguir, com o olhar, a partida dos camaradas, mas o xeque Abu Batn, sentado e imerso em profunda meditação, não desviava os olhos de Zora Drinov.

CAPÍTULO 6

Atraído

O CORAÇÃO do pequeno Nkima estava em pedaços de tão contraditórias emoções, porquanto do vantajoso ponto em que se achava, no cume de rochoso outeiro, ele observou a partida de Miguel Romero da cidade da Opar. Vendo esses bravos Tarmangani, armados de paus que trovejavam e produziam a morte, afastarem-se das ruínas, o macaquinho estava convicto de que algo de terrível devia ter acontecido a seu amo, no interior daqueles medonhos e arruinados pilares. Seu leal coração impeliu-o a voltar e investigar, mas Nkima não passava de um pequeno Manu, de um simples macaquinho que sentia muito, muito medo. Por isso, a despeito de pela terceira vez partir em direção a Opar, não logrou a necessária coragem para alcançar o ponto desejado. Por fim, choramingando lastimosamente, tornou às planícies e dirigiu-se à terrível floresta, onde pelo menos os perigos lhe eram todos familiares.

A porta do sombrio aposento em que Tarzan entrara, fechava-se por dentro, e suas mãos ainda a encostavam porque o ameaçador rugido do leão o avisava de iminente perigo. Ágil e rápido é Numa, o leão, mas ainda com maior celeridade funcionavam a mente e os músculos de Tarzan dos Macacos. No instante em que o leão se atirou contra ele, um quadro de toda a cena se desenhava ao espírito do homem-macaco. Ele viu os nodosos sacerdotes de Opar avançando ao longo do corredor e em sua perseguição. Viu a pesada porta que se fechava por dentro. E viu o ataque do leão. Reunindo todos esses vários fatores, criou uma situação muitíssimo mais favorável do que normalmente se lhe apresentava. Empurrando rapidamente a porta para dentro, pôs-se atrás dela no instante em que o leão dava o salto, e disso resultou que a fera, quer guiada pelos seus instintos carnívoros, quer pela oportunidade de escapar, alcançou o corredor e caiu de cheio sobre os sacerdotes de Opar. Nesse momento, Tarzan fechou a porta atrás de si.

O que sucedia no corredor não lhe era dado presenciar, mas dos gemidos e gritos que chegavam aos ouvidos, facilmente lhe foi dado imaginar o quadro que se passava, o qual lhe trouxe um tranqüilo sorriso aos lábios. Segundos depois, penetrante grito de agonia e terror anunciava o destino do derradeiro fugitivo opariano.

Verificando nada poder conseguir permanecendo onde se achava, Tarzan decidiu-se a deixar a célula e procurar uma saída naqueles labirintos subterrâneos de Opar. Sabia que o leão, sobre sua presa, sem dúvida lhe barraria a passagem através do caminho que ele seguira, quando sua fuga foi obstaculada pelos sacerdotes e então, num último recurso, poderia fazer face a Numa. Agora, não estava disposto a tentar desnecessário risco. Entretanto, quando cuidou de abrir a pesada porta, notou que não podia movê-la. Num instante, verificou o que lhe havia acontecido, e que de novo estava prisioneiro no subterrâneo de Opar.

A barra que segurava esta singular porta, não era daquelas que escorregam, mas trabalhadas sobre uma chaveta na extremidade interna, encaixada em fortíssima trave inteiramente de ferro, encavilhada na própria porta e em seus batentes. No instante em que ele entrou, levantou-se a barra, a qual voltou ao seu encaixe mercê do próprio peso quando a porta bateu, aprisionando-o tão naturalmente como se o trabalho porta fosse feito pela mão do homem.

A escuridão do corredor era menos intensa do que a da passagem, onde se localizava a sua primitiva célula. Assim, muito embora não penetrasse luz bastante na célula, para iluminar-lhe o interior, havia a necessária para mostrar-lhe a espécie de abertura que existia na porta, destinada à ventilação, a qual consistia em certa quantidade de pequenos buracos redondos, nenhum dos quais com diâmetro suficiente para permitir-lhe passar a mão através e tentar levantar a barra.

Como Tarzan permanecesse momentaneamente a contemplar a sua nova prisão, o ruído de rápidos movimentos lhe chegou aos ouvidos, originado dos escuros recessos da parte traseira da célula.

Rapidamente ele se voltou, armado de sua faca, retirada da bainha. Não cuidou de saber quem poderia ser o autor daquele ruído, pois imaginou que somente um outro leão, companheiro do que ali se achava, poderia ser a criatura vivente que ocupava esta célula. O motivo desse leão não ter se reunido ao outro, para ambos o atacarem, Tarzan ignorava-o, mas que eventualmente este o poderia apanhar, era coisa evidente. Talvez já agora estivesse preparando o ataque. O seu maior desejo era que os seus olhos pudessem penetrar a escuridão, porque se pudesse ver o leão no instante em que o assaltasse, melhor preparado estaria para enfrentá-lo. Outrora, suportara o assalto de outros leões, mas sempre pudera seguir-lhes o rápido pulo e evitar as poderosas garras erguidas e apoiadas nas patas traseiras, prontas para o fatal abraço. Agora era diferente, e pela primeira vez em sua vida, Tarzan dos Macacos sentiu que inevitavelmente lhe era a morte. Chegara o seu último momento.

Não sentia medo. Simplesmente sabia que não desejava morrer e o preço por que venderia a sua vida era o da morte do antagonista. Em silêncio, esperou. De novo escutou aquele ruído fraco e detestável. O asqueroso ambiente rescendia o cheiro ativo e desagradável dos carnívoros. De algures, no distante corredor, ele ouviu o rugir do leão sobre sua presa. Foi quando uma voz quebrou o silêncio.

— Quem está aí? Perguntou a voz.

A voz era de mulher, e vinha do fundo da célula, onde estava prisioneiro o homem-macaco.

— Onde está a senhora? Indagou Tarzan.

— Estou aqui, no fundo da célula, respondeu a mulher.

— E o leão, onde está?

— Saiu, quando o senhor abriu a porta.

— Sim, bem sei, retorquiu Tarzan. E o outro? Onde está o outro leão?

— Não há outro leão. Só havia um leão aqui, e esse fugiu. Ah, agora eu o conheço! Exclamou a mulher. Reconheci sua voz. Você é Tarzan dos Macacos.

— La! Exclamou o homem-macaco, adiantando-se rapidamente pela célula. Como pôde você aqui ficar com o leão e ainda estar viva?

— Eu estava na célula pegada, separada desta por uma porta feita de barras de ferro.

Tarzan ouviu o ruído de gonzos de metal.

— Não está fechada, continuou a mulher. Aliás, não é necessário nenhum fecho, pois que se abre para outra célula, onde se achava o leão.

Apalpando através da escuridão, os dois adiantaram-se até que as mãos de um tocaram nas do outro. La apertou fortemente as do homem. Ela estava trêmula.

— Tenho estado com medo, Tarzan, mas agora não mais o sinto.

— Não posso fazer muito por você, La. Também me acho prisioneiro.

— Bem sei, replicou La, mas sempre me sinto em segurança quando estou a seu lado.

— Diga-me o que aconteceu, suplicou Tarzan. Como é que Oah está no trono, como grã-sacerdotisa, e você se acha prisioneira em seus próprios cárceres?

— Perdoei a Oah pela sua anterior traição, quando ela conspirou com Cadj para destituir-me do poder. Contudo, Oah não podia viver sem intrigas e cumplicidade. Para satisfazer suas ambições, apaixonou-se por Dooth, que se tornara grão-sacerdote desde quando Jad-bal-ja matara Cadj. Os dois inventaram histórias a meu respeito e espalharam-na pela cidade. E, como o meu povo jamais me perdoou por causa da minha amizade por você, conseguiram eles ganho de causa. E fui destronada e encarcerada. Todas essas idéias partiram de Oah, pois Dooth e outros sacerdotes, como você

bem sabe, são uns estúpidos animais. Foi idéia de Oah aprisionar-me deste jeito, tendo um leão por companhia, simplesmente para fazer-me sofrer inda mais, até que chegasse a ocasião em que convencesse a todos os sacerdotes que deveriam oferecer-me em sacrifício ao Flamejante Deus. Nesse ponto ela encontrou alguma dificuldade, segundo me disseram os que me têm trazido alimentação.

— Como podem trazer-lhe comida aqui? indagou Tarzan. Ninguém poderia passar pela célula da frente, enquanto o leão ali estava.

— Há uma outra passagem na célula do leão, que conduz a um corredor baixo e estreito, dentro do qual eles podem descer a alimentação, que vem de cima. Assim, atraíam o leão desta célula da frente, depois do que abaixavam uma grade de ferro através do pequeno corredor em que então o animal ficava fechado. Enquanto ele estava prisioneiro, traziam a minha comida. Entretanto, o animal não era convenientemente alimentado. Sempre estava com fome e muitas vezes rugia e levantava as garras de encontro às barras da minha célula. Talvez Oah esperasse que algum dia o leão pudesse apanhar-me.

— Para onde conduz este outro corredor, onde o leão era alimentado? perguntou Tarzan.

— Não sei, respondeu La. Mas imagino que não passa de um túnel sem saída, construído em outras eras, com esse único propósito.

— Precisamos dar uma olhada nisso. Quem sabe se aí não encontraremos um meio de fuga!

— Não podemos escapar pelo corredor, por onde você veio? indagou La.

Depois que o homem-macaco explicou porque era impossível a saída por ali, ela apontou para a entrada do pequeno túnel.

— Precisamos sair daqui o mais depressa possível, se é que isso é possível, disse Tarzan, pois se conseguirem recapturar o leão,

certamente virão fechá-lo aqui de novo.

— Certamente que o leão será recapturado, adiantou La. Isso é coisa fora de dúvida.

— Nesse caso, urge o tempo e vou examinar o túnel, mesmo porque ficaremos em situação embaraçosa se eles voltarem à célula e eu ainda me achar no túnel, caso aí não encontre saída.

— Ficarei de atalaia na porta que dá para o corredor, enquanto você investiga, ajuntou La. Vá depressa.

Apalpando o seu caminho na direção da parede indicada, por La, Tarzan encontrou um pesado portão de ferro trancando uma passagem que dava para um corredor estreito e baixo. Levantando a barra, Tarzan entrou e com as mãos estendidas à frente, com o corpo abaixado foi avançando, desde que a passagem não mais lhe permitiu caminhar de pé. Adiantara-se bem pouco quando descobriu que o corredor abruptamente fazia um ângulo à esquerda, e além da volta ele viu, a uma curta distância, fraquíssima luz. Movendo-se rapidamente para a frente, chegou ao fim do corredor, onde havia uma abertura vertical, cujo interior era iluminado pela luz do dia. Esse poço era construído de lâminas brutas de granito, também usadas nas paredes — alicerces da cidade, mas aqui foram colocadas sem nenhuma estética ou precisão, de sorte que ofereciam no interior do poço uma rude e desigual superfície.

Enquanto Tarzan o examinava, aos seus ouvidos chegou a voz de La, que vinha da célula em que a deixara. O tom de sua voz era de excitação, e o que dizia pressagiava situação delicada, extreme de perigo para ambos.

— Depressa, Tarzan. Eles estão de volta, com o leão. O homem-macaco rapidamente alcançou a boca do túnel.

— Por aqui, depressa! gritou por sua vez a La, enquanto erguia o portão que se fechava sobre ele, depois que o transpusera.

— Entrar aí? perguntou ela, em voz aflita.

— É a nossa única possibilidade de fuga, respondeu o homem-macaco.

Sem dizer mais palavra, La entrou no corredor, ao lado dele. Tarzan abaixou a grade e, seguido de La, rentinha aos seus calcanhares, voltou para a passagem que dava para o poço. Sem dizer nada, ergueu La em seus braços e levantou-a o mais que pôde. Não era preciso que ele lhe dissesse o que pretendia fazer. Com pequena dificuldade La encontrou onde apoiar-se com as mãos e pés, na rude superfície do interior do poço, e com Tarzan debaixo dela, auxiliando-a e apoiando-a, vagarosamente La conseguiu descer.

O poço dava diretamente para um aposento da torre, que dominava toda a cidade de Opar. Ali chegados, ocultos pelas paredes em ruínas, os dois pararam um bocadinho para esboçar os seus planos.

Ambos sabiam que o seu maior perigo estava em serem descobertos por um dos numerosos macacos que infestavam as ruínas de Opar, com os quais os habitantes da cidade podiam conversar. Tarzan estava ansioso para afastar-se de Opar, a fim de poder contrariar os planos dos homens brancos que lhe invadiram os domínios. Entretanto, primeiro desejava promover a queda dos inimigos de La e restituí-la ao trono de Opar ou, se isso não fosse possível, assegurar-lhe a liberdade de fuga.

Como agora ele a contemplasse à luz do dia, de novo ficou perplexo ante a incomparável e imortal beleza, que nem o tempo, os cuidados ou os perigos pareciam capazes de diminuir. Deu tratos à imaginação para ver o que lhe cumpria fazer de La. Para onde deveria levá-la? Onde esta selvagem sacerdotisa do Flamejante' Ouro lograria encontrar um lugar no mundo, fora dos muros de Opar, em cujas adjacências pudesse harmonizar-se? Enquanto assim ponderava, foi forçado a admitir que tal lugar não existia, La era de Opar, uma rainha selvagem nascida para governar semi-homens selvagens. Era como se apresentasse um tigre fêmeo nos salões da civilização. Há dois ou três mil anos atrás, ela podia ter sido uma Cleópatra ou uma Sheba, mas hoje não podia ser senão La de Opar.

Por algum tempo ambos se sentaram em silêncio, e os lindos olhos da grã-sacerdotisa estavam fixos no perfil do deus da floresta.

— Tarzan! exclamou ela. O homem ergueu os olhos.

— Que é, La?

— Eu ainda o amo, Tarzan, foi a resposta, baixinha. Perturbada expressão surgiu nos olhos do homem-macaco.

— Não falemos nisso.

— Eu gosto de falar nessas coisas, murmurou La. Sinto tristeza, mas é uma tristeza doce, a única doçura que até hoje experimento em minha vida.

Tarzan estendeu a bronzeada mão e procurou-lhe os dedinhos finos e compridos.

— Sempre você possuiu o meu coração, La, até o ponto exato do amor. Se minha afeição não vai além daí, a culpa não é minha nem sua.

La riu-se.

— Certamente que a culpa não é minha, Tarzan, mas bem sei que tais coisas não são ordenadas por nós mesmos. O amor é uma dádiva dos deuses. Por vezes, é concedido como uma recompensa; outras como um castigo. Para mim, talvez sempre tenha sido um castigo, embora eu não o mereça. Alimentei-o em meu coração desde que pela primeira vez o vi; e sem esse amor, mau grado seja sem esperança, não posso viver.

Tarzan não respondeu e os dois recaíram de novo em silêncio, à espera da noite tombar, a fim de que pudessem descer à cidade sem que fossem vistos. O espírito sempre alerta de Tarzan estava preocupado com planos para reinstalar La no trono, e presentemente os dois discutiam essa possibilidade.

— Precisamente antes que o Flamejante Deus se ponha, no seu descanso, à noite, disse La, os sacerdotes e sacerdotisas todos se reúnem na sala do trono. Ali deverão estar esta noite, diante do

trono em que Oah se achará sentada. Então, fácil nos será descermos à cidade.

— E depois? indagou Tarzan.

— Se pudermos matar Oah na sala do trono e Dooth, ao mesmo tempo, eles não mais terão chefes. E sem chefes, estarão todos perdidos.

— Eu não posso matar uma mulher, disse Tarzan.

— Eu posso, replicou La, e você se encarregará de Dooth. Certamente você não porá objeção em matá-lo, não é verdade?

— Se ele atacar-me, eu o matarei, respondeu Tarzan. Caso contrário, não. Tarzan dos Macacos somente mata em legítima defesa e para alimentar-se ou quando não lhe aparece outro meio de afastar o inimigo.

No soalho do antigo aposento em que eles se achavam à espera, havia duas aberturas: uma era a boca do poço através do qual ambos desceram dos subterrâneos, a outra se abria em idêntico poço, mas muito mais largo, no fundo do qual estava assente uma longa escada de madeira, apoiada em alvenaria. Este poço é que lhes oferecia um meio de fuga da torre, e como Tarzan se sentasse com os olhos distraidamente pousados na abertura, desagradável pensamento repentinamente lhe acudiu ao espírito.

Ele se voltou para La.

— Esquecemo-nos de que, quem quer que atire a carne ao leão, pelo poço, deve subir por este outro. Não estamos tão seguros de aqui permanecermos, como esperávamos.

— Não alimentavam o leão muitas vezes, respondeu La. Não era todos os dias.

— Quando lhe trouxeram comida a última vez? Perguntou Tarzan.

— Não me lembro. O tempo se arrasta tão pesadamente na escuridão da célula, que perdi a conta dos dias.

— Psiu! Fez Tarzan. Alguém está subindo.

Silenciosamente o homem-macaco se levantou e aproximou-se da abertura, onde se pôs de cócoras, no lado oposto da escada. La moveu-se rapidamente para o seu lado, de modo que o homem que subia, de costas voltadas para eles, ao emergir do poço não poderia vê-los. Vagarosamente o homem subia. Eles podiam escutar a sua irregular ascensão, aproximando-se cada vez mais do topo. Não trepava, como os sacerdotes-macacos de Opar costumavam trepar. Tarzan pensou que talvez ele trouxesse alguma carga, cujo peso ou tamanho lhe retardasse a subida. Mas quando por fim lhe apareceu a cabeça, o homem-macaco notou que se tratava de um velho, donde a falta de agilidade. Nesse instante, poderosos dedos apertaram a garganta do opariano que de nada suspeitava, e ele foi arrancado da abertura do poço.

— Silêncio! ordenou-lhe o homem-macaco. Faça o que lhe digo e nada lhe sucederá.

La havia arrancado a faca do cinturão da vítima. Depois, Tarzan obrigou-o a ficar de pé no soalho do aposento e relaxando o aperto na garganta do homem, fê-lo voltar-se e ficar face a face deles.

Expressão de incredulidade e surpresa surgiu no rosto do velho sacerdote, quando seus olhos caíram sobre La.

— Graças sejam dadas ao Flamejante Deus, que ordenou a sua fuga! disse o velho, numa exclamação.

La voltou-se para Tarzan.

— Você não precisa ter receio de Darus. Ele não nos atraçoará. De todos os sacerdotes de Opar, nunca houve mais leal à sua rainha.

— É verdade, concordou o velho, sacudindo a cabeça.

— Há ainda muitos leais à grã-sacerdotisa La? Perguntou Tarzan.

— Sim, muitos, respondeu Darus. Mas eles têm medo. Oah é um demônio e Dooth um louco. Entre os dois, não há segurança ou felicidade em Opar.

— Quantos deles a quem você absolutamente conhece nessas condições? Indagou La.

— Oh, muitos, respondeu Darus.

— Reúna-os na sala do trono, esta noite, Darus. E quando o Flamejante Deus for deitar-se, esteja pronto para atacar todos os inimigos de La, a sua grã-sacerdotisa.

— A senhora estará presente? Perguntou Darus.

— Estarei presente, respondeu La. Esta, a sua adaga, será o sinal. Quando você vir La de Opar mergulhá-la no peito de Oah, a usurpadora grã-sacerdotisa, ataque todos aqueles que são inimigos de La.

— Tudo será feito, como a senhora ordena, afirmou Darus. Agora, preciso atirar esta carne para o leão e ir-me embora.

Vagarosamente o velho sacerdote desceu a escada, cambaleando e resmungando, depois de ter atirado alguns ossos e pedaços de carne dentro do outro poço, para o leão.

— Você está bem certa de que pode confiar nele, La? indagou Tarzan.

— Absolutamente. Darus morreria por mim, e sei que ele odeia Oah e Dooth.

As vagarosas e derradeiras horas da tarde se arrastavam, o sol estava baixo no este, e agora os dois deviam tentar o grande perigo, o de descer na cidade enquanto ainda havia luz, e dirigir os seus passos para a sala do trono, muito embora o risco estivesse grandemente diminuído pelo fato de que os habitantes da cidade por certo estariam reunidos na sala do trono, cumprindo o velho rito com o qual eles apressavam o Flamejante Deus para a sua noite de descanso. Sem se deterem, ambos desceram à base da torre, atravessaram o pátio e entraram no templo. Através de desvios e de outras passagens largas, La tomou por um caminho que dava a uma pequena porta que se abria na sala do trono, atrás do estrado em que ele se erguia. Aqui ela parou, escutando as cerimônias que se realizavam dentro do grande aposento, à espera do instante em

que todos, ali dentro, exceto a grã-sacerdotisa, prostrariam o rosto de encontro ao soalho.

Quando chegou esse momento, La abriu silenciosamente a porta e se apressou em trepar no estrado, pondo-se atrás do trono em que deveria sentar-se a sua vítima. Rente de La vinha Tarzan. Logo ao primeiro golpe de vista, ambos notaram que foram traídos, pois o estrado estava cheio de sacerdotes prontos para prendê-los.

Um já havia seguro La por um braço, mas antes que ele pudesse arrastá-la, Tarzan saltou sobre o bruto, segurou-o pelo pescoço e atirou-lhe a cabeça para trás, com tanta força, que o ruído de vértebras quebradas pôde ser escutado em todo o aposento. Depois, erguendo o corpo acima de sua cabeça, o homem-macaco atirou-o contra os sacerdotes que vinham atacá-los. Como estes entreparassem, tomou La em seus braços e voou com ela pelos corredores, por onde vieram ter à sala do trono.

De nada lhe adiantava ficar e lutar. Bem sabia que, embora pudesse enfrentá-los por algum tempo, era possível que fosse subjugado, e uma vez que deitassem as mãos sobre La, seriam capazes de arrancar-lhe membro por membro do corpo.

Corredor abaixo, atrás deles, vinha a ululante horda de sacerdotes, e incitando-o, reclamando o sangue de sua vítima, Oah.

— Tome pelos muros externos, pelo caminho mais curto, La, ordenou Tarzan, e a moça voou sobre seus pés, conduzindo-o através daqueles labirintos das ruínas, até que de repente chegaram à câmara dos seis pilares de ouro, onde Tarzan conhecia o caminho.

Não mais necessitando de guia, notando que os sacerdotes cada vez mais se aproximavam e certo de que era mais ligeiro que La, Tarzan tomou-a entre os braços e voou pelas ecoantes câmaras do templo, na direção do muro externo. Através dessas câmaras e do muro externo por onde eles passaram, vinham os sacerdotes em sua perseguição, instigados pelos gritos de Oah. Pouco depois, os fugitivos já corriam pelo deserto vale. Agora, os sacerdotes estavam perdendo caminho, pois suas curtas pernas de bodoque

não podiam competir, em velocidade, com as passadas largas e avantajadas pernas de Tarzan, muito embora, tivesse em seus braços a carga de La.

A súbita escuridão das proximidades dos trópicos, que se segue ao deitar do sol, logo escondeu os perseguidores de suas vistas. Pouco tempo depois, cessaram os sons de passos, e Tarzan verificou ter sido abandonada a perseguição, pois os homens de Opar não morriam de amores pela escuridão do mundo exterior.

Então, o homem-macaco parou e desceu La no chão. Nesse instante, ele sentiu que doces braços lhe envolviam o pescoço e que aquele rostinho aveludado estava apoiado em seu peito e chorava.

— Não chore, La. disse-lhe Tarzan. Voltaremos a Opar, e você de novo se sentará no seu trono.

— Não estou chorando por causa disso, retorquiui ela.

— Por que, então, está chorando?

— Estou chorando de alegria. Sim, de alegria, porque talvez por muito tempo vou ficar sozinha com você.

De compaixão, Tarzan apertou-a de encontro ao peito, por um momento, e então eles se encaminharam mais uma vez rumo às desertas colinas.

Naquela noite dormiram numa grande árvore, na floresta, ao pé da colina, depois que Tarzan construiu um grosseiro leito para La, entre dois galhos, enquanto ele se sentava numa saliência da árvore, alguns pés abaixo de La.

Raiava a aurora, quando Tarzan acordou. O céu estava nublado, e predizia próxima tempestade. Nenhum alimento lhe passara pela boca há muitas horas e ele sabia que La não se havia alimentado desde a manhã do dia anterior. Comida, portanto, era a coisa mais essencial que lhe cumpria encontrar e trazer para La, antes que desabasse a tormenta. Desde que pela comida é que suspirava, verificou que deveria fazer fogo e assá-la, antes que La a comesse, embora ele a preferisse crua. Olhou para tarimba de La, e notou-a

ainda dormindo. Ciente de que devia estar exausta pelo que havia passado durante o dia todo anterior, deixou-a que dormisse. E balançando-se numa árvore perto, afastou-se à procura de alimento.

À medida que caminhava no seu espaço aéreo, todas as faculdades de seus delicados e agudos sentidos se tornavam alerta. Como o leão, Tarzan particularmente apreciava a carne de Pacco, a zebra, mas quer Bara, o antílope, ou Horta, o javali, lhe ofereciam aceitável substituto. Mas a floresta parecia deserta de representantes da espécie que ele procurava. Somente o feroz cheiro das grandes feras lhe feria as narinas, misturado com o menor e mais humano cheiro de Manu, o macaco. O tempo significa pouco para um animal caçador. Significava pouco para Tarzan, que, tendo saído em busca de carne, somente voltaria quando a tivesse encontrado.

Quando La despertou, custou-lhe um pouco identificar o lugar onde se achava. Depois, tranqüilo sorriso de felicidade e contentamento lhe descerrou os amoráveis lábios, revelando uma quantidade de dentes perfeitos. Ela suspirou e murmurou o nome do homem a quem amava. "Tarzan!" chamou a sacerdotisa.

Não houve resposta. De novo lhe pronunciou o nome, desta vez em voz alta, e novamente teve por resposta o silêncio. Levemente perturbada, La soergueu-se sobre um cotovelo e inclinou-se sobre o seu aéreo leito. A árvore debaixo estava vazia.

La pensou, e com exatidão, que talvez Tarzan partisse em busca de caça. Mesmo assim, sentia-se perturbada pela sua ausência, e à medida que esperava, mais perturbada ficava. Sabia que ele não a amava e que ela lhe seria uma carga. Sabia, também, que ele tinha muito de animal feroz, como os leões da floresta, e que o mesmo desejo de liberdade, que animava a estes também o animaria. Talvez não pudesse resistir à tentação e, enquanto ela dormia, deixou-a.

Em questões de ética, La de Opar não era muito treinada, para justificar a conduta de Tarzan, pois a vida de seu povo era todo um implacável egoísmo e crueldade. Os oparianos alimentavam pouco

daquela fina sensibilidade do homem civilizado, ou da grande nobreza de caráter que assinalava tantos animais ferozes. O amor que votava a Tarzan era o único ponto delicado na selvagem vida de La, e verificando que pouco se lhe dava de abandonar uma criatura a quem ela não amasse, La estava longe de censurar Tarzan por ter feito o mesmo que em seu lugar ela faria, nem à sua mente lhe acudiu qualquer maldade com a sua concepção da nobreza de caráter do companheiro.

Ao descer, ao solo, La procurou formular algum plano de ação para o futuro, e nesse instante de sua solidude e depressão não encontrou outro remédio senão voltar para Opar. De modo que para o lado da cidade de seu nascimento é que se pôs a andar. Não demorou, no entanto, que verificasse o perigo e a futilidade deste plano, o qual poderia levá-la à morte certa enquanto Oah e Dooth reinassem em Opar. Cruzaram-lhe a mente pensamentos amargos a respeito de Darus, a quem ela acreditava tê-la traído. E aceitando sua traição como um índice do que poderia esperar dos outros, a quem acreditava serem seus amigos, concluiu pela profunda desesperança de recuperar o trono de Opar sem auxílio de fora. La não tivera vida feliz, para que pudesse olhar para a frente. Mas o desejo de viver ainda era ardente em sua natureza, conseqüência, talvez, de um espírito corajoso e não de qualquer receio da morte, a qual, para ela, não passava de outra denominação da derrota.

La parou na trilha que alcançara, distanciada um pouco da árvore em que passara a noite. E ali, sem quase nada que pudesse guiá-la, pensou em determinar qual a direção que lhe descortinaria novo caminho para o futuro, pois para onde quer que se dirigisse, exceto para Opar, seria um novo caminho, conduzindo entre povos e experiências tão estranhos para ela, como se subitamente penetrasse em outro planeta, ou no há muito perdido continente dos seus progenitores.

Ocorreu-lhe que talvez houvesse outro povo neste estranho mundo, tão generoso e cavalheiresco como Tarzan. Pelo menos, por esse lado havia esperança. Em Opar não havia nenhuma, de sorte que ela se afastou de Opar. Em cima, negras nuvens rolavam e

turbilhonavam, como se o temporal-rei guiasse suas forças, e atrás de La uma trigueira fera, de olhos brilhantes, furtivamente caminhava através dos ramos de arbustos, ao lado do caminho que a grã-sacerdotisa seguia.

CAPÍTULO 7

Inútil procura

TARZAN dos Macacos, bastante distanciado em procura de alimentação, por fim sentiu o bem-vindo faro de Horta, o javali. O homem parou e, com profunda e silenciosa respiração, encheu os pulmões de ar até que seu bronzeado peito estufasse no máximo. Antegozava, já, os frutos da vitória. Sangue ardente precipitava-lhe pelas veias, de passo que cada fibra de seu ser reagia ante a satisfação do momento — o incomparável deleite das feras caçadoras que farejam a sua presa. Então, veloz e silencioso apressou-se em direção da caça.

Não demorou que a alcançasse. Tratava-se de um jovem javali, poderoso e ágil, com suas perversas presas rebrilhando enquanto arrancava cascas de uma árvore nova. O homem-macaco achava-se bem em cima do animal, oculto pela folhagem de uma grande árvore.

Um vivido clarão de relâmpago fendeu as negras nuvens, em cima. Seguiu-se o explodir e estrondejar do trovão. Desabava a tempestade, no mesmo instante em que o homem se atirava sobre o dorso do javali, que de nada suspeitava, numa das mãos a faca de mato do pai, há muito morto.

O peso do corpo do homem deitou o javali por terra, e antes que este pudesse lutar e pôr-se de pé, a afiada lâmina lhe seccionava a jugular. Com o sangue borboteante da ferida, o animal tentou levantar-se e lutar. Entretanto, os músculos de aço do homem-macaco subjugaram-no e segundos depois, num derradeiro e convulsivo tremor, Horta morria.

Levantando-se, Tarzan colocou um pé sobre a carcaça da presa, e erguendo o rosto para os céus, lançou o grito de vitória dos grandes macacos.

Fracamente aos ouvidos dos homens, que caminhavam, chegou o terrível grito. Os pretos logo pararam, com os olhos esbugalhados.

— Que diabo será isso? Perguntou Zveri.

— Parece-me o grito da pantera, aventou Colt.

— Não é o grito de pantera, afirmou Kitembo, e sim o grito do grande macho quando mata a sua caça, ou...

— Ou o que? Indagou Zveri.

Kitembo olhou, apavorado, na direção de onde provinha o grito.

— Saíamos daqui, disse ele.

De novo clareou o relâmpago e o trovão ribombou. Como torrencial chuva caísse sobre eles, o bando apressou o passo rumo às arenosas colinas de Opar.



...receosos de arriscar-se ao devastador fôgo da terrível arma na mão do único antagonista, os oparianos hesitaram.

Tiritando de frio e molhada, La de Opar abaixou-se numa grande árvore, que somente em parte lhe protegia o corpo, quase nu, da fúria da tempestade. Em um denso arbusto, a dez jardas de distância, estava um trigueiro carnívoro, com os olhos fixos na sacerdotisa.

A tempestade, titânica em sua breve fúria, cessou, deixando nos profundos sulcos das trilhas um filete de água enlameada. La, muito

embora tiritante, encaminhou-se para a frente, num esforço para conseguir novo calor ao enregelado corpo.

Sabia que os caminhos conduziam algures, e intimamente esperava que este a levasse à terra de Tarzan. Se ali pudesse viver, vendo-o de quando em quando, sentir-se-ia contente.

Melhor do que nada era sabê-lo perto. Por certo que a sacerdotisa de Opar não tinha a menor idéia do mundo em que pisava. O simples conhecimento da extensão da floresta que a envolvia, bastava para aterrâ-la. Em sua mente, figurava-se-lhe um pequeno mundo, povoado dos remanescentes habitantes de cidades arruinadas, como Opar, onde viviam criaturas como as que conhecera: homens nodosos e com os dentes à mostra, como os sacerdotes de Opar; homens brancos como Tarzan; homens pretos como os que vira; e enormes e peludos gorilas, como Bolgani, que haviam dominado no Vale do Palácio de Diamantes.

Com tais pensamentos a povoar-lhe a mente, por fim ela chegou a um lugar aberto, batido de não interceptados raios do aquecedor sol. Nas proximidades do centro desse lugar havia um pequeno bloco de pedra, e para ali ela dirigiu os seus passos, com a intenção de aquecer-se ao calor dos raios do sol, pois as gotejantes folhagens da floresta haviam-na conservado molhada e fria, mesmo depois que cessara a chuva.

No instante em que se sentava, La notou um movimento à beira do lugar aberto à sua frente. Segundos depois, um grande leopardo saltou à vista. A fera entreparou, ao dar com uma mulher, evidentemente tão surpresa quanto ela. Depois, aparentemente verificando a indefensibilidade de sua inesperada presa, o leopardo abaixou-se e com a cauda sacudindo, vagarosamente se pôs de rastos para a frente.

La ergueu-se e sacou do cinturão a faca que havia tomado de Darus. Bem sabia ser-lhe inútil qualquer tentativa de fuga. Em poucos saltos, a grande fera poderia alcançá-la, e mesmo que houvesse uma árvore em que trepasse antes de ser alcançada, não seria essa uma proteção contra leopardos. Inútil, também,

defender-se, mas render-se sem lutar era coisa que não estava na fibra de La de Opar.

Os discos de metal, cuidadosamente trabalhados pelas mãos de um ferreiro, de há muito morto, da antiga Opar, levantavam-se e abaixavam-se sobre seus firmes peitos, enquanto o coração lhe pulsava, talvez um bocadinho mais rápido, sob eles. O leopardo aproximava-se. La sabia que num instante ele a atacaria. Então, num repentino salto, a fera se pôs de pé, com o dorso arqueado, os dentes rilhando terrivelmente.

Ao mesmo tempo, o rugido de uma outra fera trigueira e listada atroou atrás de La, e um grande leão saltou sobre ela, ao encontro do leopardo.

No último instante, mas demasiado tarde, o leopardo voltou-se para fugir. Mas o leão segurou-o por trás do pescoço, e com suas mandíbulas e enorme garra torceu-lhe a cabeça para trás, até quebrar-lhe a espinha. Depois, quase que desdenhosamente, atirou o corpo de lado e encaminhou-se em direção de La.

Num instante, La compreendeu o que havia acontecido. O leão estava espreitando-a e vendo outro animal prestes a apoderar-se de sua presa, saiu a campo para defender o que lhe pertencia. Fora salva, mas apenas para cair como vítima imediata de uma outra e mais terrível fera.

O leão ficou a olhá-la. A sacerdotisa estava admirada porque o animal não a atacava e reclamava sua presa. Ela não sabia que dentro daquele pequenino cérebro o faro da mulher despertara a lembrança de outro dia quando Tarzan se achava amarrado no altar de sacrifício de Opar, com Jad-bal-ja, o leão de ouro, como seu guarda. Uma mulher ali chegara, esta mesma mulher, e Tarzan, o seu amo, lhe dissera para que não fizesse nenhum mal a essa mulher, enquanto ela se aproximava e cortava as cordas que o ligavam.

Disso Jad-bal-ja se lembrava, e lembrava-se, também, de que não devia causar nenhum mal à mulher. E se esse fosse o seu

dever, de não causar-lhe nenhum mal, então nada poderia fazer contra ela. Por esse motivo ele matou Sheeta, o leopardo.

A tudo isso, no entanto, La de Opar estava alheia, pois não conhecera Jad-bal-ja. Estava simplesmente perplexa ante o tempo que duraria essa situação, porquanto esperava combater. Entretanto, verificou-se nova atitude do leão, que ela não pôde compreender. Ao invés de atacá-la, encaminhou-se vagarosamente para o seu lado e, quando chegou a algumas jardas da moça, mudou de direção e deitou-se, abrindo a bocarra num grande bocejo.

Parecia uma eternidade, à grã-sacerdotisa, o tempo que ficou a observar o leão. Este não lhe prestava a menor atenção. Acaso seguro de sua presa e sem fome alguma, ele se limitava a esperar, até que chegasse o momento em que deveria matá-la? Horrível, a perspectiva, e os nervos de aço de La começaram a enfraquecer-se sob essa tensão.

Bem sabia não poder escapar, e melhor que chegasse logo a morte do que essa indecisão. Resolveu-se pois a por fim a essa incerteza e descobrir imediatamente se o leão a considerava sua presa ou se lhe permitiria partir. Chamando a si todas as forças de domínio próprio que possuía, La colocou a ponta de sua adaga de encontro ao coração e arrojadamente se pôs a caminhar, passando pelo leão. Se ele a atacasse, incontinenti ela poria fim à sua agonia, mergulhando a lâmina no próprio coração.

Jad-bal-ja não se moveu. Com seus olhos preguiçosos, semicerrados, observava a mulher que cruzava o lugar aberto e desaparecia além da volta da trilha, que de novo levava para a jângal.

Durante o dia todo, La caminhou desesperadamente, à procura de uma cidade em ruínas, como Opar, espantada pela imensidade da floresta e apavorada pela solidão ali reinante. Por certo, pensava ela, logo acharia o país de Tarzan. Encontrou frutas e tuberosas para acalmar a fome, e como a trilha descesse a um vale, onde corria um riacho, não precisava andar à procura de água.

Entretanto, de novo, caía a noite, e nem o menor sinal de homem ou cidade. Mais uma vez La trepou numa árvore para dormir, mas desta feita ali não estava Tarzan dos Macacos para preparar-lhe um leito ou para velar-lhe a segurança.

* * *

Depois que Tarzan abateu o javali, ele lhe cortou as partes traseiras e voltou para a árvore, onde havia deixado La. A tempestade tornou o seu regresso bastante vagaroso. Não obstante, notou ele muito antes de chegar ao seu destino, a caça ao javali o levava muito mais longe do que pensava.

Quando finalmente alcançou a árvore e notou que La não mais ali se encontrava, ficou bastante desconcertado. Contudo, pensando que talvez tivesse descido para desenferrujar as pernas depois da tempestade, por várias vezes chamou-a em voz alta. Não obtendo resposta, tornou-se bastante apreensivo pela segurança de La e, descendo ao chão, se pôs à procura de uma pista. E aconteceu que, debaixo da árvore, a marca de seus pés ainda estava visível, não apagada de todo pela chuva. Tarzan notou que aquelas marcas se dirigiam para Opar, de sorte que, embora as perdesse quando chegaram à trilha, onde ainda escorria água, não estava menos certo de que sabia o destino que La tinha em vista. Assim, partiu ele em direção às estéreis colinas.

Não lhe foi difícil explicar-se a razão de sua ausência e a de seu regresso a Opar, e intimamente Tarzan se censurou por tê-la deixado sozinha por tão longo tempo, sem primeiro dizer-lhe qual o seu propósito. Suspeitou, exatamente, que ela se imaginara abandonada e voltara para o único lar que conhecia, para o único lugar no mundo onde La de Opar podia esperar existissem amigos. Todavia quanto a encontrá-los, disso Tarzan duvidava e por isso havia resolvido que La somente deveria regressar quando apoiada em tropa de guerreiros, suficientemente grande para assegurar-lhe a derrota dos inimigos.

A idéia de Tarzan era primeiro frustrar o plano dos invasores, cujo acampamento ele havia descoberto em seus domínios, e depois voltar em companhia de La para a terra dos seus waziris, onde poderia reunir a quantidade suficiente desses terríveis guerreiros para assegurar o êxito da volta de La, a Opar. Nem um pouquinho comunicativo, ele negligenciara expor o seu intento a La, coisa que agora lamentava, uma vez que, se assim não fora, La não teria necessidade de tentar a volta, sozinha, a Opar.

Entretanto, isso não o preocupava muito, porquanto estava certo de alcançá-la muito antes de La chegar à cidade. E habituado, como estava, aos perigos da floresta e da jângal, diminuía-lhes a importância, como sucede conosco em relação aos perigos que defrontamos em nossa estúpida existência, onde a morte nos ameaça tão constantemente como aos habitantes da jângal.

A cada instante esperando encontrar aquela a quem procurava, Tarzan atravessou o caminho por detrás do pé da escarpa rochosa que guarda a planície de Opar. Agora, começaram as suas dúvidas, pois não era possível que La pudesse percorrer tão grande distância em tão pouco tempo. Escalando a colina, alcançou o cume da montanha chata que domina a distante Opar. Aqui somente uma leve chuva caíra, pois a tempestade seguira o seu curso no vale abaixo, e bem distintos no caminho ainda se achavam os sinais dos seus passos e dos de La, quando ambos desceram de Opar, a noite passada. Mas em nenhuma parte havia a menor pista para indicar que a moça tivesse voltado, ou como olhasse para as bandas' do vale, qualquer coisa movente à sua vista.

Que acontecera à grã-sacerdotisa? Para onde teria ido? Na grande floresta que se estendia abaixo, havia incontáveis trilhas. Algures, na floresta, suas pegadas deveriam estar frescas na terra úmida, mas de si para consigo Tarzan se confessou que lhe demandaria grande tempo e difícil tarefa encontrá-las de novo.

Como se voltasse, um tanto triste, para descer as barreiras da colina, sua atenção foi atraída por um movimento à beira da floresta, em baixo. Abaixando-se atrás de um pequeno arbusto,

Tarzan observou o lugar que lhe chamava a atenção. Nesse instante, uma coluna de homens saiu da floresta e encaminhou-se na direção do pé da colina.

Tarzan nada sabia sobre o que transpirara por ocasião da primeira tentativa de Zveri de entrar em Opar, a qual ocorrera quando ele se achava encarcerado na célula, sob a cidade. O aparente e misterioso desaparecimento do bando, que ele sabia estar caminhando para Opar, causara-lhe espécie. Contudo, de novo aqui estavam os invasores, e o que lhes sucedera anteriormente era coisa que no momento não o interessava.

Tarzan desejava estar munido de seu arco e flecha, que os oparianos lhe tomaram e ele não teve oportunidade de readquiri-los, desde a sua fuga. Todavia, mesmo que não os tivesse em mão, outros meios havia para aborrecer os invasores. De sua posição, ele contemplava a chegada dos homens, já perto da colina e iniciando a subida.

Tarzan escolheu um enorme bloco, entre os que jaziam perto do cume chato da montanha, e quando os que se achavam adiante do bando estavam a meio caminho do cume e os outros se estendiam em linha, debaixo deles, o homem-macaco empurrou a rocha até à beira da colina, precisamente acima deles. Na descida, o bloco de pedra roçou Zveri, encontrou

uma grande saliência no terreno, além do russo, saltou sobre a cabeça de Colt e arrastou, na sua queda, dois guerreiros de Kitembo, matando-os na base da escarpa.

Incontinenti cessou a subida. Vários dos negros que haviam acompanhado a primeira expedição, voltaram em desabalada corrida. Grande desorganização e debandada reinaram na expedição, cujos nervos cada vez mais se tornaram sensíveis à medida que se aproximavam de Opar.

— Façam parar os covardes! gritou Zveri para Dorsky e Ivitch, que subiam à retaguarda. Quem quer subir até o cume e investigar?

— Eu, disse Romero.

— Eu também, ofereceu-se Colt.

— Quem mais? Perguntou Zveri.

Ninguém mais respondeu, e já o mexicano e o americano estavam escalando a colina.

— Cubra a nossa subida com alguns rifles, gritou Colt a Zveri, que se achava atrás. Isso fará com que se afastem os que lá em cima se acharem.

Zveri deu instruções a vários *askaris*, que não tomaram parte na debandada. E quando seus rifles começaram a disparar, novo ânimo conseguiram aqueles que fugiram em debandada. Dorsky e Ivitch reuniram os homens e novamente todos se puseram a subir.

Consciente de que, desarmado, não poderia impedir o avanço dos invasores, Tarzan depressa se refugiou ao longo da beira da colina, num lugar onde colossais blocos de granito ofereciam esconderijo e onde sabia existir um precipício que dava para o fundo da colina. Ali poderia permanecer e observar e, se necessário, afastar-se rapidamente. Ele viu Romero e Colt alcançarem o topo e imediatamente reconheceu o último como o homem que vira no acampamento-base dos invasores. Já se sentia bem impressionado com o todo do jovem americano, e agora estava convencido de sua inquestionável bravura, bem como da de seu companheiro, de conduzir um bando de homens ao topo da colina enfrentando assim desconhecido perigo.

Romero e Colt depressa olharam em derredor, mas não havia inimigo à vista. Este aviso foi logo passado para os homens que escalavam a colina.

De seu vantajoso ponto, Tarzan observava a expedição alcançar o topo da colina e depois partir em direção a Opar. Ele acreditava que jamais o bando encontraria as cavernas com os tesouros, e agora que La não se achava na cidade, pouco se incomodava com o destino reservado aos que se revoltaram contra ela. Sobre a planície nua e inóspita de Opar, ou na própria cidade, pouco os expedicionários conseguiriam quanto ao fim da expedição, por ele

surpreendido quando Zora Drinov confiara a Colt. Sabia que eventualmente os estrangeiros voltariam ao acampamento-base; entretanto, continuaria nas suas pesquisas para encontrar La. De sorte que, enquanto Zveri conduzia sua expedição a Opar, Tarzan dos Macacos deslizou pela fralda da colina e velozmente desceu na floresta, abaixo.

Precisamente no interior da floresta e à margem do rio levantava-se esplêndido acampamento. Tendo observado que a expedição não era acompanhada por carregadores, naturalmente Tarzan deduziu que os expedicionários haviam ali estabelecido um acampamento provisório, bastante distanciado da cidade, e ocorreu-lhe que nesse acampamento poderia achar-se La, feita prisioneira.

Como esperava, encontrou o acampamento situado no lugar onde, em outras ocasiões, ele acampara com os seus guerreiros *waziris*. Velha e espinhenta *boma*, que durante anos o cercava, fora reparada pelos recém-chegados, dentro da qual se erguiam algumas rudes choupanas, ao passo que no centro se levantavam as tendas dos homens brancos. Os carregadores estavam deitados preguiçosamente à sombra das árvores; um simples *askari* montava pretensa guarda, enquanto os companheiros estavam à vontade, com os rifles ao lado. Contudo, em nenhuma parte o homem-macaco pôde ver La de Opar.

Na esperança de conseguir, pelo olfato, a pista de La, caso estivesse prisioneira, Tarzan deu volta ao acampamento. Entretanto tão forte o cheiro de fumo e o dos corpos dos negros, que ele estava certo de absorverem o odor de La. Decidiu-se, pois a esperar até que as trevas caíssem, quando então poderia fazer mais cuidadosa investigação, mesmo porque avistou algumas armas, de que tanto necessitava. Todos os guerreiros estavam munidos de rifles, mas alguns, apegados pela força do hábito às armas de seus ancestrais, traziam também setas e arcos, afora muitas lanças.

Como somente alguns bocados de carne crua de Horta constituíssem o alimento que passara pela boca de Tarzan, durante

quase dois dias, ele estava com uma fome voraz. Verificando que La havia desaparecido, escondeu o pedaço de javali na árvore onde passara a noite que lhe precedeu a infrutífera busca. De modo que, enquanto esperava o cair da noite, de novo se pôs à caça, e desta feita foi Bara, o antílope, que tombou vítima de sua proeza, e cuja carcaça, ele não abandonou enquanto não tivesse satisfeito a fome. Depois, trepando numa árvore das proximidades, adormeceu.

* * *

O ódio que Abu Batn votava a Zveri radicou-se profundamente em sua hereditária e racial antipatia pelos europeus e sua religião, e cresceu de intensidade ante a difamação feita pelo russo, da coragem do árabe e de seus companheiros.

— Cão de Nasrâny! Exclamou o xeque. Chamou-nos de covardes, a nós, Bedaúwy, e deixou-nos como homens velhos e crianças para guardar o acampamento e tomar conta da mulher!

— Ele não passa de um instrumento de Allah, observou um dos árabes, na grande causa que libertará a África de todos os Nasrâny.

— *Wellah-beillah!* exclamou de novo Abu Batn. Que prova temos nós de que essa gente cumprirá o que promete? Quanto a mim, mais fácil conseguir a minha liberdade no deserto e obter fortuna por mim mesmo, do que permanecer por mais tempo neste acampamento, como esses porcos.

— Nada podemos dele esperar, murmurou outro árabe.

— Reparei na mulher que eles trouxeram, disse o xeque, e achei-a esplêndida. Conheço uma cidade onde ela poderá proporcionar-nos muitas peças de ouro.

— Na mala do chefe Nasrâny há muito ouro e prata, observou outro homem. Seu rapazinho disse isso a um Galla, que mo confiou.

— O xeque do acampamento, além disso, é rico, aventou um guerreiro moderno.

— Se- fizermos isso, talvez a grande causa fique perdida, contraveio aquele que por primeiro respondera a Abu Batn.

— A causa é do Nasrâny, respondeu o xeque, e somente eles é que dela tiram proveito. Acaso não é o próprio chefe dos porcos quem nos faz lembrados sempre do ouro, das mulheres e dos poderes que teremos, quando vencermos os ingleses? O homem somente é impulsionado pela sua avidez. Tiremos já o nosso partido e saiamos daqui.

Wamala estava preparando o jantar para sua ama.

— Antes, deixaram a senhora com o moreno *bwana*, e ele não era bom. Agora, está sob a guarda de Abu Batn, de quem não gosto nem um pouco. O xeque não é boa pessoa. Bem que eu gostaria que o *bwana* Colt aqui estivesse

— Também eu, concordou Zora. Tenho a impressão de que os árabes estão zangados e impertinentes, desde que a expedição voltou de Opar,

— O dia inteiro, estiveram sentados na tenda de seu chefe conversando animadamente, disse Wamala. Muitas vezes, Abu Batn olhou para a senhora.

— A sua imaginação é que está figurando isso, Wamala. Ele não ousará fazer-me mal.

— Quem teria pensado que o moreno *bwana* ousaria fazer-lhe mal? Lembrou-lhe o pretinho.

— Cale-se, Wamala! Isso tudo só serve para me amedrontar, disse-lhe Zora.

O negrinho voltou os olhos na direção para onde sua ama estava olhando. À beira do acampamento permanecia uma figura que poderia despertar um grito de exclamação e surpresa de um estóico. Era uma linda mulher, que ali se achava a olhá-los intencionalmente. Estava parada precisamente à beira do acampamento, quase nua, cuja incomparável formosura era a primeira coisa a prender a atenção. Dois discos de ouro cobriam-lhe os peitos firmes, e uma estreita cinta de ouro e pedras de valor lhe

envolvia os quadris, a que se prendia, na frente e atrás, um largo pedaço de couro, marchetado de ouro e de pedras preciosas que formavam a base de um pedestal, em cuja parte superior estava assente um grotesco pássaro. Os pés tinha-os calçados em sandálias, agora cobertas de poeira, bem como as modeladas pernas, até acima dos joelhos. Enorme quantidade de ondulado cabelo, rebrilhando como o ouro fosco à luz do sol que se punha, envolvia a metade de um rosto oval, e por sob estreitas e delicadas pálpebras, olhos cinzentos e intrépidos os observavam.

Alguns dos árabes também a viram, e logo se dirigiram ao seu encontro. Incontinenti ela olhou para Zora e Wamala e depois para os árabes. Nesse instante, a moça europeia levantou-se rapidamente e dirigiu-se para o seu lado, a fim de alcançá-la antes dos árabes. E à medida que se aproximava da estranha, Zora estendeu-lhe as mãos e sorriu. La de Opar apressou-se ao seu encontro, como se naquele sorriso visse um índice de amistoso acolhimento à estrangeira.

— Quem é a senhora, indagou Zora, e o que está fazendo aqui sozinha, na jângal?

La sacudiu a cabeça e respondeu numa língua que Zora não compreendeu.

Zora Drinov era poliglota. Entretanto, esgotou todo o repertório lingüístico que possuía, inclusive algumas frases dos vários dialetos de Bantu, sem que lograsse comunicar-se com a estrangeira, cuja linda face e admirável compleição aumentavam de muito o interesse do tantalizante enigma que agora despertava a curiosidade da rapariga russa.

Os árabes a ela se dirigiram em sua própria língua e Wamala no dialeto de sua tribo, mas tudo em vão. Depois Zora abraçou-lhe a cintura e conduziu-a para a sua tenda. Ali chegadas, por meio de sinais, La de Opar indicou que queria banhar-se. Wamala teve ordens de preparar uma tina d'água, na tenda de Zora, e à hora da ceia a estranha mulher reapareceu, banhada e fresca.

Enquanto Zora Drinov se sentava do lado oposto ao da estranha hóspede, sentia-se impressionada com a crença de que nunca vira mulher tão linda, e maravilhava-se de que uma pessoa, sentindo profundamente a diferença de ambiente, pudesse sustentar uma "pose", que sugeria antes o majestoso porte de uma rainha do que o de qualquer estrangeira desajeitada.

Por sinais e gestos, Zora cuidou de conversar com a sua hóspede, e à sobremesa La de Opar já se ria. Então, a grã-sacerdotisa tentou fazer o mesmo e deu a entender a Zora que fora ameaçada com clavas e facas e afastada de sua terra, que perfizera longo caminho e fora atacada por um leão ou leopardo e que se sentia cansada.

Quando findou o jantar, Wamala preparou uma outra tarimba para La, na tenda de Zora, pois algo na fisionomia dos árabes fizera com que a rapariga europeia receasse pela segurança da formosa hóspede.

— Wamala precisa dormir, esta noite, fora da tenda, disse-lhe Zora. Aqui está uma pistola a mais.

Em sua barba de bode o xeque Abu Batn conversou, por muito tempo, à noite com os chefes de sua tribo.

— A recém-chegada trará um preço que jamais foi pago antes, disse-lhe ele.

Tarzan acordou e espiou as estrelas através da folhagem. Notou que a noite já ia em meio. Levantou-se e estendeu os braços. De novo comeu um pedaço de carne de Bara e silenciosamente deslizou nas sombras da noite.

O acampamento, ao pé da estéril colina, dormia. Um simples *askari* montava guarda e conservava acesa a fogueira contra feras. De uma árvore à beira do acampamento dois olhos o observavam, e quando ele se voltou, uma figura silenciosamente mergulhou nas sombras. Atrás das choupanas dos carregadores a figura deslizou, parando ocasionalmente para provar o ar com narinas dilatadas. Por fim, chegou às tendas dos europeus, envolto em sombras, e

uma por uma nelas abriu um buraco, na parte dos fundos e entrou. Era Tarzan à procura de La, mas não a encontrou e, desapontado, cuidou de outra coisa.

Fazendo meio círculo no acampamento, por vezes movendo-se polegada por polegada, de ventre no chão, como um verme, a fim de que o *askari* de guarda não pudesse vê-lo, encaminhou-se para as cabanas de outros *askaris*, e ali escolheu um arco e algumas setas e poderosa lança. Mas não estava tudo feito.

Por muito tempo ele permaneceu abaixado, à espera de que o *askari*, agora perto do fogo, se voltasse para uma determinada direção. Não demorou que a sentinela se levantasse e atirasse alguma lenha seca no fogo, depois do que se encaminhou para a cabana dos companheiros, a fim de acordar o homem que deveria revezá-lo. Esse o momento que Tarzan esperava. O caminho seguido pelo *askari* trouxe-o perto do lugar onde Tarzan estava escondido. O homem aproximou-se e passou, mas no mesmo instante Tarzan se pôs de pé e atirou-se sobre o preto, que de nada suspeitava. Forte braço envolveu o *askari*, por trás, e comprimiu-o de encontro a um enorme e bronzeado ombro. Como Tarzan previra, um grito de terror saiu dos lábios do homem, acordando os seus companheiros. Depois, velozmente o homem-macaco atravessou as sombras do acampamento, afastando-se da fogueira ali acesa, com sua vítima lutando inutilmente em seus braços. Saltando sobre a espinhenta *boma*, desapareceu além, na escura jângal.

Tão repentino e violento o ataque, tão completa a surpresa do homem, que a sua mão abandonou o rifle, que apertava, num esforço para agarrar-se ao antagonista no instante em que era atirado aos seus ombros.

Os seus gritos, ecoando através da floresta, arrancam os aterrorizados companheiros das choupanas a tempo de verem uma forma indistinta saltando a *boma* e desaparecendo nas trevas. Momentaneamente, eles permaneceram paralisados de terror, a escutar os enfraquecidos gritos do camarada. Não demorou que

cessassem, tão repentinamente como começaram. Só então o chefe encontrou a língua.

— Simba! Exclamou ele.

— Não era Simba, declarou outro, pois corria sobre duas pernas, como um homem. Eu vi.

Nesse instante, da sombria jângal se elevou um terrível e prolongado grito.

— Não é a voz de homem ou de leão, sentenciou o chefe dos *askaris*.

— É um demônio, murmurou um outro.

E todos se apressaram em direção à fogueira, atirando lenha seca para animá-la, até que o fogo crepitou e estalou pelos ares.

Nas trevas da jângal, Tarzan parou e pôs de parte a lança e o arco, que lhe permitiram somente fazer uso de uma mão no rapto da sentinela. Os dedos da mão livre procuraram a garganta da vítima, pondo imediato fim aos seus gritos. Somente por alguns instantes Tarzan amedrontou o homem. E quando relaxou o aperto na garganta do *askari*, o preto não cuidou de soltar outro grito, temendo provocar nova compressão daqueles dedos de aço. Rapidamente Tarzan atirou o rapaz sobre os seus pés, retirou-lhe a faca e, agarrando-o pela carapinha, arrastou-o pela cabeça para dentro da jângal, depois de parar por um instante para apanhar a lança e o arco. Foi então que soltou o vitorioso grito do poderoso macho, que impressionou tão terrivelmente, não só a sua vítima como também os seus companheiros no acampamento que acabava de deixar.

Tarzan não tinha tenções de causar mal ao *askari*. A sua rixa não era com o inocente negro, instrumento dos homens brancos. E, embora não hesitasse em tirar-lhe a vida, se fosse necessário, estava certo de que poderia causar efeito sobre eles, sem derramar sangue, como ainda há pouco sucedera.

Os brancos nada podiam fazer com os seus pretos aliados, e se Tarzan lograsse abater o moral dos últimos, os planos dos brancos

estariam frustrados como se ele os tivesse destruído, porquanto sabia que os negros não permaneceriam num lugar que constantemente os lembrasse da presença de um inimigo maligno e sobrenatural. Além disso, este modo de agir concordava melhor com o terrível sentimento de humor de Tarzan, divertia-o e evitava-lhe tirar a vida de outrem sem necessidade.

Durante uma hora ele caminhou, com a sua vítima à frente, em profundo silêncio, coisa que atribuía ao efeito causado sobre os nervos do homem preto. Por fim, Tarzan fê-lo parar, rasgou-lhe a roupa que ainda lhe cobria o corpo e, tomando a tanga de couro do rapaz, amarrou-lhe os pulsos e tornozelos. Depois, apropriando-se de seu cinturão com cartuchos e de outros objetos, Tarzan deixou-o, certo de que o preto logo se libertaria de suas ataduras, e, tão logo escapou, por todo o resto de sua vida estaria convencido de que se livrara de um terrível destino.

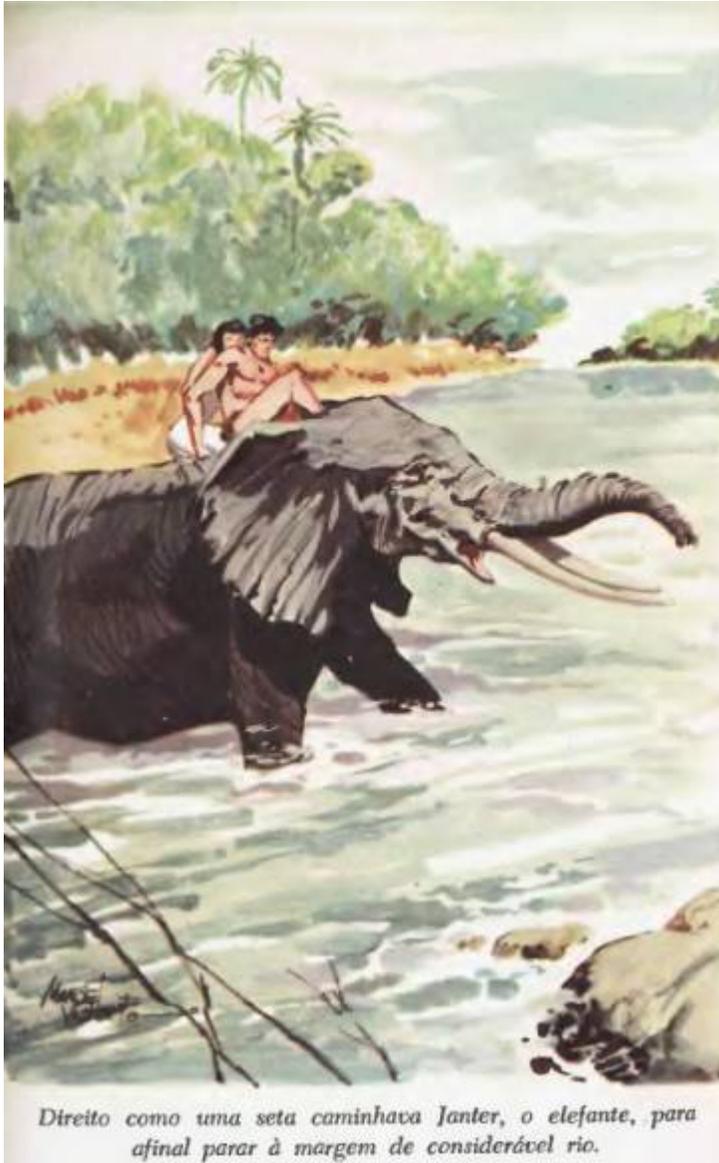
Satisfeito com o seu trabalho da noite, o homem-macaco voltou para a árvore onde escondera a carcaça de Bara, alimentou-se mais uma vez e deitou-se para dormir até à manhã, quando recomeçaria as pesquisas para achar La, tomando como pista os traços que deixara impressos no vale além da barreira da colina de Opar, na direção que a pista indicava ter ela seguido, embora, como vimos, La tomasse direção precisamente oposta, em baixo do vale.

CAPÍTULO 8

A traição de Abu Batn

CAÍA a noite quando um apavorado macaquinho se refugiou na fronde de uma árvore. Durante dias e dias ele estivera vagando pela jângal, procurando em sua inteligenciazinha solução ao seu problema, durante os ocasionais intervalos em que podia concentrar suas forças mentais no assunto. Entretanto, dum instante para outro se esquecia de tudo, balançando-se e fugindo através das árvores, ou quando súbito terror dele se apossava e o desnor-teava, quando uma ou outra hereditária ameaça à sua existência surgia no escaninho de suas faculdades perceptivas.

Enquanto persistia a sua tristeza, esta era verdadeira e pungente, e lágrimas velavam os olhos do pequeno Nkima ao pensar no ausente senhor. Procurando-o continuamente, estava plenamente convicto de que lhe cumpria conseguir socorro para Tarzan. De qualquer modo,- deveria auxiliar o amo. Os grandes pretos guerreiros Gomangani, que também eram servos de Tarzan, estavam distanciados muitas trevas, mas mesmo assim na direção geral do país dos *waziris* é que ele se encaminhava. O tempo de forma alguma importava na solução deste problema ou de outro, na mente de Nkima. Ele vira Tarzan entrar vivo em Opar. Não o vira destruído, nem deixando a cidade. Portanto pelas normas de sua lógica, Tarzan devia ainda estar vivo e dentro da cidade, mas porque a cidade estivesse cheia de inimigos de Tarzan, este corria perigo. E tais perigos naturalmente persistiam. Nkima não podia prontamente prever qualquer mudança que não presenciasse, de modo que encontrar os *waziris* e trazê-los, hoje ou amanhã, pouco importava ao macaquinho. Eles deviam seguir para Opar e matar os inimigos de Tarzan, e então o pequeno Nkima de novo teria consigo o seu senhor, e não mais teria medo a Sheeta, a Sabor ou a Histah.



A noite caía, e Nkima ouviu, na floresta, indistinto ruído. Levantou-se e apurou os ouvidos. O ruído aumentava em volume, até que se tornou batidas fortes que repercutiam por toda a jângal. O lugar de onde se originavam tais batidas não estava muito longe, e disso ciente, cresceu a excitação de Nkima.

A lua já aparecera no céu, mas as sombras da jângal estavam densas. Nkima estava na ponta de um dilema, entre o desejo de ir ao lugar de onde provinham os sons de tambor, e o receio a perigos que poderiam surpreendê-lo em meio caminho. Por fim, a

curiosidade prevaleceu sobre o terror, e conservando-se em relativa segurança no alto das copas das árvores, balançou-se rapidamente rumo ao lugar de onde vinham os sons, até que parou nas proximidades de um pequeno lugar naturalmente escampo, de forma grosseiramente circular.

Abaixo dele, à luz da lua, contemplou uma cena por que tanto ansiara, pois ali os grandes macacos da tribo de To-yat estavam entregues à dança da morte do Dum-Dum. No centro do anfiteatro erguia-se um desses notáveis tambores da terra, em tempos imemoriais ouvido pelo homem primitivo, mas que bem poucos viram. Defronte do tambor achavam-se sentadas duas velhas macacas, que batiam na ressoante superfície com paus curtos. Tais batidas tinham cadência grosseiramente ritmadas, e, num selvagem círculo, dançavam os grandes machos. Envolvendo-os, numa linha fina e exterior, as fêmeas e os filhotes apoiavam-se nas pernas, acorados, subjugados espectadores da selvagem cena. Rente e ao lado do tambor jazia o corpo morto de Sheeta, o leopardo. Para celebrar a sua morte é que fora organizado o Dum-Dum.

Presentemente os machos dançantes se precipitaram sobre o cadáver do animal e batiam-lhe com pesados paus e, afastando-se de um salto, recomeçaram a dança. Quando a caça, o ataque e a morte haviam sido plenamente representados, os macacos atiravam os cassetetes e com unhas descobertas caíam sobre a carcaça do leopardo, cortando-a e rasgando-a, disputando entre si pedaços grandes ou escolhidos bocados.

Nkima, e toda a sua espécie, não eram notáveis pelo seu tacto e opinião. Qualquer outro, mais prudente do que o pequeno Nkima, teria permanecido em silêncio até que a dança e o banquete estivessem findos, e um novo dia surgisse, quando os grandes machos da tribo de To-yat voltassem a si do grande frenesi que o tambor e a dança sempre lhes despertavam. Mas o pequeno Nkima não passava de um macaco. O que desejava, fazia-o imediatamente, pois não era dotado daquele equilíbrio mental que resulta da paciência. Assim, pendurando-se pelo rabo num pendente ramo e resmungando no mais alto de sua voz, como num

esforço para atrair a atenção dos grandes macacos, abaixo, gritou-lhes:

— To-yat! Ga-yat! Zu-tho! Tarzan está em perigo! Venham com Nkima e salvem Tarzan!

Um grande macho parou em meio da dança e olhou para cima.

— Suma daqui, Manu, rosnou ele. Suma daqui ou nós o mataremos!

Entretanto, o pequeno Nkima pensava que não poderiam apanhá-lo, de sorte que continuou a balançar-se de ramo para ramo, a guinchar e a gritar, até que por fim To-yat mandou um jovem macaco, pois era muito pesado para pendurar-se nos elevados ramos da árvore, apanhar Nkima e matá-lo.

Ali estava uma situação com que Nkima não contava. Como muita gente, pensava que todo o mundo estava interessado naquilo em que ele se achava. E quando ouvira a princípio, o bater compassado do Dum-Dum, pensou ser momento adequado para que os macacos, sabendo que Tarzan corria perigo, fossem em seu auxílio no caminho que leva a Opar.

Agora, no entanto, pensava diferentemente, e como a real ameaça ao seu engano se tornasse aparentemente dolorosa, com o pulo de um jovem macaco na árvore, abaixo dele, o pequeno Nkima soltou prolongado grito de terror e fugiu através da noite. Não parou até que, sem respiração e exausto, conseguisse permear entre si e a tribo de To-yat uma boa milha.

* * *

Quando La de Opar acordou na tenda de Zora Drinov, ela olhou em derredor, pegando em objetos desconhecidos ao alcance de suas mãos. Depois, descansou o olhar no rosto de sua adormecida hospedeira. Esta gente, pensava ela, sem dúvida deve ser a gente de Tarzan, pois não a trataram com bondade e delicadeza? Não lhe

fizeram nenhum mal e alimentaram-na e deram-lhe abrigo. Um novo pensamento cruzou-lhe a mente e as sobrancelhas se contraíram, com as pupilas de seus olhos, em que surgiu repentina e selvagem luz. Talvez esta mulher fosse a companheira de Tarzan. La de Opar apertou o punho da faca de Darus, que estava pronta a seu lado. No entanto, como viera aquele pensamento, subitamente lhe passara, pois intimamente sabia que não podia pagar o bem com o mal, nem causar qualquer dano a Tarzan, a quem amava, e quando Zora abriu os olhos La cumprimentou-a com um sorriso.

Se a rapariga européia fosse causa de espanto a La, por sua vez Zora estava bastante admirada e confusa. Os seus trajos escassos, embora ricos e esplendorosos, fizeram-na remontar à idade antiga, e a magnífica brancura de sua pele parecia bastante desambientada no coração da jângal africana, como os seus adornos para o século vinte. Aqui estava um mistério que coisa alguma, na aturada experiência de Zora, poderia ajudá-la a desvendar. Como desejava poder conversar com a sua hóspede! Mas tudo quanto conseguia era sorrir para a formosa criatura, olhando-a intencionalmente.

La durante toda a sua vida acostumada a ser servida pelas princesas inferiores de Opar, estava surpreendida pela facilidade com que Zora Drinov lhe satisfazia às necessidades, quando se levantou para banhar-se e vestir-se, limitando-se Wamala a trazer-lhe um balde de água quente, -que despejou em sua flexível tina. Muito embora La jamais esperara ocupar uma só mão em sua *toilette*, não se sentia completamente embaraçada e talvez encontrasse prazer na experiência nova de arrumar-se por si mesma.

Ao contrário dos hábitos dos homens de Opar, os de suas mulheres exigiam verdadeiramente escrupuloso asseio, de sorte que anos atrás mui cuidadosamente La se devotara à sua *toilette*, ao trato das unhas, dentes e cabelos, e a fazer massagem no corpo com unguentos aromáticos, costumes esses, oriundos da cultuada civilização da antigüidade, que em Opar tinham a significação de religiosos ritos.

Logo as duas moças ficaram prontas para o *breakfast* que Wamala preparava para servir-lhes. Como ambas se sentassem sob a sombra de uma árvore, para comer o que havia no acampamento, Zora notou estranha atividade entre os árabes, mas não lhe deu muita atenção, pois que em outras ocasiões mudavam as suas tendas de uma parte para outra do acampamento.

Findo o *breakfast*, Zora tomou o seu rifle, limpou-lhe o cano e engraxou-o, porque tencionava sair à caça em busca de carne fresca, uma vez que os árabes a isso se recusaram. La observava-a com evidente interesse e mais tarde viu-a partir com Wamala e dois ou três carregadores negros. Contudo, não cuidou de acompanhá-la, embora ansiasse por isso, pois não recebera sinal nesse sentido.

Ibn Dammuk era filho de um xeque da mesma tribo de Abu Batn, e entre os expedicionários ele era o braço direito deste último. Com a dobra do turbante abaixada na testa, e somente com os olhos expostos, Ibn estivera vigiando as duas raparigas, à distância. Viu Zora Drinov deixar o acampamento com o pretinho, que lhe levava a espingarda, e dois carregadores, e deduziu logo que ela fora caçar.

Durante algum tempo depois de sua partida, ele permaneceu em silêncio, sentado entre dois companheiros. Depois, levantou-se e com passos ligeiros atravessou o acampamento na direção de La de Opar, que no momento, sentada e em devaneios, permanecia à porta da tenda de Zora. Aproximando-se os três homens, La olhou-os com toda a naturalidade, e instintiva suspeita de estrangeiros surgiu em sua mente. Como já estivessem perto e suas fisionomias se tornassem distintas, ela sentia súbita desconfiança. Eles eram solertes, de aspecto perverso; completamente diferentes de Tarzan. Instintivamente, La desconfiou deles.

Os três pararam à sua frente e Ibn Dammuk, o filho de um xeque, falou-lhe. Sua voz era terna e oleosa, mas não a enganou.

La olhou-o altivamente. Não o compreendeu, nem quis compreendê-lo, pois a proposta que leu em seus olhos desgostou-a. Sacudiu a cabeça para significar-lhes que nada compreendera e

voltou-se para indicar que estava terminada a entrevista. Entretanto, Ibn Dammuk aproximou-se mais e descansou familiar mão no ombro nu da grã-sacerdotisa.

Com os olhos brilhantes de raiva, La imediatamente se pôs de pé e levou incontinenti a mão ao punho da adaga. Ibn Dammuk recuou, mas um dos seus homens se adiantou para segurá-la.

Louco atrevido! Tal qual uma pantera, La caiu sobre ele. E antes que seus amigos pudessem intervir, a afiada lâmina da faca de Darus, o sacerdote do Flamejante Deus, por três vezes lhe mergulhara no peito. Num estertorante grito, o audacioso caiu morto no chão.

Com os olhos cintilantes e a faca ensangüentada, a grã-sacerdotisa de Opar permaneceu perto do morto, enquanto Abu Batn e os outros árabes, atraídos pelo grito de morte do homem ferido, correram na direção do pequeno grupo.

— Para trás! Gritou La. Que ninguém deite profanas mãos sobre a grã-sacerdotisa do Flamejante Deus.

Os árabes não lhe compreenderam as palavras, mas compreenderam os seus cintilantes olhos e a gotejante lâmina; caminhando displicentemente acercaram-se de La, mas a respeitosa distância.

— Que quer dizer isto, Ibn Dammuk? indagou Abu Batn.

— Dogman apenas a tocou e ela caiu sobre ele como *el adrea*, senhor da cabeça larga.

— Como uma leoa pode ser, observou Abu Batn. Entretanto, ninguém lhe deve fazer mal.

— *Wullah!* Exclamou Ibn Dammuk. Mas ela precisa ser domesticada.

— A sua domesticação ficará a cargo daquele que pagar muitas peças de ouro por ela, replicou o xeque. E' preciso somente que a prendamos. Cerquem-na, meus filhos, e tirem-lhe a faca. Amarrem-

lhe os pulsos nas costas, e quando os outros voltarem, nós já teremos saqueado o acampamento e estaremos prontos para partir.

Uma dúzia de homens trigueiros saltou simultaneamente sobre La.

— Não a machuquem! Não a machuquem! gritava Abu Batn, enquanto La, combatendo como uma leoa, procurava defender-se. Com golpes à esquerda e à direita, com a faca, por mais de uma vez ela tirou sangue antes que a subjugassem, coisa que somente conseguiram depois que outro árabe caísse com o peito ferido. Entretanto, por fim lograram desarmá-la, arrancando-lhe a faca e segurando-lhe os pulsos.

Deixando dois guerreiros para a guardarem, Abu Batn t voltou sua atenção para reunir alguns servos negros que permaneciam no acampamento. Obrigou-os a preparar cargas com o equipamento e provisões ali existentes. De passo que este trabalho ia sendo executado, sob a direção de Ibn Dammuk, o xeque esquadrinhou as tendas dos europeus, em especial as de Zora Drinov e Zveri, onde esperava encontrar ouro, que o chefe da expedição, ao que diziam, possuía em quantidade. O xeque não ficou totalmente desapontado, pois na tenda de Zora encontrou uma caixa contendo considerável soma de dinheiro, embora não fosse a grande quantidade que esperava, e isto devido a uma previsão de Zora, que pessoalmente enterrara a quase totalidade das moedas sob o soalho de sua tenda.

Zora logrou inesperado êxito em sua caçada, pois dentro de pouco mais de uma hora após ter deixado o acampamento, dera com um bando de antílopes, e com dois certos tiros abatera alguns animais do rebanho. Esperou que os carregadores tirassem a pele da caça e a preparassem e então vagarosamente voltou para a sua tenda. Seu espírito estava um tanto preocupado com a inquietante atitude dos árabes, mas não estava absolutamente preparada para a recepção que a esperava, quando se aproximou do acampamento, mais ou menos ao meio dia.

Ela caminhava à frente, imediatamente seguida de Wamala, que carregava ambos os rifles, e atrás vinha os carregadores, cambaleando sob a pesada carga. Precisamente no instante em que estava para entrar no acampamento, os árabes surgiram de sob os arbustos, de ambos os lados do caminho. Dois deles seguraram Wamala e lhe arrancaram os rifles, enquanto outros descansavam pesada mão sobre Zora. A russa tentou livrar-se e sacar do revólver, mas o ataque fora tão de surpresa, que antes de poder tentar qualquer gesto, em sua defesa, já estava completamente sobrepujada e com as mãos amarradas às costas.

— Que quer dizer tudo isto? Perguntou. Onde está Abu Batn, o xeque?

Os homens riram-se atrás dela.

— Vai ver daqui a pouco, disse um deles. Abu Batn tem uma outra hóspede, com quem está preocupado, de modo que não pôde vir ao seu encontro.

E riram-se de novo.

No instante em que entrava no lugar escampado, de onde poderia descortinar o acampamento, Zora ficou atônita com o que notara. Todas as tendas foram destruídas. Os árabes estavam apoiados em seus rifles, prontos para partir, cada um com um pequeno embrulho, enquanto os negros, que foram deixados no acampamento, se alinhavam defronte de pesadas cargas. Todo o resto do que havia no acampamento, para cujo transporte Abu Batn não dispunha de homens, estava empilhado no centro do escampo, e no instante em que Zora notou isso, alguns homens deitavam fogo na pilha.

Enquanto era conduzida através do acampamento e na direção dos árabes, Zora deu com a sua hóspede de há pouco entre dois guerreiros, com as mãos amarradas às costas, como ela própria. Perto da formosa mulher, resmungando malèvolamente, estava Abu Batn.

— Por que você fez isso, Abu Batn? Perguntou Zora.

— Allah estava irado porque estávamos traindo a nossa pátria ao Nasrâny, respondeu o xeque. Nós enxergamos a luz, e agora voltamos para a nossa gente.

— O que pretende fazer desta mulher e de mim? indagou Zora.

— Nós as levaremos conosco por algum tempo, respondeu Abu Batn. Conheço um homem bondoso que é riquíssimo, o qual lhes dará a ambas um excelente lar.

— Quer dizer pretende vender-nos a algum sultão negro? perguntou Zora.

O xeque encolheu os ombros.

— Não pensei em tal coisa. Prefiro antes presentear um grande e bom amigo e salvá-la e a sua outra mulher de morte certa na jângal, se partirmos e aqui as deixarmos.

— Abu Batn, você é um hipócrita e traidor, gritou Zora, com a voz vibrante de desdém.

— Os Nasrâny gostam de dizer-nos nomes, disse o xeque em tom de chacota. Talvez se o porco do Zveri não nos xingasse, isto não acontecesse.

— De sorte que esta é a sua vingança, porque ele o censurou pela sua covardia em Opar? Perguntou Zora,

— Basta! Interrompeu-a Abu Batn. Andem aqui, meus filhos, e partamos.

Enquanto as chamas lambiam as beiras da grande fogueira de provisões e equipamentos que os árabes foram forçados a deixar, os desertores rompiam marcha na direção do oeste.

As moças caminhavam perto do chefe da coluna, para que os pés dos árabes e dos carregadores, atrás deles, lhes apagassem totalmente o rasto das variadas pistas do caminho. 'Elas teriam encontrado algum conforto em sua desgraça se pudessem conversar, mas La não entendia a quem quer que seja e Zora não achava prazer em palestrar com os árabes, e Wamala e outros

negros estavam bastante distanciados, à retaguarda da coluna, para que pudesse comunicar-se com eles.

Para matar o tempo, Zora concebeu a idéia de ensinar à sua companheira de miséria uma língua européia, e como naquele original bando houvesse muitos que estavam mais familiarizados com a língua inglesa do que com outra, a escolha recaiu nesse idioma para a sua tentativa.

Zora começou por apontar a si mesma e dizer "mulher", e fez com que La repetisse a palavra, depois do que apontou para diversos árabes e disse "homens", à medida que indicava cada um. Era evidente ter La compreendido imediatamente o seu propósito, pois penetrou no pensamento de Zora, com avidéz e alacridade, repetindo as duas palavras várias vezes, ora indicando um homem, ora uma mulher.

Depois, a moça européia de novo apontou para si mesma e disse "Zora". Por alguns instantes, La ficou perplexa, mas sorriu e fez um gesto com a cabeça.

"Zora", repetiu ela, apontando para a sua companheira e, depois, rapidamente, tocou em seu próprio peito com o delgado indicador, e disse "La".

Esse foi o começo. A cada hora La aprendia novas palavras, primeiro os nomes, que descreviam todos os objetos familiares que constantemente apareciam à vista. Ela aprendia com notável celeridade, evidenciando espírito alerta e inteligente e magnífica memória, pois tão logo aprendia uma palavra, jamais a esquecia. A sua pronúncia não era sempre perfeita, porque a sua acentuação era decididamente estrangeira, nunca antes ouvida por Zora Drinov, de sorte que, cativando a mestra, nunca esta se cansava de ouvir a discípula falar.

À proporção que venciam a distância, Zora deduziu ser pequena a probabilidade de os seus captores lhe dizerem a verdade, pois era evidente que o xeque estava impressionado com a crença de que, quanto melhor o estado em que fossem apresentadas ao comprador em perspectiva, mais gorda a remuneração que esperava.

O seu caminho era ao noroeste, através de uma secção do território de Galla, nas regiões abissínicas, e apanhando aqui e ali palavras soltas da palestra entre os árabes, Zora soube que Abu Batn e seus companheiros estavam apreensivos quanto aos perigos desta parte da jornada. De fato, assim deveriam estar, porquanto há muito tempo que os árabes faziam contínuas incursões pelo território de Galla, com o fim de aprisionar escravos, e entre os negros do bando havia um, escravo de Galla, que Abu Batn capturara em sua deserta região e trouxera consigo.

Depois do primeiro dia de marcha, as prisioneiras tiveram permissão para ficar com as mãos soltas, mas sempre havia guardas árabes a vigiá-las, embora parecesse pouco provável que uma desarmada moça tivesse coragem de fugir para a jângal, onde estaria cercada de perigos, não só da parte de animais ferozes, como também pelos riscos de morte, quase certa, de fome. Contudo, se Abu Batn pudesse ler-lhes os pensamentos ficaria surpreso ao notar no espírito de cada uma a resolução de fugir e sujeitarem-se a qualquer destino, menos o de marchar docemente para um fim perfeitamente conhecido da moça européia e em parte, sem dúvida alguma, de La de Opar.

A educação de La progredia a olhos vistos quando o bando se aproximou dos limites da região de Galla. Entretanto, ambas as moças estavam bem certas da nova ameaça que pesava sobre La de Opar. É que Ibn Dammuk caminhava quase sempre ao seu lado, e em seus olhos, quando a olhava, havia um aviso que não necessitava de palavras para ser transmitido. No entanto, quando Abu Batn se achava perto, Ibn Dammuk como que ignorava a presença da formosa prisioneira, e isso despertou maior apreensão em Zora, convicta de que o perverso Ibn estava dando tempo ao tempo, até lhe depararem condições favoráveis para executar certo plano já decidido em sua mente, em suas linhas mestras adivinhado por ambas.

Às bordas da região de Galla, o bando parou às margens de um rio. Não podiam os árabes seguir propriamente para o norte da Abissínia, nem ousavam seguir para o sul para onde naturalmente

esperavam continuar a sua jornada. Assim, foram forçados a fazer alto no lugar onde se achavam.

Enquanto esperavam, Ibn Dammuk pôs em prática o seu plano.

CAPÍTULO 9

Na célula de morte, em Opar

MAIS UMA vez Pedro Zveri chegou até os muros de Opar, e de novo a coragem dos seus soldados negros se dissipou, ante os gritos sobrenaturais dos habitantes da cidade do mistério. Os dez guerreiros, que antes haviam estado em Opar e voluntariamente se propuseram a entrar na cidade, pararam, trêmulos, ao ouvir aqueles gritos pavorosos e penetrantes que gelavam o sangue e se levantavam das proibitivas ruínas.

Miguel Romero mais uma vez conduzia os invasores: seguia-o Wayne Colt. De acordo com o plano, os negros deveriam acompanhá-los de perto, com os restantes brancos à retaguarda a fim de que pudessem impedir-lhes a debandada e encorajar os negros ou, se necessário, forçá-los a caminhar ameaçando-os com revólver. Entretanto, os negros nem mesmo se atreviam a entrar na passagem do muro externo, de tão desmoralizados pelos misteriosos gritos, em sua mente supersticiosa atribuídos a espíritos malignos, contra os quais não havia defesa e cuja animosidade significava morte quase pela certa àqueles que se insurgissem contra os seus desejos.

— Para os diabos vocês, imundos covardes! Gritou-lhes Zveri, ameaçando os negros com o revólver, numa tentativa de obrigá-los a franquear a passagem.

Um dos guerreiros ergueu o seu rifle, ameaçador.

— Guarde a sua arma, homem branco, disse-lhe o negro. Nós brigamos com homens, mas não brigamos com os espíritos da morte.

— Guarde o revólver, Pedro, gritou-lhe Dorsky. Num minuto, a macacada toda cairá sobre nós e nos matará. Cada negro da expedição simpatiza com estes homens.

Zveri abaixou o revólver e começou a suplicar aos guerreiros, prometendo-lhes recompensas que os tornariam ricos se se dispusessem a acompanhar os brancos na sua entrada à cidade. Contudo, os voluntários negros estavam firmes na sua resolução, e nada poderia demovê-los a aventurar-se em Opar.

Notando que de novo estava iminente um fracasso, e com a mente já obcecada pela crença de que os tesouros de Opar o fariam fabulosamente rico e lhe assegurariam o êxito do seu plano secreto de império, Zveri resolveu seguir Romero e Colt com o remanescente dos seus auxiliares, que consistiam unicamente em Dorsky, Ivitch e o rapaz filipino.

— Continuemos, disse ele. Vamos sozinhos fazer uma experiência, uma vez que esses cães amarelos não nos querem auxiliar.

No instante em que os quatro homens transpuseram a entrada externa de Opar, Romero e Colt já haviam desaparecido de vista além do pátio interno. De novo o pavoroso grito se elevou aos ares, ameaçadoramente, sobre o imperturbável silêncio da cidade em ruínas.

— Deus! Exclamou Ivitch. O que supõe que isso seja, Pedro? |

— Cale-se, ordenou-lhe Zveri, irritado. Não pense em tais coisas, senão ficará amarelo de medo, como aqueles amaldiçoados negros.

Vagarosamente eles atravessaram o pátio em direção ao muro interno. Não havia muito entusiasmo entre eles, a não ser o evidente desejo na mente de cada um, de não permitir aos outros a glória de penetrar, por primeiro, na misteriosa cidade. Tony havia alcançado a passagem quando um barulho infernal se elevou do lado oposto dos muros e chegou até aos seus ouvidos. Era todo um pavoroso coro de gritos guerreiros, misturado com o som de passos precipitados. Ouviu-se um tiro, depois outro e mais outro.

Tony voltou-se para ver se os companheiros o seguiam. Estes haviam parado, sem pinga de sangue no rosto, à escuta. Ivitch quebrou o silêncio:

— Para o inferno o ouro! Exclamou ele, e virou nos pés, correndo, de volta para o muro externo.

— Volte, miserável cão, gritou-lhe Zveri, correndo-lhe no encalço, com Dorsky rentinho aos seus calcanhares.

Tony hesitou por um instante, e depois também se pôs atrás dos outros, e só pararam quando haviam transposto o muro externo. Aí Zveri alcançou Ivitch e segurou-o pelo ombro.

— Eu deveria matá-lo, gritou-lhe em voz trêmula.

— Qual o que! Você está tão contente de dar o fora como eu, rosnou Ivitch. Que absurdo, entrarmos lá! Seríamos mortos, como Colt e Romero. Grande o número dos que estavam lá dentro. Você não lhes ouviu os passos.

— Penso que Ivitch tem razão, concordou Dorsky. Não há dúvida que é bonito a gente ser bravo, mas devemos lembrar-nos de que estará perdida a nossa causa se morrermos.

— Mas o ouro! exclamou Zveri. Pensem no ouro!

— O ouro de nada adianta para homens mortos, sentenciou Dorsky.

— E quanto aos nossos camaradas? indagou Tony. Acaso os abandonaremos à morte?

— Para o inferno o mexicano, gritou Zveri. E quanto ao americano, creio que os seus fundos nos serão de grande valia, logo que soubermos de sua morte e os removermos da costa.

— Os camaradas não vão abandoná-lo, não é verdade? perguntou Tony.

— Sozinho não posso socorrê-los, respondeu Zveri.

— Irei com o senhor, disse-lhe Tony.

— Muito pouco nós dois, sozinhos, podemos fazer, resmungou Zveri.

Depois, preso de uma das suas repentinas raivas, adiantou-se ameaçadoramente contra o filipino, com sua gigantesca estatura

dominando a do outro.

— O que você pensa ser nesta expedição? Indagou ele. Sou o chefe aqui. E quando precisar de seu conselho, eu lho pedirei.

Quando Romero e Colt transpuseram o muro interno a parte do interior do templo, que podiam ver, estava deserta; não obstante, ambos sentiam movimentos nos sombrios recessos e aberturas das galerias em ruínas, que olhavam para o pátio.

Colt olhou para trás e indagou:

— Esperamos os outros? Romero encolheu os ombros.

— Creio que nós sozinhos é que iremos ter esta glória, camarada, respondeu ele, num sorriso.

Colt também sorriu.

— Nesse caso, continuemos na missão que aqui nos trouxe. Por enquanto, nada vi de aterrorizador.

— No entanto, há alguma coisa por aqui, retorquiou Romero. Já notei coisas que se moviam.

— Também eu, disse Colt.

Com os seus rifles prontos, ambos avançavam corajosamente na direção do templo. No entanto, não haviam caminhado muito quando, das sombrias arcadas e de numerosos e escuros pórticos surgiu uma horda de homens horríveis, e o silêncio da antiga cidade foi quebrado por medonhos gritos de guerra.

Colt achava-se à frente. Fazendo alto, atirou por sobre as cabeças dos grotescos sacerdotes guerreiros de Opar. Romero notou certa quantidade de inimigos correndo ao lado do grande aposento onde haviam entrado, com a evidente intenção de cortar-lhes a retirada. Movendo-se com rapidez, ele disparou o rifle, não sobre as cabeças dos inimigos. Notando a gravidade da posição destes, o mexicano atirou para matar, e depois Colt fez o mesmo, com o resultado de que os gritos de alguns feridos agora se misturavam aos gritos de guerra dos seus companheiros.

Romero se viu obrigado a afastar-se alguns passos, para evitar que os oparianos o envolvessem. Atirando rapidamente, conseguiu conter a avançada nos flancos. Um furtivo olhar a Colt mostrou-lhe que este se achava em campo. No mesmo instante, notou o vultear de uma clava que caía em cheio na cabeça do americano. O homem tombou como um pedaço de madeira, e incontinenti o seu corpo foi coberto pelos terríveis homenzinhos de Opar.

Miguel Romero verificou que o companheiro estava perdido e, se por sua vez, ainda não estivesse morto, sozinho nada poderia fazer para libertá-lo. Se lograsse escapar com a vida salva, seria afortunado, e com essa resolução, continuando a disparar a sua arma, retrocedeu até à passagem da parede interna.

Uma vez capturado um dos invasores e vendo que o outro retrocedia, receosos de arriscar-se ao devastador fogo da terrível arma na mão do único antagonista, os oparianos hesitaram.

Romero passou através da parede interna, voltou-se e fugiu rapidamente para fora. Momentos depois, alcançava os companheiros na planície.

— Onde está Colt? Indagou Zveri.

— Abateram-no com uma clava e prenderam-no, respondeu Romero. Provavelmente, a esta hora já estará morto.

— E você o abandonou, hein? Perguntou Zveri.

— Você é que me pergunta isso? Você, que ficou todo pálido e fugiu antes de ver o inimigo... Se vocês nos acompanhassem, Colt não estaria perdido. Entretanto, deixaram-nos ir sozinhos, nós dois, sem a chance de um chinês contra aquela massa de homens selvagens. Depois, ainda tem a coragem de chamar-me de covarde?

— Eu não disse isso, retorquiu Zveri soturnamente. Nunca eu disse que você era um covarde.

— Diretamente, não, indiretamente, sim, asseverou Romero. Mas permita-me dizer-lhe, Zveri, que comigo ou com outro

qualquer, que já tenha estado em Opar, você não logrará o que pretende.

Nesse instante, do interior daqueles muros se elevou um grito selvagem de vitória. E de passo que este percorria os sombrios muros de Opar, Zveri, desanimado, afastava-se da cidade.

— Sozinho, não posso conquistar Opar. Voltemos para o acampamento.

Os pequenos sacerdotes, caindo sobre Colt, tiraram-lhe as armas e amarram-lhe as mãos atrás. Ele ainda se achava em estado de inconsciência, de modo que o ergueram às costas de um dos sacerdotes e conduziram-no ao interior do templo.

Quando Colt voltou a si, encontrou-se deitado num vasto aposento. Era a sala do trono do templo de Opar, para onde o levaram a fim de que Oah, a grã-sacerdotisa, pudesse ver o prisioneiro.

Percebendo que o prisioneiro voltava a si, os guardas rudemente o fizeram levantar-se e empurraram-no defronte o estrado, onde se erguia o trono em que se achava Oah.

O efeito daquela cena, que repentinamente se ostentava aos olhos de Colt, deu-lhe a impressão de que ele era vítima de alucinação ou que sonhava. O pátio externo das ruínas, onde caíra, não lhe dava a menor idéia do tamanho deste semi-bárbaro aposento, enorme e magnífico, cuja grandeza mal se apoucava pelas ruínas dos anos.

O americano viu diante de si, sobre um ornamentado trono, uma jovem mulher de excepcional beleza física, rodeada pela semi-bárbara grandeza de antiga civilização. Homens grotescos e peludos e lindas moças constituíam-lhe o séquito. Os olhos da sacerdotisa, fixos nele, eram frios e cruéis; a fisionomia altiva e desdenhosa. Um guerreiro entroncado, na sua compleição mais macaco do que homem, a ela se dirigiu numa linguagem desconhecida ao americano.

Quando lhe cessaram as palavras, a moça levantou-se do trono e, sacando de uma longa faca da cintura, levantou-a sobre a própria cabeça enquanto falava rápida e quase que ferozmente, com os olhos fixos no prisioneiro.

Dentre o grupo de sacerdotisas, à direita do trono de Oah, uma rapariga, no verdor dos anos, olhava o prisioneiro através dos olhos semi-cerrados. E por sob os discos de ouro que lhe cobriam os peitos tenros e brancos o coração de Nao palpitava aos pensamentos que a contemplação deste estranho guerreiro lhe suscitava.

Quando Oah acabou de falar, Colt foi levado dali, absolutamente alheio ao fato de que ouvira a sentença de morte imposta pela grã-sacerdotisa do Flamejante Deus. Seus guardas conduziram-no a uma célula, precisamente na entrada do túnel que do pátio de sacrifícios dava para os subterrâneos da cidade, e por esse motivo a célula não estava inteiramente debaixo do solo, e ar fresco e luz ali tinham acesso através de uma janela e das grades de seu pórtico. Foi ali que a escolta o deixou, depois de libertar-lhe os pulsos das cordas que os prendiam.

Através da pequena janela de sua célula Wayne Colt enxergava o pátio interno do Templo do Sol, em Opar. Ele via as galerias circunjacentes, erguendo-se ala a ala ao cume de elevada parede. Via, também, o altar de pedra que se projetava no centro do pátio, e as manchas escuras no altar e no pavimento, a seus pés, decifram-lhe as ininteligíveis palavras de Oah. Por alguns instantes Colt sentiu o coração confranger-se-lhe no peito, e pelo corpo passou-lhe um tremor ao notar a impossibilidade de fugir ao destino que o enfrentava. Não podia haver engano quanto ao fim daquele altar, visto em conjunto com as caveiras de dentes arreganhados de seres humanos sacrificados, que o encaravam, através de suas órbitas sem olhos, em nichos onde se achavam colocadas, nas paredes em redor.

Avassalado pelo horror de sua situação, Colt ficou olhando o altar e as caveiras. Em pouco, no entanto, readquiriu o domínio de

si mesmo e livrou-se do terror, embora a desesperada situação continuasse a aniquilá-lo. Seus pensamentos voltaram-se para os companheiros. Ignorava qual havia sido o destino de Romero. Ali, de fato, ele se portara como um bravo e nobre camarada, o único membro do bando que impressionara favoravelmente a Colt, ou em cuja companhia sempre ele achara prazer. Os outros ou lhe pareciam fanáticos ignorantes ou ambiciosos oportunistas, de passo que os modos e a conversa do mexicano o identificaram como jovial e afortunado soldado, que alegremente ofereceria a vida a qualquer causa que momentaneamente lhe despertasse a fantasia, mais propenso à excitação e aventura do que a qualquer propósito sério. Colt não sabia, naturalmente, que Zveri e os outros o haviam abandonado, mas estava convicto de que Romero ou se achava em situação desesperadora, ou fora morto ou aprisionado.

Em solitária meditação sobre suas condições atuais, Colt passou o resto daquela longa tarde. Caíram as trevas, e ainda nenhum sinal dos seus captores. Ignorava se achava em situação desesperadora, ou fora morto ou talvez, se a cerimônia que consistia em oferecê-lo em sacrifício, naquele horrendo e manchado altar, estava marcada para logo, de sorte a tornar-se desnecessário satisfazer-lhe a fome e sede.

Colt deitara-se de comprido no duro pavimento, como que construído de cimento, cuidando de encontrar momentâneo alívio no sono, quando sua atenção foi atraída pela sombra de um som provindo do pátio onde se erguia o altar. Enquanto escutava, estava certo de que alguém se aproximava. Levantando-se silenciosamente, achegou-se da janela e olhou para fora. Nas sombrias trevas da noite, apenas suavizada pela fraca luz das estrelas distantes, Colt viu alguma coisa mover-se através do pátio em direção à sua célula, sem que pudesse distinguir se se tratava de homem ou de animal. Então, de algures, do alto das elevadas ruínas, quebrou o silêncio da noite aquele longo e pavoroso grito, que agora parecia ao americano como parte integrante da misteriosa cidade de Opar, tanto quanto as fracionadas ruínas.

* * *

Taciturno e desencorajado vinha o bando, de volta para o acampamento à beira da floresta, sob a estéril colina de Opar. Quando ali chegou, entre os seus componentes imperava desorganização e desânimo.

Não se perdeu tempo em narrar aos membros da expedição, que regressava, a história da sentinela que foi levada para a jângal, à noite, por um demônio, de quem o homem tentara escapar antes de ser devorado. Ainda fresca em sua mente estava o misterioso caso da morte de Raghunath

Jafar, e os nervos daqueles que estiveram defronte os muros de Opar, não se achavam inclinados à firmeza, depois dessa experiência, de modo que um bando nervoso é que bivaqueou, naquela noite, sob as sombrias árvores à beira da negra floresta e, com suspiros de alívio, todos notaram raiar a aurora.

Mais tarde, quando retomaram a marcha em direção ao acampamento-base, o espírito dos negros gradualmente retornou ao normal e, em pouco, a tensão nervosa que neles imperou durante dias e dias, se aliviou graças ao canto e risadas. No entanto, os brancos continuavam sombrios e taciturnos. Zveri e Romero não trocavam palavras entre si, enquanto Ivitch, como todos os caracteres fracos, guardava rancor contra cada um, em virtude de sua própria prova de covardia durante o fiasco de Opar.

Do interior de uma árvore oca, onde se havia escondido, o pequeno Nkima viu a coluna passar. Depois disso, ele estava em segurança, e assim saiu de seu esconderijo e dançando para cima e para baixo dum galho, o macaquinho se pôs a ameaçá-los e a dizer-lhes nomes.

* * *

Tarzan dos Macacos estava espichado, de barriga para baixo, sobre o dorso de Tantor, o elefante, com os cotovelos apoiados na enorme cabeça e o queixo entre as mãos. Infrutífera lhe fora a busca, no encalço de La de Opar. Se a terra se abrisse e a tragasse, mais desaparecida não ficaria a grã-sacerdotisa.

Tarzan trepara, pois, em Tantor e, como fora seu costume na infância, ele se demorara naquela silente comunhão com o sagaz e velho patriarca da floresta, que parecia transmitir ao homem algo da grande força de caráter e equilíbrio do animal. Havia uma atmosfera de tranqüila estabilidade a envolver Tantor que enchia o homem-macaco de paz e tranqüilidade, em que ele encontrava descanso. De sua parte, Tantor se comprazia com a companhia do senhor da jângal, o único, das criaturas de dois pés, que ele encarava com amizade e afeição.

Os animais da jângal não reconheciam nenhum senhor, a não ser o mais cruel tirano que conduz o homem civilizado através de sua temerária raça, do berço ao túmulo, — o tempo, o senhor de incontáveis milhões de escravos. O tempo, o mensurável aspecto da duração, era imensurado para Tarzan e Tantor. De todos os vastos recursos que a Natureza lhes pusera à disposição, ela fora mais pródiga com o tempo, desde que sentenciara a cada um que poderia usá-lo durante a sua existência, pouco importando a extravagância que disso surgisse. Tão grande o seu fornecimento, que não podia ser desperdiçado, desde que sempre havia mais, mesmo até o momento da morte, depois do que cessava, como todas as coisas, de ser essencial ao indivíduo. Portanto, Tantor e Tarzan não estavam desperdiçando tempo enquanto juntos se comunicavam em silenciosa meditação. Todavia, embora o tempo e o espaço sigam para sempre, quer em curvas ou linhas retas, todas as outras coisas devem ter fim. De modo que a tranqüilidade e a paz que os dois amigos estavam gozando, foram repentinamente quebradas pelos excitados gritos de um minúsculo macaco, na folhagem de uma grande árvore sobre eles.

Era Nkima. Ele achara o seu Tarzan, e o seu alívio e alegria sacudiam a jângal no limite de sua vozinha sibilante.

Preguiçosamente Tarzan voltou as costas e olhou para o tagarela símio, na árvore. Nkima, satisfeito além da mera possibilidade de que este era, de fato, o seu amo, despegou-se da árvore e num salto veio cair no ombro do bronzeado corpo do homem-macaco. Bracinhos delgados e peludos envolveram o pescoço de Tarzan, enquanto Nkima se encolhia todo neste abrigo e refúgio, o qual lhe comunicava os breves momentos em sua vida em que lhe era dado gozar os arrebatamentos de complexa superioridade temporária. Sobre os ombros de Tarzan, Nkima sentia-se quase valente e podia, com perfeita impunidade, insultar o mundo inteiro.

— Onde você andou, Nkima? perguntou-lhe Tarzan.

— À procura de Tarzan.

— O que você viu desde o instante em que o deixei, nos muros de Opar?

— Eu vi muitas coisas. Vi os grandes Mangani dançando à luz da lua, em redor do corpo morto de Sheeta.

Vi os inimigos de Tarzan marchando através da floresta. Vi Histah engolindo a carcaça de Bara.

— Viu uma mulher Tarmangani? perguntou Tarzan.

— Não, respondeu Nkima. Não havia fêmeas entre os Gomangani e Tarmangani inimigos de Tarzan. Somente machos, e eles caminhavam de volta, para o lugar onde Nkima os vira pela primeira vez.

— Quando foi isso? indagou Tarzan.

— Kudu havia subido nos céus, mas achava-se a curta distância das trevas quando Nkima viu os inimigos de Tarzan caminhando de volta para o lugar onde Nkima os notara pela primeira vez.

— Quem sabe se não será melhor vermos o que pretendem eles? disse o homem-macaco.

Deu umas palmadas em Tantor, afetuosamente, com a mão aberta num adeus, saltou de sobre o seu dorso e ligeiramente alcançou os ramos de uma árvore. Enquanto isso, muito além Zveri

e o seu bando caminhavam devagar e penosamente através da jângal, de volta para o seu acampamento-base.

Tarzan dos Macacos não seguia nenhum caminho terreno sempre que a densidade da floresta lhe oferecesse a liberdade das elevadas copas, e assim se movia de lugar para lugar, com uma rapidez que muitas vezes desconcertava os seus inimigos.

Agora ele caminhava quase em linha reta, de sorte que alcançou a expedição quando esta acampara para passar a noite. Como os observasse de trás de cerrada cortina de elevada folhagem, ele notou, embora sem surpresa, que não estavam carregados com nenhum ouro de Opar.

Como o êxito e a felicidade dos habitantes da jângal, mesmo no tocante à sua própria existência, sobremaneira dependem dos seus poderes de observação, Tarzan desenvolvera os seus em elevado grau. Ao primeiro encontro com este bando ele se fizera familiar com o rosto, o corpo e roupas de cada um dos principais elementos e de muitos dos seus humildes guerreiros e carregadores, de modo que imediatamente notou que Colt não mais se achava na expedição. A experiência permitiu a Tarzan reproduzir, em sua mente, uma quase exata cena do que acontecera em Opar e o provável destino do homem que faltava.

Há anos atrás ele vira os seus corajosos guerreiros *waziris* virarem nos pés e fugirem por ocasião de sua primeira tentativa ante aqueles gritos pavorosos que emergiam das ruínas da cidade, e facilmente pôde conjecturar que Colt, tentando conduzir os invasores dentro da cidade, por eles fora abandonado e encontrara a morte ou a prisão no sombrio edifício. Todavia, isso não o importava muito. Embora se sentisse quase atraído para Colt, através daquele tênue e invisível poder conhecido como personalidade, Tarzan ainda o considerava como seu inimigo, e morto ou prisioneiro, isso era importante para a causa de Tarzan.

Do ombro de seu amo Nkima olhava para o acampamento, mas conservava-se em silêncio, como Tarzan o instruíra. Nkima via muitas coisas que desejaria possuir. Particularmente cobiçava uma

roupa de algodão vermelha, que um dos *askaris* usava. Aquilo pensava ele, era muito grande, sendo feito como que para cobrir a nudez da maioria dos negros. Nkima desejava que seu amo descesse e matasse a todos, principalmente o homem com a roupa vermelha. Isto porque, em seu íntimo, Nkima era sequioso de sangue. Felizmente para a paz da jângal, ele não nascera gorila. Entretanto, o espírito de Tarzan não cuidava de carnificina. De outros meios podia lançar mão para perturbar as atividades desses estrangeiros. Durante o dia ele abatera uma caça, e agora se retirava a distância segura do acampamento e satisfazia a fome, de passo que Nkima andava à procura de ovos de pássaros, de frutas e insetos.

Caía a noite. Quando as sombras envolveram a jângal, suavizada apenas pelos fogos acesos no acampamento, Tarzan voltou à árvore de onde poderia seguir as atividades dos expedicionários. Observou-os em silêncio por muito tempo, e depois subitamente elevou a voz num longo e terrível grito, que imitava perfeitamente o pavoroso aviso dos defensores de Opar.

Instantâneo o efeito causado sobre o acampamento. Palestras, cantos e risadas cessaram. Por alguns segundos os homens como que ficaram paralisados de terror. Depois, apanhando suas armas, achegaram-se ao fogo.

Com sombra de um sorriso nos lábios, Tarzan mergulhou na jângal.

CAPÍTULO 10

O amor de uma princesa

IBN DAMMUK esperava pacientemente, e agora, acampado nas fronteiras da região de Galla, em virtude do volumoso rio que ali corria, por fim se lhe deparara a oportunidade por que tanto ansiava. A vigilância sobre as duas prisioneiras estava um tanto relaxada, principalmente devido à crença de Abu Batn de que as mulheres não ousariam arriscar-se aos perigos da jângal e tentar fugir aos seus captores, os quais lhes serviam, ao mesmo tempo, de protetores de ainda maiores perigos. Todavia, ele não avaliava convenientemente a coragem e os recursos de suas prisioneiras, as quais constantemente estavam à espera da primeira oportunidade para escapar, coisa a que o árabe se achava alheio. O mesmo não sucedia com Ibn Dammuk, que dessa circunstância queria tirar partido.

Com grande sagacidade subornara um dos pretos que fora forçado a acompanhá-los do acampamento-base e se tornara virtualmente um prisioneiro. Prometendo-lhe a liberdade, Ibn Dammuk facilmente conseguira a aquiescência do homem ao plano que forjara.

Uma tenda separada fora destinada às duas mulheres, e defronte dela se postava uma única sentinela, cuja presença Abu Batn considerava mais do que suficiente para esse fim, a qual talvez consistisse mais precisamente em proteger as prisioneiras contra os seus próprios companheiros, do que prevenir uma possível e remota tentativa de fuga.

Esta noite, escolhida por Ibn Dammuk para a sua vilania era uma das que esperava, desde que se encontrava de guarda, diante da tenda das cativas, um dos seus homens, membro de sua própria tribo, obrigado por leis de hereditária lealdade a servi-lo e a obedecer-lhe. Na floresta, precisamente além do acampamento, Ibn Dammuk esperava, com mais dois homens de sua tribo, quatro

escravos que eles trouxeram do deserto e o negro carregador, cuja liberdade seria ganha pelo seu trabalho à noite.

O interior da tenda que fora destinada a Zora e La, estava iluminado por uma lanterna de papel, onde se queimava obscuramente uma vela. A essa luz fraca as duas, sentadas, conversavam no idioma que La estava aprendendo, o pensamento muitas vezes fragmentário e quebrado. Contudo, isso era melhor do que se não houvesse meio de comunicação entre ambas, o que proporcionava às duas moças o único prazer que sentiam. Talvez não fosse notável coincidência que justamente nesta noite ambas estivessem conversando sobre a fuga e planejando fazer um buraco na parte traseira de sua tenda, através do qual pudessem deslizar para a jângal. depois que o acampamento todo se recolhesse, à noite, e as sentinelas cochilassem em seus postos. Enquanto conversavam, a sentinela defronte a sua tenda levantou-se e afastou-se. Momentos depois elas ouviram uma arranhar na parte posterior da tenda. A palestra cessou, e ambas se sentaram com os olhos desmesuradamente abertos, voltados para o ponto onde o pano da tenda se mexia pela pressão do que quer que fosse.

Pouco depois fez-se ouvir uma voz que murmurava:

— *Memsahib* Drinov!

— Quem está aí? O que deseja? indagou Zora, também em voz baixa.

— Achei um meio de escaparem. Posso auxiliá-las, se quiserem.

— Quem é o senhor? Perguntou Zora.

— Sou Bukula.

Imediatamente Zora reconheceu o nome, como sendo o de um dos negros que Abu Batn forcara a acompanhá-lo do acampamento-base.

— Apague a luz, continuou Bukula, no mesmo tom. A sentinela afastou-se. Eu entrarei aí e exporei os meus planos.

Zora levantou-se e apagou a vela. Segundos depois as duas prisioneiras viram Bukula arrastando-se no interior da tenda.

— Escute, *Memsahib*, os rapazes que Abu Batn roubou do *bwana* Zveri fugiram esta noite. Nós voltamos para o *safari*. Levá-las-emos conosco, se as senhoras quiserem vir.

— Sim, respondeu Zora, nós iremos.

— Muito bem, disse Bukula. Agora escute bem o que lhes vou dizer. A sentinela não voltará, mas nós não podemos partir imediatamente. Primeiro tenho que levar esta outra *Memsahib* na jângal, no lugar onde os rapazes estão à espera.; depois, voltarei para buscá-la. A senhora poderá dizer-lhe isso. Diga-lhe para seguir-me, sem fazer barulho.

Zora voltou-se para La.

— Siga o Bukula. Fugiremos esta noite. Irei depois.

— Compreendo, retorquiu La.

— Tudo vai bem, Bukula, disse-lhe Zora. Ela compreende.

Bukula foi ter até a entrada da tenda e rapidamente circunvagou o olhar pelo acampamento.

— Venha, disse ele. E, seguido de La, depressa desapareceu das vistas de Zora.

A moça européia verificou logo o grande risco que as duas corriam em entrar sozinhas na jângal, com esses semi-selvagens pretos, muito embora confiasse muito mais neles do que nos árabes, de sorte que, com o auxílio de La, sentia poder frustrar qualquer traição por parte dos negros, a maioria dos quais sabia serem leais e fiéis. Esperando em silêncio e solidão nas trevas de sua tenda, pareceu a Zora que Bukula levava demasiado tempo para vir buscá-la. Mas quando, minuto após minuto, o tempo se arrastava vagorosamente, até que ela sentiu estar esperando durante horas, sem que houvesse o menor sinal do negro ou da sentinela, ficou sobremodo apreensiva. Não demorou que se decidisse a não mais esperar Bukula, e penetrar na jângal em busca

do fugitivo bando. É que pensava que talvez Bukula não pudera mais voltar sem correr o risco de detenção, e que os outros estavam esperando, além do acampamento, oportunidade favorável para virem buscá-la. No instante em que se levantou para levar a efeito a sua decisão, Zora ouviu passos que se aproximavam da tenda. Pensando que fossem de Bukula, esperou. Mas ao invés, ela viu a comprida veste e o cano do mosquete de uma silhueta na escuridão do acampamento, no instante em que o homem metia a cabeça dentro da tenda.

— Onde está Hajellan? perguntou ele, nomeando a sentinela que havia deixado o posto.

— Como podemos saber? replicou Zora numa voz de sono. Por que o senhor nos acorda assim, em meio da noite? Somos nós os guardas dos seus companheiros?

O árabe resmungou qualquer coisa em resposta e, voltando-se, pôs-se a gritar no acampamento, anunciando a todos que podiam ouvi-lo que Hajellan não era visto ali e se alguém o vira. Outros guerreiros acorreram, e logo surgiram as perguntas para averiguar-se o que seria feito de Hajellan. O nome do homem que falava foi pronunciado em altas vozes, mas não houve resposta. Por fim, o xeque veio e indagou de todos.

— As mulheres estão ainda na tenda? perguntou ele à nova sentinela.

— Sim, respondeu o homem. Eu falei com elas.

— É estranho, reparou Abu Batn.

E elevando a voz gritou: Ibn Dammuk! Onde estás, Ibn? Hajellan era um dos teus homens. Não se ouviu nenhuma resposta.

— Onde está Ibn Dammuk?

— Ele não está aqui, disse um homem perto do xeque.

— Nem Fodil e Dareyem, acrescentou outro.

— Dêem uma busca no acampamento e vejam quem está faltando, ordenou Abu Batn.

Dada a busca, verificou-se que Ibn Dammuk, Hajellan, Fodil, Dareyem e cinco negros estavam faltando.

— Ibn Dammuk abandonou-nos, observou Abu Batn. Bem, que vá. Ficarão poucos com quem repartiremos a recompensa que conseguiremos com a venda das duas raparigas.

E assim, reconciliado consigo mesmo pela perda dos quatro guerreiros, Abu Batn retornou à sua tenda e recomeçou o interrompido sono.

Acabrunhada pela apreensão quanto ao destino de La e pelo desapontamento ocasionado pelo seu próprio malogro de fugir, Zora quase que não dormiu durante a noite, embora, felizmente para a sua tranqüilidade de espírito, ignorasse a verdade.

Bukula dirigiu-se silenciosamente para a jângal, seguido por La. Quando se haviam distanciado um pouco do acampamento, a moça viu as sombrias silhuetas de homens, em grupos, à sua frente. Os árabes, em seus lendários "thobs", estavam ocultos sob um arbusto, mas os escravos haviam despido as suas vestes brancas e como Bukula, estavam semi-nus. Assim, logo surgiu à mente da moça que somente os prisioneiros negros de Abu Batn a esperavam. Quando ela se encontrou entre eles, notou o seu engano mas demasiado tarde para salvar-se, pois foi agarrada rapidamente por muitas mãos e amordaçada antes que pudesse dar alarme. Só então Ibn Dammuk e seus companheiros árabes apareceram, e silenciosamente o bando se pôs em marcha, rio abaixo, através da sombria floresta, ao depois de terem subjugado a enfurecida grã-sacerdotisa do Flamejante Deus, com os pulsos amarrados nas costas e uma corda no pescoço.

Andaram durante a noite toda, pois Ibn Dammuk suspeitara de quanto era capaz a fúria de Abu Batn quando, pela manhã, descobrisse a peça que ele lhe pregara. Quando raiou a manhã, os fugitivos estavam bastante distanciado do acampamento, mas mesmo assim Ibn Dammuk continuava na sua marcha, depois de pequena pausa para um ligeiro *breakfast*.

Há muito que a mordaca fora retirada da boca de La, e agora Ibn Dammuk estava a seu lado, regozijando-se com a sua prisioneira. Falou-lhe, mas não pôde compreendê-lo, limitando-se a caminhar com altivo desdém, à espera de oportunidade em que poderia vingar-se e intimamente triste por ser separada de Zora, a quem já devotava estranha afeição em seu selvagem peito.

Mais ou menos ao meio dia o bando afastou-se da trilha de caça que até então seguia e acampou nas proximidades do rio. Foi ali que Ibn Dammuk cometeu um erro fatal. Espicaçado pela paixão, em virtude da proximidade da formosa mulher a quem furiosamente desejava, o árabe deu vasão à sua vontade de estar sozinho com ela. Conduzindo-a ao longo da pequena trilha paralela ao rio, afastou-se da vista dos companheiros. E quando se achavam a talvez cem jardas do acampamento, Ibn Dammuk agarrou-a pelos braços e tentou beijar-lhe os lábios.

Com igual segurança Ibn Dammuk teria abraçado uma leoa. No calor de sua paixão, ele se esqueceu de muitas coisas, entre as quais a adaga que sempre pendia ao seu lado. Mas La de Opar não se esqueceu. Quando raiou o dia, ela notou a adaga, e desde então se pôs a cobiçá-la. E agora, como o homem a apertasse de encontro ao peito, sua mão procurou a arma e encontrou-lhe o cabo. Por um instante, La parecia dar-se por vencida. Deixou que o seu corpo descaísse nos braços do homem, enquanto os seus lindos, redondos bracinhos o agarraram, um no ombro direito e o outro sob o braço esquerdo. Até então, ele não lhe conseguira os lábios. Lutando nesse sentido, a mão que se achava sobre seu ombro subitamente lhe agarrou a garganta. Os longos, adelgados e níveos dedos transformaram-se subitamente em tenazes de aço que lhe agarraram a traquéia, de passo que a mão que se achava sob seu braço esquerdo, deslizou suavemente até apossar-se da adaga e enterrá-la no coração do conquistador.

O único grito que ele poderia dar morreu-lhe na garganta. Por um instante a elevada estatura de Ibn Dammuk permaneceu rigidamente erecta; depois, desabou para a frente, e a moça deixou-a cair no chão. La deu-lhe um pontapé, e retirou do cadáver

o cinturão e a bainha da adaga, enxugou o sangue da lâmina com a roupa do árabe, e apressou-se pela trilha do pequeno rio, até que encontrou uma abertura por entre a folhagem que a desviava do seu leito.

Tomando por essa nova trilha, ela caminhou, caminhou até que se sentiu exausta. Então, com suas forças restantes, La de Opar trepou numa árvore, em busca do descanso de que tanto necessitava.

* * *

Wayne Colt observava a sombria figura aproximar-se da boca do corredor, onde se situava sua célula. De si para consigo indagava se não seria uma mensagem da morte, que vinha para conduzi-lo ao sacrifício. Cada vez mais ela se aproximava, até que parou defronte às barras da porta de sua célula. Nesse instante, uma voz suave lhe falou em murmúrio, numa língua que lhe era desconhecida. E Colt logo verificou que a visitante era uma mulher.

Impulsionado pela curiosidade, ele se achegou da porta. Delicada mão procurou-o e tocou-o, quase acariciante. A lua cheia, elevando-se por sobre os altos muros que envolvem o pátio de sacrifício, subitamente iluminou a boca do corredor e a entrada da célula de Colt com sua luz argêntea, e o americano viu a figura de uma jovem rente da grade de ferro. Ela lhe trouxe alimento, e quando Colt estendeu a mão para recebê-lo a moça acariciou-a e, puxando-a para si, beijou-a.

Wayne Colt estava perplexo. Não podia saber que Nao, a pequena sacerdotisa, à primeira vista por ele se apaixonara, isto porque, ao seu espírito e olhos, habituados à vista de machos somente da forma nodosa e cabeluda dos sacerdotes de Opar, este estrangeiro parecia verdadeiramente um deus.

Um leve ruído atraiu a atenção de Nao para o pátio. No instante em que ela se voltava, raios de luar lhe inundaram o rosto, e o

americano notou-a simplesmente encantadora. Depois, de novo ela se voltou para o prisioneiro, com seus escuros olhos cheios de adoração, os lábios trêmulos de emoção, e, ainda lhe segurando as mãos, rapidamente Nao lhe falou em voz baixa e clara.

Tentava dizer a Colt que no meio-dia, contados dois dias de sua prisão, ele seria oferecido em sacrifício ao Flamejante Deus, e que ela não lhe desejava a morte e, se possível, ajudá-lo-ia, mas que não sabia como auxiliá-lo,

Colt sacudiu a cabeça.

— Não posso compreendê-la, pequena.

E Nao, embora por sua vez não pudesse interpretar-lhe as palavras, notou a inutilidade das suas. Depois, retirando uma de suas mãos das de Colt, Nao traçou um grande círculo em plano vertical, do este para o oeste, com seu delgado indicador, mostrando a trajetória do sol ao longo do céu. Depois, começou um novo círculo, que parou no zênite, indicando o sol a pino no segundo dia. Por um instante, sua levantada mão fez um gesto dramático, no espaço, e então seus dedos se fecharam como que agarrando o cabo de imaginária faca de sacrifício, cuja invisível ponta mergulhou em seu próprio peito.

— Assim é que Oah o matará, concluiu a sacerdotisa, enfiando a mão pelas barras de ferro e tocando no coração de Colt.

O americano pensou ter compreendido o significado daquela mímica, que repetiu, mergulhando a imaginária lâmina em seu próprio peito e olhando interrogativamente para Nao.

Em resposta, tristemente ela acenou com a cabeça, afirmativamente, enquanto lágrimas lhe velavam os olhos.

Como se tivesse compreendido as suas palavras, Colt deduziu logo que ali estava uma amiga, que o auxiliaria se pudesse. E puxando gentilmente a moça para seu lado, beijou-lhe a nítida testa. Num soluço, Nao envolveu o pescoço do americano com seus braços e encostou o rostinho de encontro ao rosto do americano. Depois, com a mesma rapidez, retirou os braços e, voltando-se,

afastou-se depressa e silenciosamente, para desaparecer num sombrio pórtico a um lado do pátio de sacrifício.

Colt comeu o alimento que ela lhe trouxera, e durante muito tempo se pôs a refletir sobre as inexplicáveis forças que governam os atos dos homens. Que encadeamento de circunstâncias, remontando a um misterioso passado, produzira aquele simples ser humano numa cidade de inimigos, em cujo seio sem sombra de dúvida deveria estar latente um germe de amizade potencial para um estrangeiro e alienígena, com cuja existência jamais aquele ser teria sonhado antes do dia de hoje! Com tais pensamentos, ele cuidou de convencer-se de que a moça fora levada àquele ato por compaixão, mas intimamente reconhecia que motivo mais imperioso a impulsionara.

Colt sentira-se atraído para muitas mulheres, mas nunca verdadeiramente amara. E perguntava a si mesmo se daquele jeito é que nascia o amor e se algum dia dele se apossaria, como se apossou da moça. Conjecturou, também, se, diferente fosse a situação, ele tão fortemente atrairia a desconhecida. Se assim não fosse, nesse caso havia o que fosse de errado no plano das coisas. Ainda pensando no mistério das idades, adormeceu profundamente no chão duro da célula.

Pela manhã um cabeludo sacerdote apareceu e deu-lhe comida e água. Durante o dia, outros vieram e contemplaram-no, como se se tratasse de uma fera em sua jaula. E assim passou o dia, até que de novo caiu a noite, a sua última noite.

Tentou vislumbrar um quadro do que seria a cerimônia final. Parecia-lhe quase incrível que no século vinte ele fosse oferecido em holocausto a alguma deidade divina, mas de novo a pantomima da moça e a concreta evidência do ensangüentado altar e das arreganhadas caveiras lhe asseguraram ser esse o destino que o esperava, finda a manhã. Pensou em sua família, nos amigos e na pátria; jamais saberiam o que teria sido feito dele. Comparou o seu sacrifício com a missão que tomara sobre seus ombros, e não sentiu tristeza, pois sabia que não fora em vão. Longe, muito longe, perto

da costa, estava a mensagem que havia mandado por um portador. Iria assegurar que de sua parte não falhara em prol do grande princípio pelo qual, se necessário, alegremente daria a vida. Estava satisfeito porque agira prontamente e enviara a mensagem, e agora, depois da manhã, poderia seguir para a morte sem tristezas.

Não queria morrer, e fez inúmeros planos durante o dia para servir-se da menor oportunidade que se lhe apresentasse para fugir.

De si para consigo perguntava o que teria sucedido à moça e se de novo ela voltaria, agora que ainda estava escuro. Bem que lhe desejava a volta, pois suspirava pela companhia de um amigo durante seus derradeiros momentos. Mas como a noite caísse, ele pôs de parte essa esperança e tratou de esquecer a manhã, no sono.

Enquanto Wayne Colt se mexia desassossegado em seu duro leito, um ínfimo sacerdote de Opar, de nome Firc, roncava na sua esteira, no pequeno e escuro canto que era seu quarto. Firc era o chaveiro, e tamanha a importância que dava aos seus deveres, que jamais permitia a quem quer que fosse tocar nos sagrados emblemas de seu encargo, e por causa disso era de todos conhecido que Firc morreria em defesa das chaves que lhe foram confiadas. Seria injustiça afirmar-se que Firc era capaz de submeter à sua inteligência, qualquer reivindicação, se conhecesse que tal coisa existe. Ele não passava de um homem estupidamente bruto, como outros homens, muito abaixo dos chamados brutos em muitas das atividades do espírito. Quando ele dormia, todas suas faculdades dormiam, o que não se verifica com os chamados irracionais quando dormem.

O quarto de Firc situava-se num dos mais altos pavimentos das ruínas, que ainda permaneciam intactos. Achava-se num corredor que envolve o principal pátio do templo, um corredor que no momento está envolto em sombra densa, desde que a luz, tocando-o de cedo à noite, já havia passado. De modo que a figura, arrastando-se furtivamente na direção da porta do quarto de Firc, somente seria notada por alguém que estivesse bem rente a ela.

Movia-se silenciosamente, mas sem hesitação, até que alcançou a entrada além da qual Firg estava deitado. Ali parou, pôs os ouvidos à escuta e, ao perceber o ronco de Firg, entrou rapidamente no quarto. Diretamente para o lado do homem adormecido ela se dirigiu. Ajoelhando-se, pôs-se à procura de um objeto qualquer, com uma das mãos, que levemente roçava o corpo do bruto, enquanto a outra segurava uma longa e pontiaguda faca, constantemente voltada para o cabeludo peito do sacerdote.

Não demorou que achasse o que procurava — uma grande argola, a que se penduravam várias e enormes chaves. Uma tira de couro ligava o molho de chaves ao cinturão de Firg; com a afiada lâmina da faca a visitante noturna cuidou de cortar a tira de couro. Firg mexeu-se. Incontinenti, a criatura a seu lado ficou imóvel. Depois, o sacerdote de novo se acomodou e se pôs a roncar, e novamente a adaga cortava o couro. Inesperadamente a lâmina tocou no metal do anel, o bastante para fazer com que as chaves se entrechocassem.

Instantaneamente Firg acordou, mas não se levantou. Jamais ele se levantaria de novo.

Silenciosa e rapidamente, antes que a estúpida criatura pudesse verificar o perigo, a pontiaguda lâmina da faca mergulhou em seu coração.

Firg não deu um ai. O seu assassino hesitou por alguns instantes, com a adaga pronta, como que para verificar se o trabalho fora bem feito. Depois, limpando as manchas de sangue da arma nas vestes de couro da vítima, a figura levantou-se e saiu apressadamente do quarto, numa das mãos as grandes chaves em seu argolão de ouro.

Colt mexia-se inquieto em seu sonho, e despertou em sobressalto. Ao luar, que já se esvaecia, ele viu uma figura além das grades da célula. Ouviu o ruído de uma chave que virava a maciça fechadura. Acaso já vinham buscá-lo? Levantou-se, impulsionado pelo seu último e forte pensamento — fugir. Nesse

instante, abriu-se a porta e uma doce voz lhe falou. Era a moça que voltava.

Ela entrou na célula e atirou os braços em volta do pescoço de Colt, procurando-lhe, com os seus lábios, os lábios do americano. Por um minuto ficou agarrada a ele, tomando-lhe uma das mãos entre as suas e apressando-o a que a seguisse. Naturalmente o americano não se mostrou relutante em deixar o asqueroso interior da célula de morte.

Silenciosamente Nao tomou pelo canto do pátio de sacrifício, através do escuro pórtico que dava para sombrio corredor. Seguindo o caminho, muito cheio de curvas, sempre se ocultando nas escuras sombras ela o conduziu ao longo de uma estrada em forma de meia lua, em meio das ruínas, até que, depois de parecer uma eternidade a Colt, a sacerdotisa abriu uma porta baixa, forte e de madeira e levou-o a um grande "hall", logo na entrada do templo, através de cujo formidável portal ele pôde enxergar o muro interno da cidade.

Aqui Nao parou e, chegando-se rentinho ao homem, olhou-o de cheio nos olhos. De novo seus braços lhe envolveram o pescoço, e de novo os seus lábios procuravam os do americano. Suas faces estavam úmidas de pranto e a voz entrecortada de pequenos soluços, os quais Nao cuidava de' abafar enquanto confessava o seu amor aos ouvidos do homem, que não podia compreendê-la.

Para ali Nao o trouxera, a fim de dar-lhe a liberdade, mas não lha restituiria ainda. Agarrando-se de novo a ele, pôs-se a acariciá-lo e a dizer-lhe palavras de afeto, numa língua incompreensível.

Durante um quarto de hora assim o reteve, sem que Colt tivesse ânimo de fugir. Por fim, a sacerdotisa o soltou e apontou-lhe a porta que se abria no muro interno.

— Vá! Disse-lhe ela, levando o coração de Nao com o senhor. Jamais o verei de novo, mas pelo menos agora sempre conservarei a lembrança desta hora para acompanhar-me em toda minha vida.

Wayne inclinou-se e beijou-lhe a mão, aquela mãozinha delgada e selvagem que acabava de cometer um assassinio para que o seu amor pudesse viver, embora a esse respeito Wayne estivesse absolutamente alheio.

Nao ofereceu-lhe sua adaga, com a respectiva bainha, a fim de que ele não voltasse desarmado ao selvagem mundo. ' Só então é que Colt a deixou e vagarosamente se encaminhou para o muro interno da cidade. Ao alcançar a passagem ali aberta, voltou-se. Obscuramente, sob a luz da lua, ele viu a figura da pequena sacerdotisa de pé e ereta, nas sombras das antigas ruínas. Levantou a mão e acenou-lhe um derradeiro e silencioso adeus.

Uma grande tristeza oprimiu o coração de Colt no instante em que passava pelo muro interno, pois deixar atrás de si um coração triste e desiludido, que talvez estivesse arriscando a vida para salvá-lo, uma perfeita amiga de quem apenas conservaria uma vaga memória de um adorável rosto apenas entrevisto, amiga cujo nome desconhecia, e cujas lembranças, que levava consigo, se limitavam a beijos quentes e a delgada arma.

Assim foi que, enquanto Wayne Colt caminhava pela planície de Opar, àquela hora inundada de luar, a alegria de sua fuga era temperada pela tristeza, ao lembrar-se da figura da desamparada sacerdotisa na escuridão das ruínas.

CAPÍTULO 11

Perdido na Jângal

SOMENTE passado algum tempo, após o misterioso grito que pôs em polvorosa o acampamento dos conspiradores, é que os homens de novo lograram tranqüilidade.

Zveri acreditava ter sido perseguido por um bando de guerreiros oparianos, os quais tivessem em mira levar a efeito um ataque noturno, de sorte que dispôs forte guarda no acampamento. Contudo, os negros tinham a certeza de que aquele sobrenatural grito não saíra de garganta humana.

Desmoralizados e desanimados, os homens retomaram a sua marcha na manhã seguinte. Puseram-se cedo a caminho e depois de muitas voltas, chegaram ao acampamento-base antes de cair a noite. O espetáculo que lhes foi dado ver encheu-os de consternação. O acampamento havia desaparecido, e no centro do escampo elevava-se um montão de cinzas, parecendo que os remanescentes conspiradores foram vítimas de um desastre.

Esta nova desgraça tornou Zveri furioso da vida. Mas não havia ninguém perto para ele descarregar a sua -raiva, de modo que se limitou a voltar a apostrofar o próprio destino, em exclamações altas e em diversas línguas.

De uma árvore, Tarzan observava-o. Também ele estava perplexo ante o desastre que parecia ter sobrevindo ao acampamento, durante a ausência do principal corpo de conspiradores. Contudo, como verificasse que o fato causava intensa agonia ao chefe de todos, o homem-macaco estava contente.

Os negros acreditavam que se tratava de nova manifestação de raiva do espírito maligno que os visitava, e estavam dispostos a abandonar o azarento homem branco, cujas ações sempre terminavam em fracasso ou desastre.

Os poderes de Zveri, como chefe, estavam em pleno descrédito, desde que, a ponto de quase certa amotinação dos seus homens, ele os forçara, por meio de bajulações e ameaças, a permanecer a seu lado. Pô-los a construir abrigos para todos os conspiradores, e imediatamente despachou mensageiros para os seus vários agentes, suplicando-lhes que imediatamente o suprissem com os meios necessários. Sabia que certas coisas de que precisava logo estavam em caminho, vindas da costa — uniformes, rifles, munições. Entretanto, agora necessitava particularmente de provisões e mercadorias. Para assegurar a disciplina, conservava os homens trabalhando constantemente, ora em confortos para o acampamento, alargando o lugar escampo, ora caçando animais, para a alimentação fresca.

Assim os dias se passavam e tornavam-se semanas. Entretanto, Tarzan vigiava e esperava. Não tinha pressa, pois a pressa não é característico dos animais selvagens. Vagava pela jângal, por vezes a considerável distância do acampamento de Zveri, mas de quando em quando voltava, embora não os molestasse, preferindo deixá-los entregues ao estupor de tranqüila segurança, que seria quebrada em ocasião oportuna e lhes causaria horrível efeito sobre o seu moral. Compreendia a psicologia do terror, e com o terror é que desejava derrotá-los.

* * *

Ao acampamento de Abu Batn, nas fronteiras do país de Galla, chegou o aviso provindo de espiões de que os guerreiros de Galla se estavam reunindo para impedir-lhes a passagem através de seu território. Enfraquecido pela deserção de tantos homens, o xeque não ousava desafiar a bravura e o número dos guerreiros de Galla. Todavia, cumpria-lhe movimentar-se desde que se tornara inevitável, segundo pensava, não tardar que os conspiradores da retaguarda o apanhassem, se ali permanecesse por mais tempo.

Por fim, os exploradores que ele mandara longe, além de outra margem do rio, voltaram para dizer-lhe que parecia abrir-se um caminho claro, ao longo da estrada do norte. Levantando acampamento, Abu Batn se dirigiu para o norte, com sua única prisioneira.

Grande lhe fora a raiva quando descobriu que Ibn Dammuk raptara La, e agora redobrava de cuidados para evitar a fuga de Zora Drinov. Vigiada tão de perto, qualquer possibilidade de fuga parecia quase desesperadora. Ciente do destino que Abu Batn lhe reservava e, agora, desanimada e triste, seu espírito estava povoado de planos de suicídio. Por algum tempo alimentara a esperança de que Zveri pudesse alcançar os árabes e libertá-la, mas isto de há muito desaparecera de sua mente, à medida que os dias passavam sem lhe trazer qualquer possibilidade de socorro.

Ela não podia saber, certamente, a situação em que Zveri se encontrava, a ponto de não ousar destacar parte de seus homens para a procurarem, receoso de que, em seu amotinado estado de espírito, pudessem assassinar alguns dos seus tenentes, que os dirigissem, e regressassem para as suas próprias tribos, onde, dando com as línguas nos dentes, chegasse ao conhecimento do inimigo a existência daquela expedição e de suas atividades. De outra parte pessoalmente não lhe era possível conduzir todos os seus homens nessa expedição, porquanto lhe cumpria permanecer no seu acampamento-base para receber os suprimentos que sabia estarem a caminho.

Quem sabe se estivesse a par do verdadeiro perigo que ameaçava Zora, ele pusesse de parte outra consideração e partisse para libertá-la! Contudo, naturalmente suspeitando da lealdade de todos os homens, a si mesmo se persuadira de que Zora deliberadamente o abandonara, convicção essa, meio íntima, que pelo menos tornara sua disposição de espírito, de natural desagradável, infinitamente mais insuportável, de sorte que aqueles mesmos que deveriam ser os seus companheiros e apoio em suas horas de necessidades, cuidavam o mais possível de afastar-se de seu caminho.

De passo que tais coisas se verificavam, o pequeno Nkima caminhava depressa, através da jângal, para cumprir certa missão. Ao serviço do seu querido amo, o pequeno Nkima podia conservar-se num só pensamento e uma linha de conduta durante considerável espaço de tempo. Contudo, eventualmente, era certo sua atenção ser atraída por algum assunto estranho e, então, talvez durante horas ele se esquecesse de tudo quanto dissesse respeito à obrigação que lhe fora confiada. Mas quando novamente lhe ocorria a idéia da missão, de corpo e alma a ela se devotava, sem que se pusesse a remoer o fato de tê-la esquecido.

Tarzan por certo estava absolutamente a par desta inerente fraqueza de seu amiguinho. No entanto, por experiência sabia também que, muito embora se verificassem muitos lapsos, Nkima jamais abandonaria inteiramente qualquer desígnio em que se lhe fixasse a mente. E, como de sua parte não fosse nem um pouquinho dotado daquela servil subserviência que o homem civilizado presta ao tempo, estava inclinado a olhar a errada satisfação de um dever, imposto a Nkima, como simples falta, de quase nenhuma consequência. Algum dia Nkima chegaria ao seu destino. Talvez isso fosse muito tarde. Se tal pensamento ocorresse por vezes ao homem-macaco, indubitavelmente ele o afastava da mente com um encolher de ombros.

Mas o tempo é da essência de muitas coisas para o homem civilizado. Ele se encoleriza, aflige-se e reduz a própria eficiência física e mental se não satisfizer algo de positivo durante cada minuto que passa, que lhe parece como um rio fluente, cujas águas ficarão bastante prejudicadas se não forem utilizadas ao passar.

Imbuído por essa insana concepção do tempo Wayne Colt suava e tropeçava através da jângal, procurando o acampamento como se o seu verdadeiro destino estivesse dependendo da possibilidade de conseguir ele alcançá-lo, sem a perda de um segundo.

A futilidade de seu propósito ficar-lhe-ia plenamente demonstrada se pudesse saber que estava procurando o acampamento em direção errada. Wayne Colt estava perdido. Para

a sua felicidade, ele ignorava esse fato pelo menos até agora. Essa estupefaciente convicção lhe viria mais tarde.

Os dias passavam e as buscas continuavam infrutíferas. Custou-lhe muito conseguir alimentação. Mesmo assim, os seus alimentos eram escassos e por vezes revoltantes, desde que consistiam unicamente em frutas que agora sabia escolher e em alguns roedores, que lograra agarrar com grande dificuldade e com desanimadora perda daquele precioso tempo, que ele prezava acima de todas as coisas, preparara, com suas próprias mãos, um formidável chuço e permanecia por muito tempo à espera de algum pequeno fugitivo, onde a sua observação lhe dizia poderia esperá-lo, até que alguma descuidada criaturinha se aproximasse a conveniente distância. Aprendera, entre outras coisas, que a aurora e o pôr do sol eram as melhores ocasiões para a caça dos únicos animais que esperava apanhar; sabia também, como mover-se por entre a jângal terrível, enfim, tudo quanto dizia respeito à luta pela existência. Aprendera, por exemplo, que era prudente trepar nas árvores quando ouvia algum barulho estranho. Comumente, os animais se afastavam de seu caminho quando ele se aproximava. Mas certa vez um rinoceronte o atacou e quase que Colt tropeça num leão perto de sua caça. A Providência intervinha a cada passinho e ele conseguiu escapar vivo. Desde então aprendeu a ser cauteloso.

Mais ou menos ao meio dia Colt chegou a um rio que efetivamente lhe obstruía a passagem na direção para onde caminhava. Por esse tempo, estava plenamente convicto de que se achava perdido e, não sabendo qual a direção que deveria tomar, decidiu-se a seguir a linha da menor resistência e descer a colina com o rio, em cuja margem estava persuadido de que cedo ou tarde deveria encontrar uma aldeia de nativos.

Grande não era a distância que havia caminhado, na nova rota, seguindo uma estrada endurecida, cheia de sinais profundos de cascos de feras, quando sua atenção foi atraída por um som que lhe chegou aos ouvidos fracamente, vindo de longe. O som provinha de algures, à sua frente, e seus ouvidos, agora mais acurados do que

antes, lhe disseram que alguma coisa se aproximava. Seguindo a prática que julgava mais condutiva à longevidade, desde que se pusera a errar só e desarmado, em meio dos perigos da jângal, Colt rapidamente alcançou uma árvore e ali conseguiu ponto vantajoso, de onde poderia enxergar a trilha, sob seus pés. Não podia olhar à grande distância, de tão tortuosa a trilha através da jângal. O que quer que vinha vindo não lhe era visível, até que quase chegou debaixo dele, mas isso agora não tinha importância. A experiência que conseguira da jângal ensinara-lhe a ser paciente, e talvez estivesse aprendendo, também, quão pequeno era o valor do tempo, pois sentou-se confortavelmente no galho da árvore, para esperar à vontade.

O som que ele ouvira não era mais do que um perceptível ruído, mas agora aumentava de volume e significação, de modo que estava certo de que alguém corria rapidamente ao longo da trilha, e que não se tratava de uma pessoa e sim de duas, porquanto ouvia distintamente as passadas de criatura pesadona, misturadas com as de outra, que ouvira por primeiro.

Nesse instante, escutou uma voz de homem que dizia "Pare!". Agora os sons lhe estavam bem próximos, justamente perto da primeira curva, à frente. O som de passos que faziam cessou, e foi substituído pelo de luta e de estranhas pragas numa voz de homem.

Foi quando se elevou uma voz de mulher:

— Deixe-me partir! Jamais o senhor me levará viva para onde pretende.

— Nesse caso, vou tomá-la para mim mesmo, replicou a voz do homem.

Colt escutara o bastante. Havia alguma coisa de familiar no tom de voz da mulher. Silenciosamente ele desceu da árvore, sacou de sua adaga e rapidamente avançou para onde se altercavam as vozes. Ao alcançar a curva da estrada, somente viu diante de si as costas de um homem, pelas estranhas vestes um árabe, mas diante

do homem e por ele segura, Colt notou que a mulher estava oculta pelas roupas flutuantes do agressor.

Adiantando-se num salto, agarrou o sujeito pelo ombro e fê-lo virar de posição. No momento em que o homem se voltou para Colt, este reconheceu-o logo: era Abu Batn. E reconheceu também, porque era familiar a voz da mulher, que outra não era senão Zora Drinov.

Abu Batn avermelhou de raiva, ao notar assim perturbada a sua tentativa, e não menor foi a sua surpresa ao reconhecer o americano. Por alguns instantes ele imaginou que possivelmente esta era a guarda avançada de um bando de exploradores e vingadores do acampamento de Zveri, mas quando teve olhos para notar o desalinho de Colt, completamente desarmado, deduziu que o homem se achava sozinho a sem dúvida perdido.

— Cão de Nasrâny! Gritou ele, desvencilhando-se das mãos de Colt. Não ponha suas imundas mãos num verdadeiro crente.

Ao mesmo tempo tratou de sacar de sua pistola. Mas nesse instante de novo Colt estava sobre ele, e os dois homens rolaram na estreita trilha, o americano por cima.

O mais, sucedeu rapidamente. Como Abu Batn sacasse da pistola, o cano da arma enroscou-se nas dobras de seu manto, e a arma disparou. O projétil encravou-se no chão, sem causar nenhum mal, mas o tiro advertiu Colt de iminente perigo. E, em defesa própria, ele mergulhou a adaga no pescoço do xeque.

Ao levantar-se rapidamente de cima do cadáver de Abu Batn, Zora Drinov segurou-o pelo braço.

— Depressa! Disse-lhe ela. Aquele tiro atrairá os outros. Eles nos encontrarão.

Colt não esperou para contradizê-la, mas baixando-se, rapidamente se apossou das armas de Abu Batn e das munições, inclusive de um longo mosquete que estava na trilha, ao lado do cadáver. Então, Zora na frente, os dois rapidamente tomaram pela trilha, no caminho percorrido por Colt.

Algun tempo depois, cessados os sinais de perseguição, o americano deteve a companheira.

— É capaz de subir em árvore? Indagou ele.

— Sim, respondeu a moça. Por que?

— Porque aí é que precisamos refugiar-nos. Vamos penetrar na jângal e, depois de caminhar um bocadinho, trepados numa árvore conseguiremos despistá-los.

— Muito bem, disse Zora.

Com o auxílio de Colt, ela subiu por entre os ramos de uma árvore, em baixo da qual se achavam.

Para felicidade de ambos, várias e grandes árvores se erguiam perto umas de outras, de modo que se tornou fácil elevarem-se a uns cem pés acima do solo e, enfiando-se pela densa folhagem de uma das maiores, em pouco estavam perfeitamente ocultos em todas as direções.

Quando por fim se achavam sentados um ao lado de outro, num potente galho, Zora voltou-se para Colt.

— Camarada Colt! Disse-lhe ela. O que aconteceu? Por que o senhor aqui se acha sozinho? Esteve à minha procura?

O americano sorriu e respondeu-lhe:

— Não, tenho andado à procura de todo o bando. Não vi mais ninguém desde que nós entramos em Opar. Onde está o acampamento, e por que Abu Batn a perseguia?

Estamos bastante distanciados do acampamento, respondeu Zora. Não sei qual a distância, mas tenho a certeza de que poderia alcançá-lo se não fossem os árabes.

Zora narrou-lhe brevemente a história da traição de Abu Batn e o seu cativo, acrescentando:

— O xeque acampou por algum tempo hoje, depois do meio-dia. Os seus homens estavam muito cansados, e pela primeira vez relaxaram a vigilância que exerciam sobre mim. Imaginei logo que

por fim chegaria o momento por que tanto ansiava, e enquanto todos dormiam, consegui fugir e entranhei-me pela jângal. Minha ausência deve ter sido logo descoberta, e Abu Batn alcançou-me. O resto o senhor presenciou.

— O destino age por linhas tortas e extraordinárias, observou Colt. Pensar que a sua única oportunidade de se libertar dependia da contingência de minha captura em Opar!

Zora Drinov sorriu.

— O destino retroage muito mais do que isso. E se o senhor não tivesse nascido?

— Nesse caso, Abu Batn te-la-ia levado para algum harém de qualquer sultão negro, ou talvez outro homem teria sido capturado em Opar.

— Estou contente porque o senhor nasceu.

— Muito obrigado, agradeceu Colt.

Sem que desatentassem a quaisquer sinais de perseguição, os dois se puseram a conversar em voz baixa. Colt narrou detalhadamente todos os acontecimentos até à sua captura, embora omitisse alguns pormenores de sua fuga, por um sentimento de lealdade para com a mocinha, cujo nome desconhecia e que tanto o auxiliara. Nem mesmo se referiu à falta de domínio de Zveri sobre os seus homens, ou ao que Colt considerava uma covardia em o abandonarem e a Romero ao seu destino, nos muros de Opar, sem que tentassem socorrê-los, pois acreditava que Zora fosse namorada de Zveri e não desejaria ofendê-la.

— Que aconteceu ao camarada Romero? perguntou Zora.

— Não sei. Quando o vi, pela última vez, notei-o firme, lutando com aqueles demoninhos de pernas de bodoque.

— Sozinho? perguntou Zora.

— Eu me achava bastante ocupado na ocasião.

— Estou certa disso, camarada Colt. Bem sei que o senhor lá se achava também. E quem mais?

— Os outros não chegaram.

— Quer dizer que somente os dois lá se achavam? Colt hesitou. Depois, respondeu-lhe à pergunta:

— Conforme vê, os negros se recusaram a entrar na cidade, de modo que nós outros entraríamos ou teríamos que abandonar a tentativa de nos apoderarmos dos tesouros.

— Mas somente o senhor e Miguel é que entraram, não é verdade? Indagou Zora.

— Entrei tão depressa, respondeu Colt, rindo-se, que realmente não sei o que aconteceu aos outros.

Zora franziu o sobrecenho e exclamou:

— Que gente!

Enquanto conversavam, os olhos de Colt por vezes se fixavam no rosto de Zora. Que adorável moça, mesmo sob aqueles trapos e sujeira, que externamente ostentavam o símbolo de seu cativo entre os árabes. Estava um bocadinho mais magra do que quando a vira pela última vez; os olhos revelavam cansaço e o rosto privações e aborrecimentos. Entretanto, talvez devido a esses contrastes, a sua beleza mais se realçava. Parecia incrível que ela pudesse gostar do grosseiro e garganta Zveri, a sua antítese sob todos os sentidos. Foi Zora quem quebrou o silêncio.

— Precisamos cuidar de voltar ao acampamento-base. E questão vital que ali eu me ache. Há tanta coisa que fazer e somente a mim é que me cabe.

— A senhora somente pensa na causa, observou Colt, e nunca em sua própria pessoa. Ê de uma lealdade a toda a prova.

— Sim, retorquiu Zora, em voz baixa, sou leal àquilo para que empenhei o meu juramento.

— De minha parte receio que, nesses últimos dias passados, eu tenha pensado mais em meu próprio interesse do que no do

proletariado, notou Colt.

— Quanto a mim, receio que intimamente o senhor ainda seja burguês, e, por mais que faça, ainda olhe com desdém o proletariado.

— O que a faz dizer tal coisa? interrogou Colt. Estou certo de que nada disse para fazê-la pensar desse modo.

— Muitas vezes uma simples e inconsciente inflexão na pronúncia de uma palavra, altera a significação de toda uma sentença e revela os secretos pensamentos de quem fala.

Colt riu-se, bem humorado.

— A senhora é uma pessoa de quem há perigo de se conversar. Acaso vou ser fuzilado ao amanhecer?

Zora olhou-o seriamente.

— O senhor é diferente dos outros. Creio que jamais imaginou como eles são desconfiados. O que eu lhe disse foi simplesmente um aviso, para que pese bem as suas palavras quando estiver conversando com os demais. Alguns deles são homens de espírito acanhado e ignorantes, e desconfiam sempre do senhor por causa dos seus antecedentes. São sensivelmente ciumentos da nova importância que acreditam ter atingido a sua classe.

— A sua classe? Estranhou o americano. Pensei que a senhora me tivesse dito, certa vez, que também pertencia ao proletariado.

Se ocorresse a Colt tê-la surpreendido e que ela se mostraria embaraçada, redondamente se enganava. Os olhos de Zora encontraram-se firmemente com os dele e não se desviaram.

— Pertença, afirmou a moça, mas ainda não posso tolerar as fraquezas de minha classe.

Por algum tempo ele continuou com os olhos na companheira, com a sombra de um sorriso brincando nos lábios.

— Não acredito...

— Por que não concluiu o pensamento? indagou Zora. No que é que não acredita?

— Perdoe-me. Ê que eu estava pensando em voz alta.

— Tome cuidado, camarada Colt. Pensar em voz alta por vezes é fatal, advertiu-o Zora, suavizando num sorriso as suas palavras.

O som de vozes, à distância, interrompeu-lhes a palestra.

— Eles vêm vindo, sussurrou a moça.

Colt fez sim, com a cabeça, e os dois permaneceram silenciosos, ouvindo os sons de vozes e passos que se aproximavam. Os homens passaram por eles, pararam. Zora, que compreendia o idioma árabe, ouviu um deles dizer:

— A trilha acaba aqui. Com toda a certeza, entraram na jângal.

— Quem será o homem que se achava com ela? Indagou outro.

— Ê um Nasrâny. Afirmando-lhes isso, por causa dos sinais de seus pés, disse o primeiro.

— Certamente seguiram a margem do rio, aventou um terceiro. Esse o caminho que eu seguiria, se estivesse em seu lugar e cuidasse de fugir.

— *Wullah!* As suas palavras são sábias, observou o primeiro dos árabes. Vamos fazer uma devassa aqui e depois seguiremos o rio, mas não se esqueçam do Nasrâny. Ele tem consigo a pistola e o mosquete do xeque.

Os dois fugitivos escutaram sons de passos que se afastavam e diminuía a distância, à medida que os árabes forçavam seu caminho pela jângal, na direção do rio.

— Penso que já podemos sair daqui, observou Colt. E enquanto não nos é possível tomarmos diretamente pelo caminho que vai até ao acampamento-base, creio que devemos seguir pela jângal e nos conservarmos afastados do rio.

— Sim, concordou Zora, pois essa é a direção que vai ter ao acampamento.

Caminhavam ainda pela densa jângal, quando a noite os surpreendeu. Suas roupas estavam em trapos e o corpo de ambos arranhado e dilacerado, recordação muda e dolorosa do caminho espinhento que tiveram de seguir.

Esfomeados e sequiosos, resolveram acampar em meio de galhos de uma árvore. Colt construiu uma grosseira plataforma para a companheira, enquanto se preparava para dormir no chão, ao pé do grande tronco. Zora logo se insurgiu contra isso.

— Não consinto em absoluto. Não estamos em condições de nos acurvar à estúpida convenção que ordinariamente regula a nossa existência no mundo civilizado. Aprecio imenso sua consideração, mas prefiro-o aqui, na árvore, comigo, do que aí em baixo, onde o primeiro leão que passar poderá apanhá-lo.

Assim foi que, com auxílio da moça, Colt construiu outra plataforma perto da primeira. Quando as trevas caíam, ambos estenderam o corpo em seu rude leito e cuidaram de dormir.

Não demorou que Colt adormecesse, e em seu sonho ele viu a delgada figura daquela deusa de olhos de estrelas, cujas faces estavam úmidas de pranto. Entretanto, quando a tomou em seus braços e a beijou, notou que era Zora Drinov. Nesse instante, terrível som saído da jângal, em baixo, acordou-o em sobressalto. Sentando-se, ele apanhou prontamente o mosquete do xeque.

— Um leão que anda à caça, disse a moça em voz baixa.

— Psiu! Fez Colt. Com toda a certeza, estive dormindo, pois sobressaírei-me.

— Sim, o senhor estava dormindo. Escutei-o falar. Colt notou que a moça se esforçava para não rir-se.

— O que dizia eu? indagou ele.

— Talvez não queira ouvir o que estava dizendo em sonho. Quem sabe se não vai ficar embaraçado.

— Não. Continue. Diga-me.

— O senhor disse "eu te amo".

— Verdade?

— Verdade. Mas não sei com quem o senhor estava conversando em sonho, acrescentou Zora, em tom de gracejo.

— Nem eu, disse Colt, recordando-se que em -seu sonho a figura de uma mulher se confundira com a de outra.

O leão, escutando-lhes as vozes, afastou-se dali, resmungando. É que não andava à caça desta coisinha odiada, chamada homem.

CAPÍTULO 12

Na pista do terror

VAGAROSAMENTE os dias se arrastavam para o homem e a mulher, em busca de seus camaradas, dias cheios de fatigante esforço, boa parte dos quais era empregada na procura de alimento e água para o sustento de ambos. Aumentava a impressão de Colt quanto ao caráter e personalidade da companheira. Com uma certa apreensão notou que aos poucos ela se enfraquecia, devido à fadiga e à alimentação escassa e inadequada que conseguira arranjar-lhe. Mau grado isso, a moça conservava a frente ereta e cuidava de ocultar-lhe o seu estado. Nem uma vez abria a boca para queixar-se. Quer pela palavra, quer pelo olhar, Zora não o censurara pela sua inabilidade de conseguir-lhe suficientemente alimento, fracasso que ele tinha como indicativo de ineficiência. A moça ignorava que muitas vezes o companheiro passava fome para que ela pudesse comer, dizendo-lhe, quando chegava com o alimento, ter comido a sua parte no lugar em que o encontrara, engano que se tornara possível porque, quando ele andava à caça, quase sempre deixava Zora descansando em algum lugar relativamente seguro, para que não se visse obrigada a inútil esforço.

Hoje ele a deixara assim, em segurança, numa grande árvore, ao lado de sinuosa corrente de água. Zora estava muito cansada. Parecia-lhe que agora ela se achava sempre cansada. O pensamento de caminhar continuamente desanimava-a, e bem que sabia cumprir-lhe continuar em sua marcha. Ignorava quanto poderia ainda caminhar, antes de cair exausta, de uma vez para sempre. Contudo, não era consigo mesma que se preocupava, mas com este homem, cheio de saúde, rico e poderoso, cuja constante consideração, delicadeza e ternura constituíam uma revelação para ela. Bem sabia que, quando não pudesse prosseguir na caminhada, ele não a deixaria e, assim, a oportunidade do americano de escapar desta terrível jângal estaria em risco e talvez perdida para

sempre, por sua causa. De sua parte, ela esperava que a morte depressa viesse buscá-la, de modo que, isento de responsabilidade, o companheiro rapidamente pudesse mover-se em procura daquele enganador acampamento, que lhe parecia muito menor do que um insignificante mito. Entretanto, pôs de parte a idéia de morte, não porque receasse a morte, como é de prever-se, mas inteiramente por uma nova razão, que subitamente lhe surgiu e provocou instintivo estremecimento. A tragédia desse súbito despertar de sua própria fraqueza, deixou-a muda de terror. Era o pensamento que lhe cumpria afastar de si, e que não devia entreter nem mesmo por um minuto. Não obstante, persistia com uma estúpida insistência, que lhe fazia brotar lágrimas nos olhos.

Colt distanciara-se bastante, esta manhã, muito mais do que o costume, em procura de alimento, pois avistara um antílope. E, com a imaginação inflamada pela contemplação de tanta carne numa só caça e o que significava para Zora, pôs-se no seu encalço como um cão de caça, atraído pela ocasional visão de seu tamanho, à distância.

O antílope vagamente tinha conhecimento da presença de um inimigo, pois se achava contra o vento que soprava do lado de Colt, de sorte que não lhe sentiu o faro, e ao avistar, de quando em quando, a distante silhueta do homem, isso somente servia para despertar-lhe curiosidade. Assim era que, enquanto se adiantara, em seu caminho, por vezes parava e, mesmo, se voltava para satisfazer a sua admiração. Presentemente, a pausa que fez foi demorada. Em seu desespero, Colt arriscou um longo tiro. Como o animal tombasse, ele não pôde conter um grito de alegria.

À proporção que corriam as horas, que Zora não tinha meios de contar, cada vez mais se tornava apreensiva quanto ao companheiro. Nunca antes ele a deixara por tanto tempo, de modo que ela se pôs a arquitetar toda sorte de imaginária desgraça que poderia ter-lhe sucedido. Agora, bem que desejava tê-lo acompanhado. Se lhe passasse pela idéia a possibilidade de alcançá-lo, segui-lo-ia. Contudo, sabia que isso era impossível. E a sua forçada inatividade tornou-a irrequieta. A sua posição, na

árvore, já estava insuportável. De repente, avassalada pela sede, desceu ao chão e encaminhou-se para o rio.

Depois de havê-la saciado e quando estava para voltar ao seu abrigo, Zora escutou ruído de alguma coisa que se aproximava, vindo da direção seguida por Colt. Instantaneamente o coração saltou-lhe de alegria, o desânimo e boa parte de sua fadiga como que se esvaíram, e subitamente ela verificou como se achava isolada longe do companheiro. O quanto dependemos da companhia dos nossos co-naturais, somente por vezes verificamos quando somos vítimas de obrigada solitude. Lágrimas de felicidade apareceram nos olhos de Zora, no instante em que se adiantava ao encontro de Colt. Nessa ocasião, quebraram-se os arbustos à sua frente e surgiu, à sua vista, diante de seus olhos aterrorizados, monstruoso e peludo macaco.



*...enquanto longe, na floresta, Nkima fugia
de um velho "baboon"...*

To-yat, o rei dos macacos, estava tão surpreso quanto a própria moça, mas as suas reações eram quase opostas. Não foi com horror que ele deu com esta delicada e branca Mangani-fêmea. Para a moça, somente havia ferocidade na cara do bruto, embora em seu peito reinasse diferente emoção. Movendo-se com dificuldade, ele se encaminhou na direção de Zora. Esta, como que livre de momentânea paralisia, voltou-se para fugir. Fútil a tentativa, pois

segundos mais tarde peluda garra rudemente a detinha pelo ombro. Momentaneamente, ela se esquecera da pistola do xeque, que Colt sempre lhe deixava para sua própria defesa. Tirando-a, agora, de sua capa, Zora voltou-a para o peito do bruto. Mas To-yat, vendo na arma uma clava com que a sua vítima pretendia atacá-lo, arrancou-lha e atirou-a longe. Depois, muito embora ela lutasse e cuidasse de readquirir a sua liberdade, To-yat a levantou até os seus quadris e entranhou-se pela jângal, na direção de onde viera.

Colt demorou-se com a sua caça o tempo necessário para arrancar-lhe os pés, a cabeça e as vísceras, a fim de que pudesse reduzir-lhe em muito o peso da carga que deveria levar para onde se achava Zora, porquanto estava consciente de que as privações por que passara, lhe diminuiriam em muito as forças.

Atirando a carcaça do animal aos ombros, ele partiu de volta para o lugar onde deixara a companheira, exultando ao pensamento de que ao menos uma vez regressara com grande quantidade de carne que iria restituir-lhe o vigor. Enquanto cambaleava sob o peso do pequeno antílope fazia planos que previam um futuro cor de rosa. Ambos deviam descansar até que lhes voltassem as forças, e enquanto descansassem, podiam fritar toda a carne da caça, que lhes restasse, e assim teriam uma reserva de alimento que lhes duraria por muito tempo. Dois dias de descanso com abundante alimentação, pensava ele, seriam o bastante para enchê-los de renovada esperança e vitalidade.

Ao caminhar laboriosamente ao longo da trilha, de volta, pôs-se a notar ter-se afastado muito mais longe do que pensava, coisa que no entanto valera a pena. Mesmo que alcançasse Zora em estado de profunda exaustão, pouco lhe importava, porquanto tinha a certeza de que a alcançaria, de tão confiado em seus próprios poderes de paciência e no vigor de sua força.

Quando por fim chegara, cambaleando, ao seu destino, ergueu a cabeça para a árvore e chamou Zora pelo nome. Não obteve resposta. Naquele primeiro e breve instante de silêncio, estúpida e

aflitiva previsão de desastre assaltou-o. Descendo a carcaça do antílope, precipitadamente olhou para todos os lados.

— Zora! Zora, gritou ele.

Entretanto, somente o silêncio da jângal lhe respondia. Nesse instante, seus olhos perquiridores deram com a pistola de Abu Batn, no lugar onde To-yat a atirara. Os seus piores terrores justificavam-se plenamente, porquanto sabia que, se

Zora tivesse partido por sua livre vontade, teria levado a arma consigo. Ela fora atacada por alguma coisa e raptada, isso era positivo. Presentemente, ao examinar de perto o chão, descobriu os sinais de passadas de um ser parecido com grande homem.

Repentina loucura se apoderou de Wayne Colt. A crueldade da jângal, a injustiça da Natureza fizeram surgir dentro de seu peito enfurecida raiva. Desejava matar aquela coisa que havia roubado Zona Drinov. Precisava rasgá-la com suas mãos e estraçalhá-la com os seus dentes. Todos os selvagens instintos do homem primitivo nele se reavivaram quando, esquecendo-se da carne que momentos antes tanto lhe significava, temerariamente se entranhava pela jângal, na leve pista de To-yat, o rei dos macacos.

La de Opar vagorosamente se encaminhou pela jângal, depois que havia escapado a Ibn Dammuk e a seus companheiros. Seu berço natal chamava-a. muito embora soubesse que em segurança ali não entraria. Mas que lugar havia, no mundo inteiro, para onde pudesse ir? Algo da concepção da imensidade do grande mundo nela ficara impresso, durante sua peregrinação desde que deixara Opar, bem como a futilidade de continuar à procura de Tarzan. De modo que voltaria para as adjacências de Opar, e talvez algum dia Tarzan ali aparecesse. Pouco se importava que grandes perigos a ameaçassem em seu caminho, pois La de Opar era completamente indiferente à vida, que nunca lhe proporcionara muita felicidade. Vivia porque vivia, e era verdade que lhe cumpria lutar para prolongar a vida porque essa era a lei da Natureza, que imbui o mais miserável dos desgraçados com o poder e pressa de prolongar

a própria miséria, como oferece aos poucos afortunados, que são felizes e contentes, um desejo similar de viver.

Presentemente, notando-se perseguida, apressou o passo e conservou-se à dianteira dos que lhe iam no encalço. Encontrando uma trilha, seguiu-a, ciente de que se lhe permitissem aumentar a pressa, permitiria aos seus perseguidores aumentarem a sua, nem lhe seria possível ouvi-los agora tão facilmente como antes, quando eles forçavam seu caminho através da jângal. Mesmo assim, estava confiante de que não a apanhariam. Entretanto, como se encaminhasse apressadamente, numa volta do caminho foi obrigada a parar, repentinamente, pois ali estava, cortando-lhe a passagem, um grande leão com enorme juba. Desta feita La lembrou-se do animal, não como Jad-bal-ja, o companheiro de caça de Tarzan, mas como o leão que a livrou do leopardo, depois que Tarzan a havia deixado.

Leões eram criaturas familiares para La de Opar, não só porque continuamente eram capturados pelos sacerdotes e presos em jaulas, como também porque era costume apanhá-los quando pequenos, antes que se tornassem ferozes. Não obstante La sabia que os leões podiam associar-se aos seres humanos, sem que os devorassem. E, como já tivesse alguma experiência do ânimo deste leão e como pequeno fosse o seu sentimento de medo, como Tarzan rapidamente ela escolheu entre o leão e os árabes que a perseguiam e avançavam diretamente para o lado da grande fera, em cuja atitude desde logo notou não haver ameaça. La de Opar era demasiado filha da Natureza para saber que a morte chega depressa e sem dor no abraço de um leão, de modo que de nada receava e sentia somente grande curiosidade.

Jad-bal-ja há muito tempo que sentira o faro de La em suas narinas, pois que ela caminhava a favor do vento, ao longo das trilhas da jângal. De sorte que esperou, com a sua curiosidade aguçada pelo fraco faro dos homens que a seguiam. Pouco depois como ela se encaminhasse em sua direção, ao longo da trilha, a fera pôs-se de lado, a fim de que ela pudesse passar e, tal um

enorme gato, esfregou o pescoço com a enorme juba nas pernas da sacerdotisa.

La parou e pôs a mão sobre a cabeça do animal. Depois, falou-lhe em voz baixa, na linguagem do homem primitivo, a linguagem dos grandes macacos que era a de seu povo, bem como de Tarzan.

Hajellan, conduzindo os seus homens em perseguição de La. ao voltar uma das curvas da trilha, parou horrorizado. É que viu um enorme leão a enfrentá-lo, um leão que agora erguia as paías e rosnava enfurecido, e ao lado do leão, com uma das mãos oculta sob sua negra e espessa juba, uma mulher branca.

A mulher pronunciou uma simples palavra ao animal, numa língua que Hajellan não compreendeu.

— Mate! Ordenou La na linguagem dos grandes macacos.

Tão acostumada estava a grã-sacerdotisa do Flamejante Deus a dar ordens, que não lhe ocorreu a possibilidade de Numa desobedecer-lhe. Assim foi que, muito embora não soubesse de que jeito é que Tarzan estava habituado a dar ordens a Jad-bal-ja, não ficou surpresa quando o leão preparou o assalto e atacou.

Fodil e Dareyem seguiam rente do seu companheiro quando este parou, e grande foi o terror de ambos ao verem o leão dar o assalto. Virando nos pés eles fugiram, colidindo com os negros que vinham logo atrás. Hajellan, paralisado de horror, ficou como que chumbado ao solo, no instante em que Jad-bal-ja sobre ele se atirava e o agarrava. Com suas grandes mandíbulas esmagou a cabeça e o pescoço do homem, partindo-lhe o crânio como se fosse uma casca de ovo. Depois, agitou tremendamente o corpo do homem e atirou-o de lado. Feito isso, voltou-se e olhou interrogativamente para La.

No coração da mulher não havia mais simpatia pelos seus inimigos do que no coração de Jad-bal-ja; o seu único desejo era livrar-se deles todos. Não se importava se eles vivessem ou morressem, de modo que não atçou Jad-bal-ja em perseguição dos que haviam fugido. Dava tratos à imaginação, agora, para saber o

que o leão faria de sua vítima. E ciente de que a vizinhança de um leão que se alimentava não era lugar seguro, La voltou-se e continuou o seu caminho ao longo da trilha. Mas Jad-bal-ja não era comedor de homem, não em virtude de quaisquer escrúpulos morais, mas por ser jovem e ativo e não encontrar dificuldade em matar qualquer outra presa, cuja carne mais lhe sabia ao paladar do que a salgada carne do homem. Conseqüentemente, deixou Hajellan caído onde tombara e seguiu La pelas sombrias trilhas da jângal.

Um negro, vestido apenas de uma curta tanga, que trazia uma mensagem da costa para Zveri, parou onde dois caminhos se cruzavam. À sua esquerda soprava o vento, e às suas sensíveis narinas chegou o fraco cheiro que denunciava a presença do leão. Sem hesitar um só momento, o homem desapareceu na folhagem de uma árvore que pendia sobre a trilha. Talvez Simba não estivesse com fome, talvez Simba não andasse à caça. Mas o mensageiro negro não era homem para arriscar-se. Estava certo de que o leão se aproximava, e ele poderia esperar no lugar onde se achava e de onde poderia ver ambos os caminhos, até que verificasse qual o que Simba seguiu.

Observando com mais ou menos indiferença, devido à segurança de seu abrigo, o negro estava mal preparado para o choque que o espetáculo agora lhe ostentava à vista. Jamais nos mais ínfimos degraus da superstição concebera ele cena como esta, que agora lhe era dado contemplar. Repetidas vezes esfregou os olhos para assegurar-se de que se achava acordado. Não, não podia haver engano. De fato, era uma mulher branca, quase nua, que apenas trazia adornos de ouro e delicada pele de leopardo sob seu estreito estômago, uma mulher branca que caminhava com os dedos de uma das mãos enfiados na juba negra de um grande leão dourado.

Vinham vindo pelo caminho, e na encruzilhada eles tomaram pela esquerda e seguiram a trilha por onde o negro viera. À proporção que ambos desapareciam de vista, o negro segurou no feitiço que lhe estava suspenso, por um cordel, ao pescoço, e rezou

a Mulungo, o deus da sua gente. E quando de novo se pôs a caminho, rumo ao seu destino, tomou por outra mais circular rota.

Muitas vezes, depois de caírem as trevas, Tarzan vinha ao acampamento dos conspiradores e, inclinado numa árvore, sobre eles, escutava Zveri desenvolver o seu plano aos companheiros. De modo que o homem-macaco já estava a par de tudo o que pretendiam, nos seus mínimos detalhes.

Agora, inteirado de que eles não cuidavam de agir por algum tempo, Tarzan estava vagando pela jângal, longe da vista e do mau cheiro do homem, gozando em cheio a tranqüilidade e a liberdade que lhe constituíam a vida. Estava certo de que, por este tempo, Nkima já havia chegado ao seu destino e entregara a mensagem que lhe confiara. Tarzan ainda se achava perplexo pelo desaparecimento de La, e irritado pela própria inabilidade de apanhar-lhe o rasto. Sentia-se verdadeiramente triste com seu desaparecimento, pois já traçara os seus planos para restaurá-la no trono e castigar-lhe os inimigos. Mas não se entregava muito a essa fútil tristeza quando se balançava através das árvores, na alegria de viver, ou, assaltado pela fome, seguia a sua presa no terrível e sombrio silêncio da fera caçadora.

Por vezes, pensava no bem parecido moço americano, por quem sentira certa inclinação, a despeito de considerá-lo inimigo. Soubesse, acaso, que Colt se achava em quase desesperadora situação, e era bem possível que fosse libertá-lo.

Assim, sozinho e sem amigos, preso do mais profundo dos desesperos, Wayne Colt cambaleava através da jângal, em procura de Zora Drinov e de seu captor. Mas já lhes havia perdido o insignificante rasto, e To-yat, bem distanciado à sua direita, balanceava-se de galho em galho, com sua prisioneira, livre de perseguição.

Enfraquecida de exaustão e choque, inteiramente aterrorizada agora pela sua desesperada e pavorosa situação, Zora perdeu os sentidos. To-yat receou que ela tivesse morrido. Mesmo, assim, levava-a consigo, a fim de que pelo menos lograsse a satisfação de

exibi-la à sua tribo como uma prova de sua proeza e, talvez, para dar motivo a um outro Dum-Dum. Bem seguro de seu poder, consciente dos poucos inimigos que poderiam com segurança molestá-lo, To-yat não tomou a precaução do silêncio, mas vagava através da jângal incauto quanto a todos os perigos.

Inúmeros eram os acurados ouvidos e sensitivas narinas que levavam a mensagem de sua passagem aos de sua espécie, mas somente a uma estranha mistura do fardo do grande macho com o de uma fêmea Mangani sugeriu a pena de uma investigação. De modo que, enquanto To-yat prosseguia descuidado em seu caminho, outra criatura da jângal, movendo-se silenciosamente em velozes pés, ia no seu encalço. E quando, de vantajoso ponto, olhos de lince notaram o peludo macho com a delgada e delicada moça, uns lábios se encurvaram em silencioso rosnar. Momentos depois To-yat, o rei dos macacos, foi obrigado a parar, resmungando e rosnando, no instante em que a gigantesca figura de um bronzeado Tarmangani velozmente caiu de uma árvore, defronte dele, uma viva ameaça para a posse de sua presa.

Os perversos olhos do grande macho despendiam fogo e ódio.

— Suma daqui, ordenou ele. Eu sou To-yat. Suma daqui ou eu mato.

— Desça essa mulher, ordenou Tarzan, por sua vez.

— Não, trovejou To-yat. Ela é minha.

— Desça essa mulher, repetiu Tarzan, e suma você ou eu mato. Sou Tarzan dos Macacos, o senhor da jângal.

Tarzan sacou de uma faca de caça, que pertencera ao pai, e abaixou-se, enquanto avançava na direção do grande macho. To-yat arreganhou os dentes. E vendo que o outro pretendia luta, atirou o corpo da moça de lado, para que não o embaraçasse. Enquanto se chegavam cada um procurando lugar mais vantajoso, ouviu-se um súbito e terrível estalido na jângal, trazido pelo vento aos contendores.

Tantor, o elefante, adormecido na segurança das profundezas da floresta, subitamente acordara pelo rosar das duas feras. Imediatamente suas narinas apanharam um odor familiar, o odor de seu amado Tarzan, e os ouvidos lhe disseram que ele estava enfrentando, em combate, o grande Mangani, cujo cheiro era mais ativo nas narinas de Tantor.

Estalando e quebrando árvores, o portentoso elefante correu através da floresta, e no instante em que subitamente emergiu, dirigindo-se ao encontro dos combatentes, To-yat, o rei dos macacos, lendo a morte naqueles enfurecidos olhos e rebrilhantes dentes, virou-se nos pés e refugiou-se na jângal.

CAPÍTULO 13

O homem-leão

PEDRO ZVERI de certo modo estava readquirindo parte da confiança perdida ao derradeiro malogro do seu plano, pois os seus agentes por fim haviam logrado trazer-lhe algum recurso de que tanto necessitava, bem como contingentes dos desleais negros, entre os quais recrutara, para suas forças, número suficiente para assegurar-lhe o sucesso de sua pretendida invasão da Itália Somaliland. Era seu plano levar a efeito rápida e súbita incursão, destruindo as aldeias de nativos e capturando um ou dois postos avançados; depois, retraindo-se rapidamente através das fronteiras, guardaria os uniformes franceses para um possível uso futuro e levaria a efeito o destronamento do Ras Tafari, na Abissínia, onde os seus agentes lhe asseguravam magníficas condições para uma pronta revolução. Com a Abissínia sob o seu controle, para servir de ponto de concentração, os seus agentes lhe afirmavam que as tribos nativas de todo o norte da África se reuniriam sob a sua bandeira.

Na longínqua Bokhara, uma esquadrilha de duzentos aeroplanos de caça, reconhecimento e combate, tornava-se sobremodo vantajosa, graças à ambição de capitalistas americanos, mobilizada para uma pronta incursão através da Pérsia e da Arábia, até chegar à sua base, na Abissínia. Com tais elementos para amparar o seu exército de nativos, ele se sentia seguro. Os descontentes do Egipto se lhe reuniram e, com a Europa enredada numa guerra, o que evitaria qualquer ação contra os insurrectos, o seu sonho de um império estava assegurado e sua posição inexpugnável para sempre.

Talvez tudo isso não passasse de um sonho maluco, talvez Pedro Zveri estivesse louco. Entretanto, dentre os conquistadores do mundo, qual foi o que não se sentiu um pouquinho louco?

Ele via suas fronteiras cada vez mais se distendendo para o sul, e aumentando o seu domínio, até que um dia reinaria em todo um vasto continente, com o nome de Pedro I, imperador da África.

— Você parece feliz, camarada Zveri, observou o pequeno Antônio Mori.

— E por que não, Tony? Respondeu o sonhador. Estou antevendo êxito à nossa frente. Seremos todos felizes, mas ainda seremos mais felizes com o correr dos tempos.

— Sim, concordou Tony, depois que os filipinos forem livres, eu me sentirei feliz. Não acha que me tornarei um grande homem depois disso, camarada Zveri?

— Certamente. Mas você poderá ainda ser mais importante se permanecer aqui e trabalhar para mim. Que tal, um título de grão-duque, hein, Tony?

— Grão-duque! exclamou o filipino. Pensei que não mais houvesse grão-duques.

— Talvez ainda os haja.

— Eles eram homens perversos, que exploravam as classes proletárias.

— Tornar-se um grão-duque, para imperar sobre os ricos e tomar-lhes o dinheiro, não é coisa tão má, asseverou Pedro. Os grão-duques são muito ricos e poderosos. Não gostaria você de tornar-se rico e poderoso, Tony?

— Ora essa, certamente. Quem não gostaria de ser?

— Pois bem, Tony, algum dia eu o farei grão-duque.

O acampamento estava agora cheio de atividade, pois Zveri concebera o plano de adestrar os seus recrutas nativos numa certa ordem e disciplina militar. Romero, Dorsky e Ivitch tinham experiência de caserna, de sorte que o acampamento estava repleto de homens que marchavam, que se desdobravam em colunas, atacavam e se reuniam, praticando o Manual das Armas e instruídos nos rudimentos da disciplina do fogo.

No dia seguinte após a conversa com Zveri, Tony estava auxiliando o mexicano, que suava com uma companhia de recrutas negros.

Durante um intervalo de descanso, como o mexicano e o filipino estivessem gozando as delícias de um cigarro, Tony voltou-se para o companheiro.

— Você é homem muito viajado, camarada. Talvez possa dizer-me que espécie de uniforme usa um grão-duque.

— Ouvi dizer, respondeu-lhe Romero, que em Hollywood e Nova York muitos deles usavam aventais.

Tony fez uma careta.

— Nesse caso, parece-me que não quero ser grão-duque.

Os negros, no acampamento, estavam bastante interessados e ocupados em exercícios para não pregarem nenhuma das suas peças, com abundante alimentação, perspectivas de combates e de marcharem para o futuro, com satisfatório e feliz quinhão. Aqueles que padeceram as crueldades da tentativa de Opar e outros desagradáveis incidentes que lhes perturbaram a equanimidade, inteiramente readquiriram confiança em si mesmos, uma vez que Zveri, ao que parecia, de novo ganhara a confiança de seus comandados, isso devido ao seu notável dom para chefe. Foi quando chegou ao acampamento um portador, com uma mensagem para ele e com a estranha história de ter visto uma mulher branca caçando na jângal, com um leão dourado e de juba negra. Isso foi o bastante para lembrar, aos negros, as outras terríveis ocorrências e recordar-lhes que havia agentes sobrenaturais agindo naquela região, povoada de fantasmas e demônios, e que a qualquer instante qualquer terrível calamidade poderia cair sobre eles.

Essa história perturbou a tranqüilidade dos negros, e a mensagem que o portador trouxera a Zveri precipitou um distúrbio entre os russos, que quase culminou em insanidade. Blasfemando em alta voz, Zveri afastou-se e foi ter à sua tenda, sem que se

dignasse explicar aos seus lugares-tenentes a causa de tamanha raiva.

Enquanto Zveri espumava de ódio, outras forças se reuniam contra ele. Através da jângal movia-se uma centena de guerreiros pretos como o ébano, com a pele lisa e polida, os músculos salientes e os passos elásticos, revelando esplêndida compleição. Estavam semi-nus, pois apenas lhes envolvia os quadris um pedaço de couro de leopardo ou leão, e traziam aqueles ornamentos tão do agrado do seu coração de selvagem, argolas de cobre que lhes comprimiam os tornozelos e braços e colares feitos de unhas de leões ou leopardos. Na cabeça de cada um flutuava um cocar de penas brancas. Logo os seus primitivos equipamentos cessavam, pois suas armas eram as armas modernas de combatentes: rifles de alta potência, revólveres e bandoleiras com cartuchos. Na verdade, era todo um formidável bando, que apressada e silenciosamente deslizava pela jângal. Sobre o ombro do chefe negro estava encarapitado um macaquinho.

Tarzan sentiu-se tranqüilizado quando Tantor, repentina e inesperadamente surgiu da jângal e fez com que To-yat fugisse espavorido, pois Tarzan dos Macacos não encontrava prazer em lutar com os Mangani, que, acima de todas as demais criaturas, ele considerava seus irmãos. Nunca se esquecia de que fora amamentado no peito de Kala, a macaca, nem que em sua infância crescera na tribo de Kerchak, o rei. Da infância à mocidade sempre se imaginara um macaco, e mesmo agora mais fácil lhe era apreciar e compreender as razões dos grandes Mangani do que as do homem.

A um sinal de Tarzan, Tantor parou. Retomando a sua costumeira posição, embora ainda alerta a qualquer perigo que pudesse ameaçar a seu amigo, ele vigiava, enquanto o homem-macaco se voltava e ajoelhava-se ao lado da prostrada moça. A princípio Tarzan a supusera morta, mas logo descobriu que ela estava apenas desmaiada. Levantando-a nos braços, disse uma meia dúzia de palavras ao grande paquiderme, que se voltou e,

abaixando a cabeça, penetrou na densa jângal, abrindo caminho para Tarzan e sua preciosa carga.

Direito como uma seta caminhava Tantor, o elefante, para afinal parar à margem de considerável rio. Além do rio estava um lugar que Tarzan imaginara conveniente para transportar a desafortunada cativa de To-yat, a quem conhecera imediatamente como a jovem que vira no acampamento-base dos conspiradores, e que, a um simples exame, notou logo achar-se às portas da morte em virtude de fome, choque e debilidade extrema.

De novo ele falou com Tantor. E o grande paquiderme, enrolando a tromba em redor do corpo de ambos, levantou-os gentilmente até seu largo dorso. Depois, meteu-se entre as águas e levou-os à margem oposta. O canal, no centro, era profundo e rápido, de modo que Tantor perdeu o pé e foi arrastado pela correnteza a uma considerável distância, antes que de novo lograsse vau. Contudo, ganhou a margem oposta. Aqui se pôs à frente, abrindo caminho, até que por fim alcançou uma trilha larga e magnífica.

Agora Tarzan é que caminhava à frente e Tantor seguia-o. Enquanto assim andavam, silenciosamente, rumo ao seu destino, Zora Drinov abriu os olhos. Imediata recordação de seu rapto lhe veio à mente. E então simultaneamente ela notou que seu queixo, apoiado no ombro de seu captor, não estava apertado de encontro à epiderme coberta de pêlo, mas contra uma pele macia de corpo humano. Voltando a cabeça, reparou no perfil da criatura que a carregava.

A princípio pensou que fosse vítima de alguma estranha alucinação de terror, pois certamente não podia medir o tempo em que permanecera desacordada, nem lembrar-se de quaisquer incidentes que lhe ocorreram durante esse período. A última coisa de que se recordava era de achar-se nos braços de um grande macaco, que a carregava algures, através da jângal. Fechara os olhos, e quando de novo os abria, o macaco se transformara num formoso semi-deus da floresta.

Zora Drinov fechou os olhos e voltou a cabeça, de modo que pudesse olhar pelas costas do homem. Pensou que devia conservar os olhos bem cerrados por alguns instantes, e depois abri-los e voltá-los rapidamente para o rosto da criatura que a carregava tão depressa, através da jângal. Talvez desta feita de novo a pessoa virasse macaco e então ela ficaria sabendo que de fato se achava louca ou sonhando.

Quando abriu os olhos, a cena que lhe foi dado ver convenceu-a de que ela estava experimentando um pesadelo, pois caminhando ao longo da trilha, justamente atrás, vinha um gigantesco elefante macho.

Tarzan, verificando que a moça se recobrava do desmaio, pelos movimentos da cabeça sobre o seu ombro, voltou a sua para olhá-la e viu-a com os olhos esbugalhados, fixos em Tantor. Nesse momento, ela se voltou e os olhos de ambos se encontraram.

— Quem é o senhor? Indagou ela num murmúrio. Estou sonhando?

O homem-macaco se limitou a voltar os olhos para a frente e não lhe respondeu palavra.

Zora imaginou lutar para libertar-se. Mas verificando que ainda se achava em estado de grande debilidade e sem socorro, resignou-se ao seu destino e deixou o rosto de novo encostar-se no bronzeado ombro do homem-macaco.

Quando Tarzan finalmente parou e descarregou sua carga no chão, eles se achavam numa pequena clareira, através da qual corria um riacho de água cristalina. Enormes árvores elevavam-se em forma de arco, e através da densa folhagem o grande sol salpicava a relva, sob os seus pés.

No momento em que Zora Drinov pisou em chão firme, ela verificou pela primeira vez como se achava fraca, pois ao tentar levantar-se não o conseguiu. Quando os seus olhos perceberam a cena em seu redor, aquilo tudo lhe parecia mais do que um sonho — o grande elefante macho postado quase acima dela, e a

bronzeada figura de um quase nu gigante de cócoras e ao lado do pequeno córrego. Ela o viu dobrar uma folha enorme em forma de cornucópia e, depois de enchê-la de água, levantar-se e encaminhar-se em sua direção. Sem pronunciar sequer uma palavra, ele parou e, pondo o braço debaixo dos ombros de Zora, levantou-a e fê-la sentar-se, oferecendo-lhe água no improvisado copo.

A moça bebeu bastante, pois sentia muita sede. E, olhando no lindo rosto do homem, externou-lhe seus agradecimentos. Entretanto, como não obtivesse resposta, naturalmente pensou que não fosse compreendida. Depois que satisfez a sede e gentilmente ele a deitou no chão, ligeiramente o homem trepou numa árvore e desapareceu na floresta, com o seu pesado corpo balançando-se docemente de um lado e de outro.

A tranqüilidade e a paz dos arredores tendiam a acalmar-lhe os nervos, mas profundamente enraizada em sua mente estava a convicção de que sua situação inda era mais precária. O homem constituía-lhe um mistério, e embora soubesse que o macaco, que a roubara, não se transformara milagrosamente num deus da floresta, ainda assim ela não sabia como explicar a presença desse homem e o desaparecimento do macaco, a não ser pela extravagante hipótese de que os dois trabalhavam de acordo, e o macaco a furtara para este homem, que era o seu amo. Nada havia, na atitude do homem, para sugerir-lhe a idéia de qualquer mal, e como estivesse habituada a medir todos os homens pelos padrões da sociedade civilizada, não lhe era dado conceber outros desígnios ulteriores que não esses.

Para a sua mente, habituada à análise, o homem apresentava uma paradoxo que lhe intrigava a imaginação, parecendo, pelos seus gestos, profundamente estranho nesta selvagem jângal africana, e ao mesmo tempo se harmonizava perfeitamente com as adjacências, onde parecia ter sempre vivido e com segurança, fato esse que mais ainda a impressionava pela presença do enorme elefante, para o qual o homem não dava maior atenção do que se dá a um cão caseiro. Estivesse ele desalinhado, imundo e

degradado na aparência, e poderia catalogá-lo imediatamente no número daqueles homens relegados da sociedade, fora da lei, habitualmente meio dementes, às vezes encontrados longe dos lugares freqüentados pelos homens, vivendo a vida das feras, cujos padrões de decência e higiene uniformemente deixavam de observar. Mas esta criatura lhe dava idéia mais de um treinado atleta, em cujo asseio havia um mistério. Nem mesmo a sua bem talhada cabeça e os olhos inteligentes lhe davam idéia de qualquer degradação mental ou moral.

Enquanto os seus pensamentos se perdiam em tais conjecturas, o homem voltou, trazendo uma grande carga de ramos direitos, dos quais brotos e folhas foram arrancados. Com uma celeridade e destreza que evidenciavam longos anos de prática, ele construiu uma cabana à margem do riacho. Reuniu largas folhas para fazer-lhe o forro, e enfolhados ramos para tapar-lhe os lados, de modo a constituir uma proteção contra os ventos predominantes. Assoalhou-o com folhas e pequenos brotos, bem como com relva seca. Depois, tomando a moça entre os braços, levou-a ao rústico abrigo que lhe construirá.

Mais uma vez ele a deixou. Quando de novo regressou, trouxe-lhe uma pequena fruta, com que a alimentou escassamente, pois verificara que há muito ela não provava alimento, e não queria sobrecarregar-lhe o estômago.

Sempre ele trabalhava em silêncio e, embora nenhuma palavra fosse trocada entre ambos, Zora Drinov intimamente sentiu aumentar a sua confiança no estranho.

A vez seguinte em que a deixou, demorou-se por muito tempo, mas ainda o elefante permanecia na clareira, como uma espécie de titânica sentinela em seu posto de guarda.



...Kitembo, Chefe dos Basembos, sentiu uma flecha crivar-lhe no peito.

Quando de novo voltou, trazia a carcaça de um veado. Então, Zora viu-o fazer fogo, de acordo com o modo dos homens primitivos. À medida que assava a carne, o fragrante aroma chegou até suas delicadas narinas, despertando-lhe consciente fome devoradora. Assada a carne, o homem aproximou-se e pôs-se de cócoras, a seu lado, cortando pedacinhos com sua afiada faca e dando-lhe de comer, como se se tratasse de desamparada criancinha. Somente lhe dava, de cada vez, um pedacinho de carne,

e fazia-a descansar algum tempo. Enquanto Zora comia, pela primeira vez o homem falou, não com ela, mas numa linguagem que jamais ouvira. Falou ao grande elefante, e o enorme paquiderme vagorosamente se pôs em marcha pela jângal. Zora podia ouvir o ruído de sua passagem, cada vez mais diminuído até desaparecer, à distância. Antes que tivesse terminada a sua ceia, a noite caíra quase de cheio. Zora terminou-a, pois, à luz do fogo que brilhava, vermelho, sobre a bronzeada pele do companheiro, e se refletia naqueles misteriosos olhos cinzentos que lhe davam a impressão de tudo enxergarem, mesmo os seus mais íntimos pensamentos. Finda a refeição, ele lhe trouxe água para beber. Depois, sentou-se sobre os calcanhares, do lado de fora do abrigo, e começou a satisfazer a própria fome.

Aos poucos a moça se sentia embalada num sentimento de segurança pelas provas de solicitude de seu estranho protetor. Mas agora distintos receios a assaltavam e subitamente ela sentiu um novo e estranho medo do silencioso gigante em cujo poder se achava, pois quando ele comia, Zora notou que a sua carne era crua, e que ele a cortava como uma besta fera. Entretanto, aos seus ouvidos lhe chegou o ruído de alguma coisa que se movia na jângal, além do fogacho. O homem ergueu a cabeça e olhou; nesse instante, um rosnar baixo e selvagem lhe escapou dos lábios, como de aviso. A moça fechou os olhos e cobriu o rosto com os braços, presa de súbito terror e retraimento. Das trevas da jângal veio uma resposta, também rosnada. e o som extinguiu-se e de novo recaiu o silêncio.

Parecia a Zora uma eternidade o tempo em que conservara os olhos fechados, e quando de novo ousou abri-los, notou que o homem acabara a sua refeição e estava estendido na relva, entre ela e o fogo. Tinha-lhe receio, e disso estava certa, mas ao mesmo tempo não podia negar que a sua presença lhe produzia um sentimento de segurança que antes não sentira, na jângal. Entregue a tais conjecturas, começou a cochilar e em pouco adormeceu.

O jovem sol já estava trazendo renovador calor à jãngal quando Zora acordou. O homem renovara o fogo e se achava sentado bem perto dele, assando pedacinhos de carne. A seu lado havia algumas frutas, que ele andara a colher desde que acordara. Como o observasse, Zora ainda se sentia impressionada pela sua beleza física, bem como por certa nobreza de gestos que se harmonizavam com a dignidade de seus modos e a inteligência daqueles sagazes olhos cinzentos. Gostaria imenso de não tê-lo visto devorar o seu alimento como um... ah, como um leão. Idêntico a um leão era ele, em sua força, dignidade, majestade, enfim, em todas as sugestões de ferocidade que lhe dominavam todos os atos.

E assim foi que a moça se pôs a imaginá-lo um homem-leão e, enquanto cuidava nele confiar, sempre o temia um bocadinho.

Novamente alimentou-a e trouxe-lhe água antes que ela tivesse satisfeito o apetite. Mas antes que por sua vez se pusesse a comer, ele soltou um longo chamado, em voz baixa. Depois, mais uma vez se pôs de cócoras e devorou a sua carne. Embora a segurasse em suas mãos fortes e trigueiras e a comesse crua, Zora notou que ele a comia vagorosamente e com a mesma tranqüila dignidade que lhe assinalava cada um dos seus gestos, de modo que agora não se sentia revoltada. De novo tentou conversar com o estranho, dirigindo-se-lhe em várias línguas e diversos dialetos africanos, mas como por nenhum sinal ele desse a entender que a compreendera, Zora imaginou estar-se dirigindo a um bruto mudo. Sem dúvida o seu desapontamento seria substituído pela raiva se pudesse saber que se dirigia a um lord inglês, o qual compreendia perfeitamente cada palavra por ela pronunciada, mas que, por motivos que ele próprio imaginara de seu interesse, preferia permanecer mudo como um bruto perante esta mulher a quem encarava como inimiga.

Entretanto, melhor assim fora para Zora Drinov, pois quem se prontificara a socorrê-la, por se achar sozinha, impotente e por ser mulher, foi o *lord* inglês e não aquele carnívoro selvagem. A fera existente em Tarzan não a atacaria, mas limitar-se-ia a ignorá-la,

deixando que a lei da jângal seguisse o seu curso, como acontece a todas as suas criaturas.

Pouco depois de Tarzan haver terminado a sua refeição, um estalido na jângal anunciou a volta de Tantor. Quando ele surgiu na pequena clareira, a moça verificou que o grande bruto ali viera em resposta ao chamado do homem, e maravilhou-se.

Assim os dias se seguiam. Vagarosamente Zora Drinov readquiria o seu vigor, guardada à noite pelo silencioso deus da floresta e durante o dia pelo grande elefante. Agora, a sua única apreensão era pela segurança de Wayne Colt, que muitas vezes estava longe de seus pensamentos. O seu desassossêgo não era sem razão de ser, porque o jovem americano estava em situação deplorável.

Quase que alucinado com relação à segurança de Zora, ele exaurira as próprias forças em vã procura do seu rasto e do seu raptor, até que a fome e a fadiga lhe aquebrantaram de todo em todo o vigor. Por fim, despertou à certeza de que perigosa era a sua situação, e agora, que tanto necessitava comer, a caça que outrora encontrara em regular abundância, como que desaparecera da região. Mesmo os pequenos roedores que já serviram para conservá-lo vivo, não mais apareciam. De quando em quando, encontrava frutas que podia comer, mas pouco ou nada lhe adiantavam para revigorá-lo. Por fim, chegou à convicção de que chegara ao fim de sua existência e de suas forças, e que somente um milagre poderia preservá-lo da morte. Sentia-se tão fraco, que mal podia dar alguns passos de vez em quando. Nessas ocasiões, sentando-se no chão, era forçado a ali permanecer por muito tempo antes que pudesse de novo levantar-se. Além disso, sempre lhe parecia que eventualmente não mais conseguiria erguer-se.

Não obstante, ainda não se dera por vencido. Alguma coisa mais do que a necessidade de viver, nele imperava. Não podia morrer, não devia morrer enquanto Zora Drinov se achasse em perigo. Por fim, encontrara uma trilha batida, seguindo a qual sabia, que cedo ou tarde, encontraria uma cabana de nativo ou, talvez, o caminho

que levava para o acampamento de seus companheiros. Agora, somente podia andar arrastado, pois não tinha forças para levantar-se. Foi quando subitamente chegou o momento que tanto lutava para evitar, o momento que lhe marcava o fim, embora viesse em forma que vagamente antecipara, como uma das muitas que desceriam a cortina sobre sua terrena existência.

Como descansasse na trilha, antes que pudesse continuar arrastando-se, de repente verificou que não se achava sozinho. Não escutava nenhum som, pois sem dúvida os seus ouvidos perderam toda a percepção devido à enorme fadiga. Mas agora estava consciente, graças a estranho sentimento, cuja posse cada um de nós sentiu por vezes na própria existência, o qual lhe disse que uns olhos o fitavam.

Com um esforço para erguer a cabeça e olhar, Wayne Colt notou à sua frente, na trilha, um grande leão, com os beiços encurvados num furioso rosnar, e os olhos verde-amarelos brilhando perversamente.

CAPÍTULO 14

Atirado

TARZAN quase que diariamente ia vigiar o acampamento de seus inimigos, movendo-se rapidamente através da jângal por caminhos desconhecidos ao homem. Notou que já se achavam quase prontos os preparativos para o primeiro passo da luta, e finalmente viu que se distribuíam uniformes para todos os elementos do bando, uniformes que reconheceu como pertencentes às tropas coloniais francesas. Era chegado o momento de agir, esperava que o pequeno Nkima tivesse levado, com segurança, a sua mensagem. S,e tal não acontecesse, Tarzan encontraria outro meio.

As forças de Zora Drinov gradualmente lhe voltavam. Hoje, por exemplo, conseguira levantar-se e dera alguns passos na clareira, no lugar em que o sol batia. O grande elefante olhou-a. Há muito que não mais o temia, como também cessara de temer o estranho homem branco que se lhe tornara amigo. Vagarosamente a moça se aproximou do grande macho, e Tantor olhou-a com seus olhinhos brilhantes, enquanto movia a tromba de um lado e de outro.

Portara-se tão gentil e inofensivamente durante todos os dias em que a guardara, que seria difícil a Zora concebê-lo capaz de qualquer mau trato. Contudo, ao olhá-la com aqueles olhinhos, havia o que quer na sua expressão que a obrigou a uma repentina parada. Notando que, acima de tudo, ele não passava de um enorme e selvagem elefante, de si para consigo Zora confessou a temeridade de seu ato. Achava-se tão perto do animal, que poderia alcançá-lo e tocá-lo, como era sua intenção, persuadida de assim poder conquistar a amizade daquele guarda.

O seu propósito era de recuar com dignidade. Nesse instante, sentiu a enorme tromba mover-se e envolver-lhe o corpo. Zora Drinov não gritou. Limitou-se a fechar os olhos e esperar. Sentiu-se erguida do chão e, momentos depois, o elefante atravessou a

pequena clareira e deixou-a em seu abrigo. Empós, voltou vagarosamente para onde estava, e retomou o seu posto de dever.

Não a machucara. Qualquer mãe não teria levado o filhinho com mais delicadeza, mas o seu gesto deu a entender a Zora que ela era prisioneira e ele o seu guarda. Realmente, Tantor estava cumprindo as instruções de Tarzan, o qual nada tinha de ver com a forçada reclusão da moça, mas que assim agia como medida de precaução, para impedi-la de vagar pela jângal, onde outros perigos a esperavam.

Zora não estava de todo em todo restabelecida, e a experiência deixou-a trêmula. Embora verificasse que seus súbitos receios haviam sido infundados, decidiu-se doravante não tomar mais liberdades com o poderoso guarda.

Não demorou muito que Tarzan voltasse, muito mais cedo do que o costume. Falou somente com Tantor, e o grande animal, tocando-o quase que acariciadoramente com a tromba, voltou-se e balançando o corpanzil, desapareceu na floresta. Então, Tarzan adiantou-se para onde Zora se achava sentada, na porta do abrigo, ligeiramente a ergueu e colocou no ombro e, para infinita surpresa da moça, quanto à força e agilidade do homem ele trepou numa árvore e em pouco ia no encalço do paquiderme, através de seu caminho aéreo.

À margem do rio que antes atravessaram. Tantor esperava-os. E de novo transportou Zora e Tarzan para a outra margem.

Tarzan diariamente atravessava o rio, duas vezes por dia, desde que ali deixara Zora. Quando estava sozinho, não necessitava do auxílio de Tantor ou de quem quer que seja, pois atravessava a nado a veloz correnteza, com os olhos alerta e a afiada faca pronta para Gimla, o crocodilo, na eventualidade de que o atacasse. Mas para atravessá-lo com a moça, ele ajustou os serviços de Tantor, a fim de que ela não se sujeitasse a qualquer perigo ou esforço, pois não havia outro meio de cruzar aquele curso de água.

Assim que Tantor alcançou a outra margem, Tarzan mandou-o embora com uma palavra e, com a moça nos braços, trepou numa

árvore próxima.

Aquele vôo através da jângal era uma surpresa, que por muito tempo ficaria viva na memória de Zora Drinov. Parecia-lhe impossível que um ser humano pudesse possuir a força e agilidade da criatura que a carregava, e fácil lhe seria atribuir origem sobrenatural àquele homem, se não sentisse a vida na carne quente que se comprimia contra a sua. Saltando de galho em galho, balançando-se através do espaço, que lhe fazia perder a respiração, rapidamente foi levada através do meio terraço da floresta. A princípio sentira-se aterrorizada, mas aos poucos o temor desapareceu, e foi substituído por íntima confiança que Tarzan dos Macacos lhe inspirava em cada um dos seus gestos. Por fim, o homem parou e, descendo-a ao galho em que ele se encontrava, apontou-lhe, através da folhagem que os envolvia, um lugar à sua frente. Zora olhou e, para seu grande espanto, viu o acampamento de seus companheiros um pouco adiante e em baixo. Mais uma vez o homem-macaco tomou-a em seus braços e desceu-a ligeiramente ao chão, num caminho largo que passava por baixo da árvore onde ele parará. Com um gesto de mão, Tarzan fê-la entender que se achava livre e poderia ir para o acampamento.

— Oh, como hei-de agradecer-lhe! Exclamou a moça. Como poderei fazê-lo compreender como o senhor se portou esplendidamente e como apreciei tudo o que fez por mim?

Como única resposta, Tarzan voltou-se e ligeiramente trepou no alto de uma árvore, que esparramava sua verde folhagem acima deles.

Num triste meneio de sua cabeça, Zora Drinov partiu ao longo da trilha, em direção ao acampamento, enquanto em cima dela, Tarzan a acompanhava através das árvores, para certificar-se de que chegara sã e salva.

Paulo Ivitch estivera caçando, e justamente voltava ao acampamento quando viu algo mover-se numa árvore, à beira da clareira. Notou as manchas da pele do leopardo e, levantando o rifle, fez fogo. De sorte que, no instante em que Zora entrava no

acampamento, o corpo de Tarzan dos Macacos despencava de uma árvore quase ao lado da moça, golfando sangue de uma ferida provocada por bala, em sua cabeça, enquanto os raios do sol brincavam sobre as manchas da pele de leopardo que lhe envolvia os quadris.

* * *

A visão de um leão rugindo à sua frente poderia chocar os nervos de um homem em melhores condições físicas do que Wayne Colt, mas a visão de uma formosa moça correndo rapidamente em direção da fera, foi o golpe final que quase o subjugou.

Através de seu cérebro perpassava um misto de recordação e conjectura. Em pouco ele se recordava de que os homens eram testemunhas de que não sentiam dor quando maltratados por um leão, nem dor nem receio, e também se recordava que os homens enlouqueciam de sede e fome. Se tivesse de morrer, nada sofreria, e disso estava contente: mas se não tivesse de morrer, então seguramente, enlouquecera, pois o leão e a moça podiam bem ser a alucinação de um cérebro enfermo.

De fascinado, os seus olhos se fixaram nos dois. Como eram reais! Ele ouvia a moça falar ao leão, depois viu-a tomar a dianteira, apressadamente, à enorme fera e aproximar-se dele, e abaixar-se no lugar em que se achava desamparado, no caminho. A moça tocou-o, e Colt notou que ela era real.

— Quem é o senhor? Perguntou-lhe num inglês indeciso, lindo de se ouvir num sotaque estrangeiro. Que é que lhe aconteceu?

— Tenho estado perdido, e estou quase que sucumbindo. Há muito tempo que não como nada.

Dizendo isto, Wayne Colt desmaiou.

Jad-bal-ja, o leão de ouro, concebera estranha afeição a La de Opar. Talvez fosse o apelo de um espírito selvagem afim para o

outro. Talvez meramente a recordação de que a moça era amiga de Tarzan. Como quer que fosse, o leão parecia encontrar o mesmo prazer em sua companhia que um cão fiel encontra na companhia do dono. Ele a protegera com feroz lealdade, e quando matava uma caça, repartia a carne com ela. La de Opar, entretanto, cortando a porção de que precisava, sempre se afastava um bocadinho para fazer o seu primitivo fogo e assar a sua carne. Não se atrevia a voltar perto da caça enquanto Jad-bal-ja não tivesse começado a comer, pois um leão é sempre um leão, e as terríveis e ferozes rosnaduras que sempre lhe acompanhavam a alimentação, punham de sobreaviso a moça para não abusar da generosidade do recente amigo carnívoro.

Eles acabavam de alimentar-se quando a aproximação de Colt chamou a atenção de Numa e fê-lo tomar pela trilha, atrás de sua caça. Por um momento La receara não ter força para evitar um ataque do leão ao homem, coisa que desejava imenso, pois algo na aparência do estrangeiro a fazia lembrada de Tarzan, com quem mais o homem se parecia do que os grotescos sacerdotes de Opar. Por esse motivo, pensou que possivelmente o estrangeiro viesse do país de Tarzan. Talvez fosse um dos amigos de Tarzan e, se tal sucedesse, cumpria-lhe protegê-lo. Para sua tranqüilidade, o leão lhe obedeceu quando lhe ordenara que parasse. Agora, o animal não mais evidenciava desejo de atacar o homem.

No instante em que Colt voltou a si, La tentava erguê-lo. Com enorme dificuldade e pequeno auxílio do homem, ela conseguiu o seu intento. Depois, colocou um dos braços do homem sobre o seu ombro e, aguentando-o desse jeito, conduziu-o de volta através da trilha, com Jad-bal-ja rente aos seus calcanhares. La tinha dificuldades em fazê-lo passar sob uns arbustos até chegar a uma pequena encosta, onde se achava o resto da caça de Jad-bal-ja e, pouco além, onde o seu fogacho ainda estava aceso. Mas por fim logrou êxito e quando os dois se aproximaram do fogo, ela fê-lo abaixar-se no chão, enquanto Jad-bal-ja voltava mais uma vez ao seu alimento e ao seu rosnar.

La deu pequenas fatias de carne, assada, ao homem, e este comeu avidamente o que lhe era dado. A pequena distância corria o rio, onde La e o leão iam dessedentar-se, depois de fazerem a sua refeição. Contudo, duvidando se poderia levá-lo até lá, numa grande distância através da jângal, deixou-o com o leão e sozinha se encaminhou para o rio. Antes, no entanto, disse a Jad-bal-ja para guardá-lo, falando-lhe na linguagem dos homens primitivos, a linguagem do Mangani, que todas as criaturas da jângal compreendiam, umas menos, outras mais. Perto do curso d'água, La encontrou o que procurava — uma fruta envolta em dura casca. Com sua faca cortou o cabo de uma dessas frutas e tirou-lhe todo o miolo, de modo a conseguir uma primitiva mas bastante prática tigelinha, que encheu de água.

A água, tanto quanto o alimento, refrescou e revigorou Colt. E, embora ele estivesse a poucas jardas distante de um leão que se alimentava, parecia-lhe uma eternidade desde que experimentara aquele sentimento de alegria e segurança, nublado apenas pela ansiedade a respeito de Zora.

— Já se sente mais forte? indagou La, com voz solícita.

— Muito, muito, respondeu Colt.

— Então, diga-me quem é e se este país é a sua pátria.

— Esta não é minha pátria. Eu sou americano. Meu nome é Wayne Colt.

— Talvez o senhor seja amigo de Tarzan dos Macacos... Colt sacudiu a cabeça.

— Não. Já ouvi falar nele, mas não o conheço. La franziu a testa.

— O senhor é inimigo de Tarzan, então?

— Certamente que não sou, pois se nem o conheço. Repentina luz brilhou nos olhos de La.

— O senhor conhece Zora? Indagou ela. Colt imediatamente se apoiou nos cotovelos.

— Zora Drinov? Repetiu ele. O que sabe a respeito de Zora?

— Ela é minha amiga, respondeu La.

— Também é minha amiga, disse Colt.

— Zora está em situação aflitiva.

— Sim, bem sei. Mas como a senhora ficou sabendo?

— Estivemos juntas quando ela foi aprisionada pelos homens do deserto. Também me prenderam, mas consegui fugir.

— Há quanto tempo foi isso?

— O Flamejante Deus há muito que se havia posto quando estive com Zora, respondeu a moça.

— Foi quando a encontrei.

— Onde está ela?

— Não sei. Achava-se em meio de árabes quando a vi. Conseguimos escapar, e, então, enquanto eu me achava caçando na jângal, alguma coisa apareceu e a levou. Não sei se foi homem ou gorila, pois embora tivesse notado os seus rastos, não pude assegurar-me bem. Andei à sua procura durante muito tempo, mas não pude encontrar alimentação, e já há algum tempo que não tenho bebido água. Por isso é que perdi as forças, e a senhora me encontrou nesse estado.

— Agora, o senhor não terá mais necessidade de alimento e água, pois Numa, o leão, caçará para nós dois. E si pudermos encontrar o acampamento dos amigos de Zora, eles sairão à sua procura.

— A senhora sabe onde fica o acampamento? Perguntou Colt. Está perto daqui?

— Não sei onde fica. Andei à procura dele, para conduzir os amigos de Zora em perseguição dos homens do deserto.

Colt estudava a moça enquanto conversavam. Notara-lhe os ornamentos estranhos e bárbaros e a esplêndida beleza do seu rosto e corpo. Sabia, quase que intuitivamente, que a moça não

pertencia ao mundo, que ele conhecia, e seu espírito estava cheio de curiosidade.

— A senhora inda não me disse quem é, observou-lho o americano.

— Eu sou La de Opar, grã-sacerdotisa do Flamejante Deus.

Opar! Agora, na verdade, ele estava certo de que aquela mulher não pertencia a este mundo. Opar, a cidade do mistério, a cidade dos fabulosos guerreiros, com quem ele e Romero lutaram, que produzira mulheres formosas como Nao e La, e somente estas? Colt admirava-se de não a ter identificado imediatamente com Opar, pois agora reparava que o seu estômago era idêntico ao de Nao e ao de todas as sacerdotisas que vira em redor do trono, na grande câmara do arruinado templo. Lembrando-se da sua tentativa de entrar em Opar e apossar-se de seus tesouros, imaginou ser conveniente não mencionar nenhuma familiaridade com a cidade onde nascera a moça, pois deduziu que as mulheres de Opar podiam ser tão primitivamente ferozes em sua vingança, como Nao fora em seu amor.

O leão, a moça e o homem permaneceram aquela noite ao lado da caça de Jad-bal-ja. Na manhã seguinte, Colt sentiu que as forças parcialmente lhe voltavam. Durante a noite, Numa acabara de devorar a sua caça e, antes que o sol se levantasse, La encontrou frutas que ela e Colt comeram, enquanto o leão se encaminhava ao rio para dessedentar-se, parando uma vez para rugir, a fim de que o mundo todo ficasse sabendo que o rei ali se achava.

— Numa não quer caçar até amanhã, disse La, de modo que não teremos alimento, a não ser que nós mesmos tenhamos a fortuna de matar alguma caça.

Colt há muito que abandonara o pesado rifle dos árabes, com cuja carga os seus músculos não mais podiam, em virtude da grande fraqueza, de sorte que estava de mãos limpas e La somente tinha a faca com que talvez lhes fosse possível conseguirem alguma caça.

— Nesse caso, podemos alimentar-nos de frutas até que o leão de novo se disponha a caçar, propôs o americano. Entretanto, bem que podemos cuidar de encontrar o acampamento.

La sacudiu a cabeça.

— Não, o senhor precisa descansar. O senhor estava muito fraco quando o encontrei, e não é conveniente que se esforce enquanto não se achar de novo forte. Numa dormirá o dia todo. Nós dois cortaremos alguns paus e ficaremos ao lado de uma pequena trilha, por onde passem pequenos animais. Talvez tenhamos sorte. Mas se o senhor não quiser, Numa de novo caçará amanhã, e desta vez eu tirarei todo um quarto de carne.

— Não posso acreditar que um leão lhe permita fazer tal coisa, disse o homem.

— A princípio, também eu não acreditava, mas pouco depois é que verifiquei isso. Porque sou amiga de Tarzan é que o leão não me causa nenhum mal.

* * *

Quando Zora Drinov viu o homem-leão inanimado, no chão, correndo, dele se acercou e ajoelhou-se a seu lado. Ela ouvira o tiro, e agora, vendo o sangue borbotando da ferida de sua cabeça, pensou que alguém intencionalmente o matara. Quando Ivitch chegou correndo, com o rifle nas mãos, Zora se voltou para ele como uma pantera.

— Você o matou, gritava ela. Você, seu estúpido! Ele vale mais do que uma dúzia de patifes da sua marca.

O disparo da arma e a queda do corpo no chão fizeram com que de todas as partes do acampamento, acoressessem homens. De sorte que Tarzan e a moça em pouco estavam rodeados de curiosos e excitados negros, entre os quais os remanescentes brancos abriam caminho para passar.

Ivitch estava tonto, não só à vista do gigante branco deitado, aparentemente morto à sua frente, mas também pela presença de Zora Drinov, a quem todos do acampamento davam como irremediavelmente perdida.

— Eu não tinha idéia, camarada Drinov, explicou ele, de que visava um homem. Agora vejo a razão de meu engano. Notei alguma coisa mexendo-se numa árvore e pensei que fosse um leopardo. Ao invés, tratava-se da pele de leopardo, que ele traz nos quadris.

Por esse tempo, à custa de cotoveladas Zveri chegou até o centro do grupo

— Zora! Exclamou ele espantado, ao dar com a moça. De onde você vem? O que aconteceu? Que significa tudo isto?

— Significa que este estúpido Ivitch matou o homem que salvou minha vida.

— Quem é ele? Indagou Zveri.

— Não sei, respondeu Zora. Nunca me falou. Parece que não compreende nenhuma língua que eu conheço.

— O homem não está morto, exclamou Ivitch. Vejam, está se mexendo.

Romero ajoelhou-se e examinou a ferida na cabeça de Tarzan.

— Está apenas atordoado, disse ele. A bala passou de raspão. Não há indicações de fratura do crânio. Já vi homens feridos desse jeito. Pode ficar inconsciente por muito tempo, ou por pouco, mas tenho certeza de que não morrerá.

— Que diabo será ele? Perguntou Zveri. Zora sacudiu a cabeça.

— Não tenho a menor idéia. Somente sei que é tão magnífico quão misterioso.

— Eu sei quem é, disse um negro, que se adiantara para onde pudesse ver o rosto do homem prostrado. E se não estiver morto, é melhor que o matemos, pois é o pior inimigo de todos.

— Que quer dizer? Perguntou Zveri. Quem é ele?

— É Tarzan dos Macacos.

— Tem certeza? Insistiu Zveri.

— Sim, *bwana*. Eu o vi uma vez, e ninguém mais se esquece de Tarzan dos Macacos.

— O seu tiro foi excelente, Ivitch, observou o chefe, e agora deve terminar o que começou.

— Matá-lo, você quer dizer? Indagou Ivitch.

— Nossa causa está perdida e com ela as nossas vidas, se ele viver, retorquiou Zveri. Pensei que estivesse morto, ou que não viria aqui. E agora que o destino o atirou às nossas mãos, seremos uns estúpidos se deixá-lo escapar, pois não podemos ter pior inimigo.

— Não posso matá-lo a sangue frio, disse Ivitch.

— Sempre você foi um sujeito de espírito fraco, observou o chefe. Mas eu não sou. Fique de lado, Zora.

Enquanto falava, Zveri sacou do revólver e avançou na direção de Tarzan.

A moça interpôs-se entre o homem-macaco e o russo, protegendo o seu corpo com o dela.

— Você não poderá matá-lo, exclamou Zora. Você não deve.

— Não seja tola, Zora, interrompeu-a o russo.

— Ele salvou a minha vida e trouxe-me de volta para o acampamento. Acaso pensa que vou deixá-lo assassinar o meu salvador?

— Creio que você nada poderá, Zora, retorquiou Zveri. Não é por gosto que vou fazer isso, mas trata-se da vida de nossa causa. Se ele viver, nós fracassaremos.

A moça pôs-se de pé e enfrentou-o.

— Se você matá-lo, Pedro, eu o matarei. Juro pelo que há de mais sagrado para mim. Conserve-o prisioneiro, se assim o desejar,

mas se tem em algum apreço a sua vida, não o mate.

Zveri estava pálido de raiva.

— As suas palavras são uma traição, Zora. Os traidores da causa morreram por muito menos do que você disse.

Zora Drinov notou que a situação era extremamente perigosa. Tinha poucos motivos para acreditar que Zveri levasse a efeito a sua ameaça contra ela, mas verificou que se pudesse salvar Tarzan, deveria agir rapidamente.

— Mande os outros saírem, Pedro. Tenho alguma coisa para dizer-lhe antes que você mate este homem.

Por alguns instantes, o chefe hesitou. Depois voltando-se para Dorsky, que estava a seu lado, disse-lhe:

— Amarre o sujeito com bastante firmeza e leve-o para uma das tendas. Obrigá-lo-emos a uma dura experiência depois que voltar a si e depois o colocaremos à frente de um esquadrão de fuzilamento.

Dirigindo-se de novo à moça, assim lhe falou:

— Ande daí comigo, Zora, e escutarei o que tem a dizer-me.

Em silêncio os dois se encaminharam para a tenda de Zveri.

— Então? Indagou Zveri, logo que pararam à sua entrada. O que você tem a dizer-me que, no seu pensar, mudará os meus planos relativamente ao seu amante?

Zora contemplou-o durante um longo minuto, com uns longes de desdém em seus lábios encurvados.

— Você pode pensar desse modo, disse-lhe, mas pensa errado. Como quer que seja, no entanto, você não matará este homem.

— E por que não? Indagou Zveri.

— Porque se o matar, denunciarei a todos quais são os seus planos. Direi que você é um traidor à causa, e que se tem servido dos companheiros para satisfazer a sua própria ambição e tornar-se imperador da África.

— Você não se atreverá a tanto, gritou Zveri. Nem eu a deixarei falar, porque, embora eu a ame muito, aqui mesmo a matarei, a não ser que me prometa não se intrometer de nenhum modo em meus planos.

— Você não ousará matar-me, desafiou-o a moça. Você está antipatizado em todo o acampamento, Pedro, e todos aqui gostam de mim. Alguns deles, talvez, me amem um bocadinho. Acaso pensa que não serei vingada cinco minutos após ser assassinada? Você precisa raciocinar um bocadinho, meu amigo, e o melhor que pode fazer é seguir o meu conselho. Conserve prisioneiro a Tarzan dos Macacos, se quiser, mas por sua própria vida, Pedro, não o mate, nem permita a ninguém matá-lo.

Zveri afundou-se numa cadeira de campo.

— Todos estão contra mim, confessou ele. Até você, a mulher a quem amo, se volta contra mim.

— Não mudei nem um pouco com relação a você, Pedro.

— Refere-se a isso? Perguntou ele, olhando-a.

— Absolutamente, retorquiu Zora.

— Quanto tempo você permaneceu sozinha com esse homem, na jângal?

— Não comece, Pedro. Ele não poderia tratar-me diferentemente, se fosse meu irmão. Além disso, pondo de parte qualquer consideração, você me conhece bastante para saber que não tenho dessas fraquezas que o tom de sua voz evidencia.

— Nunca você me amou essa é a verdade. Mas eu não confiaria em você, nem em outra mulher que permanecesse na companhia de um homem a quem amasse ou com quem se sentisse temporariamente enlevada.

— Isso nada tem que ver com o que estamos discutindo. Então, vai ou não vai matar Tarzan dos Macacos?

— Por sua causa, permitirei que viva, respondeu Zveri, embora eu não acredite em você. Não confio em ninguém. E como posso

confiar? Olhe nisto — e tirou do bolso uma pequena mensagem cifrada. Veio há poucos dias. O maldito traidor! Bem que desejaria deitar as mãos sobre ele. Que vontade de matá-lo, eu mesmo, mas suponho que não terei essa sorte, pois que provavelmente já se encontra morto,

Zora pegou no papel. Debaixo da mensagem, na caligrafia de Zveri, estava a tradução em russo. À medida que Zora lia o que ali estava escrito, os seus olhos se abriam de espanto.

— É inacreditável! Exclamou a moça.

— Entretanto, essa é a verdade, afirmou Zveri. Sempre suspeitei do imundo cão.

E acrescentou, com uma praga:

— Penso que aquele patife mexicano é tão mau como o outro.

— Pelo menos os seus planos foram frustrados, pois outra dedução não se pode tirar desta mensagem, que não chegou ao seu destino.

— De fato, concordou Zveri. Por engano foi entregue aos nossos agentes, em vez de aos seus.

— Nesse caso não houve nenhum prejuízo.

— Felizmente, não. Mas isso me faz suspeitar de todo o mundo, e vou prosseguir na expedição, antes que outra coisa possa suceder e interferir nos meus planos.

— Tudo está pronto, então? Perguntou Zora.

— Tudo está pronto. Marcharemos amanhã de manhã. Agora, diga-me o que aconteceu enquanto me achei em Opar. Por que os árabes desertaram, e por que você foi com eles?

— Abu Batn estava furioso e ressentido porque você o deixou como guarda do acampamento. Os árabes sentiram que isso foi uma desconsideração à sua coragem, e penso que de qualquer jeito eles o abandonariam. Então, no dia seguinte ao de sua partida para Opar, uma estranha mulher apareceu perdida no acampamento. Era uma formosa mulher branca de Opar, e Abu Batn concebeu a idéia

de aproveitar a sorte que o destino lhe oferecia e levar-nos a nós duas em sua companhia, com o propósito de nos vender como cativas, em seu regresso para a pátria.

— Não há homens honestos no mundo? Perguntou Zveri,

— Receio que não, respondeu a moça.

Entretanto, como Zveri tivesse os olhos fixos no chão, não viu o desdenhoso trejeito que encurvara os lábios da companheira.

Ela descreveu o rapto de La, do acampamento de Abu Batn, e a raiva do xeque ante a traição de Ibn Dammuk. Depois, contou-lhe a própria fuga, mas não mencionou o nome de Colt, ligado a este episódio, fazendo-o acreditar que vagara sozinha através da jângal, até que o grande macaco a agarrou. Demorou-se em relatar a bondade de Tarzan e sua consideração, e falou-lhe do grande elefante que a guardava durante o dia.

— Tudo isso parece uma história de fadas, disse Zveri. Mas já ouvi bastante a respeito desse homem-macaco para acreditar em quase tudo quanto lhe diz respeito, e essa é uma razão para que acredite não estarmos seguros enquanto ele viver.

— Enquanto estiver prisioneiro não poderá incomodar-nos. E, certamente, se você me ama como me disse, o homem que me salvou a vida merece sorte melhor do que essa ignominiosa morte.

— Não me fale mais nisso, Zora. Já lhe disse que não o matarei.

No entanto, em sua traiçoeira mente, Pedro Zveri estava formulando um plano em que Tarzan seria destruído, embora ele se conservasse fiel à promessa feita a Zora.

CAPÍTULO 15

Mate, Tantor, mate!

NA MADRUGADA do dia seguinte a expedição deixava o acampamento. Os selvagens guerreiros negros envergavam o uniforme das tropas coloniais francesas. Zveri, Romero, Ivitch e Mori o uniforme de oficiais franceses. Zora Drinov acompanhava a coluna em marcha, pois a despeito de pedir para ficar e cuidar de Tarzan, Zveri não lhe permitiu, dizendo-lhe que não mais a perderia de vista. Dorsky e um punhado de negros ficaram para guardar o prisioneiro e tomar conta dos víveres e equipamentos deixados no acampamento-base.

Enquanto a coluna se preparava para iniciar a marcha, Zveri transmitiu suas derradeiras instruções a Dorsky:

— Deixo o caso inteiramente entregue em suas mãos. É preciso ficar patente, pelo menos na aparência, que ele fugiu ou, se isso não for possível, que foi vítima de morte acidental.

— Não precisa incomodar-se mais com isso, camarada, respondeu Dorsky. Muito antes da expedição voltar, este estrangeiro já aqui não mais se achará.

Longo e difícil percurso surgia à frente dos invasores, cujo caminho ficava no sudoeste da Abissínia, para penetrar na Itália Somaliland umas quinhentas milhas através de rude e selvagem região. Zveri tencionava fazer uma pequena demonstração na colônia italiana, simplesmente destinada a provocar a raiva dos italianos contra os franceses e oferecer ao ditador fascista a escusa que imaginava ser o ponto de partida para levar a efeito seu sonho louco de conquista italiana, através da Europa.

Talvez Zveri fosse um pouco desequilibrado. Nesse caso, era discípulo dos homens loucos, cuja avidez pelo poder criava falsas imagens em seus espíritos, de sorte que eles não podiam diferenciar entre o racional e o ilusório. Zveri, de seu lado, por tanto

tempo sonhara o seu sonho de um império, que agora não enxergava outra coisa que não fosse o seu alvo e não via quaisquer obstáculos que lhe obstruíssem o caminho. Em sua mente imaginava um novo imperador romano dominando a Europa e ele, como imperador da África, fazendo aliança com este novo poder europeu contra o equilíbrio do mundo. Pintava dois esplêndidos tronos de ouro: num, sentava-se o imperador Pedro I noutro a imperatriz Zora.

Esses os pensamentos que lhe povoavam o cérebro, à medida que prosseguia a marcha na direção do este.

Somente no dia seguinte ao em que foi atirado, é que Tarzan voltou a si. Sentia-se fraco e doente, e a cabeça doía-lhe horrivelmente. Quando cuidou de mover-se, descobriu que os pulsos e tornozelos estavam firmemente amarrados. Não sabia o que aconteceu, e a princípio não podia imaginar onde se achava. À proporção que vagarosamente lhe voltava a memória, verificou achar-se numa tenda, pelas paredes de lona, e compreendeu que fora capturado pelos seus inimigos. Tentou libertar os pulsos das cordas que os amarravam, mas estas lhe resistiram a todos os esforços.

Pôs-se à escuta e farejou o ar, mas não logrou qualquer evidência do populoso acampamento que vira, ao trazer de volta a moça. Não obstante, sabia ao menos que uma noite se passara, pois as sombras que enxergava através da abertura da tenda, indicavam que o sol estava alto no céu, ao passo que o vira baixo, no este, antes de ser aprisionado. Ouvindo vozes, verificou que não se achava sozinho, embora confiasse que havia pouca gente, relativamente, no acampamento.

Da jângal lhe chegara aos ouvidos o urrar profundo de um elefante e, pouco depois, muito ao longe, o fraco rugir de um leão. Tarzan de novo cuidou de quebrar as ataduras que o prendiam, mas estas não cederam. Então, voltando a cabeça de modo que o rosto ficasse em frente à abertura da tenda, dos seus lábios partiu um longo e baixo grito, o grito das feras em situação de perigo.

Dorsky, preguiçosamente sentado numa cadeira, defronte a própria tenda, de um salto se pôs de pé. Os negros, que conversavam animadamente, defronte seus abrigos, cuidaram de apressadamente apoderar-se de armas.

— Que é isso? perguntou Dorsky a um dos seus rapazinhos negros.

O rapaz, com os olhos esbugalhados e tremendo, sacudiu a cabeça.

— Não, sei, *bwana*. Talvez seja o homem da tenda que morreu, pois esse grito bem pode ter saído da garganta de um fantasma.

— Tolice, retorquiu Dorsky. Ande daí comigo, e vamos vê-lo.

Mas o negrinho não se atreveu a acompanhá-lo, e o homem branco entrou sozinho.

O som, que aparentemente saíra da tenda em que se achava o prisioneiro, causara peculiar efeito sobre Dorsky, provocando-lhe calafrios na pele e enchendo-o de estranho pressentimento. De modo que, ao aproximar-se da tenda, diminuiu os passos e levava na mão, engatilhado, o revólver.

Quando penetrou na tenda, deu com o homem deitado onde o deixaram. Mas agora os seus olhos estavam abertos e quando se encontraram com os do russo, este sentiu uma sensação idêntica à que a gente experimenta ao cruzar os olhos com os de uma fera, apanhada em armadilha.

— Com que então, já voltou a si, hein? disse Dorsky. O que deseja?

O prisioneiro não respondeu, mas os seus olhos não deixavam o rosto do outro. De tão firme aquele olhar, Dorsky estava sentindo mal estar.

— Melhor seria que você aprendesse a falar, continuou o russo, asperamente, pois assim saberia o que lhe está reservado.

Nesse instante ocorreu-lhe que talvez o homem não o compreendesse e, voltando-se para a entrada da tenda, chamou

alguns dos negros, que se haviam aproximado, movidos por um misto de curiosidade e medo.

— Venha um de vocês aqui, ordenou ele.

A princípio, nenhum dos pretos estava inclinado a obedecer-lhe, mas logo um valente guerreiro adiantou-se.

— Veja se esse sujeito pode entender alguma língua. Entre e diga-lhe que tenho uma proposta para fazer-lhe, e que é melhor ouvi-la.

— Se de fato é Tarzan dos Macacos, disse o negro, ele me entenderá.

E cautelosamente se aproximou da abertura da tenda. O preto repetiu o recado em seu próprio dialeto, mas nenhum sinal do homem-macaco indicou que o compreendera. Dorsky perdeu a paciência.

— Maldito macaco! Exclamou ele. Não tente caçoar de mim. Sei perfeitamente que você compreendeu a arenga deste camarada e sei, também, que você é inglês e compreende o inglês. Dou-lhe cinco minutos para resolver-se, e depois voltarei. Se persistir no seu propósito de não falar, agüentará as conseqüências.

Voltando-se, deixou a tenda.

O pequeno Nkima vinha de muito longe. Envolvia-lhe o pescoço uma tira forte, a que se prendia um saquinho de couro onde se encontrava uma mensagem, destinada a Muviro, o chefe dos guerreiros *waziris*. Quando os guerreiros iniciaram a sua longa marcha, Nkima orgulhosamente se encarapitou no ombro de Muviro. Por algum tempo ele permaneceu com os guerreiros negros. Mas por fim, talvez levado por algum capricho de seu espírito errante, ou pela grande necessidade a que não poderia resistir, deixou-os e enfrentando sozinho todos os perigos que mais temia, cuidou de tratar de sua própria vida.

Muitas e curtas eram as fugas de Nkima, quando se balançava nos gigantes da floresta. Se pudesse resistir à tentação, viveria com relativa segurança. Entretanto, tal não se dava, pois sempre se

metia em enrascadas por pregar peças em estranhos, os quais, se possuíam qualquer sentimento de humor, certamente não apreciavam as graças de Nkima. O macaquinho não podia esquecer-se de que era amigo e confidente de Tarzan, o senhor da jângal, embora parecesse muitas vezes esquecido de que Tarzan não se achava a seu lado para protegê-lo, quando atirava insultos a outros macacos menos favorecidos. Donde conservar-se ele ainda vivo, mais em virtude da sua velocidade do que pela sua inteligência ou coragem. Quase sempre vivia fugindo de terror, com gritos agudos de angústia mental. Até agora de nada lhe valera a experiência, e mal acabava de escapar à perseguição de algum macaco, que desejava exterminá-lo, e já se achava preparado para insultar ou aborrecer a primeira criatura com quem deparasse, escolhendo de preferência, ao que parecia, as que eram maiores e mais fortes do que ele.

Algumas vezes fugia numa direção, outras vezes em outra, de sorte que gastava muito mais tempo do que o necessário para perfazer o seu caminho. Não fosse isso, e teria alcançado o amo em tempo de prestar-lhe serviços no momento em que necessitava de um amigo como nunca antes, em sua vida, dele precisara.

Agora, enquanto longe, na floresta, Nkima fugia de um velho *baboon*, em que atirara um pedaço de pau, Miguel Dorsky se aproximava da tenda do desamparado e manietado amo de Nkima. Os cinco minutos já haviam passado, e Dorsky ali viera para exigir a resposta de Tarzan. Chegou sozinho e ao entrar na tenda, o seu simples plano de ação já lhe estava bem formulado no espírito.

A expressão da fisionomia do prisioneiro mudara. Parecia que ele escutava atentamente. Dorsky também escutava, mas nada podia ouvir. Em comparação ao que Tarzan dos Macacos ouvia, Miguel Dorsky estava surdo. E o que Tarzan escutara, enchia-o de satisfação.

— Agora, disse-lhe Dorsky, aqui estou para dar-lhe a última oportunidade. O camarada Zveri por duas vezes tentou penetrar na cidade de Opar, em busca do ouro que sabemos ali existir. Ambas

as expedições fracassaram. É sabido que você conhece a localização das cavernas com o tesouro de Opar e nos poderá guiar até lá. Se concordar em guiar-nos, quando o camarada Zveri voltar, nenhum mal lhe acontecerá. Ao contrário, será solto tão logo o camarada Zveri julgar que poderá libertá-lo. Se se recusar, morrerá.

Dorsky puxou de um longo e fino estilete de sua bainha» na cinta.

— Se se recusar a responder-me, o seu silêncio é sinal de que não aceitou a minha proposta.

Como o homem-macaco se mantivesse em pétreo silêncio, o russo ergueu a fina lâmina diante de seus olhos.

— Pense bem, macaco. E lembre-se de que, quando eu mergulhar isto em suas costelas, não haverá nenhum som. O seu coração será atravessado, e aí eu deixarei a arma, até que o sangue pare de correr. Depois, tirá-lo-ei e a ferida se fechará. Mais tarde, no correr do dia, encontrá-lo-ão morto, e eu direi aos negros que você morreu vítima de um tiro acidental. Assim os seus amigos jamais saberão a verdade. Você não será vingado e morrerá inutilmente.

O russo fez uma pausa, à espera de resposta, com os seus olhos perversos, rebrilhando de ameaça, fixos nos olhos frios e cinzentos do homem-macaco.

Agora, a adaga estava bem perto do rosto de Tarzan. De repente, tal uma enfurecida fera, ele levantou o próprio corpo e as mandíbulas abertas, como uma armadilha de aço, ferraram no pulso do russo. Com um grito de dor, Dorsky recuou. A adaga caiu-lhe dos enervados dedos. No mesmo instante, Tarzan enroscou as pernas nos pés do seu quase assassino, e como Dorsky caísse de costas, arrastou consigo Tarzan dos Macacos.

O homem-macaco, verificando pelo estalo dos ossos do pulso de Dorsky, que sua mão direita para nada mais servia, soltou-a. Empós, para o horror do russo, as poderosas mandíbulas

procuraram a sua jugular, enquanto da garganta deste saíam sons próprios da besta fera perseguida.

Gritando por seus homens, para o acudirem, Dorsky tentou tirar o revólver da cinta, do lado direito, com a mão esquerda livre, mas logo notou que, enquanto não pudesse desembaraçar-se do corpo de Tarzan, nada conseguiria.

Já ouvia os seus homens correndo e gritando na direção da tenda, quando escutou exclamações de surpresa e gritos de terror. Pouco depois desapareceram todos, e Dorsky viu um enorme elefante balançando o corpanzil para os lados em que se encontrava lutando com seu selvagem antagonista.

Incontinenti Tarzan cessou seu esforço de agarrar, com os dentes, a garganta de Dorsky e ao mesmo tempo, rolando, afastou-se do corpo do russo. Nesse instante, a mão de Dorsky encontrou seu revólver.

— Mate, Tantor! Gritou-lhe o homem-macaco. Mate!

A sinuosa tromba do elefante enrolou-se no corpo do russo. Os pequenos olhos do paquiderme flamejavam de raiva e um terrível urro dele escapou quando levantava o corpo de Dorsky acima da cabeça e, girando-o, atirou-o fora do acampamento. Entretanto, os aterrorizados negros, de quando em quando voltando-se espavorecidos, fugiam na jângal. Então, Tantor carregou sobre sua vítima. Com os poderosos colmilhos investiu contra o russo e, num frenesi de raiva, urrando e gritando, pisou-o até que nada mais restasse de Miguel Dorsky a não ser uma massa informe coberta de sangue.

Desde que Tantor agarrou no russo, Tarzan inutilmente tentou conter-lhe a fúria pois Tantor estava surdo a qualquer ordem enquanto não levasse a cabo a sua vingança contra a criatura que ousara atacar-lhe o amigo. Mas finda a sua raiva e nada mais lhe restando para desabafar, o elefante tranqüilamente se aproximou de Tarzan e, a uma palavra do homem-macaco, levantou-lhe gentilmente o bronzeado corpo na poderosa tromba e levou-o para a floresta.

Ao mais profundo recesso da jângal Tantor transportou o desamparado amigo. Ali chegados delicadamente o depositou sobre a relva, debaixo de ensombrada árvore. Pouco mais podia o grande animal fazer-lhe, a não ser montar guarda. Como consequência da excitação, devida à morte de Dorsky e à situação de Tarzan, Tantor sentia-se nervoso e irritado.

Estava com os ouvidos atentos, alerta para qualquer som ameaçador, sacudindo a sensível tromba de um lado e de outro, farejando cada passageira corrente de ar à procura do cheiro do perigo.

A dor que Tarzan sentia, pela ferida feita, incomodava-o menos do que a angústia da sede.

Aos pequenos macacos que o olhavam de cima das árvores, ele dizia:

— Venham aqui, Manu, e desamarrem as cordas que prendem meus pulsos.

— Temos medo, respondeu um velho macaco.

— Eu sou Tarzan dos Macacos, tranqüilizou-os ele. Tarzan sempre foi amigo de vocês. Ele não os molestará.

— Temos medo, repetiu o velho macaco. Tarzan abandonou-nos. Durante muitas luas a jângal não viu Tarzan, mas outros Tarmangani e estranhos Gomangani aqui vieram e com paus trovejantes andaram à caça dos pequenos Manu e os mataram. Se Tarzan ainda é nosso amigo, o seu dever é expulsar esses estranhos homens.

— Se eu estivesse aqui, os homens estranhos não os molestariam, respondeu-lhes Tarzan. Sempre Tarzan os protegeu. Agora estou de volta, mas não posso destruir os estrangeiros ou expulsá-los daqui, enquanto estas cordas não forem retiradas de meus pulsos.

— Quem aí as amarrou? Perguntou o macaco.

— Os estranhos Tarmangani.

— Nesse caso, eles são mais poderosos que Tarzan. Então que lhe adiantará ficar livre? Se os estranhos Tarmangani notarem que nós é que o livramos, ficarão loucos da vida e nos matarão. Tarzan, que por muitas chuvas foi o senhor da jângal, que se liberte por si mesmo.

Vendo que era inútil apelar para o Manu, Tarzan, numa derradeira tentativa, soltou o longo, lamurioso e misterioso grito de socorro dos grandes macacos. Num vagaroso crescendo tornou-se um grito agudo e penetrante, que alcançou grande distância através da silenciosa jângal.

Em todas as direções, animais, grandes e pequenos, pararam no instante em que o angustioso grito lhes chegara aos sensíveis ouvidos. Nenhum teve medo, pois o apelo dizia-lhe que um grande macho estava em situação perigosa e, portanto, tornara-se inofensivo. Mas os chacais interpretaram o apelo como a possibilidade de carne e trotaram todos através da jângal, na direção de onde partira o grito. Dango, a hiena, também o escutou e deslizando mansamente, esperava encontrar um desamparado animal que lhe constituísse fácil presa. Longe, muito longe, um macaquinho ouviu o apelo e reconheceu a voz de quem se achava angustiado. Velozmente, então, ele se pôs a cruzar a jângal desta feita impelido por uma diretriz de pensamento e tenacidade de propósito que não sofreram interrupção.

Tarzan mandara Tantor ao rio para buscar-lhe água em sua tromba. À distância o homem-macaco sentira o faro dos chacais e o horrível cheiro da hiena, mas esperava que Tantor regressasse antes que esses animais o atacassem. Não sentia medo, mas sim instintivo sentimento de conservação própria. Pouco ligava aos chacais, ciente de que, mesmo com mãos e pés atados, saberia conter as tímidas criaturas. Mas Dango era diferente, pois uma vez que o imundo animal notasse o seu desamparo, Tarzan sabia que aquelas poderosas mandíbulas logo lhe experimentariam a carne. Não ignorava, também, a impiedosa selvageria do animal, mesmo porque em toda a jângal não havia criatura mais terrível do que Dango.

Os chacais chegaram primeiro postando-se à beira de um lugar escampo, a observá-lo. Depois, vagarosamente fizeram um círculo, aproximando-se cada vez mais. Entretanto, quando Tarzan mudou de posição e se sentou, depressa se afastaram. Por três vezes se aproximaram tentando forçar sua coragem a ponto de atacá-lo. Mas um horrível e sorrateiro corpo apareceu à beira da clareira e os chacais se puseram a respeitável distância. Dango, a hiena, chegara.

Tarzan ainda estava sentado, e a hiena se pôs a olhá-lo, cheia de curiosidade e medo. Rosnou, e o homem, olhando-a, também rosou. Nesse momento, do alto da árvore se ouviu a tagarelice de um Manu, e Tarzan, olhando para cima, deu com o pequeno Nkima dançando num dos galhos.

— Desça, Nkima, gritou-lhe ele. Venha desatar as cordas que prendem meus pulsos.

— Dango! Dango! exclamou o macaquinho. O pequeno Nkima tem medo de Dango.

— Se você descer agora, nada acontecerá. Mas se demorar-se, Dango matará Tarzan. E depois, a quem o pequeno Nkima terá por protetor?

— Nkima vai descer, disse o Manu, despencando-se rapidamente através da árvore, até cair no ombro de Tarzan.

A hiena descobriu as garras e soltou a sua horrível gargalhada.

— Depressa, Nkima, às cordas! disse-lhe Tarzan.

O macaquinho, tremendo de medo, se pôs a trabalhar sobre as ataduras que ligavam os pulsos de Tarzan.

Dango, com sua feia cabeça abaixada, arremeteu. Das profundezas dos pulmões do homem-macaco saiu um pavoroso rugido, que parecia igual ao de Numa. Com um salto de terror, a covarde Dango voltou-se e fugiu para a extremidade da clareira, onde ficou toda eriçada e rosnadora.

— Depressa, Nkima, Dango voltará de novo. Voltará uma vez, talvez duas, talvez muitas vezes antes de atacar-me. Mas por fim, vendo-me impossibilitado de defender-me, não mais se deterá, nem se afastará.

— Os dedos do pequeno Nkima estão doentes, disse-lhe o Manu. Estão fracos e trêmulos. Não conseguirão desatar o nó.

— Nkima tem os dentes afiados, lembrou-lhe Tarzan. Por que desperdiçar o seu tempo com dedos doentes sobre nós que eles não podem desatar? Meta os afiados dentes na corda.

Instantaneamente Nkima começou a roer as ataduras. Silencioso, naturalmente, porque tinha a boca ocupada, Nkima trabalhava diligentemente e sem interrupção.

Entretanto, Dango fez duas curtas arremetidas, aproximando-se cada vez mais, embora se afastasse sempre ante o rugido ameaçador do homem-macaco, o qual agora já acordara toda a jângal.

Acima deles, nas frondes da árvore, os macacos tagarelavam, resmungavam e chilravam; à distância a voz de Numa rolava longe, como um trovão, enquanto do rio vinha o grito percuciente e o urrar de Tantor.

O pequeno Nkima estava roendo freneticamente as cordas, quando de novo Dango atacou, desta feita evidentemente convencido de que o grande Tarmangani estava desamparado, pois agora, com um rosar, se atirou sobre o homem.

Com um repentino crescer dos grandes músculos de seus braços, que fez com que o pequeno Nkima caísse de lado, Tarzan conseguiu livrar as mãos, a fim de que pudesse defender-se contra a selvagem morte que o ameaçava, naquelas famintas mandíbulas. As ataduras, quase partidas pelos dentes afiados de Nkima, cederam ao terrível esforço do homem-macaco.

Como Dango saltasse na bronzeada garganta, a mão de Tarzan adiantou-se e segurou o pescoço do animal. Mas ao agarrar-se no enorme corpo, este o arrastou no chão. Dango rolou, lutou e

arranhou, num vão esforço de livrar-se de morte daquelas tenazes do homem-macaco, mas aqueles dedos de aço cada vez mais lhe comprimiam a garganta, até que, perdendo o fôlego, o grande bruto rolou inerte sobre o corpo de sua pretendida vítima.

Enquanto não se assegurou de que o animal estava morto, Tarzan não afrouxou o aperto. Mas quando lhe desapareceram todas as dúvidas, atirou longe a carcaça e sentando-se, depressa se pôs a tirar as ataduras que lhe prendiam os tornozelos.

Durante a breve luta, Nkima se refugiara entre os mais elevados galhos de enorme árvore, onde se pôs a saltar, gritando freneticamente ante a luta das feras, cá em baixo. Ainda não se achava certo de que Dango morrera, para que descesse. Cautelosamente aproximou-se do corpo, com receio talvez de algum engano. Mas convencido por um exame "in-loco", saltou sobre o cadáver do animal e pôs-se a pular sobre ele, gritando o seu grito de desafio ao mundo, com toda a segurança e bravura de quem venceu um poderoso inimigo.

Tantor, sobressaltado pelo grito de socorro de seu amigo, afastara-se do rio sem ter colhido a água. Árvores dobravam-se ante a sua louca corrida, porque, ignorando sinuosas trilhas, ele caminhava direito através da jângal, na direção da pequena clareira, em resposta ao apelo do homem-macaco. E agora, enfurecido pelos ruídos do combate, estava pronto para atacar, toda uma titânica máquina de raiva e vingança.

A vista de Tantor não era lá muito boa, e pelo jeito, com a sua louca fúria, era capaz de esmagar o homem-macaco, que estava justamente à sua frente. Mas quando Tarzan lhe falou, o grande bruto parou repentinamente a seu lado e, girando, tomou pela clareira, com as orelhas levantadas, a tromba erguida, rugindo uma selvagem ameaça enquanto procurava o animal que ameaçara o amigo.

— Quietos, Tantor; era Dango. Dango está morto, disse-lhe o homem-macaco.

Logo que os olhos do elefante por fim deram com a carcaça da hiena, o paquiderme atacou e espezinhou-a, como já havia espezinhado o cadáver de Dorsky, deixando-a também toda uma massa ensangüentada. Entretanto, Nkima fugia, gritando, para as árvores.

Com os tornozelos livres das ataduras, Tarzan levantou-se. Depois que Tantor satisfizera a sua raiva sobre o corpo de Dango, ele chamou o elefante para junto de si. Tantor aproximou-se tranqüilamente de seu lado, e permaneceu com a tromba tocando no corpo do homem-macaco, apaziguada a sua raiva e os nervos relaxados pela volta de calma ao homem-macaco.

Nesse instante Nkima desceu. De um salto ágil, alcançou o dorso de Tantor e daí saltou para o ombro de Tarzan, onde, com os seus bracinhos em volta do pescoço do homem-macaco, comprimiu sua face de encontro ao rosto bronzeado do grande Tarmangani, seu amo e seu deus.

Assim os três amigos permaneceram em silenciosa comunhão, que somente os animais conhecem, enquanto as sombras se distendiam e o sol se punha por detrás da floresta.

CAPÍTULO 16

Pânico

AS PRIVAÇÕES porque Wayne Colt passara enfraqueceram-no muito mais do que ele pensava, de sorte que, muito antes que o vigor, que lhe voltava, pudesse trazer-lhe renovada resistência, ele foi acometido de súbita febre.

A grã-sacerdotisa do Flamejante Deus, versada na ciência da antiga Opar, conhecia as propriedades medicinais de muitas raízes e ervas, bem como os poderes místicos do encantamento, que afasta os demônios dos corpos enfermos. Durante o dia ela apanhou algumas raízes e ervas, misturou-as e à noite sentou-se aos pés do doente, recitando orações selvagens, cuja origem remontava a incontáveis idades nos desaparecidos templos, sobre os quais agora correm as águas do poderoso oceano. Enquanto se utilizara de todos os artifícios às suas ordens, para afastar o demônio da enfermidade que se apossara daquele homem de um mundo diferente, Jad-bal-ja, o leão de ouro, caçava para os três. Embora às vezes abatesse a sua caça à distância, jamais deixara de trazer a carcaça de sua presa para o oculto abrigo, onde a mulher tratava do homem.

Dias de escaldante febre, dias de delírio, interrompidos por períodos de lucidez, arrastavam-se vagarosamente. Muitas vezes a mente de Colt era povoada de uma mistura de esquisitas impressões, nas quais La se tornava Zora Drinov por alguns instantes, depois um anjo descido do céu e após uma enfermeira da Cruz Vermelha. Como quer que a imaginasse, sempre lhe parecia solícita e, quando ela se ausentava, como às vezes era obrigada, Colt se sentia desanimado e infeliz.

Quando, ajoelhada a seus pés, La orava ao sol que despontava, ou ao sol no zênite, ou ao sol que se punha, como era seu costume, ou quando se punha a cantar estranhas e selvagens canções numa língua desconhecida, acompanhando-as de gestos que constituíam

parte do ritual, ele estava certo de que a febre aumentara e de novo delirava.

Assim corriam os dias. Ao passo que Colt estava desamparado, Zveri marchava na direção da Itália Somaliland e Tarzan, inteiramente restabelecido de sua ferida, seguia o fácil caminho da expedição, e de seu ombro o pequeno Nkima resmungava e tagarelava o dia todo.

Atrás de si, Tarzan deixara um punhado de aterrorizados negros no acampamento dos conspiradores. Eles estavam deitados preguiçosamente à sombra, depois do seu *breakfast*, uma semana após a morte de Dorsky e a fuga do cativo. Temendo o homem-macaco, em liberdade, que tanto os apavorava a princípio, agora não mais o receavam. Psicologicamente iguais aos brutos da floresta, felizmente logo eles se esqueceram dos seus terrores, mesmo porque não cansavam o espírito antecipando os que poderiam assaltá-los no futuro, como é costume estúpido dos homens civilizados.

Assim foi que nesta manhã um espetáculo que subitamente se desenrolou aos seus olhos espantados, os encontrou inteiramente desprevenidos. Não escutaram o menor ruído, tão silenciosamente caminham os animais na jângal, a despeito de enormes ou pesadões que sejam. É que, subitamente, na clareira às bordas do acampamento, surgiu um enorme elefante e, sentado sobre sua cabeça, o recente prisioneiro, que souberam chamar-se Tarzan dos Macacos. Encarapitado sobre o ombro do homem estava um macaquinho. Com exclamações de terror, os negros se levantaram e, correndo, alcançaram a jângal, no lado oposto do acampamento.

Tarzan saltou ligeiramente ao chão e penetrou na tenda de Dorsky. Ele voltara com um propósito definido, e seus esforços foram coroados de êxito, pois na tenda do russo encontrara sua corda e a faca, objetos esses que lhe foram tirados por ocasião de sua captura. Quanto ao arco, setas e lanças, bastava-lhe procurá-los nos abrigos dos negros. Tendo encontrado o que desejava, Tarzan partiu tão silenciosamente como viera.

Chegara a ocasião de Tarzan seguir rapidamente no encalço do inimigo, deixando Tantor nos pacíficos lugares que tanto ele amava.

— Vou-me embora, Tantor, disse-lhe ele. Procure lugares na floresta onde as jovens árvores tenham as mais tenras cascas e vigie bem os homens, pois somente eles, no mundo, são os inimigos de todas as criaturas.

Pouco depois, o homem-macaco se entranhou pela floresta, com o pequeno Nkima agarrado ao seu bronzeado pescoço.

Na planície situava-se o caminho que o exército de Zveri seguia, o qual estava à vista do homem-macaco. Mas ele não precisava seguir nenhum caminho. Muitas semanas antes, quando estivera vigiando o acampamento, ouvira os principais do bando discutindo seus planos. De modo que lhes conhecia os objetivos e sabia, também, a rapidez com que eles podiam marchar e, portanto, onde esperava encontrá-los. Desembaraçado de filas de carregadores, suando sob pesadas cargas, e não sujeitos a qualquer sinuosa estrada terrena, Tarzan podia caminhar muitas milhas mais depressa do que a expedição. Ele somente lhes viu o caminho quando o que seguia cruzava com o deles, pois tomara por uma reta a fim de avantajá-lo à exausta coluna.

Quando ele alcançou a expedição a noite havia caído e os cansados homens acamparam. Já se haviam alimentado e sentiam-se felizes. Muitos deles estavam cantando. Para alguém que não conhece a verdade, talvez parecesse um acampamento militar das tropas coloniais francesas, pois havia uma precisão militar na disposição dos fogachos, dos abrigos temporários e das tendas dos oficiais, que não podiam ser tomadas como uma expedição de caça ou científica. Ademais, as sentinelas uniformizadas passeavam de um lado e de outro. Tudo isso era trabalho de Miguel Romero, a cujo conhecimento superior de assuntos militares Zveri se vira obrigado a confiar o encargo, embora não diminuísse o ódio recíproco que se votavam.

De sua árvore Tarzan observava a cena em baixo, cuidando de estimar, o mais aproximadamente possível, o número dos homens

armados que formavam as forças combatentes da expedição, enquanto Nkima, incumbido de estranha missão, ligeiramente se balançava nos galhos de árvores, em demanda do este. O homem-macaco verificou que Zveri havia recrutado um exército que poderia constituir uma definida ameaça à paz da África, desde que entre os seus membros estavam representadas inúmeras e poderosas tribos guerreiras, as quais facilmente poderiam ser persuadidas a seguir este chefe louco e auxiliá-lo a coroar de êxito o seu sonho. Para prevenir tal coisa é que Tarzan dos Macacos se achava interessado nas atividades de Pedro Zveri. E que, à sua frente, estava outra oportunidade de solapar o sonho imperialista do russo, enquanto não passava de sonho, e que poderia ser desvanecido por meios triviais, graças aos medonhos e terríveis métodos da jângal, de que o homem-macaco era antigo mestre.

Tarzan ajustou uma seta em seu arco. Vagarosamente a mão direita retesou a emplumada seta, até que a sua ponta quase alcançou o polegar esquerdo. Os seus gestos eram assinalados pela facilidade e graça, sem nenhum esforço. Na aparência, ele dava idéia de conscientemente não visar determinado alvo, mas quando soltou a flecha, esta se cravou na barriga da perna da sentinela, precisamente onde o atirador a desejava.

Com um grito de surpresa e dor, o negro caiu no chão, mais apavorado do que ferido. E ao passo que os companheiros o cercavam. Tarzan dos Macacos desaparecia em meio das sombras da noite, na jângal.

Atraídos pelo grito do homem ferido, Zveri, Romero e outros chefes da expedição saíram apressados de suas tendas e juntaram-se aos negros excitados, que cercavam a vítima da campanha de terrorismo movida por Tarzan.

— Quem o visou? Perguntou Zveri quando viu a seta fincada na perna da sentinela.

— Não sei, respondeu o homem.

— Tem algum inimigo no acampamento que desejasse matá-lo? insistiu Zveri.

— Mesmo que tivesse, observou Romero. Não poderia visá-lo com uma seta, porque não há arcos nem setas entre os homens.

— Não pensei nisso, disse Zveri.

— Neste caso, deve ter sido atirada de fora do acampamento, declarou Romero.

Com dificuldade e gritos da vítima, Ivitch e Romero cortaram a seta da perna da sentinela, enquanto Zveri e Kitembo discutiam várias conjecturas quanto à exata origem daquilo.

— Evidentemente, encontramos-nos em meio de nativos hostis, observou Zveri.

Kitembo encolheu os ombros displicentemente.

— Deixe-me ver a seta, disse ele a Romero. Talvez possamos descobrir qualquer coisa.

Logo que o mexicano entregou a seta ao chefe negro, este se afastou um bocadinho, até alcançar um fogacho, e ali examinou-a atentamente, enquanto os homens brancos dele se acercaram, à espera do resultado daquele exame.

Por fim, Kitembo endireitou o corpo. A expressão de seu rosto era séria, quando falou com a voz bastante trêmula.

— Isto é mau, disse ele, sacudindo a cabeça.

— Que quer dizer? Perguntou Zveri.

— Esta flecha traz a marca de um guerreiro que foi deixado no acampamento-base.

— Isso é impossível, gritou Zveri. Kitembo sacudiu os ombros.

— Bem sei, mas essa é a verdade.

— Com uma seta vinda não sei de onde, o hindu foi morto, lembrou-se um outro chefe negro, perto de Kitembo.

— Cale-se, seu tolo, gritou-lhe Romero, ou você provocará o pânico em todo o acampamento.

— É verdade, concordou Zveri. Precisamos esquecer-nos disso.

Voltando-se para o chefe negro, disse-lhe:

— Você e Kitembo não devem repetir tais palavras a seus homens. Que fique entre nós tudo isso.

Kitembo e o outro concordaram em guardar segredo, mas dentro de meia hora cada homem no acampamento sabia que a sentinela foi visada por uma seta de um dos negros deixados no acampamento-base, e imediatamente seus espíritos estavam preparados para outros incidentes que os aguardavam no caminho.

O efeito dessa ocorrência, no espírito dos soldados negros, patenteou-se durante a marcha do dia seguinte. Eles permaneciam quietos e mais pensativos, e muitos conversavam em voz baixa. Contudo, se mostrassem sinais de nervosismo durante o dia, isso não se comparava com o seu estado de espírito depois que as trevas da noite caíram sobre o acampamento. As sentinelas evidenciaram o seu terror pelas suas atitudes de acurar os ouvidos e prestar atenção aos sons, que vinham da escuridão dos arredores do acampamento. Muitas delas eram homens valentes que teriam enfrentado o inimigo com coragem, em se tratando de homem, mas estavam convencidos de que eram enfrentados pelo sobrenatural, contra o que de nada lhes valiam os rifles nem a sua bravura. Sentiam aqueles olhos de fantasma vigiá-los, e o resultado foi desmoralizador, como se se verificasse um ataque. Na verdade, não havia termo de comparação.

Todavia, não precisavam preocupar-se tanto, pois a causa de todas as suas supersticiosas apreensões rapidamente caminhava por entre a jângal, a milhas de distância, e a cada instante mais aumentava a distância que os separava.

Outra força, que lhes teria causado inda maior ansiedade, era desconhecida deles, e ainda se encontrava à sua frente, num caminho que deveriam cruzar para chegarem ao seu destino.

Em redor do seu fino fogo acocoravam-se uns cem guerreiros negros, cujas plumas brancas se agitavam e tremiam aos movimentos que fizessem. Sentinelas vigiavam, sentinelas destemidas, porque estes homens não tinham medo a fantasmas e

demônios. Eles traziam seus amuletos em saquinhos de couro pendurados por cordéis, no pescoço, e rezavam a estranhos deuses, mas no íntimo sentiam crescente desdém por ambos. Aprenderam da existência e pelo conselho dos prudentes a contar com a vitória, mais devida a seus próprios esforços e às suas armas do que a seu deus.

Era todo um bando alegre e feliz, veteranos de muitas expedições e, como todos os veteranos, não perdiam oportunidade de descansar e distrair-se e o valor de ambas essas coisas era encarecido pela sua jovialidade de espírito. Assim é que reinava grande alegria e muito gracejo entre eles, e as mais das vezes a causa disso tudo era um macaquinho, ora ralhado, ora acariciado pelos soldados, o qual por sua vez ora ficava zangado, ora acariciante. Era patente que certo vínculo de profunda afeição reinava entre o animalzinho e os reluzentes gigantes negros. Quando lhe puxavam o rabo, não o puxavam com força, e quando o macaquinho se voltava contra ele em aparente fúria, e os afiados dentes mordiam os seus dedos ou os braços, jamais tiravam sangue. A sua brincadeira era rude, pois eles eram rudes e primitivos. Como quer que seja, não passava de brincadeira, base de mútuo afeto.

Esses homens acabavam de fazer a sua refeição, à tarde, quando uma figura, como que caída do ar, silenciosamente surgiu no meio deles, descendo de um galho de uma árvore em seu acampamento.

Imediatamente uma centena de guerreiros correu às armas mas com a mesma pressa delas largou, e aos gritos de *Bwana! Bwana!* todos correram a cercar o bronzeado gigante que silenciosamente se achava no meio de todos.

Como se tratasse de um imperador ou de um deus, os negros caíram de joelhos diante do recém-chegado, e os que se achavam mais perto lhe tocaram as mãos e os pés reverentemente. É que para os *waziris*, Tarzan dos Macacos, que era o seu rei. era alguma coisa mais em sua vontade, e adoravam-no como a um deus vivo.

Se os guerreiros estavam satisfeitos por vê-lo, o pequeno Nkima sentia-se frenético de alegria. Depressa saltou sobre os corpos dos negros ajoelhados e encarapitou-se no ombro de Tarzan, agarrando-se ao seu pescoço e tagarelado excitadamente.

— Vocês agiram bem, meus filhos, e o pequeno Nkima também, disse o homem-macaco. Ele lhes entregou a minha mensagem e eu os encontro prontos onde planejei encontrá-los.

— Conservamos sempre um dia de marcha à frente dos estrangeiros, *bwana*, respondeu Muviro, e sempre acampamos fora do caminho, a fim de que não pudessem descobrir os lugares dos nossos acampamentos e suspeitassem de nós.

— Eles não suspeitam de nada, retorquiu Tarzan, Estive à escuta, a noite passada, em seu acampamento, e nada disseram que indicasse nem ao menos sonharam que outro bando os precedia.

— Onde a sujeira do caminho conservava o nosso rasto. um guerreiro, que marchava à retaguarda, apagava os sinais dos nossos passos com um galho enfolhado, explicou Muviro.

— Amanhã aqui os esperaremos, disse o homem-macaco, e hoje à noite vocês ouvirão Tarzan, que exporá o plano que deverão seguir.

Na manhã seguinte Zveri prosseguiu em sua marcha, depois de uma noite de descanso, que se passou sem o menor incidente, razão por que o moral de todos estava elevado a apreciável grau. Os negros não se esqueceram do terrível aviso que lhes foi dirigido das vizinhanças do acampamento, mas eram gente fácil de se deprimir.

Os chefes da expedição estavam encorajados pelo conhecimento que tinham de que mais de um terço do seu percurso havia sido coberto. Por vários motivos eles se achavam ansiosos de completar esta etapa de seu plano. Zveri acreditava que do sucesso de sua conclusão pendia todo o seu sonho de um império. Ivitch, agitador de nascimento, sentia-se feliz ao pensar que o êxito da expedição

causaria inominável aborrecimento a milhões de pessoas e, talvez, pelo sonho de regressar à Rússia como um herói. Quem sabe se riquíssimo herói.

Romero e Mori desejavam-lhe o êxito por diferentes razões. Ambos estavam inteiramente desgostosos com o russo De há muito que haviam perdido toda a confiança na sinceridade de Zveri, o qual, enfatulado como estava de sua própria importância e ilusões de sua futura grandeza, falava de mais, com o resultado de que acabara de convencer a Romero de que ele e toda a sua gente não passavam de uns mentirosos de marca, esperançados de satisfazer a própria ambição com o auxílio de suas grosseiras mentiras e à custa da paz e prosperidade do mundo. Não foi difícil a Romero convencer Mori da verdade de suas deduções, e agora, totalmente desiludidos, os dois homens continuavam na expedição porque acreditavam não lhes ser possível desertarem enquanto o bando todo não voltasse ao acampamento-base.

A marcha continuara ininterruptamente por meia hora, depois que levantaram acampamento, quando um dos negros batedores de Kitembo, que ia à frente da coluna, repentinamente parou.

— Olhe! Disse ele a Kitembo, que vinha atrás.

O chefe adiantou-se ao lado do guerreiro e viu à sua frente, no caminho, uma seta fincada no chão.

— É um aviso, sentenciou o guerreiro. Cuidadosamente Kitembo retirou a seta e examinou-a.

Bem contente ficaria ele de guardar consigo o seu descobrimento, embora se sentisse um tanto chocado pelo que lhe fora dado a ver. Mas o guerreiro a seu lado também vira.

— Igualmente à outra, disse ele. É outra seta das que foram deixadas no acampamento-base.

Quando Zveri deles se aproximou, Kitembo passou-lhe a seta.

— É a mesma, observou ao russo, e é um aviso para que voltemos.

— Qual! Exclamou Zveri desdenhosamente. É apenas uma seta fincada na sujeira, que não pode deter uma coluna de homens armados. Não pensei que também você fosse um covarde, Kitembo.

O preto franziu a testa.

— Nenhum homem até agora se atreveu a chamar-me de covarde, fuzilou ele, nem sou um tolo. Melhor do que o senhor, eu conheço os perigosos sinais da floresta. Nós iremos porque somos homens valentes, mas muitos jamais voltarão. Além disso, os seus planos fracassaram.

Ante tais palavras, Zveri teve uma das suas costumeiras raivas. E embora continuasse a marcha, os homens se achavam com má disposição de ânimo, e muitos voltaram sombrios olhares a Zveri e seus lugares-tenentes.

Pouco depois do meio dia, a expedição fez uma parada para descanso. Haviam atravessado uma densa floresta, sombria e depressiva. Não mais havia canções nem risadas, a conversação não era ruidosa entre os homens acorados em pequenos grupos, enquanto devoravam comida fria que lhes constituía o alimento do meio-dia.

De repente, de algures, em cima, uma voz veio flutuando até eles. Terrível e misteriosa, falava-lhes num dialeto de Bantu, que muitos deles compreendiam.

— Voltem daqui, antes que morram. Desertem os homens brancos antes que seja muito tarde.

Foi o bastante. Os homens levantaram-se apavorados, olhando nas árvores. Zveri é quem quebrou o silêncio.

— Que diabo é isso? Que significam essas palavras?

— Avisam-nos para voltarmos, respondeu-lhe Kitembo.

— Não há volta nenhuma, murmurou Zveri.

— Nada posso dizer a esse respeito, contraveio Kitembo.

— Pensei que você quisesse ser rei, observou-lhe Zveri. Você faria o diabo de um rei.

Por alguns instantes Kitembo se esquecera da esplêndida promessa que a seus olhos Zveri descortinara, meses atrás — torná-lo rei de Kenya. Valia a pena arriscar-se.

— Continuaremos, disse ele.

— Você precisa usar de força, observou-lhe Zveri, mas não pare de jeito nenhum. Precisamos prosseguir, aconteça o que acontecer.

Voltando-se para os seus lugares-tenentes:

— Romero, você e Mori seguem à retaguarda da coluna, e façam fogo em quem recusar-se a prosseguir.

Os homens até então não se recusaram a seguir, e quando foi dada a ordem de marchar, taciturnos eles retomaram o seu lugar na coluna. Durante uma hora assim marcharam. Então, de muito distante, à frente, lhes chegou aos ouvidos o pavoroso grito que muitos deles ouviram antes em Opar. Minutos depois, era-lhes atirado novo aviso:

— Desertem os homens brancos.

Os pretos murmuravam entre si, e era evidente que já se sentiam perturbados. Mas Kitembo cuidou de persuadi-los a continuar a marcha, coisa que Zveri jamais lograria.

— Bem que eu desejaria apanhar o autor desses gritos, disse o russo a Zora Drinov, enquanto caminhavam juntos à frente da coluna. Se apenas ele se mostrasse uma vez, eu o atiraria.

— Esse alguém está familiarizado com a mente dos nativos, respondeu-lhe a moça. Provavelmente é algum feiticeiro de tribo, através de cujo território caminhamos.

— Espero que não seja mais do que isso, Zora. Não duvido que o homem seja um nativo, mas receio que esteja agindo de acordo com instruções recebidas dos ingleses ou italianos, que assim esperam desorganizar-nos e demorar-nos, até que possam mobilizar uma força e atacar-nos.

— O que não padece dúvida é que abateu o moral dos homens, disse Zora, pois acredito que atribuam todos os terríveis males,

desde a misteriosa morte de Jafar até o momento presente, ao mesmo autor, ao qual o seu espírito supersticioso atribui origem sobrenatural.

— Nesse caso, tanto pior para eles, pois seguem para onde não desejavam seguir. Quando ficarem sabendo que a tentativa de deserção significa morte, ficarão certos de que não é sempre seguro brincar com Pedro Zveri.

— Eles são muitos, Pedro, lembrou-lhe a moça, e nós somos poucos. Além disso, graças a você, todos estão bem armados. Parece-me que você deveria criar um Frankenstein, que nos destruiria a todos no fim.

— Você é tão ruim como os negros, resmungou Zveri, erguendo uma montanha com um simples monte de terra. E se eu...

Atrás da retaguarda da coluna e de novo aparentemente como se caído do ar, fez-se ouvir o aviso:

— Desertem os homens brancos.

O silêncio reinou novamente sobre a coluna em marcha mas os homens prosseguiram, exortados por Kitembo e ameaçados pelos revólveres dos oficiais brancos.

Presentemente, a floresta rematava às bordas de uma pequena planície, através da qual o caminho seguia em terreno coberto de capim de búfalo, que crescia acima da cabeça dos homens. Iam caminhando bem na nova trilha, quando à sua frente um rifle disparou, depois outro e mais outro, dando idéia de toda uma linha de barragem à sua frente.

Zveri ordenou a um dos negros que depressa conduzisse Zora à retaguarda da coluna, em lugar de segurança, enquanto ele seguia rentinho da moça, bem atrás, ostensivamente procurando Romero e lançando palavras de encorajamento aos homens.

Até agora ninguém fora ferido. Mas a coluna fizera alto e rapidamente os homens perderam toda a semelhança de formação.

O mexicano rapidamente se adiantou e, com o auxílio de Ivitch e de alguns chefes negros, dispôs uma companhia em longa linha da escaramuça, com a qual avançou cautelosamente, de passo que Kitembo, seguido da metade do resto da expedição, agindo como apoio, deixava a Ivitch, Mori e Zveri organizarem uma reserva do que restava.

Depois do primeiro e largo fogo, intermitente, cessaram os tiros, a que se seguiu um silêncio muito mais terrível para enervar os soldados negros. O profundo silêncio do inimigo, a ausência de qualquer sinal de movimento no capim de búfalo, adiante deles, bem como os misteriosos avisos que ainda lhes soavam aos ouvidos, convenceram os negros que eles enfrentavam inimigo mortal.

— Voltem! Saiu o funesto aviso da relva, à sua frente. Este é o último aviso. A morte se seguirá à desobediência.

A linha de frente recuou. Para segurá-la, Romero deu ordem de fogo. A resposta foi uma descarga de mosquetes saída do capim, à frente da coluna, e desta vez uma dúzia de homens tombou, feridos e mortos.

— Fogo! Gritou Romero.

Mas os homens da vanguarda se voltaram e correram à retaguarda, em procura de proteção.

À vista da linha da vanguarda que descia sobre a de apoio atirando os seus rifles enquanto corriam, a linha de apoio também debandou, arrastando a reserva, e os homens brancos também foram levados na louca debandada.

Desgostoso, Romero voltou sozinho. Ele não via inimigo, pois ninguém o perseguia, e este fato o levou à tranqüilidade que, zunindo, as balas foram incapazes de provocar. Enquanto sozinho ia longe, no encalço dos companheiros, começou a repartir com estes o sentimento de injustificado terror que se apossara dos negros, e se não logrou convencê-los, pelo menos conseguiu-lhes a simpatia. Uma coisa é a gente enfrentar um inimigo que se vê, e outra ser

sitiado por invisível inimigo, a cuja aparência, mesmo, a gente está alheia

Pouco depois que Romero reentrou na floresta, ele viu alguém andando ao longo do caminho, à sua frente. Não demorou muito que se descobrisse a sua vista, e notou que se tratava de Zora Drinov.

Romero chamou-a, e ela se voltou e esperou-o.

— Receei que também tivesse morrido, camarada, disse-lhe a moça.

— Nasci debaixo de feliz estrela, respondeu-lhe ele num sorriso. Os homens caíram de ambos os meus lados e atrás. Onde está Zveri?

Zora sacudiu os ombros.

— Não sei, respondeu-lhe.

— Talvez esteja tentando reorganizar a reserva, aventou Romero.

— Quem sabe, concordou brevemente a moça.

— Espero que ele tenha corrido bastante, observou o mexicano em tom de pouco caso.

— Sem dúvida nenhuma, retorquiu Zora.

— A senhora não devia ficar sozinha como está.

— Eu cuido de mim mesma, replicou a moça.

— Talvez, mas se me pertencesse...

— Eu não pertenco a ninguém, camarada Romero, respondeu-lhe ela friamente.

— Perdoe-me, senhorita. Estou certo disso. Simplesmente escolhi um meio infeliz de tentar confessar-lhe que se a mulher a quem eu amasse aqui estivesse, ela não ficaria sozinha na floresta, especialmente quando acredito, como Zveri deve acreditar, que estamos sendo perseguidos por um inimigo.

— O senhor não gosta do camarada Zveri, não é verdade, Romero?

— Mesmo para a senhorita, respondeu ele, devo confessar; uma vez que me pergunta, que não gosto.

— Bem sei que ele é antipatizado por muitos.

— Ê antipatizado por todos, exceto pela senhorita.

— Por que serei eu excetuada? Como sabe que também não é antipatizado por mim?

— Muito não, tenho certeza, disse Romero. Caso contrário, por que a senhorita consentiu em tornar-se sua noiva?

— Como sabe que consenti?

— O camarada Zveri sempre se vangloria disso, afirmou Romero.

— Verdade? Estranhou Zora, por todo o comentário.

CAPÍTULO 17

Perigos conjurados

A DEBANDADA geral das forças de Zveri somente terminou quando alcançaram seu último acampamento, mesmo assim somente parte, pois ao cair da noite descobriu-se que uns vinte e cinco por cento dos homens estavam faltando e entre os ausentes contavam-se Zora e Romero. À medida que os extraviados chegavam, Zveri perguntava a cada um se tinham visto a moça, mas ninguém a vira. Ele tentou organizar uma expedição para voltar à sua procura, mas ninguém quis acompanhá-lo. De nada lhe valeram ameaças e súplicas, que só serviam para mostrar-lhe que ele perdera todo o domínio sobre os seus homens. Talvez voltasse sozinho, como insistia ser sua vontade. Mas em pouco ficou aliviado dessa necessidade quando, ao depois de cair a noite, os dois apareceram juntos no acampamento.

Vendo-os, Zveri ficou tranqüilizado e furioso.

— Por que você não ficou ao meu lado? indagou ele a Zora.

— Porque não pude correr tão depressa como você, replicou a moça, trancando-lhe a boca.

Da escuridão das árvores acima do acampamento, saiu o agora familiar aviso:

— Desertem os homens brancos.

Um longo silêncio seguiu-se àquela misteriosa voz, quebrado apenas pelos nervosos cochichos dos pretos. Pouco depois, de novo se ouvia a voz:

— Os caminhos para as suas aldeias nativas estão livres de perigo, mas a morte sempre caminha com os homens brancos. Dispam os uniformes e deixem os homens brancos entregues à jângal e a mim.

Um guerreiro negro pôs-se de pé e despiu o uniforme francês de seu corpo, atirando-o sobre um fogacho aceso perto dele, destinado a cozer alimento. Imediatamente outros lhe seguiram o exemplo.

— Pare com isso! Gritou Kitembo.

— Matemos os brancos! Aventou um guerreiro Basembo. Incontinenti os pretos se precipitaram sobre os brancos, que estavam reunidos perto de Zveri. Nesse instante, de cima deles veio de novo o grito de aviso:

— Os brancos são meus! Deixe-os para mim.

Por um instante os guerreiros que avançavam, pararam. E aquele, que se constituíra chefe da arremetida contra os brancos, enfurecido talvez pelo ódio e sede de sangue, continuou avançando, com o seu rifle em atitude ameaçadora.

De cima, sibilou uma seta. O preto, cambaleando sobre o seu rifle, soltou um grito no instante em que teve o peito atravessado pela seta. E como caísse de bruços, os outros negros recuaram e os homens brancos ficaram sozinhos. Enquanto isso, os outros negros em confusão alcançavam um canto distante do acampamento. Muitos deles teriam desertado naquela mesma noite, mas receavam as trevas da jângal e a ameaça daquela coisa suspensa acima deles.

Zveri passeava de um lado e de outro, amaldiçoando a sua sorte, amaldiçoando os negros, amaldiçoando todo mundo.

— Se eu tivesse tido alguma cooperação, se eu tivesse tido algum auxílio, resmungava ele, isto não teria acontecido, mas sozinho não posso fazer tudo.

— Boa parte desta situação unicamente você é que a provocou, disse-lhe Romero.

— Que quer dizer? Indagou Zveri.

— Quero dizer que você se tornou um insuportável asno a ponto de ser antipatizado por todos da expedição, mas mesmo assim a

levariam a cabo se tivessem alguma confiança em sua coragem. Nenhum homem gosta de seguir um covarde.

— E é você, seu mexicano, quem me chama assim? gritou Zveri, procurando o revólver.

— Basta de garganta, interrompeu-o Romero. Eu o protegi do fogo. E deixe-me dizer-lhe agora que, se não fosse por causa da senhorita Drinov, eu o teria morto há muito tempo, e livrado o mundo pelo menos de desequilibrado cão louco que está ameaçando o universo inteiro com a hidrofobia de seu ódio e suspeita. A senhorita Drinov certa vez me salvou a vida. Não me esqueci disso. E porque, talvez, ela o ame, você está salvo, a não ser que me veja forçado a matá-lo em legítima defesa.

— Isto raia pela insanidade, exclamou Zora. Somos em número de cinco os que aqui nos achamos, com um bando de negros desgovernados que nos ameaçam e nos odeiam. Amanhã, sem dúvida alguma, eles nos abandonarão. Se ainda esperamos sair vivos da África, precisamos permanecer juntos. Esqueçam-se de suas malquerenças, os dois, e trabalhem juntos em harmonia, daqui por diante, para a nossa recíproca salvação.

— Para o seu benefício, sim, senhorita, disse Romero.

— A camarada Drinov tem razão, ponderou Ivitch. Zveri retirou a mão da arma e afastou-se soturnamente.

Pelo resto da noite a paz, se não a felicidade, desaparecera do desorganizado acampamento dos conspiradores.

Quando surgiu a manhã, os brancos viram que os pretos haviam despido o uniforme francês, fato esse que, do esconderijo da folhagem de uma árvore vizinha, outros olhos notaram, olhos cinzentos, em que luzia a sombra de um horrendo sorriso. Não mais havia rapazes pretos para servir os brancos, pois os seus criados também os abandonaram para se juntarem aos homens do mesmo sangue, de modo que os cinco prepararam o seu *breakfast*, depois que a tentativa de Zveri de ordenar a alguns dos seus rapazinhos

que fizessem tais serviços, encontrou da parte destes insolente recusa.

Enquanto estavam comendo, Kitembo deles se aproximou, acompanhado pelos chefes de várias tribos que tomavam parte na expedição.

— Vamos partir, com nossa gente, para as nossas aldeias nativas, disse-lhes o chefe Basembo. Deixamos víveres para a sua jornada, de regresso ao seu acampamento. Muitos dos nossos guerreiros querem matá-los, e isso não podemos impedir se os senhores tentarem acompanhar-nos pois eles temem a vingança dos fantasmas que os seguiram durante muitas luas. Fiquem aqui até amanhã. Depois, os senhores estão livres para irem para onde bem quiserem.

— Mas, arriscou Zveri, vocês não podem deixar-nos deste jeito, sem carregadores ou *askaris*.

— Já se foi o tempo em que o senhor poderia dizer-nos o que nos cumpria fazer, homem branco, respondeu-lhe Kitembo, pois são poucos e nós somos muitos, e o seu domínio sobre nós desapareceu. Em tudo o que o senhor meteu as mãos, foi um desastre. Não mais acompanharemos tal chefe.

— Vocês não podem agir dessa forma, rosou Zveri. Serão todos punidos por isso, Kitembo.

— Quem nos punirá? Indagou o preto. Os ingleses? Os franceses? Os italianos? O senhor não ousará procurá-los. Eles o puniriam, e não a nós. Talvez o senhor procure o Ras Tafari. Ele lhe arrancaria o coração e lhe atiraria o corpo aos cães, se soubesse qual o seu plano.

— Entretanto, vocês não podem deixar sozinha, aqui, na jângal, esta mulher branca, sem criados, sem carregadores ou adequada proteção, insistiu Zveri, notando que o seu primeiro argumento não causam a mínima impressão ao chefe negro, o qual tinha em suas mãos o destino dos brancos.

— Eu não pretendo deixar esta mulher branca, retorqui Kitembo. Ela partirá comigo.

Só então é que os brancos verificaram que os chefes os rodeavam e que estavam cercados de rifles.

Pronunciadas tais palavras, Kitembo aproximou-se de Zveri, em cujo lado permanecia Zora Drinov. Depois, o chefe negro adiantou-se rapidamente e segurou-a pelo pulso

— Venha! ordenou ele.

Nesse instante, alguma coisa sibilou sobre suas cabeças, e Kitembo, chefe dos Basembos, sentiu uma flecha cravar-lhe no peito.

— Não olhem para cima, gritou uma voz que vinha do alto. Conservem os olhos abaixados no chão, pois quem levantar os olhos morrerá. Escutem bem o que lhes vou dizer, homens negros. Sigam o seu caminho para suas aldeias nativas, e deixem atrás os homens brancos. Não lhes causem nenhum mal. Eles me pertencem. Era o que tinha a dizer.

Com os olhos esbugalhados e trêmulos, os chefes negros se afastaram dos brancos, deixando Kitembo estorcendo-se no chão. Apressaram-se em atravessar o acampamento para se reunir aos seus companheiros, todos inteiramente aterrorizados. Antes que o chefe dos Basembos cessasse a sua luta, entre a vida e a morte, os negros apanharam as cargas que previamente haviam dividido entre si, e os empurrões, de uns em outros, trataram de deixar o acampamento, dirigindo-se para o oeste.

Observando-lhes a partida, os brancos se mantinham em estuporado silêncio, que não foi quebrado enquanto o último negro não desapareceu e eles ficaram sozinhos.

— O que você imagina significarem as palavras "que lhe pertencemos?" perguntou Ivitch em voz um tanto rouca.

— Como posso eu saber? Grunhiu Zveri.

— Talvez seja um fantasma que come gente, sugeriu Romero, num sorriso.

— Ele já nos causou todo o mal que poderia, observou Zveri. Agora, bem que poderia deixar-nos sozinhos.

— Não é espírito maligno, contraveio Zo-a. Não pode ser, pois certamente me salvou de Kitembo.

— Salvou-a para ele mesmo, retorquiu Ivitch.

— Tolice! Exclamou Romero. É claro o intuito dessa misteriosa voz no espaço, mesmo porque é voz de homem. É a voz de alguém que quis destruir os propósitos desta expedição e creio que Zveri se aproximou da verdade, ontem, quando atribuiu isso a origem inglesa ou italiana, que se esforçava para atrasar-nos até que pudesse mobilizar toda uma força contra nós.

— Prova evidente, declarou Zveri, do que suspeitei durante muito tempo, isto é, que entre nós houve mais de um traidor.

E olhou significativamente para Romero.

— O que significa, disse Romero, é que essas desequilibradas teorias de um cérebro sempre falham quando são postas à prova. Você pensou que todos os negros da África correriam para alistar-se sob sua bandeira e expulsar todos os estrangeiros ao oceano. Em teoria, talvez, você tivesse razão mas na prática um homem, com o conhecimento da psicologia dos nativos, que você não tem, acolheria todo o seu sonho como uma bolha de sabão, e para qualquer outra teoria leviana, no mundo sempre existem obstáculos para que possa traduzir-se em realidade.

— Você fala como um traidor à causa, observou Ivitch em tom ameaçador.

— E o que pretende agora fazer da causa? perguntou o mexicano. Estou saturado de vocês todos e dos seus apodrecidos planos. Não há um só honrado fio de cabelo em sua cabeça e na de Zveri. Posso conceder ao Tony e à senhorita Drinov o benefício de uma dúvida, pois não posso concebê-los escravos. Como eu fui enganado, também eles devem ter sido, do jeito que você e a sua

raça se esforçaram durante anos para enganar inúmeros milhões de outros.

— Você não é o primeiro traidor à causa, exclamou Zveri, nem será o primeiro traidor a pagar a pena de sua traição.

— Esta conversa não serve para o momento, interrompeu-os Mori. Agora já não somos muitos. Se brigarmos e nos matarmos uns aos outros, talvez nenhum de nós saia vivo da África. Além disso, se você matar Miguel, deverá também matar-me, e creio que não conseguirá isso. Talvez seja você quem morra.

— Tony tem razão, disse a moça. Façamos tréguas, até que de novo alcancemos a civilização.

De sorte que sob alguma coisa parecida com tréguas armadas, os cinco partiram na manhã seguinte de volta para o seu acampamento-base, enquanto em outro caminho, com todo um dia de dianteira a eles, Tarzan e seus guerreiros *waziris* se encaminhavam para Opar.

— La não deve ali se achar, explicou Tarzan a Muviro, mas tenciono punir Oah e Dooth por sua traição e assim tornar possível à grã-sacerdotisa voltar em segurança, se é que ainda vive.

— E com relação aos inimigos brancos na jângal, atrás de nós, *bwana*? Perguntou Muviro.

— Não nos escaparão. Acham-se fracos e não têm experiência da jângal. Caminharão vagarosamente. A qualquer tempo, quando quisermos, podemos alcançá-los. La é que mais me preocupa, pois é amiga, ao passo que eles não passam de inimigos.

Muitas milhas distante, o objetivo de sua amistosa solicitude aproximava-se de uma clareira na jângal, feita pelo braço do homem e evidentemente destinada a um acampamento para grande número de homens, embora na ocasião somente alguns rudes abrigos estivessem ocupados por um punhado de negros.

Ao lado da mulher caminhava Wayne Colt, readquirido todo o seu vigor, e aos seus calcanhares Jad-bal-ja, o leão de ouro.

Finalmente o encontramos, disse o homem, graças à senhora.

— Sim, mas está deserto, retorquiu La. Eles o abandonaram.

— Não, contraveio Colt. Estou vendo alguns negros naqueles abrigos, à direita.

— De fato, concordou La, e, assim, devo deixá-lo. Havia um tom de tristeza em sua voz.

— Sou forçado a dizer-lhe adeus, mas sei de quanto é capaz o seu coração e que, graças à sua bondade para comigo, é que atrasou a volta a Opar. Vã me seria a tentativa de expressar-lhe os meus agradecimentos, mas creio que a senhora bem sabe o que existe em meu coração.

— Sim, respondeu a mulher, e a mim me basta a certeza de que consegui um amigo, eu que tenho poucos amigos leais.

— Se me permitir, acompanhá-la-ei a Opar. A senhora vai sozinha, enfrentar inimigos, e talvez necessite do pouco auxílio que eu lhe possa prestar.

La sacudiu a cabeça.

— Não, isso não pode ser. Toda a suspeita e ódio que nasceram nos corações de alguns dos meus, foram causados pela amizade de um homem do outro mundo. Se o senhor voltasse comigo e me ajudasse a reconquistar o trono, aumentaria inda mais essa suspeita. O que Jad-bal-ja e eu não conseguirmos sozinhos, nós três não conseguiremos.

— Ao menos não quer ficar minha hóspede o resto do dia? perguntou ele. Não lhe posso, contudo, oferecer-lhe muita hospitalidade, acrescentou Colt num triste sorriso.

— Não, meu amigo. Não posso arriscar-me a deixar Jad-bal-ja, nem o senhor pode arriscar-se a largar dos seus negros, e receio que o leão e os negros continuem juntos TIO mesmo acampamento. Adeus, Wayne Colt. Não pense que vou sozinha, pois tenho a meu lado Jad-bal-ja.

Do acampamento-base La conhecia o caminho que ia ter a Opar. Enquanto Colt a contemplava, já de partida, ele sentiu subir-lhe um peso na garganta, pois a formosa moça e o colossal leão pareciam a personificação da beleza, força e solicitude.

Com um suspiro ele se dirigiu ao acampamento, e atravessou o lugar onde os negros estavam dormindo ao calor do meio dia. Acordou-os, e vendo-o, eles ficaram muito excitados, pois faziam parte de seu próprio *safari* da costa, e reconheceram-no imediatamente. Como há muito tempo o imaginavam perdido, a princípio ficaram um tanto receosos, até que se convenceram de que era ele mesmo,, em carne e osso.

— Ele não atacará, respondeu Tarzan. Porque, eu não sei, mas estou certo de que é por ser Jad-bal-ja.

— Os olhos de Tarzan são como os olhos da águia, observou o chefe dos *waziris*. Muviro somente enxerga uma mulher e um leão, mas Tarzan vê La e Jad-bal-ja.

— Não preciso dos meus olhos para vê-los, disse o homem-macaco. Tenho o meu nariz.

— Também eu tenho nariz, retorquiu Muviro, que não passa de um pedacinho de carne saliente em meu rosto. Não presta para nada.

Tarzan sorriu.

— Quando você era criança, não necessitou de seu nariz para defender a vida e conseguir alimento, como aconteceu desde então comigo. Andem aqui, meus filhos, La e Jad-bal-ja ficarão contentes de vê-los.

Os apurados ouvidos de Jad-bal-ja é que por primeiro sentiram ruídos atrás. Ele parou e voltou-se, com a sua cabeçorra levantada majestosamente, as orelhas em pé, a pele das narinas trêmulas para estimular-lhe o olfato. Então, ele soltou um rouco bramido, e La parou e voltou-se, para descobrir a causa do seu desgosto.

Quando seus olhos notaram a aproximação da coluna, seu coração bateu apressado. O próprio Jad-bal-ja não poderia protegê-

la contra tantos. Ela pensou em tentar distanciá-los na direção da cidade, mas quando olhou de novo aos arruinados muros, no longínquo lado do vale, verificou que o seu plano era desesperador, pois que não tinha forças para caminhar depressa tão grande distância, enquanto entre os guerreiros negros por certo haveria muitos treinados corredores que facilmente a alcançariam. Destarte, resignada ao seu destino, La parou e esperou, de passo que Jad-bal-ja, com a cabeça baixa e a cauda em movimento, vagarosamente se adiantava ao encontro dos homens. À medida que avançavam, seus selvagens bramidos aumentavam a ponto de sacudir a terra, pois pensava assim amedrontá-los em benefício de sua adorada ama.

Contudo os homens se aproximavam. De repente, La notou que o que vinha à frente dos outros era de cor clara, e o coração saltou-lhe no peito. Logo que o reconheceu, lágrimas vieram aos olhos da selvagem grã-sacerdotisa de Opar.

— É Tarzan! Jad-bal-ja, é Tarzan! exclamou La, com a luz do amor iluminando-lhe, agora, o formoso semblante.

Talvez no mesmo instante o leão reconheceu o amo, pois cessaram os bramidos, os olhos não mais chisparam, a cabeça já não permanecia abaixada quando ele trotava à frente, para encontrar-se com o homem-macaco. Como um enorme cão, ele se levantou à frente de Tarzan. Com um grito de terror, o pequeno Nkima saltou do ombro do homem-macaco e fugiu, gritando, atrás de Muviro, uma vez, que enraizado estava na fibra de Nkima que Numa é sempre Numa. Com suas enormes patas nos ombros de Tarzan, Jad-bal-ja lambia a bronzeada face. Então, Tarzan afastou-o de lado e rapidamente se encaminhou na direção de La, ao passo que Nkima, passado o seu terror, saltava freneticamente acima e abaixo do ombro de Muviro, dizendo palavrões da jângal ao leão, por tê-lo assustado tanto.

— Até que enfim! Exclamou Tarzan, ao chegar perto de La.

— Até que enfim, repetiu a moça, você voltou de sua caça.

— Eu voltei imediatamente, replicou o homem, mas você já havia partido.

— Você voltou?

— Sim, La. Andei muito, antes de conseguir uma presa, mas por fim encontrei carne e trouxe-a para você. Não mais a encontrei e a chuva apagou o seu rasto. Embora eu a procurasse durante muitos dias, não pude achá-la.

— Se eu tivesse pensado que você voltaria, havia de esperá-lo para sempre.

— Você devia saber que eu não a deixaria desse jeito, La.

— La sente muito.

— Desde então você não voltou a Opar? perguntou Tarzan.

— Jad-bal-ja e eu agora é que seguimos para Opar. Estive perdida por muito tempo. Somente há dias é que descobri o caminho de Opar e encontrei um homem branco que estava perdido e ardendo de febre. Permaneci a seu lado até que a febre cedesse e lhe voltasse o vigor, porque pensei que ele poderia ser um amigo de Tarzan.

— Como se chamava ele? perguntou o homem-macaco.

— Wayne Colt.

O homem-macaco sorriu.

— Ele reconheceu o que você lhe fez, La?

— Sim, e quis vir a Opar comigo para auxiliar-me a reconquistar o trono.

— Você gostou dele, não, La?

— Muito, mas não do modo porque gosto de Tarzan. O homem-macaco lhe tocou o ombro, numa meia carícia.

— La a imutável! Murmurou Tarzan.

Então, com um repentino meneio de cabeça, como se quisesse afastar tristes pensamentos, mais uma vez ele se voltou para o lado

de Opar.

— Venha, disse-lhe Tarzan, a rainha volta ao seu trono. Os invisíveis olhos de Opar observavam o avanço da coluna. Reconheceram La, Tarzan e os *waziris*, e alguns deles lograram identificar Jad-bal-ja. Oah estava apavorada e Dooth trêmulo; a pequena Nao, que odiava Oah, sentia-se quase feliz. Feliz como alguém que possui no peito um coração ferido.

Oah governara com mão tirana, e Dooth se portara como um fraco tolo, a quem ninguém dava crédito. Corriam cochichos entre as ruínas, cochichos que haviam de amedrontar Oah e Dooth se pudessem ouvi-los. Os cochichos espalharam-se entre as sacerdotisas e os sacerdotes guerreiros, de forma que quando Tarzan e Jad-bal-ja conduziram os *waziris* ao pátio exterior do templo, não havia ninguém para resisti-los. Ao contrário, das sombrias arcadas dos envoltentes corredores saíam vozes implorando misericórdia e vozes fervorosas assegurando lealdade a La.

À medida que avançavam dentro da cidade, eles ouviram no distante interior do templo um súbito rumor. Altas vozes eram entrecortadas de gemidos, e depois sobreveio o silêncio. Quando chegaram à sala do trono, aos seus olhos se evidenciou a causa do tumulto, pois numa poça de sangue jaziam os corpos de Oah e Dooth, com meia dúzia de sacerdotes e sacerdotisas que permaneceram fiéis a eles. Por esse motivo, a grande sala do trono estava vazia.

Mais uma vez La, a grã-sacerdotisa do Flamejante Deus, subiu ao trono como rainha de Opar.

Naquela noite, Tarzan, o senhor da jângal, de novo comeu nos pratos de ouro de Opar, enquanto as meninas, que logo se tornariam sacerdotisas do Flamejante Deus, serviam carnes, frutas e vinhos tão velhos que nenhum homem lhes conhecia a vindima, nem em que parreira cresceram as uvas com que os fabricaram.

Mas em tais coisas Tarzan encontrava pouco interesse, e sentiu-se contente quando, no dia seguinte, se encontrou à frente dos

waziris atravessando a planície de Opar rumo às estéreis colinas. Sobre o bronzeado ombro estava Nkima e a seu lado caminhava o leão de ouro, enquanto em coluna, atrás dele, marchavam os cem guerreiros *waziris*.

* * *

Todo um bando exausto e desanimado de brancos se aproximava do seu acampamento-base, depois de uma longa, monótona e regular jornada.

Zveri e Ivitch caminhavam à frente, seguidos por Zora Drinov, e a considerável distância atrás, Romero e Mori caminhavam lado a lado, ordem essa observada em toda a longa caminhada.

Wayne Colt estava sentado à sombra de um dos abrigos, e os pretos preguiçosamente distendidos um em frente ao outro, a pequena distância, quando Zveri e Ivitch apareceram à vista.

Colt levantou e adiantou-se. Zveri enxergou-o logo.

— Maldito traidor! gritou-lhe o russo. Eu o apanharei, como a última coisa que me cumpre fazer na terra.

Enquanto falava, sacou do revólver e atirou à queima-roupa o desarmado americano.

O primeiro tiro passou de raspão pela roupa de Colt, sem ferir-lhe a pele. Entretanto, Zveri não atirou segunda vez, pois quase que simultaneamente com o estampido de sua arma se ouviu um outro, atrás dele, e Pedro Zveri, largando o revólver e levando a mão às costas, cambaleou desgovernado sobre seus pés.

Ivitch voltou-se rapidamente.

— Meus Deus, Zora, o que você fez! Exclamou ele.

— Fiz o que há doze anos espero fazer, respondeu a moça. Justamente o que, quando eu era pouco mais de criança, tencionava fazer.

Wayne Colt correu e apanhou a arma de Zveri, onde caíra, e Romero e Mori também chegaram correndo.

Zveri tombou no chão e olhava furiosamente em seu redor.

— Quem me atirou? Gritou ele. Ah, já sei. Foi esse danado mexicano.

— Fui eu, disse Zora Drinov.

— Você! Arquejou Zveri.

Repentinamente ela se voltou para Wayne Colt, como se somente a ele interessasse o que ia dizer.

— O senhor também deve conhecer a verdade, disse a moça! Eu não sou uma vermelha, eu nunca fui. Este homem matou meu pai, minha mãe e meu irmão e irmã mais velhos. Meu pai foi.. s Não importa o que ele foi. Agora está vingado.

E, voltando-se ferozmente para Zveri:

— Eu poderia tê-lo morto umas doze vezes nestes últimos anos, mas esperei porque desejava mais do que a sua vida. Eu desejava auxiliar a anulação do odioso plano com que você e sua raça querem desgragar a felicidade do mundo.

Pedro Zveri sentou-se no chão, olhando-a, com os olhos esbugalhados e fracamente alumiados. De repente, tossiu uma golfada de sangue e caiu morto.

Romero aproximara-se bastante de Ivitch. Repentinamente o mexicano encostou o cano do revólver nas costas do russo.

— Deixe de lado a sua arma, ordenou-lhe ele. Não tenho a menor confiança em você.

Ivitch empalideceu, mas cumpriu a ordem. É que viu o seu pequeno mundo vacilante e sentiu medo.

Através da clareira uma figura permanecia à beira da jângal. Até então, ninguém a notara, pois ali aparecera silenciosamente, como se caída do espaço. Zora Drinov foi a primeira a percebê-lo e não conteve um grito de surpresa ao reconhecê-lo. Como os outros se

voltassem para seguir-lhe a direção dos olhos, viram um homem branco bronzeado, semi-nu, pois só tinha uma pele de leopardo a envolvê-lo, que se encaminhava para o seu lado. Caminhava com a facilidade e majestosa graça de um leão e muito em suas atitudes e gestos dava idéia de ser ele o rei dos animais.

— Quem é o senhor? Indagou Wayne Colt.

— Não sei quem seja, respondeu Zora. Somente sei que esse homem é que salvou minha vida quando eu estive perdida na jângal.

O homem parou diante deles.

— Quem é o senhor — indagou Wayne Colt.

— Eu sou Tarzan dos Macacos, respondeu o recém-chegado. O plano que foi traçado por este homem — e apontou para o cadáver de Zveri — fracassou e ele está morto. Esta moça francamente o declarou. Ela não é igual aos demais. Minha gente está acampada a pequena distância, adiante. Vou levá-la até os meus homens, e tratar de fazê-la voltar à civilização com segurança. Quanto aos outros, não lhes tenho a menor simpatia. Os senhores devem sair da jângal da melhor maneira que puderem. Era o que tinha a dizer-lhes.

— Eles não são o que o senhor pensa, meu amigo, disse-lhe Zora.

— Que quer dizer? Perguntou Tarzan.

— Romero e Mori aprenderam sua lição. Eles confessaram abertamente durante uma disputa, quando os negros nos abandonaram.

— Eu os escutei, disse Tarzan. Zora olhou-o surpresa.

— O senhor os escutou?

— Escutei muita coisa que se passava em muitos dos seus acampamentos, replicou o homem-macaco, mas não sei se posso acreditar em tudo quanto ouvi.

— Creio que o senhor pode acreditar no que lhes ouviu, assegurou-lhe Zora. Tenho certeza de que eram sinceros.

— Muito bem, assentiu Tarzan. Se quiserem, que venham também comigo, mas esses outros dois devem escapar por si mesmos.

— O americano não, disse Zora.

— Não? E por que não? Perguntou o homem-macaco.

— Porque é agente especial ao serviço do governo dos Estados Unidos.

Os expedicionários, incluindo o americano, olharam-na espantados.

— Como soube isso? Inquiriu Colt.

— A mensagem que o senhor mandou, quando chegou pela primeira vez ao acampamento e nós nos achávamos sozinhos, foi interceptada por um agente de Zveri. Agora compreende porque sei disso, não é verdade?

— Sim, concordou Colt. É muito simples.

— Essa a razão por que Zveri o chamou de traidor e tentou matá-lo.

— E quanto a este outro? Perguntou Tarzan, indicando Ivitch. Também ele é um cordeiro na pele de lobo?

— Esse homem é desses paradoxos que são tão numerosos, respondeu Zora. É um desses vermelhos que é tudo amarelo.

Tarzan voltou para os negros que se adiantaram e estavam à espera, ouvindo aquela palestra, entrecortada de perguntas, que não podiam entender.

— Conheço a sua aldeia, disse-lhes Tarzan em seu próprio dialeto. Fica próxima do fim da estrada de ferro que dá para a costa.

— Sim, chefe, disse um dos negros.

— Vocês levarão este homem branco até a estrada de ferro. Cuidem para que não lhe falte de que comer e que nenhum mal lhe aconteça, e depois digam-lhe para seguir para a sua pátria. Podem partir.

Depois, voltando-se para os brancos:

— Os restantes seguirão comigo, ao meu acampamento. Dizendo isto, ele se voltou e dirigiu-se para o caminho por onde entrara no acampamento. Atrás dele seguiam os quatro, que deviam a vida à sua humanidade mais do que poderiam imaginar, nem suspeitavam que aquela grande tolerância, coragem, recursos e instintos de proteção, que tantas vezes os salvaram, não se originavam de seus progenitores humanos, mas de sua contínua existência em meio das feras da floresta e da jângal, as quais possuíam essas instintivas qualidades muito mais fortemente desenvolvidas do que as artificiais das feras da civilização, nas quais a avidez e ânsia da concorrência apagaram o brilho dessas nobres qualidades onde não as tinham inteiramente radicado.

Atrás dos outros caminhavam Zora Drinov e Wayne Colt, lado a lado.

— Pensei que o senhor tivesse morrido, disse-lhe Zora.

— Também eu pensei que á senhora tivesse morrido, respondeu ele.

— E pior do que isso, acrescentou Zora, pensei que, viva ou morta, jamais eu poderia confiar-lhe o que sinto em meu coração.

— E eu pensei que um medonho abismo nos separava, de sorte que nunca eu poderia lograr fazer-lhe uma pergunta que desejava externar-lhe, respondeu Colt em voz baixa. Zora voltou-se para ele, com os olhos cheios de lágrimas e os lábios trêmulos.

— E eu pensei, que, viva ou morta, não poderia nunca dizer-lhe sim a essa pergunta, se o senhor a fizesse.

Uma curva no caminho escondeu-os da vista dos outros, e Colt tomou-a nos braços, juntando os seus aos lábios de Zora Drinov.

FIM